



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIVERSIDADE SOCIOCULTURAL  
Área de Concentração: Dinâmicas históricas e contemporâneas da diversidade sociocultural

MICHEL CARVALHO MACHADO

**OS ANTIGOS HABITANTES DA ILHA DE TUPINAMBARANA:  
APONTAMENTOS A PARTIR DAS CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS**



BELÉM/PA

2023

MICHEL CARVALHO MACHADO

**OS ANTIGOS HABITANTES DA ILHA DE TUPINAMBARANA:  
APONTAMENTOS A PARTIR DAS CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural (PPGDS), do Museu Paraense Emílio Goeldi, enquanto parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Diversidade Sociocultural.

**Orientadora:** Profa. Dr.<sup>a</sup> Helena Pinto Lima

**Coorientador:** Prof. Dr. Eduardo Góes Neves

**Linha de Pesquisa:** Cultura e Patrimônio

BELÉM/PA

2023

Dissertação (Mestrado)

**OS ANTIGOS HABITANTES DA ILHA DE TUPINAMBARANA:  
APONTAMENTOS A PARTIR DAS CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural (PPGDS), do Museu Paraense Emílio Goeldi, enquanto parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Diversidade Sociocultural.

**Discente:** Michel Carvalho Machado

**Data da Defesa:** 13/02/2023

**Banca Examinadora**

---

Profa. Dra. Cristiana Barreto – Avaliadora Interna  
Museu Paraense Emílio Goeldi – PPGDS/MPEG

---

Profa. Dra. Clarice Biachezzi – Avaliadora Externa  
Universidade do Estado do Amazonas – Centro de Estudos Superiores de Parintins –  
UEA/CESP

---

Profa. Dra. Helena Pinto Lima – Orientadora  
Museu Paraense Emílio Goeldi – PPGDS/MPEG

---

Prof. Dr. Eduardo Góes Neves – Coorientador  
MAE/USP – PPGDS/MPEG

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

**Serviço de Biblioteca do Museu Paraense Emílio Goeldi**

**Gerada mediante os dados fornecidos pelo autor**

---

M149a Machado, Michel Carvalho.

Os antigos habitantes da Ilha de Tupinambarana: apontamentos a partir das cerâmicas arqueológicas. / Michel Carvalho Machado. — 2023.

192 f. : il. color.

Orientadora: Profa. Dra. Helena Pinto Lima

Coorientação: Prof. Dr. Eduardo Góes Neves

Dissertação (Mestrado) – Museu Paraense Emílio Goeldi, Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural, Belém, 2023.

1. Arqueologia - Amazônia. 2. Parintins - diversidade sociocultural. 3. Cerâmicas arqueológicas. 4. Pocó-Açutuba. I. Título.

CDD 981.09811

---

Com todo meu amor, carinho e admiração, a minha mãe

Dilcelia Xavier Carvalho

e ao meu pai Francinei Costa Machado.

Que escolheram apostar  
nos sonhos de seus filhos.

Minha eterna Gratidão!

## AGRADECIMENTOS

Sonhar dá medo, mas ao mesmo tempo nos desafia em buscar realizar nossos objetivos. Nesse exato momento me encontro com um sorriso de alívio por ter feito e chegado até aqui.

O sentimento de gratidão é enorme, pois a concretização deste trabalho é o resultado do engajamento de muitas vozes, e de várias mãos que contribuíram, direta ou indiretamente, com paciência, carinho, força e incentivos. São tantos os nomes que sou grato, e que fizeram parte desse momento de busca e concretização, que talvez possa deixar passar despercebidos nessa escrita, mas que sabem de sua importância para o andamento da pesquisa.

Inicialmente agradeço a Deus, pois foi ele quem esteve comigo nos momentos em que estive sem respostas e desanimado, foi com ele que conversei e mostrei minhas frustrações, foi com ele que achei a calma para decidir os próximos passos.

Agradeço imensamente a minha família, a minha mãe Dilcelia Xavier Carvalho, ao meu pai Francinei Costa Machado e ao meu irmão David Carvalho Machado, que apoiaram esse sonho desde seu início até esse momento, não foi fácil, mas vocês foram meus incentivos, e maior apoio para continuar seguindo em frente, minha gratidão eterna a cada um de vocês.

A minha namorada, amiga e companheira, Camila B. dos Santos, agradeço a companhia, incentivo, dedicação e cuidados durante esse período que precisei me dedicar à escrita dessa dissertação, você sempre com um brilho no olhar, comentava sobre a importância de continuar em busca desse objetivo, comemorando cada momento de felicidade alcançado durante o desenvolvimento desse trabalho.

Agradeço ao Tarcísio Brito por compartilhar seus registros e experiências sobre o achado fortuito, e por se preocupar com os novos achados e ações em sua residência, sem a sua parceria, talvez esse trabalho tivesse ganhado outro rumo.

José Camilo Ramos de Souza, muito obrigado pelos ensinamentos e contribuições a pesquisa, sua orientação na graduação e durante o desenvolvimento desse trabalho trouxeram novos olhares para o município de Parintins e suas questões geográficas, permitindo compreender o contexto do passado e presente dessa ilha.

Aos dois colegas de pesquisa, Alef Fernandes Cruz, Arnoud de Oliveira Batista Filho, que desenvolvem pesquisas de grande importância para o contexto de Parintins, e sempre

estiveram dispostos a ajudar nos diversos momentos da pesquisa, mesmo em um contexto pandêmico onde a equipe se reduziu a nós três, obrigado!

Ao Filippo Stampanoni Bassi, que acompanha essa trajetória e sempre proporcionou novos diálogos e perspectivas para a arqueologia de Parintins, além de se dedicar e se disponibilizar a tornar possível parcerias entre o Museu da Amazônia- MUSA e outras instituições de pesquisa. Mas além disso, agradeço pelos bastidores da pesquisa, onde você sempre se dispôs a ajudar nos mais diversos momentos, valeu muito.

Iberê Fernando Martins, muito obrigado por todo apoio e amizade durante a minha estadia em Manaus, e por todo conhecimento compartilhado durante o processo de análise dos materiais na Reserva Técnica do MUSA.

Agradeço também ao Marcony Lopes Alves, pelas contribuições e conversas a respeito de suas experiências de pesquisa, que possibilitou olhar com maior atenção para o contexto arqueológico de Parintins.

Aos meus orientadores.

A minha orientadora Helena Pinto Lima, que também tive a oportunidade de conhecer pessoalmente no mesmo evento da SAB-Norte, você com sua calma chegou e observou meu trabalho, e logo sorriu, dizendo *“tenho saudades de Parintins, meu campo de pesquisa foi lá, parabéns pelo resultado desse trabalho, você tem um ótimo material para futuras pesquisas”*, seu comentário me encheu de expectativa, e hoje também tenho a oportunidade de poder compartilhar experiências de pesquisas sobre Parintins e outros trabalhos. Obrigado por se dedicar tanto para a continuidade dessa pesquisa, em meio a tantas dificuldades durante a pandemia, você mostrou que só existe uma alternativa, continuar sempre em frente.

Ao meu coorientador Eduardo Góes Neves, meus sinceros agradecimentos, suas palavras no ano de 2018 no evento da SAB-Norte em Manaus me fez acreditar na possibilidade de seguir seus passos na arqueologia amazônica, lembro-me da cena onde eu, do curso de licenciatura em História do CESP-UEA estava apresentando meu trabalho em formato de banner, e logo me deparei com uma de minhas referências ali para escutar a apresentação, e no final comentar *“seu trabalho tem grande potencial para a arqueologia de Parintins, continue”*, guardei suas palavras, e o destino proporcionou a possibilidade de você fazer parte desse processo, dando suporte e orientando os melhores caminhos a seguir durante a pesquisa.

Meu agradecimento especial as pessoas que fazem parte da banca avaliadora desse trabalho desde a qualificação até a sua conclusão.

Clarice Bianchezzi, sou grato por todo apoio, dedicação, pesquisas e discussões sobre a arqueologia de Parintins desde a graduação, foi através de você que pude traçar esse caminho e continuar seguindo em busca de novos conhecimentos, seu apoio e investimento fez total diferença em minha vida. Obrigado por ter acreditado, orientado e sempre ter ajudado nessa trajetória, não tenho palavras que expressem a minha gratidão, e agora poderá ver a conclusão desse trabalho de um filho de Parintins.

Também agradeço a Cristiana Barreto que sempre se dispôs a dialogar a trazer importantes sugestões e contribuições enriquecedoras a esse trabalho, que muito oportunizaram o amadurecimento da dissertação durante experiências dentro da Reserva Técnica Mario Ferreira Simões e durante as suas disciplinas ofertadas ao PPGDS, muito obrigado.

Ao Marcos Pereira Magalhães, que também compõe a banca avaliadora e que de muito contribuiu em suas disciplinas e diálogos sobre a arqueologia amazônica.

Aos colegas que fiz durante o período de estudos no Museu Emílio Goeldi cursando as disciplinas, e a seus familiares que me abraçaram como membro da Família nos diversos momentos que compartilharam um espaço em seu caloroso e aconchegante lar: Marcelle Rolim, Maria Nizan, Michelly Machado, Vera Arapium, Zenaide Oliveira, Kamila Nascimento, Lucia Alfaia, Emílio Ribeiro, Geraldine Fadairo, Amanda Cardoso, Heloísa Feio, Pablo Silva, Daltron Paiva, agradeço cada um pela recepção e acolhimento durante o processo de adaptação em Belém, se não fosse vocês talvez esse sonho tivesse sido adiado, vocês são demais, e cada um tem um espaço especial em meu coração.

Agradeço também ao Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural – PPGDS-MPEG, em nome dos atuais coordenadores: Prof. Márcio Meira e Prof. Marcos Pereira Magalhães. E à Prof.<sup>a</sup> Claudia López e ao Prof. Nelson Sanjad, coordenadores quando adentrei no PPGDS em 2019. Aos demais docentes do PPGDS que proporcionaram experiências fundamentais para esse estudante em formação, seja durante as disciplinas que participei, seja em outras oportunidades de trocas inspiradoras e ensinamentos. Em especial, agradeço também: Cândida Barros, Helena Pinto Lima, Cristiana Barreto, Eduardo Neves, Pascale de Robert, Lourdes Furtado, Ana Vilacy Galúcio, Lúcia van Velthem, que são pessoas de grande coração, sem medir esforços, buscaram proporcionar desde sempre a melhor experiência para cada um de nós, agradeço pela paciência e compromisso de dialogar sobre diversos temas em meio as

leituras de trabalhos que vieram a contribuir imensamente para nossas pesquisas. E aos funcionários do Museu Goeldi: seu Paulo, seu Afonso, Suzana, Fábio, Edna, Ingrid, Thalyta, Luan, seu Raimundo e Leonardo.

A Prefeitura Municipal de Parintins, a Secretaria Municipal de Educação (SEMED), sou grato pelo apoio e atenção, expressados pelo prefeito em exercício Frank Bi Garcia, em especial ao atual secretário de educação Azamor Pessoa e da subsecretária Silvia Coimbra, que contribuíram para a continuidade dessa pesquisa, entendo a importância desse estudo para a história local e possibilidades de diálogos a respeito da temática, incentivando a formação de professores desse município, muito obrigado.

A Gestora Hirlaney Souza, da Escola Municipal Fernando Carvalho, na qual estou atuando como professor de História nas séries de 6º ao 9º ano do ensino fundamental, agradeço por todo apoio durante a finalização dessa pesquisa.

E para finalizar, também agradeço à Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA) pela concessão da bolsa de estudos para o necessário desenvolvimento das pesquisas de mestrado, ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e ao Museu da Amazônia pelo apoio a pesquisa e disponibilidade de acesso a seus espaços, a Universidade do Estado do Amazonas – Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP-UEA, e ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Patrimônio, Arqueometria e Ambiente na Amazônia - GEPIA, pelo apoio a pesquisa no município de Parintins-Amazonas.

## RESUMO

Esta dissertação se dedicou a uma investigação de materiais cerâmicos provenientes de um sítio arqueológico de contexto urbano, situado na área central da cidade de Parintins, estado do Amazonas, cadastrado como sítio “Orla de Parintins”. As coleções oriundas desse sítio ganharam destaque por seus contextos de achados fortuitos ou afloramentos por desbarrancamento de terra. A partir das análises cerâmicas, a pesquisa buscou investigar a presença de materiais relacionados à Tradição Pocó-Açutuba nessa área e assim destacar subsídios para demonstrar a antiguidade de habitação desse lugar, bem como a diversidade sociocultural através da cultura material arqueológica. Como um todo, a dissertação aponta para a enorme potencialidade da arqueologia da região, e faz ainda uma revisão crítica da historiografia do município, ao enfatizar uma presença indígena antiga e diversificada, cujas marcas e vestígios são percebidos no cotidiano dos moradores.

Palavras-chave: Arqueologia Amazônica; Parintins; diversidade sociocultural; Tradição Pocó-Açutuba, achados fortuitos; cerâmicas arqueológicas.

## ABSTRACT

This dissertation investigates ceramic materials from an archaeological site in an urban context, located in the central area of the city of Parintins, state of Amazonas, identified as “Orla de Parintins” site. The collections from this site gained prominence for their contexts of fortuitous finds or landslides. Based on the ceramic analyses, the research sought to investigate the presence of materials related to the Pocó-Açutuba Tradition in this area and thus highlight subsidies to demonstrate the antiquity of habitation in this area as the sociocultural diversity through archaeological material culture. The dissertation highlights the enormous potential of the archaeology in this region, and also makes a critical review of the historiography of the municipality by emphasizing an ancient and diverse indigenous presence, whose marks and traces are perceived in the daily lives of the residents.

Keywords: Amazonian Archaeology; Parintins; sociocultural diversity; Pocó-Açutuba tradition, fortuitous finds; archaeological ceramics.

## LISTA DAS FIGURAS

Figura 1: Visão geral do Mapa Arqueológico de Parintins – MapArqPin.....	16
Figura 2, 3: Vista aérea do Município de Parintins.....	26
Figura 4: Mapa com a localização do sítio Orla de Parintins .....	35
Figuras 5, 6, 7, 8: Construção da piscina e achado fortuito de cerâmicas em uma residência no Centro de Parintins, disponibilizadas pelo Proprietário.....	36-37
Figura 9: Áreas de investigação do Sítio Orla de Parintins.....	38
Figura 10, 11: Vista do sítio Orla – área do hospital Jofre Cohen no período de cheia do rio Amazonas – período de maior erosão dessa área.....	40
Figuras 12, 13, 14: Vista do sítio Orla – área do hospital Jofre Cohen no período de vazante do rio Amazonas – período que possibilita a apreciação de materiais arqueológicos aflorados .....	40
Figuras 15, 16, 17, 18, 19: Materiais arqueológicos provenientes de afloramento do sítio Orla de Parintins.....	41
Figuras 20, 21, 22 e 23: Perfis do barranco na área do Hospital Jofre Cohen.....	43
Figuras 24 e 25: Coleção do sítio Orla de Parintins – resultado de coleta da superfície.....	45
Figura 26: Coleção do sítio orla de Parintins –primeiro contato com os fragmentos, dando formato ao objeto.....	46
Figura 27: Coleção do sítio orla de Parintins – separando os fragmentos de acordo com a sua coloração.....	46
Figura 28: Materiais arqueológicos extraídos da perfuração.....	48
Figura 29: Materiais arqueológicos extraídos da perfuração – lavados.....	48
Figura 30, 31: Roletes-testes das camadas de TPI.....	49
Figura 32, 33: Desenho do Perfil, destacando aterro, perturbações, solos de TPI, fragmentos de cerâmicas e carvão e Perfil da parede norte, construção do sumidouro.....	50
Figura 34, 35, 36: Registro dos perfis e suas respectivas camadas de TPI.....	51
Figura 37: Coletas de material provenientes da parede Norte e Leste.....	52

Figura 38: Coleção particular do Sr. Tarcísio Brito formada em 2018 – após a construção de uma piscina em sua residência.....	54
Figuras 39, 40, 41, 42: Coleção formada a partir do segundo do achado fortuito na residência do Sr. Tarcísio Brito – destacando alguns fragmentos que apresentam pinturas e incisões relacionados a fase Pocó-Açutuba.....	55
Figura 43, 44, 45: Ficha utilizada durante o processo de Análise dos materiais – Gabarito e planilha Excel.....	61-62
Figura 46: Natureza da peça: informações estruturais das partes constituintes do vasilhame.	64
Figura 47: Aspectos dos temperos mais comumente encontrados na Amazônia, visto através de uma lupa binocular com aumentode 50x.....	66
Figura 48: Tipos de Queima.....	67
Figura 49: Análise estrutural da morfologia do vasilhame. Relação entre forma e contorno.	69
Figura 50 a 57: Imagens de lupa dos materiais identificados em análise dos atributos.....	74
Figura 58: Dendrograma - aproximação e dispersão dos materiais analisados – formação de conjuntos próximos.....	84

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO: A trajetória de conhecimento e proposta de pesquisa.....</b>	<b>11</b>
Objetivos da pesquisa .....	18
Hipóteses e problemas de pesquisa .....	18
<b>CAPÍTULO 1.....</b>	<b>20</b>
<b>Abordando a arqueologia de Parintins sob a perspectiva da diversidade cultural: apontamentos iniciais.....</b>	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO 2.....</b>	<b>26</b>
<b>A Ilha Tupinambarana e os vestígios arqueológicos.....</b>	<b>26</b>
2.1. Aspectos da historiografia tradicional do município .....	28
2.2. Aspectos da geografia do município .....	30
2.3. Os vestígios arqueológicos: experiências e desafios.....	32
<b>CAPÍTULO 3.....</b>	<b>35</b>
<b>O sítio Orla de Parintins.....</b>	<b>35</b>
3.1 Visitas ao sítio e coletas de superfície (A área do Hospital Jofre Cohen).....	42
3.2 Um achado fortuito: Setor piscina do sítio Orla de Parintins .....	47
3.3. Sobre os materiais encontrados .....	53
<b>CAPÍTULO 4.....</b>	<b>57</b>
4.1 Metodologia da análise cerâmica.....	58
4.2 As Cerâmicas do Sítio Orla de Parintins.....	72
4.2.1 Análise de coleções de coletas de superfície .....	72
4.2.2 Análise dos materiais provenientes de achados fortuitos .....	78
4.2.3 Semelhanças e diferenças dos objetos através da análise de clusters. ....	82
4.3. Detalhamento das cerâmicas e criação de conjuntos qualitativos .....	85
4.3.1 Coleção Orla de Parintins – coletas de superfície.....	85
4.3.2 Coleção Musa – IPHAN – Orla de Parintins .....	106
4.3.3 Coleção 01 – Sr. Tarcísio Brito – achados fortuitos .....	110
4.3.4 Coleção 02 – Sr. Tarcísio Brito – achados fortuitos .....	133
4.3 DISCUSSÃO: A Tradição Pocó-Açutuba e suas características .....	171
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>175</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>186</b>

## **INTRODUÇÃO: A trajetória de conhecimento e proposta de pesquisa**

Em uma terra onde a cultura indígena é bastante ressaltada como herança cultural, ao mesmo tempo, pouco se falava sobre os vestígios e legados de conhecimentos deixados por essas populações que habitaram o município de Parintins no passado, e cujos legados até hoje estão presentes no cotidiano das pessoas que habitam a ilha e toda a extensão do município na atualidade.

Em minha trajetória pessoal, e ao contrário daqueles que se interessam pela arqueologia desde pequenos, acabei tendo conhecimento da disciplina Arqueologia somente ao adentrar na universidade. Até então, tinha contato com os vestígios arqueológicos através de familiares que moram na zona rural do município, mas não conhecia os mesmos como “objetos arqueológicos”, e sim como “coisas dos índios”, sem fazer distinção do que seria tal parte de fragmentos encontrados, com atenção maior àqueles que apresentavam alguma característica que permitissem fazer comparação com algo do presente. É o caso das caretas de animais (apliques zoomorfos), que acabam virando peças de estimação, em alguns casos são separadas dos outros objetos e recebem cuidados diferenciados. E foi a partir desses primeiros contatos que acabei me interessando pelos objetos arqueológicos, não a fim de estudá-los nesse primeiro momento, mas com o objetivo de guardar aqueles que porventura encontrava próximo ao roçado ou dos rios, pelos qual me encantava. Dessa forma, o despertar de curiosidade foi aflorando com o tempo.

Sou natural do município de Parintins, no estado do Amazonas, onde essas ações de colecionamento dos materiais arqueológicos são muito comuns para a população local, pois estamos em contato direto com os objetos que afloram devido a ações diárias de trabalho e a fixação de moradia em cima dos sítios arqueológicos.

Minha formação acadêmica iniciou-se no ano de 2015 quando adentrei a Universidade do Estado do Amazonas no curso de História no Centro de Estudos Superiores de Parintins. Assim que ingressei na universidade, pude ter a oportunidade de participar de vários eventos relacionados ao curso de História. No ano de 2016 foi organizado o “Workshop Arqueologia Amazônica” ministrado pelo prof. Dr. Eduardo Góes Neves. Meu interesse pela arqueologia foi acentuado quando participei desse evento que me motivou a conhecer ainda mais sobre o tema.

Logo no início, foi bem difícil compreender alguns assuntos por conta própria, pois não havia no curso de História uma disciplina direcionada para os estudos arqueológicos e ainda eram poucas as pesquisas realizadas no município de Parintins. Mas, mesmo com essas

dificuldades, continuei procurando meios para tentar trabalhar com algo que me direcionasse para arqueologia.

Busquei, a partir de então, saber se entre os docentes do curso de História havia alguém que tivesse conhecimento sobre o assunto ou pudesse me direcionar para um tema onde a História e a arqueologia dialogassem. Com isso pude ter a oportunidade de participar do Programa de Iniciação Científica com o tema “Vestígios pré-coloniais: Mapeamento de sítios arqueológico no município de Parintins-AM” com a orientação da professora Clarice Bianchezzi, docente do curso de História. Destaco esse programa de apoio à pesquisa como fator importante para o meu crescimento intelectual a respeito do tema abordado. Leituras e diálogos com a orientadora foram me direcionando para as pesquisas no campo em arqueologia.

Durante o desenvolvimento do projeto de Iniciação Científica, conheci várias pessoas que de muitas formas ajudaram no desenvolvimento da pesquisa, tanto no conhecimento teórico quanto metodológico. Uma dessas pessoas foi a profa. Dr<sup>a</sup>. Márcia Bezerra, que ministrou o Workshop “Os Desafios da Educação Patrimonial”, destacando a relação dos coletivos humanos com os vestígios arqueológicos na Amazônia.

Esses momentos foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa e formação pessoal/profissional, pois possibilitaram novos dados informativos a respeito dos vestígios arqueológicos e sua dispersão na região, que veio a se tornar também o meu trabalho de conclusão de curso.

Após a conclusão do curso de História em 2018, algumas cobranças foram de imediato a meu encontro e me submeti ao processo seletivo da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) do município de Parintins, onde pude atuar como professor de História do 6<sup>o</sup> ao 9<sup>o</sup> ano em contrato temporário, na comunidade do Laginho (Gleba Vila Amazônia), zona rural do município, que se situa em área de sítio arqueológico.

Nesse mesmo período foi de meu conhecimento a seleção de mestrado do Museu Paraense Emílio Goeldi, para o Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural. Ao procurar saber mais sobre as áreas de pesquisas ofertadas pelo Programa, percebia que teria possibilidade de preparar um projeto em cima da temática arqueológica, que é o meu interesse.

Tinha o interesse de continuar minha formação, mas sem perder o foco dos vestígios arqueológicos da ilha. Essa relação com os materiais arqueológicos partiu de narrativas de familiares que moram em comunidades rurais do município e que têm ligações diretas com os objetos que afloram devido as suas atividades diversas com a terra, e por sua vez, acabam coletando e guardando aqueles que os fascinam por apresentarem alguma característica que

permitem fazer inferências, como cor, incisões, bordas, bases ou ‘aqueles que tem alguma caretinha’. E vi nessa seleção do programa de pós-graduação do Museu Paraense Emílio Goeldi, a oportunidade de proporcionar novas visibilidades para o município de Parintins a respeito dos vestígios encontrados nessa região.

Participei de todas as fases da seleção do mestrado e consegui, o único do Amazonas a passar, em busca de tornar-me o primeiro Arqueólogo nascido em Parintins, a fazer parte da instituição que é referência em pesquisas na Amazônia, envolvendo diversas áreas e pesquisadores de diferentes lugares do mundo.

A pesquisa que estou desenvolvendo está concentrada na área de “Dinâmicas históricas e contemporâneas da diversidade sociocultural”, na linha de Pesquisa de “Cultura e Patrimônio”, e propõe relacionar os vestígios arqueológicos com a antiguidade de ocupação do município de Parintins, através do estudo dos vestígios provenientes do sítio arqueológico Orla de Parintins, localizado em área urbana do município.

Para desenvolver a pesquisa, foram necessários momentos de preparação e busca de conhecimentos específicos relacionados a arqueologia, dessa forma aproveitei as oportunidades de disciplinas obrigatórias e optativas oferecidas pelo MPEG, e pela Universidade Federal do Pará - UFPA e minicursos ofertados em diferentes instituições onde os colaboradores do programa são vinculados, assim também como estágio voluntário na reserva técnica Mário Ferreira Simões do MPEG, proporcionando novos olhares para esse trabalho durante o difícil momento que passamos na pandemia da covid-19.

A pesquisa decorre do meu projeto de Iniciação Científica<sup>1</sup>, no qual fiz um mapeamento dos sítios arqueológicos no município de Parintins, que apresenta questões arqueológicas relevantes, todavia pouco exploradas, no contexto particular da arqueologia e história indígena de Parintins.

Os problemas mais amplos da pesquisa dizem respeito à antiguidade da ocupação indígena dessa área por grupos ceramistas, ao entendimento de seus modos de vida e transformações culturais e ambientais na longa duração, bem como dos processos de interação desses povos com povos de áreas adjacentes. O objetivo do trabalho é, portanto, contribuir para o conhecimento sobre a ocupação antiga de Parintins, através da análise da cultura material cerâmica presente na coleção de um morador do sítio arqueológico Orla de Parintins, o Senhor

---

<sup>1</sup> MACHADO, Michel Carvalho; BIANCHEZZI, Clarice; SOUZA, José Camilo Ramos de. **Vestígios pré-coloniais**: Mapeamento de sítios arqueológicos no município de Parintins- AM. Relatório Final de Iniciação Científica, edição 2017/2018. Parintins, 2018. UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA, CAMPUS DE PARINTINS

Tarcísio, bem como em coleção sob a minha guarda, coletada por ocasião de desbarrancamentos de terra na orla da cidade.

Essa estratégia foi decidida devido às dificuldades de execução da escavação no local, pois colocaria em risco os pesquisadores e arqueólogos envolvidos nesse processo, que necessitariam de deslocamento até o município devido à pandemia da covid-19.

A adequação foi bastante importante e significativa devido aos inúmeros achados fortuitos na região, que acabam formando coleções particulares. Sendo assim, a metodologia adotada tirou o foco principal da escavação do sítio, e se concentrou na análise desses importantes achados fortuitos, que muitas vezes não são pesquisados pela arqueologia. A pesquisa envolveu ainda o mapeamento e delimitação do sítio, e algumas coletas de superfície de fragmentos aflorados que se encontravam sob risco de serem levados pela cheia do rio Amazonas.

O sítio arqueológico “Orla de Parintins” está localizado na zona urbana do município. Em uma caminhada de aproximadamente 2.000 metros na orla da cidade, desde a Instalação Portuária Pública de Pequeno Porte – IP4 até o matadouro frigorífico “Ozório Melo” do município, a Oeste, é possível identificar a presença de materiais arqueológicos por todo percurso. Incontáveis fragmentos de cerâmicas afloram na superfície e no barranco, que evidencia uma espessa camada de solo antropogênico<sup>2</sup>, comumente chamado de Terra Preta de Índio (TPI) (KÄMPF et. al, 2005, KERN et. al, 2017). Percebe-se também fragmentos pela praia, no período da vazante do Rio Amazonas, em sua margem, rolados pelos desbarrancamentos de terra que ocorrem frequentemente. Assim, no período em que as águas baixam esses vestígios ficam expostos, podendo ser identificados ao caminhar próximo desses barrancos.

Destaca-se ainda um afloramento de cerâmicas ocasionado por desbarrancamento de terras na orla de Parintins devido ao rompimento da barreira de proteção (muro de arrimo), ocorrido em 2018. Mas, o que torna esse sítio especial e interessante para minha pesquisa, é a presença de fragmentos cerâmicos relacionados com os conjuntos da Tradição Pocó-Açutuba, que são vestígios destacados na bibliografia como sendo os primeiros momentos de antropização da Amazônia em larga escala (NEVES et al., 2014). Essa é uma oportunidade de compreender como se deu a ocupação inicial e aprofundar mais os estudos arqueológicos em Parintins e poder contribuir com o desenvolvimento do conhecimento científico a respeito dessa região.

---

<sup>2</sup> – Terra Preta de Índio – modificação do solo resultante do descarte de resíduos orgânicos de ocupações humanas.

Além dessas cerâmicas associadas à tradição Pocó-Açutuba, ainda no mesmo sítio também foi identificada a presença de fragmentos cerâmicos que remetem à fase Konduri da Tradição Incisa Ponteadada (ALVES, 2018), que já era conhecida na região de Parintins e do Baixo Amazonas, que remonta ao período pré-colonial tardio e ao início da invasão europeia. Sendo assim, Orla de Parintins pode sugerir uma ocupação indígena longa e, possivelmente, contínua até a conquista. O local pesquisado apresenta vestígios cerâmicos aflorados e uma espessa camada de Terra Preta de Índio (TPI), cuja extensão e profundidade sugerem que tais ocupações de longo termo causaram impactos duradouros na paisagem.

Pesquisas arqueológicas realizadas anteriormente no Baixo Amazonas<sup>3</sup> fazem referência a algumas áreas da zona rural do município, como locais que apresentam diversos vestígios arqueológicos. Na década de 1970, procedeu-se uma pesquisa arqueológica nas áreas de dois tributários setentrionais do Baixo Amazonas - os rios Nhamundá e Trombetas. A pesquisa foi patrocinada pela Deutsche Forschungsgemeinschaft (DFG), aprovada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e realizada com a colaboração do Museu Paraense Emílio Goeldi, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, na qual buscaram identificar as “fases de ocupação através dos complexos cerâmicos, nos estilos e composição das cerâmicas encontradas em perfis estratigráficos no momento da escavação” (HILBERT; HILBERT, 1980, p.02). O mapa das áreas pesquisadas e localização dos sítios arqueológicos indicam Parintins, em meio a essas pesquisas, como um dos locais que apresentam sítios arqueológicos, com a identificação da fase Pocó e com fragmentos de cerâmica Konduri nos níveis superiores da estratigrafia (idem).

Ainda, levantamentos exploratórios realizados em algumas áreas do Baixo Amazonas apontam o município de Parintins como local que apresenta vestígios arqueológicos diversos, como o caso do Levantamento Arqueológico do Médio Amazonas, no ano de 2005, vinculado ao Projeto Médio Amazonas, que teve como objetivo identificar sítios e coleções arqueológicas presentes em onze municípios do Médio Amazonas como: Itacoatiara, Parintins, Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Maués, Urucurituba, São Sebastião do Uatumã, Itapiranga, Silves, Urucará e Nhamundá, além de localização, também foi efetuado o georeferenciamento destes sítios, proporcionando novas perspectivas para pesquisas nessa região. (LIMA; SILVA, 2005, p.5).

---

<sup>3</sup> A região do Baixo Amazonas está situada no encontro entre os estados do Pará e do Amazonas (que no passado já tiveram outras denominações administrativas), sendo composta pelo encontro de alguns municípios e permeada pelo encontro entre rios distintos.

Ao procurar obter mais informações de pesquisas realizadas em Parintins sobre os sítios arqueológicos, percebi que a produção acadêmica tem foco na região do Lago da Valéria, que é composta por comunidade rurais no município de Parintins e conhecida pelo seu grande potencial em artefatos arqueológicos e turístico, voltando os olhares das pesquisas apenas para aquela área (LIMA; SILVA, 2005; LIMA; MORAES; PARENTE, 2013), com destaque a comunidade Santa Rita de Cássia, que abriga o sítio Santa Rita (AM-PT-1). Além da região da Valéria, pesquisas mais recentes sobre o sítio do Macurany, situado na comunidade homônima, também vem destacando o grande potencial de pesquisa e importância de trabalhos voltados para a preservação do patrimônio material e imaterial dessa localidade (SILVA, 2016; AZEDO, 2017; BIANCHEZZI, 2018, 2020; BIANCHEZZI et al, 2021; ELLIS, 2019; AMBIENTARE, 2015, 2020, 2021, 2022).

Outro trabalho que ganhou destaque em meio as produções acadêmicas sobre os vestígios arqueológicos e sua dispersão pelo município de Parintins, foi o trabalho de Batista Filho (2022) que em seu projeto de pesquisa no âmbito da Iniciação Científica, elaborou o Mapa Arqueológico de Parintins – MapArqPin<sup>4</sup>, utilizando o recurso My Maps do Google Maps.

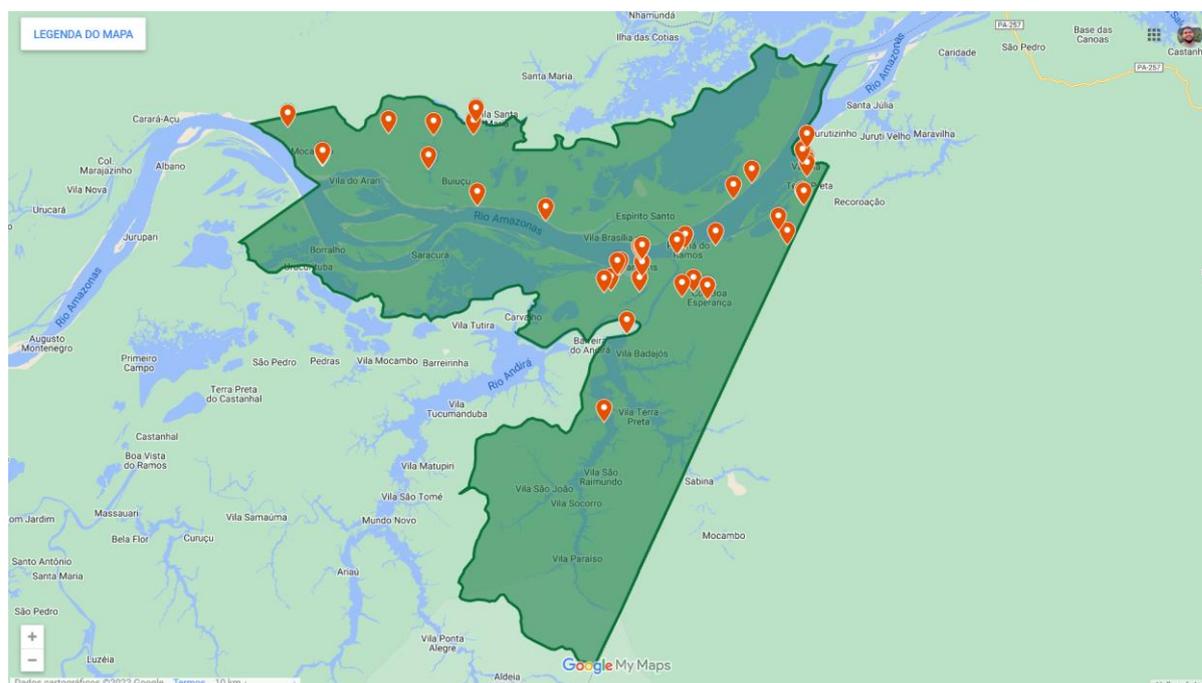


Figura 1: Visão geral do Mapa Arqueológico de Parintins – MapArqPin.  
Foto: Michel Machado, 2022.

Essa ferramenta interativa se torna de grande importância para compreendermos o cenário atual de sítios registrados e georreferenciados pelo IPHAN e por pesquisas acadêmicas,

<sup>4</sup> Está disponível para acesso no site [www.gepia.com.br](http://www.gepia.com.br)

além de dar novos indicativos para pesquisas futuras por destacar locais que apresentam relatos de moradores sobre a presença de vestígios arqueológicos onde residem. Atualmente o mapa apresenta 44 pontos, destacando os sítios arqueológicos pertencentes a jurisdição do município de Parintins.

Com isso, a presente pesquisa parte da preocupação sobre essa reduzida produção acadêmica sobre o objeto estudado, que me despertou para um olhar mais aprofundado com relação aos vestígios arqueológicos presentes na área urbana de Parintins, pois como dito, os trabalhos anteriores abordaram somente a zona rural do município. Talvez essa falta de produção seja pelo fato de não ter demandas reconhecidas pelo poder público que apontem a presença desses vestígios arqueológicos nessa área.

Uma pesquisa arqueológica realizada na área urbana da cidade aparece, portanto, como uma oportunidade para abordar a temática do patrimônio arqueológico junto à comunidade urbana de Parintins, expandindo o patrimônio cultural para além dos conhecidos “bois bumbás”<sup>5</sup>, e evidenciando o potencial que a história indígena de longa duração de Parintins, e poderá despertar o interesse da população da ilha de Tupinambarana com relação a sua identidade e história local, presentes nos vestígios arqueológicos deixados pelos seus antepassados nessas áreas.

O trabalho se torna relevante, também, ao visibilizar esses patrimônios outros, que em muitos casos são deixados de lado por ausência de projetos voltadas para os bens arqueológicos. Soma-se a isso, o grande número de incidências arqueológicas que surgem quase diariamente relatadas por moradores do município. Assim, esta pesquisa, realizada por um “filho de Parintins” pode contribuir incentivando outras pesquisas, e possibilitando novos elementos para a história local, explicitando a relação dos moradores de Parintins com o patrimônio arqueológico e subsídios para políticas públicas municipais voltadas ao patrimônio arqueológico local.

Ressalto que os resultados apresentados a seguir são resultados de parcerias entre diferentes instituições de ensino e pesquisa como o Museu Emílio Goeldi – MPEG que proporcionou o treinamento adequado para as análises de materiais na reserva técnica Mario Ferreira Simões, sob acompanhamento da arqueóloga Helena Pinto Lima, Museu da Amazônia – MUSA que se prontificaram a me receber nesse segundo momento de investigação dos materiais de Parintins presentes em sua reserva, onde os arqueólogos Filippo Stampanoni Bassi

---

<sup>5</sup> O Complexo Cultural do Boi Bumbá do Médio Amazonas e Parintins, que foi salvaguardado como patrimônio cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, em 2018, o que deu destaque aos dois bumbás do município Garantido e Caprichoso.

e Iberê Fernando Martins se disponibilizaram a ajudar nesse processo que também fez parte do treinamento para as análises dos materiais das coleções domésticas, e o Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas – CESP-UEA, com o grupo de pesquisa GEPIA, que por intermédio da Dra. Clarice Bianchezzi muitas dessas parcerias foram se estabelecendo, e também a Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG, onde o Professor Dr. Deive Ciro de Oliveira se disponibilizou a fazer a filtragem dos dados em Excel que resultaram na construção dos gráficos de frequência e agrupamentos. Essas parcerias possibilitaram o andamento da pesquisa, coletas e filtragem dos dados que serão apresentados nesta dissertação.

### **Objetivos da pesquisa**

Como objetivo geral dessa pesquisa, pretendo contextualizar Parintins em meio às pesquisas arqueológicas do Baixo Amazonas, destacando a antiguidade da ocupação e a variabilidade estilística presente nas cerâmicas encontradas no sítio arqueológico localizado na área urbana do município. Busco inserir os vestígios arqueológicos no tempo e espaço e assim perceber como essa ilha pode estar relacionada aos processos de dispersão e de antropização da paisagem amazônica por populações humanas antigas.

Para isso, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: 1) a caracterização das cerâmicas arqueológicas provenientes do sítio Orla de Parintins, reunidas em coleções domésticas por coletas de superfície e achado fortuito 2) contextualizar a variabilidade artefactual presente no sítio arqueológico, 3) inserir a região no quadro dos estudos e debates relacionados ao desenvolvimento de tecnologias e antropização da Amazônia relacionadas à tradição Pocó-Açutuba.

### **Hipóteses e problemas de pesquisa**

O município de Parintins é reconhecido em meio as pesquisas arqueológicas como local que apresenta vestígios da fase Konduri (tradição Inciso Ponteadada) (LIMA, SILVA, 2005). Recentemente, outros materiais estão sendo encontrados com características diferentes da tradição citada acima. São materiais com pinturas variadas, modelados e incisos, semelhantes a tradição Pocó-Açutuba (NEVES et al., 2014).

Nossa hipótese é que a presença de cerâmicas estilisticamente semelhantes à tradição Pocó-Açutuba em Parintins situa a região dentro de um contexto antigo de ocupação humana,

dispersão e antropização da paisagem que remontaria a dois ou três milênios atrás. Essa hipótese é reforçada pelos registros em meio às pesquisas desenvolvidas nas proximidades do município, desde os primeiros apontamentos (HILBERT; HILBERT, 1980) e pelas pesquisas de Lilian Panachuck (2016), que destaca dois sítios arqueológicos - Parintins 7 e Parintins 8 – onde somente o Parintins 8 está na jurisdição do município de Parintins e apresenta material arqueológico de tradição Pocó-Açutuba, localizados na divisa dos municípios de Nhamundá e Parintins, nas margens do lago Aduacá (PANACHUCK, 2016).

Sendo assim, a Orla de Parintins não somente ajuda a ampliar o conhecimento sobre a ocupação humana da ilha e seu entorno, como também possibilita novas compreensões a respeito dos hiatos geográficos identificados na dispersão desta tradição pela região Amazônica.

## **CAPÍTULO 1**

### **Abordando a arqueologia de Parintins sob a perspectiva da diversidade cultural: apontamentos iniciais**

Um importante berço da sociobiodiversidade do planeta, a Amazônia possibilita uma compreensão a respeito da grande diversidade de culturas, povos, línguas, costumes, organizações sociais, espiritualidades, saberes, lógicas e modos de vida e de existências. Essa diversidade sociocultural é importante para a humanidade tanto quanto a biodiversidade, sendo ambas plenamente intrincadas. Segundo a Convenção sobre a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais da Unesco de 2005, a diversidade cultural refere-se à multiplicidade de formas pelas quais as culturas de grupos, povos e sociedades humanas encontram sua expressão. A diversidade cultural também pode ser percebida através das diversas formas de criação, produção, difusão, distribuição e função dos processos culturais. É preciso ter consciência histórica da diversidade sociocultural e biológica, de forma sábia e responsável, respeitando, valorizando, promovendo e garantindo sua continuidade. Respeitar a diversidade cultural é respeitar os direitos humanos, a dignidade e as liberdades fundamentais das pessoas, dos povos e das sociedades humanas. Portanto, promover as culturas das minorias, por exemplo, é uma forma de preservar e revitalizá-las, e possibilita o diálogo e a troca de experiências existenciais de vida entre os povos, formando sociedades multiculturais (reconhecimento da diversidade sociocultural) e interculturais (convivência dialógica das culturas, povos e sociedades).

Uma abordagem voltada para uma sociedade intercultural na Amazônia possibilita a resistência, legitimidade e inclusão dos diferentes grupos, comunidades e povos minoritários que foram historicamente invisibilizados, silenciados e excluídos da vida nacional e global, sobretudo aqueles que formam a base sociocultural da Amazônia, notadamente, povos indígenas, povos da floresta, ribeirinhos e outras comunidades tradicionais.

Sendo os povos indígenas habitantes primeiros da Amazônia, e em grande medida os responsáveis pela criação e manutenção de sua enorme biodiversidade (LEVIS, 2018), procuro identificar aspectos da arqueologia, aqui entendida enquanto uma forma de história indígena, como forma de valorizar a diversidade. Uma vez que a arqueologia possibilita interpretar culturas de populações antigas no presente, trazendo abordagens que permitem, por exemplo, a legitimação de territórios, reconhecimento da história local, entre outros fatores que preenchem lacunas deixadas pela inferiorização imposta pelos colonizadores sobre as populações ‘ditas’ primitivas.

As referências aqui apresentadas são bases importantes para compreensão do tema estudado em minha pesquisa, trazendo contextos históricos dos primeiros momentos da arqueologia como disciplina, assim como as primeiras ideias de determinismo ambiental e as novas abordagens que proporcionaram autonomias para o desenvolvimento cultural, social, tecnológico e paisagístico das populações indígenas do passado, ressaltando a importância da compreensão dos estudos sobre cultura material para além dos objetos, possibilitando compreender as relações, influências e agências que os materiais arqueológicos proporcionam ao meio no qual estão inseridos.

A primeira referência a ser destacada para a construção dessa dissertação é o livro de Bruce G. Trigger (2004), publicado em 1989 e várias vezes reimpresso, que não é apenas uma revisão crítica da história da Arqueologia como uma disciplina. Mais do que isso, o autor oferece uma contribuição significativa sobre a natureza da Arqueologia, acrescentando sua própria opinião em relação a outros eminentes pensadores. No seu próprio dizer, "este livro examina as relações entre a Arqueologia e seu meio social em uma perspectiva histórica". O seu livro "*História do pensamento arqueológico*" é uma obra de grande importância. É composta de dez capítulos que se apresentam cronologicamente, enfocando as maiores correntes teóricas e seu meio social e ressaltando que as abordagens interpretativas tendem a se sobrepor e interagir umas com as outras no espaço e no tempo.

Enquanto conclui que fatores subjetivos influenciam a interpretação arqueológica em todos os seus níveis, ele também assinala que o registro arqueológico constrange e limita o que é possível acreditar sobre o passado. Para Trigger:

"Os achados da Arqueologia", "ainda que subjetivamente interpretados, modificaram a percepção que a humanidade tem de sua história, de sua relação com a natureza, e de sua própria natureza, e o fizeram de maneira irreversível - a menos que se abandone de todo o método científico". E completa seu pensamento: "O fato de que a Arqueologia pode gerar um número cada vez maior de ideias sobre o que aconteceu no passado sugere que ela pode construir uma base cada vez mais eficaz para a compreensão da mudança social" (Trigger, B. G., 2004).

Ao me aprofundar na leitura dessa obra consegui identificar a importância de perspectivas mais amplas para a apreciação de tendências tanto pretéritas quanto contemporâneas na arqueologia, pois compreender o processo que levou a chegar ao conhecimento da arqueologia de hoje, e conseguir atuar em conjunto com as demais ciências, é um desafio enorme e cabe a nós interessados pelo assunto, compreender e entender as novas demandas que surgem de acordo com as novas interpretações que a arqueologia vem proporcionando desde os seus primeiros momentos.

A obra de Trigger atentou-me para uma leitura mais aprofundada e cuidadosa a respeito dos primeiros momentos da história da arqueologia na Amazônia, começando pela obra seminal de Meggers e Evans, publicada em 1957, “*Archaeological Investigations in the Mouth of the Amazon*”, referência para estudos de cerâmicas da Amazônia brasileira por décadas, dando um ponto de partida para teorias a respeito da origem dos diferentes complexos cerâmicos. Vale destacar que Meggers era estadunidense e propunha uma teoria degeneracionista para o passado indígena da Amazônia e que por muito tempo essas ideias foram aceitas por arqueólogos e estudiosos brasileiros, sem questionamentos.

Rever a história da arqueologia no Brasil é acompanhar o confronto do brasileiro ao longo destes anos com um passado pouco conhecido, que traduz as diversas formas de identificação ou rejeição das raízes indígenas por parte da sociedade nacional, e que nem sempre corresponde a ideais de uma (pré)história nacional. (BARRETO, 1999;2000)

Outra abordagem a ser destacada é obra de Lathrap para o Alto Amazonas, “*The Upper Amazon*” (1970), que trouxe novas abordagens para os estudos arqueológicos na região, lançando hipótese para entender as cerâmicas arqueológicas como resultado do enorme potencial autônomo e criativo das culturas de floresta tropical, que teriam se difundindo na bacia amazônica mediante expansões demográficas de determinados grupos linguísticos.

Essas abordagens, quando lidas criticamente, são indicadores essenciais para compreender as novas perspectivas dos trabalhos arqueológicos na Amazônia, pois é a partir desses, entre outros, que percebemos a autonomia de diferentes pesquisas apresentando novas ideias para compreender as populações indígenas na região amazônica através dos estudos arqueológicos.

Trabalhos como os do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) e o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica (PRONAPABA, 1977) levaram a cabo o programa metodológico impulsionado por Meggers, e assim identificaram dezenas de fases<sup>6</sup> arqueológicas, demonstrando a variabilidade das cerâmicas de diferentes áreas e tradições da Amazônia brasileira. Como exemplo, o guia de análise “*Como interpretar a linguagem da cerâmica*” (Meggers, 1970), bem como as publicações posteriores do PRONAPA, como, o “Índice da Fases Arqueológicas” (SIMÕES, 1972) representaram importantes tentativas de sistematização terminológica e metodológica.

---

<sup>6</sup> O conceito de ‘fase cerâmica’ foi inicialmente utilizado como forma de caracterizar conjuntos de artefatos tecnológicos e estilisticamente similares, mas passou a ser utilizado irrefletidamente para identificar grupos sociais ou étnicos no tempo e no espaço. (SCHAAN, 2007).

Hoje, podemos contar com publicações importantes como “*Unknown Amazon*” (MCEWAN; BARRETO; NEVES, 2001), “*Arqueologia Amazônica*” (NEVES, 2006) e “*Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*” (BARRETO; LIMA. JAIMES-BETANCOURT, 2016) deram um passo decisivo no sentido de fornecer uma síntese da Arqueologia Amazônica para um público mais amplo. Desde então, os cenários da história antiga amazônica, que podem ser montados a partir das cerâmicas, ficaram bem mais complexos, por apresentarem informações através de novas pesquisas e revisão de trabalhos anteriores, como se pode vislumbrar nos volumes editados por E. Pereira e V. Guapindaia, *Arqueologia Amazônica I e II*, resultantes do I Encontro Internacional de Arqueologia Amazônica realizado em Belém em 2008 (PEREIRA; GUAPINDAIA, 2010).

Seguindo a linha de discussão a respeito dos estudos sobre cultura material e classificações das cerâmicas arqueológicas, tema bastante debatido entre arqueólogos que trabalharam na Amazônia nas décadas de 1950-70 até os dias atuais, destaco o trabalho “*Análises Cerâmicas na Arqueologia amazônica: Contribuições da Amazônia Central a uma longa trajetória de discussões*” (LIMA, 2015), que apresenta as discussões sobre métodos de tratamento da cerâmica arqueológica na Amazônia, contextualizando as abordagens histórica e teoricamente. Esse trabalho se torna interessante por apresentar a metodologia de análise cerâmica utilizada para interpretar as sequências crono-estratigráficas dos contextos arqueológicos da Amazônia central e adjacências, tendo grande contribuição em minha pesquisa.

Não pretendo destacar somente a cultura material direcionada para os fragmentos de cerâmica, mas, valorizar a diversidade e multiplicidade de oportunidades ofertadas pelos estudos arqueológicos da atualidade, que são reflexos de pelo menos vinte anos de pesquisas na Amazônia, que vêm proporcionando discussões a respeito das paisagens e na complexidade das técnicas de manejo da floresta tropical, estes últimos alinhados, por exemplo, aos paradigmas da ecologia histórica (BALÉE, 1994; BALÉE & ERICKSON, 2006).

Ainda na mesma linha de investigação, Tânia Andrade Lima (2011), em seu trabalho “*Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais*”, apresenta concepções sobre a natureza da cultura material, que foram desenvolvidas pelas diferentes vertentes do pensamento arqueológico, que passaram despercebidas até a década de 1980: a relação entre as pessoas e os objetos, como uma dimensão estática, reflexo passivo do comportamento humano, trazendo novos olhares para o caráter ativo e transformador nas estratégias de negociação social, o que faz dela a dimensão concreta das relações no interior da sociedade. Essa abordagem é a que

vem sendo alvo da maior diversidade de olhares ao longo da construção da arqueologia como um campo disciplinar.

No início do período colonial, outros indicativos da diversidade cultural da Amazônia podem ser apreendidos no trabalho de Cristóbal de Acuña, "*Novo Descobrimento do Grande Rio das Amazonas*" (ACUÑA [1641] 1994), que traz apontamentos sobre a ocupação e localização da ilha grande dos Tupinambás, assim como a sua cultura e processos de resistência até a chegada nessas localidades. Essas afirmações são também apreensíveis, já no século XVI por Gaspar de Carvajal, na sua "*Relación del nuevo descubrimiento del famoso Río Grande que descubrió por muy gran ventura el Capitán Francisco de Orellana*" e, na segunda metade do século no século XVII, por João Felipe Bettendorf, na sua "*Chronica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*", que demonstra como foi o processo que levou à movimentação em massa dos Tupinambás na região da atual Parintins. Todos esses registros são de total importância para a compreensão dessa forte presença e influência cultural Tupi nessa região (CARVAJAL, 1942 [1542]; BETTENDORFF, 1910 [1698]).

Continuando essa investigação no município de Parintins, busquei partir dos primeiros relatos dos viajantes sobre essa ilha e as primeiras pesquisas arqueológicas registradas na área, sendo assim, destaco "*In Pursuit of a Past Amazon*" de Curt Nimuendajú (NIMUENDAJÚ, 2004), que aponta o município em meio as suas pesquisas, destacando a grande variabilidade artefactual presente nessa região e descrevendo os materiais encontrados nesse primeiro momento.

Após a discussão a respeito dessa presença indígena na região se faz necessário compreender os diferentes motivos que levaram ao desaparecimento das nações indígenas que viviam ao longo do rio Amazonas e da sua substituição por novos contingentes indígenas que foram sendo descidos dos afluentes para a calha amazônica pelos agentes da colonização, sendo assim o trabalho intitulado "*História dos índios no Brasil*" e "*O povo das águas: ensaios de etno-história amazônica*" nos permite discutir a respeito dessas mudanças e adaptações culturais (PORRO in carneiro da Cunha [org.] 1992, 1996; CUNHA, 2012).

Outra referência que se torna importante para esse direcionamento é o já citado artigo de HILBERT & HILBERT (1980) que descreve uma pesquisa arqueológica nas áreas de dois tributários setentrionais do Baixo Amazonas - os rios Nhamundá e Trombetas, onde se buscou identificar as fases de ocupação através dos complexos cerâmicos, nos estilos e composição das cerâmicas encontradas em perfis estratigráficos da escavação. O mapa das áreas pesquisadas e localização dos sítios arqueológicos indicam Parintins-AM, em meio a essas pesquisas, como

um dos locais que apresentam sítios arqueológicos, com a identificação da fase Pocó e com fragmentos de cerâmica Konduri nos níveis superiores do solo. Esses seriam os primeiros indicadores da presença da fase e tradição Pocó-Açutuba na região de Parintins, onde só posteriormente, em 2016, novas indicações a esse respeito seriam feitas (PANACHUCK, 2016).

A partir da revisão desses contextos e de áreas adjacentes ao município de Parintins, se torna importante trazer para essa discussão Eduardo Neves e colaboradores, que reuniram em um estudo, em 2014, aspectos do que então denominaram Tradição Pocó-Açutuba (NEVES et al., 2014). Essa abordagem proporciona melhor entendimento sobre os primeiros processos de identificação de ocupações com essas cerâmicas em diferentes sítios ao longo do rio Amazonas, denominados como complexos regionais ou classificados como parte de outras tradições arqueológicas que reuniam conjuntos de aspectos em comum. Cerâmicas Pocó-Açutuba têm um amplo repertório estilístico que inclui decorações pintadas, modeladas e plásticas (com incisões, acanalados e excisões) em diferentes combinações que lhes garantem marcada identidade visual. Essas permanências estilísticas são vistas ao longo de um largo período temporal, que se inicia por volta do primeiro milênio a.C. e, se consideradas as datas mais recentes, ocorrem de forma contínua, até o século VIII d.C. (NEVES et al., 2014). Tais contextos, descritos e analisados no artigo, se relacionam diretamente com os vestígios que apresento nesta dissertação.

Finalmente, o trabalho de Filippo Stampanoni Bassi, intitulado “*A MALOCA SARACÁ: uma fronteira cultural no médio Amazonas pré-colonial, vista da perspectiva de uma casa*”, faz uma contribuição importante para o entendimento da formação e manutenção de uma fronteira cultural no contexto do médio Amazonas, durante o período pré-colonial tardio, com foco no ápice demográfico na Amazônia central, ao redor do ano 1.000 d.C., decorrente da convergência de movimentos populacionais em larga escala, associados à expansão das duas últimas grandes tradições culturais pré-coloniais, a Polícroma da Amazônia e a Inciso-Ponteado (BASSI, 2016).

Dessa forma, todo um conjunto heterogêneo, mas cumulativo, de pesquisas e referências anteriores, nos permite dialogar através da diversidade de cultura material e suas dispersões no Baixo Amazonas, onde a minha pesquisa se insere.

## CAPÍTULO 2

### A Ilha Tupinambarana e os vestígios arqueológicos



Figuras 2, 3: Vista aérea do município de Parintins<sup>7</sup>  
Foto: Yuri Pinheiro, 2021.

Na ilha tupinambarana nasceu Parintins  
Que eu vou decantar  
Parintins dos parintintins é o nome da tribo  
Desse lugar  
(Chico da Silva)

Começo a apresentação da Ilha de Tupinambarana<sup>8</sup> com um trecho do poeta e compositor Chico da Silva, pois a letra de sua canção ficou conhecida pela população parintinense como indicador para a denominação atual do município, dando destaque a uma das etnias indígenas que compõe a diversidade cultural de povos que deixaram suas marcas nesse lugar, e é a partir dessa afirmação que a história permanece sendo contada e Parintins é conhecida.

O município de Parintins está localizado na margem direita do Rio Amazonas com a distância de 420 km por via fluvial e 369 km em linha reta da capital Manaus. Essa distância equivale a 18 horas descendo e 24 horas subindo o Rio Amazonas, sendo essa estimativa de tempo a partir de viagens feitas para a capital em barcos regionais. Há também a possibilidade de viagens aéreas com a estimativa de 55 minutos.

A população do município foi estimada, em 2020, pelo Instituto de Geografia e Estatística (IBGE) em 115.465 habitantes, sendo o segundo mais populoso do Estado, superado apenas pela capital Manaus.

<sup>7</sup> Disponível em sua página do Facebook: <https://www.facebook.com/yuri.pinheiro.376258>

<sup>8</sup> O termo utilizado “Ilha de Tupinambarana”, se remete a um dos nomes que a localidade recebeu no período de conquista e formação do município, o mesmo até os dias atuais é utilizado e reconhecido pela população local como identidade referente a uma das etnias indígenas que habitaram a região. Dessa forma, o nome utilizado é muito posterior aos vestígios arqueológicos estudados nessa dissertação.

Parintins é conhecido mundialmente pela expressão cultural do festival folclórico dos bois bumbás Garantido e Caprichoso, que foi reconhecida como patrimônio cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, em 2018. Para além do grande potencial cultural do município percebido por essa e outras diversas manifestações, Parintins, apresenta também um grande destaque em relação aos vestígios arqueológicos, que afloram em diversas localidades, e foram apontados por pesquisas anteriores (LIMA, SILVA, 2005; LIMA, MORAES, PARENTE, 2013; HILBERT, HILBERT, 1980), e pesquisas sobre o sítio do Macurany (SILVA, 2016; AZEDO, 2017; BIANCHEZZI, 2018, 2020; BIANCHEZZI et al, 2021; ELLIS, 2019; AMBIENTARE, 2015, 2020, 2021, 2022). No entanto, este grande potencial para o conhecimento da história indígena antiga de Parintins permanece ainda pouco explorado.

A cidade de Parintins foi estabelecida sobre uma ilha, conhecida como Tupinambarana. É formada por sedimentos do quaternário e alguns afloramentos do terciário, tornando-se uma planície e constituindo-se numa das maiores faixas de várzea do estado do Amazonas. A ilha, na verdade, é um arquipélago, uma vez que no período das cheias fica entrecortada por lagos, furos, restingas, paranás e igapós (CERQUA, 2009).

A área urbana localiza-se sobre um grupo de ilhas com 45 km<sup>2</sup> de área, entre elas: a Ilha de Santa Clara, Ilha de Santa Rita, e Ilha do Parananema. A vegetação é formada por floresta de várzea e de terra firme. Tanto na área urbana como rural, sob a cidade, as florestas, as comunidades rurais e os roçados, estão inscritos aspectos de uma história mais antiga de Parintins, uma história indígena que somente passa a ser contada pelas pesquisas arqueológicas na região.

A historiografia mais tradicional do município passou por diversas exclusões durante o seu processo de formação, e uma dessas histórias deixada de lado foi a dos povos indígenas que habitaram essa região anteriormente. Por mais que se tenha um apontamento sobre os grupos étnicos Tupi e os Parintintin, muitos outros caíram no esquecimento. Tal como construída, o protagonismo é dado a não-indígenas, de descendência europeia, apagando-se outras agências que são importantes para a história e para a formação sociocultural do município.

Hoje, essa história indígena de Parintins é destacada pelo festival folclórico entre os bois Garantido e Caprichoso, que exaltam a raiz cultural indígena da Amazônia nos mais diferentes contextos, seja na música, na culinária, nas vestimentas, pinturas e artes dos povos

originários, trazendo valorização e reconhecimento para as populações que habitaram essa ilha no passado.

Com isso, os estudos arqueológicos trazem novas perspectivas para história antiga da localidade, demonstrando através de aspectos particulares da cultura material, estudos da composição da paisagem e as relações entre pessoas e objetos arqueológicos, uma nova compreensão a respeito das populações que aqui habitaram muito antes da conquista europeia, destacando o protagonismo dos povos indígenas do passado e suas culturas que permanecem na atualidade.

## **2.1. Aspectos da historiografia tradicional do município**

O município de Parintins, assim como muitos outros do Brasil, foi inicialmente habitado por indígenas. Os primeiros relatos sobre o Médio e Baixo Amazonas, deu-se por meio da expedição pioneira de Orellana ao Amazônia em 1542 e documentada por Carvajal (CARVAJAL, [1542] 1942 e ACUÑA, [1641] 1994; PORRO, 1995).

Em meio aos relatos, o padre Carvajal destaca a existência de aldeias fortificadas por paliçadas em continuidade a boca do Rio Negro, descreve também outra localidade que podemos interpretar como sendo próxima a foz do rio Urubu como uma província, estendendo-se da boca do Madeira até a região de Parintins, Ilha dos Tupinambaranas, que o mesmo chama de Picotas. Esse nome foi dado a localidade devida à presença de cabeças humanas fincadas em estacas, na frente de várias aldeias em todo esse percurso do rio Amazonas (BASSI, 2016).

Após um longo período, um segundo momento de informações sobre os indígenas do médio Amazonas se deve à expedição de Pedro Teixeira e, principalmente, ao estabelecimento das missões jesuítas, mercedárias e carmelitanas na região (BASSI, 2016, p.53).

Cristóbal de Acuña, cujo documento enviado para o Vice-Reino do Peru e da Província de Quito até chegar ao conhecimento do rei espanhol, destacou a “descoberta” do Capitão Mor Pedro Teixeira, que avistou uma ilha com sessenta léguas de comprimento e conseqüentemente mais de cem de circunferência, toda povoada pelos valentes Tupinambás, e a chamou de “Ilha Grande dos Tupinambás” (ACUÑA, [1641] 1994).

Além das informações pontuais, existem algumas tendências que perpassam os diferentes cronistas: uma dessas é a alta demografia da região, já evidenciada por Carvajal e corroborada, a partir de um século mais tarde, pelas crônicas do ouvidor Maurício de Heriarte e dos padres jesuítas Cristobal de Acuña, João Felipe Betendorf, Samuel Fritz e João Daniel. A outra é ligada à estratificação social e à existência de organizações políticas de caráter regional e pluriétnico, articuladas através de alianças e casamentos (HERIARTE, [1662] 1884).

Segundo Acuña, os indígenas teriam se deslocado em grande número para esse local, após a conquista do Brasil, em terras de Pernambuco, onde eles saíram derrotados, fugindo do rigor dos portugueses.

Saíram em Tão grande número, que, despovoando ao mesmo tempo oitenta e quatro aldeias onde viviam, não restou um sequer que não trouxessem consigo. Sempre pelo lado esquerdo, atingiram as faldas da cordilheira que, desde o estreito de Magalhães, circunda toda América; e, desbravando os que dali descem rumo ao oceano, alguns chegaram a encontrar-se com os espanhóis do Peru que habitavam as cabeceiras do rio Madeira. Com estes permaneceram algum tempo, mas quando um espanhol açoitou um deles, por ter-lhe matado uma vaca, agiram e, aproveitando-se da facilidade do rio, lançaram-se todos as suas correntezas, vindo parar na ilha onde atualmente vivem (ACUÑA, [1641] 1994, p. 148).

Outro relato dá-se em 1749, quando, descendo o rio Amazonas o explorador José Gonçalves da Fonseca notou uma ilha que se sobressaía das outras por sua extensão, localizadas a margem direita do rio, toda habitada pelos valentes Tupinambás (SAUNIER, 2003).

De acordo com Bittencourt (2001), a fundação da localidade só foi realizada em 1796, por José Pedro Cordovil, que veio com seus escravos e agregados para se dedicar à pesca do pirarucu e à agricultura, dando o nome de Tupinambarana. Segundo Cerqua (2009), a palavra Tupinambá tem o significado de homem viril, um homem forte. Já a palavra Tupinambarana tem outro significado, que seria “falsos tupis” ou “tupi não verdadeiro”, ou seja, seriam aqueles oriundos de mestiçagem, mas deixo aqui minha crítica a essa informação, pois a afirmação levantada por Cerqua 2009, não apresenta nenhuma fonte que descreva ou afirme essa informação, dando um olhar pejorativo às populações que aqui se encontravam nesse momento da história indígena antiga.

Entre os muitos grupos falantes e línguas pertencentes à família Tupi, o grupo denominado Parintintin deu origem ao nome da Serra<sup>9</sup> de Parintins e por seqüência da cidade. José Pedro Cordovil recebeu da rainha D. Maria I de presente a ilha, onde fundou uma fazenda com plantio de cacau, dedicando-se à cultura desse produto em grande escala. Ao sair dessa localidade, ofertou a ilha novamente à rainha. Tupinambarana foi aceita e elevada à missão religiosa, em 1803, pelo capitão-mor do Pará, o Conde dos Arcos, que incumbiu sua direção ao frei José das Chagas, recebendo a denominação de Vila Nova da Rainha (SOUZA, 2003).

Em 25 de junho de 1833, pelo decreto-lei nº 28, passa a freguesia, com o nome de Freguesia de Nossa Senhora do Carmo de Tupinambarana. Era Tupinambarana simples freguesia quando se iniciou a revolução dos Cabanos no Pará, que se alastrou por toda a província. O padre Torquato Antônio de Souza (um dos nomes importantes no município) atuou

---

<sup>9</sup> Serra de Parintins é um morro localizado jusante da cidade de Parintins, no limite com o estado do Pará, medindo 152 metros de altitude.

e se destacou durante a sedição, servindo de delegado dos legalistas no Baixo Amazonas, talvez porque estivesse bem defendida, a ilha de Tupinambarana foi poupada aos ataques dos Cabanos.

No dia 24 de outubro de 1848, pela lei provincial do Pará nº 146, foi elevado de freguesia à categoria de vila, com a denominação de Vila Bela da Imperatriz. Nesse período o município até então estava ligado a Maués. Só em 15 de outubro de 1852, pela lei nº 02, foi confirmada a criação do município. Desde então se inicia o processo de reconhecimento de Parintins como município. Em 14 de março de 1853, deu-se a instalação da mesma. Em 24 de agosto de 1858 foi criada pela lei provincial a comarca, compreendendo os termos judiciários de Vila Bela da Imperatriz e Vila Nova da Conceição (SOUZA, 2003).

Em 30 de outubro de 1880, pela lei provincial nº 499, recebeu foros de município e passou a denominar-se Parintins. Então, o nome da referida cidade se deu em homenagem aos Parintintins, habitantes dessa ilha que também ficou conhecida como Tupinambarana (BITTENCOURT, 2001).

A presença dos índios Tupinambás na história de Parintins é reconhecida desde os primeiros contatos com essa região, seriam aqueles que em um determinado momento teriam se dispersados, devido a invasão de não indígenas em seus territórios originários, forçando os mesmos a buscarem outros lugares. Essa movimentação dos povos Tupi, e as conquistas de outros territórios permitiu o reconhecimento na história, pois seriam aqueles que lutavam bravamente e todos que ouvissem falar nos Tupinambás os temeriam.

O município permanece sendo reconhecido como Ilha de Tupinambarana ou ilha dos Parintintins. Sendo assim, a arqueologia se torna ferramenta fundamental para contextualizar e fortalecer a história das pessoas e grupos que deixaram suas marcas através dos vestígios arqueológicos encontrados no município, permitindo fazer inferências sobre a possível relação da cultura material com as famílias de língua Tupi, dessa e de outras regiões.

## **2.2. Aspectos da geografia do município**

O município de Parintins faz parte do maior sistema fluvial do mundo, a Bacia Amazônica. O Rio Amazonas é o maior rio em volume de água do mundo com um deflúvio médio anual estimado em 250,00 m<sup>3</sup>/s. No trecho compreendido entre a foz do Rio Nhamundá e Parintins a sua largura é de aproximadamente 50 km. O grande rio representa a via de escoamento e abastecimento, a grande estrada hídrica que liga Parintins à capital do estado do Amazonas e ao Oceano Atlântico, é aquele que proporciona o sustento de muitas famílias, permitindo interações de relações entre as populações de diferentes áreas (SILVA, 2016).

Parintins localiza-se na 9ª sub-região (Baixo Amazonas), de acordo com o ato das disposições constitucionais transitórias, da Constituição do Estado do Amazonas de outubro de 1989. Está assentado sobre formações quaternárias e terraços holocênicos no setor oriental do Estado. Aproximadamente possui uma área territorial de 5.952,378 km<sup>2</sup>, com uma densidade demográfica de 17,14 hab/km<sup>2</sup> para 2010.

O município faz limite ao norte com o município de Nhamundá; ao sul com município de Barreirinha; ao leste com o estado do Pará e a oeste com o município de Urucurituba, e possui quatro distritos que são: Mocambo, Caburi, Zé Açú e Maranhão.

O relevo do município tem sua cota máxima no lado Leste, na chamada Serra da Valéria (área pertencente a Serra de Parintins), com aproximadamente 152 metros, e no lado Oeste as terras altas do Paurá.

Pode-se notar duas predominâncias de solo na região: Latossolo Amarelo Álico e Podzólico Vermelho Amarelo Álico, na terra-firme. Nas áreas de várzea, o domínio é dos solos de aluvião do tipo Gley pouco úmido Distrófico, apresentando fertilidade natural média e elevada devido a deposição de nutrientes trazidos pela enchente e vazante dos rios já a fertilidade das áreas de terra firme, sobretudo os terraços conhecidos na região com o “serra” (um local alto), é feito de sobreposições natural de folhas caídas das árvores e decomposição de madeiras entre outros, mas além disso, esses locais em sua grande maioria apresentam fertilidade elevada, devido os solos antropogênicos (Júnior, 2007).

No município o clima é equatorial quente úmido, com a umidade relativa do ar em torno de 71%, precipitação pluviométrica anual de 2.327mm, e insolação anual de 2.282,51. A temperatura mínima ao longo do ano é de 22,4°C, chegando a atingir máxima de 35,5°C, e sua temperatura média é de 26,3°C. Essas variações de temperatura dão-se com relação às estações diferenciadas, sendo: uma chuvosa, chamada pela população de inverno, que se estende de dezembro a maio, e uma estação de estiagem chamada de verão que se prolonga de junho a novembro.

Essas duas estações influenciam no cotidiano e modo de vida das populações da zona rural, no inverno as águas do rio sobem no fenômeno denominado enchente e se sobrepõem às várzeas, levando os agricultores a ocuparem as terras firmes aproveitando para a prática das culturas de ciclo mais longo. Quando chega o verão, os agricultores aproveitam a fertilidade do solo de várzea para cultura de ciclo curto.

Parintins tem os seus rios considerados mais importantes, aqueles que ligam as vias de acesso entre a área urbana a área rural, são eles: Paraná do Ramos, Paraná do Espírito Santo,

Paraná do Limão, Rio Uaicurapá, Rio Mampurú, Lago do Macuricanã, Lago do Aninga, Lago do Parananema, Lago do Macurani e a Lagoa da Francesa. Vale ressaltar que os quatro últimos são de vital importância quanto à sua preservação, por estarem ligados aos meios econômicos, turísticos e lazer da população local.

Assim como em outros lugares da Amazônia, podemos dizer que a vegetação do município é a mesma, isto é, Floresta Perenifólia Hileiana Amazônica, que corresponde à floresta de terra firme; Floresta Perenifólia Paludosa Ribeirinha Periodicamente Inundada (mata de várzea); Floresta Perenifólia Paludosa Ribeirinha Permanentemente Inundada (mata de igapó) e na sede municipal uma pequena mancha de Cerrado conhecida como Campo Grande.

### **2.3. Os vestígios arqueológicos: experiências e desafios**

Como já mencionado, o interesse pelo sítio localizado na orla de Parintins deu-se pelo fato do afloramento de cerâmicas ocasionado por desbarrancamento de terras devido o rompimento da barreira de proteção (muro de arrimo). Essas cerâmicas mostraram características aparentes com o tradição Pocó-Açutuba, conhecido em outras regiões ao longo da calha do rio Amazonas, e que remete ao processo de ocupação antiga da Amazônia por grupos ceramistas e à antigas modificações antrópicas da paisagem (NEVES et al., 2014). Identificou-se também a presença de fragmentos cerâmicos que remetem à fase Konduri (HILBERT, 1975; HILBERT; HILBERT, 1980, NIMUENDAJÚ, 2004; ALVES, 2018), que já era conhecida na região de Parintins e recorrentemente encontrada na região do Baixo Amazonas. Além desses vestígios, também está presente nesse espaço a Terra Preta de Índio (TPI). Neste sítio encontra-se uma grande variabilidade arqueológica que é recorrente na orla de Parintins, algo pouco imaginado pelos moradores dessa região.

De acordo com a legislação que dispõe sobre os bens arqueológicos no Brasil<sup>10</sup>, os artefatos e sítios arqueológicos são bens da União e, assim sendo, precisam estar sobre guarda autorizado do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN). Ou seja, não é permitida a sua posse por parte de pessoa física, apenas instituições autorizadas têm o direito de salvar coleções. Quanto aos sítios arqueológicos, os direitos inerentes à propriedade privada não incidem sobre o subsolo e nem sobre a sua superfície, o que tornaria passíveis de punição os atos praticados, cotidianamente, por diversos coletivos humanos da região. Esse é

---

<sup>10</sup> Constituição de 1988 (Capítulos II e III), Lei nº 3.924/61, Portaria nº 07/88, Instrução Normativa nº 001/15. Disponíveis em <<http://www.iphan.gov.br>>. Acessado em novembro. 2020.

um dos pontos que a arqueologia participativa vem destacando com relação à classificação do engajamento das pessoas com o que denominamos patrimônio.

Ao visitar algumas comunidades do município de Parintins, percebi que era comum encontrar nas casas, coleções de artefatos reunidos por moradores, assim como é recorrente o assentamento das moradias sobre os sítios arqueológicos da região, devido os benefícios que esses lugares apresentam, seja por abundância de árvores frutíferas em seu entorno ou pela fertilidade do solo de TPI. Essa aproximação íntima com os materiais e o passado, faz com que as relações entre as pessoas e o patrimônio arqueológico amazônico tenham que ser compreendidas em seus próprios termos (LIMA; SILVA, 2005; LIMA; MORAES; PARENTE, 2013).

Os achados arqueológicos fortuitos são muito comuns em diversos lugares da Amazônia, demonstrando contextos arqueológicos vastos, com enorme quantidade de vestígios, muitas vezes de grandes dimensões. Além da diversidade da materialidade, da amplitude territorial, a região possui uma rica multiplicidade cultural, com grupos indígenas, quilombolas e ribeirinhos que possuem diferentes relações com o patrimônio arqueológico, incluindo práticas coletivas e pessoais de formação de coleções (BEZERRA, 2012; ROCHA et al, 2014).

No ano de 2021, participei do projeto *Divulgação arqueológica em tempos de pandemia, coleções de Parintins-AM e suas histórias*, que reuniu pesquisadores<sup>11</sup> de três instituições de ensino e pesquisas na Amazônia, a Universidade do Estado do Amazonas – Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP-UEA), o Museu da Amazônia – MUSA e Museu Paraense Emílio Goeldi – MPEG, e com aporte financeiro via FAPEAM, através do edital de Programa de Apoio à Popularização da Ciência, Tecnologia e Inovação - POP C, T & I/2021.

Essa pesquisa possibilitou destacar a diversidade de materiais presentes em coleções particulares de moradores do município, oriundas de coletas e achados fortuitos em diferentes localidades, apontando a existência de nove coleções na comunidade de Santa Rita de Cássia, Lago da Valéria e quatro coleções na área urbana de Parintins-AM, para além dos materiais presentes nessas coleções domésticas, foram também destacados os materiais musealizados pertencentes a Parintins-AM, que atualmente encontram-se acondicionados no Museu da Amazônia- MUSA, no Museu Amazônico da Universidade Federal do Amazonas, ambos

---

<sup>11</sup> Dr<sup>a</sup>. Clarice Bianhezzi - coordenação geral (UEA-CESP), Dr. Adriano Márcio dos Santos – vice-coordenação (UEA-CESP), graduandos em História Alef Fernandes Cruz (UEA-CESP), Arnoud de Oliveira Batista Filho (UEA-CESP); arqueólogo Dr. Filippo Stampanoni Bassi (MUSA – Manaus-AM) e arqueóloga Dr<sup>a</sup> Helena Pinto Lima (MPEG de Belém-PA) e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural – PPGS do MPEG: Michel Carvalho Machado.

situados na capital Manaus, e Museu Paraense Emilio Goeldi, em Belém-PA (BIANCHEZZI et al, 2021). Resultando assim, na construção de um catálogo sobre alguns dos materiais que compõe a cultura arqueológica do município.

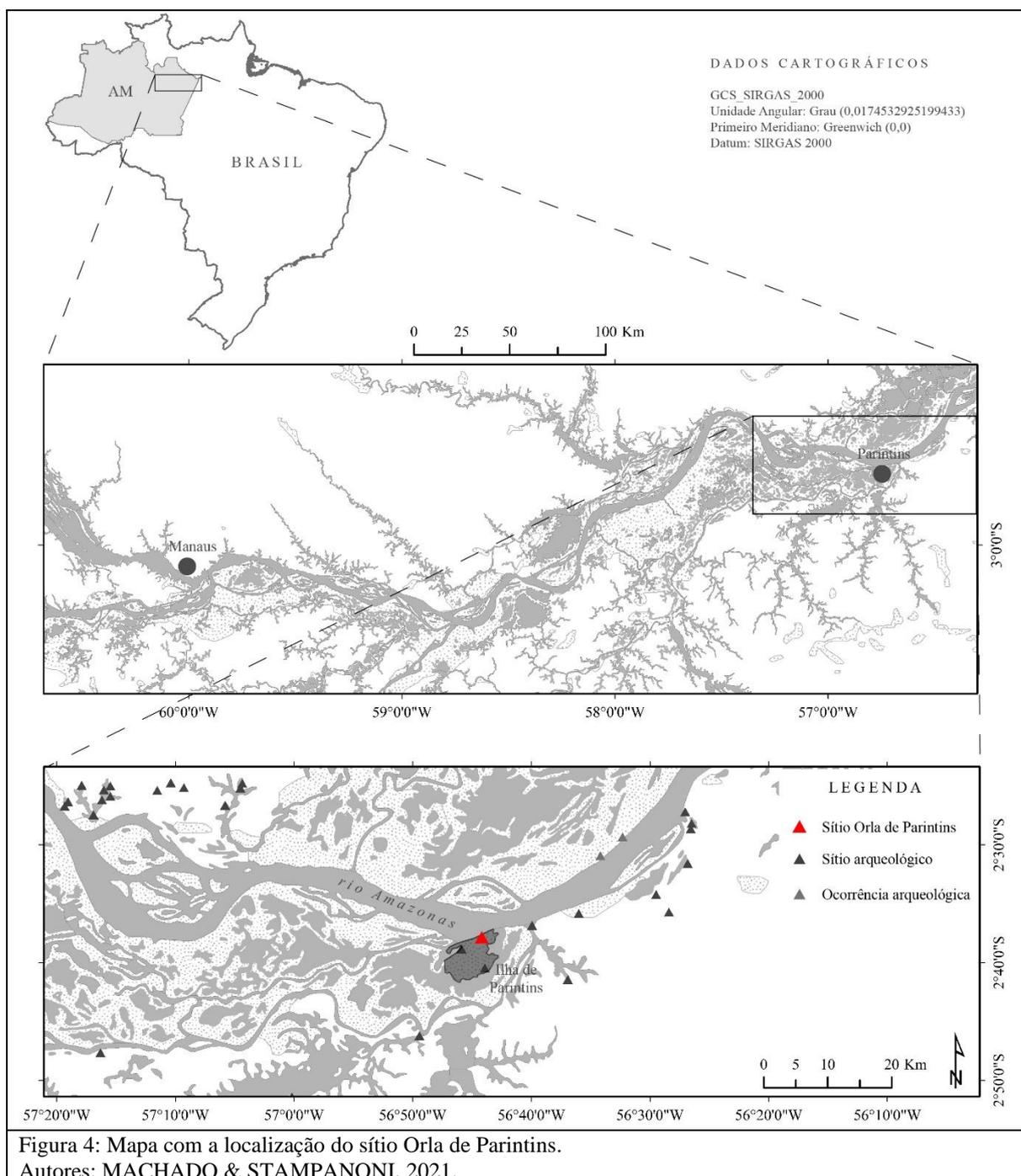
Em Parintins, até o presente momento ainda não se tem um trabalho propriamente de análise arqueológica buscando caracterizar e detalhar os fragmentos dessas coleções domésticas. Sendo assim, esse trabalho se torna de grande importância na contribuição de inserir o município nas discussões mais amplas sobre as cerâmicas arqueológicas da Amazônia. Vejo um paralelo com os trabalhos de Carlos Augusto da Silva (2016) em Urucurituba, que buscou trabalhar a “Área de interface ceramista pretérita: A coleção Arqueológica José Alberto Neves”, destacando assim a importância dos estudos detalhados das coleções domésticas e suas relevâncias para o contexto arqueológico amazônico.

Dessa forma, essa nova pesquisa no município de Parintins-AM destaca esse espaço que apresenta vestígios arqueológicos ligados ao um complexo cerâmico específico em coleções particulares, ajuda a ampliar o conhecimento sobre a ocupação humana da ilha e seu entorno, contribuindo e incentivando outras pesquisas de investigações arqueológica, possibilitando novos elementos para a história local, demonstrando quão antigos são os vestígios presentes na zona urbana de Parintins.

## CAPÍTULO 3

### O sítio Orla de Parintins

O sítio Orla de Parintins foi identificado devido aos constantes desbarrancamentos de terra as margens do rio Amazonas. A julgar pelas áreas expostas na superfície e no barranco, trata-se de um sítio cerâmico a céu aberto com uma espessa camada de terra preta que pode ser identificado ao caminhar pela praia que se forma na frente da cidade no período da vazante do rio Amazonas.



No ano de 2018, alguns ocorridos chamaram atenção para a importância desses achados na área urbana: o desbarrancamento de terra da orla e particularmente um achado fortuito de um morador em sua residência, ambos na área central da cidade, possibilitaram a apreciação de vestígios arqueológicos variados.

Diante dessa demanda, foram feitas investigações exploratórias no sítio arqueológico presente na orla do município com presença aparentemente da cerâmica da tradição Pocó-Açutuba, buscando indícios da antiguidade de ocupação da região, bem como da sua dispersão no espaço, uma vez que os materiais destacados acima, só puderam ser presenciados apenas pelo fato do desbarrancamento de terra. Caso contrário, seria bastante difícil identificá-los na superfície por se encontrarem em muitos contextos nas partes mais profundas das estratigrafias, associados ou não à terra preta.

O caso registrado como “achado fortuito” destacado anteriormente remete à construção de uma piscina em residência localizada no centro de Parintins-AM, onde o morador Tarcísio Brito encontrou vários fragmentos cerâmicos e líticos quando extraíam a terra durante a obra. Essa abertura revelou fragmentos cerâmicos semelhantes ao Pocó-Açutuba indicando vestígios de ocupação muito antigas na área central do município de Parintins-AM. O proprietário efetuou a guarda dos materiais, formando assim uma coleção (MACHADO, 2018).





Figuras 5, 6, 7, 8: Construção da piscina e achado fortuito de cerâmicas em uma residência no Centro de Parintins, disponibilizadas pelo Proprietário.  
Foto: Tarcísio Brito, 2021.

Para situar melhor os pontos que foram investigados, destaco os mesmos no mapa a seguir (Figura 9). A descrição que faço anteriormente ao que chamo de “praia” está destacada como área 1 com cor azul, que remete ao percurso investigado desde o matadouro frigorífico “Ozório Melo” até a instalação portuária pública de pequeno porte - IP4 do município, podendo ser identificados vestígios arqueológicos como TPI e fragmentos de cerâmica indígena, e foi a área onde ocorreram as coletas de superfícies dos materiais arqueológicos aflorados. A área 2, destacada na cor verde, foi o local de início de toda essa investigação, devido à grande concentração de fragmentos cerâmicos aflorados; trata-se da área do Hospital Jofre Cohen. A área 3 é destacada em cor rosa, está relacionada ao setor da piscina que chama atenção por ser achado fortuito de um morador, gerando uma coleção.

Em julho de 2022 o técnico do IPHAN visitou a residência do guardião da coleção, fazendo minucioso inventário com registro fotográfico e firmando a assinatura do Termo de Cessão de Bens Arqueológicos entre o sr. Tarcísio e o IPHAN, mantendo esses fragmentos guardados em sua residência dentro de uma caixa de papelão (BIANCHEZZI, 2022).

## SÍTIO ARQUEOLÓGICO ORLA DE PARINTINS

Imagem satelital da cidade de Parintins (AM), destacando a área ocupada pelo sítio arqueológico (retângulo vermelho). Os polígonos presentes na terceira e quarta imagem representam as áreas de dispersão de vestígios arqueológicos atualmente conhecidas.

- ÁREA 1: vestígios dispersos nas áreas de erosão dos barrancos e nas praias na beira do rio Amazonas. Presença de TPI.
- ÁREA 2: concentração de vestígios em superfície em contexto de TPI na área do hospital Jofre Coen.
- ÁREA 3: concentração de vestígios em subsuperfície em contexto de TPI, encontrados durante obras no quintal de uma casa.



56°44'10"W 56°44'0"W 56°43'50"W 56°43'40"W 56°43'30"W 56°43'20"W 56°43'10"W 56°43'0"W 56°42'50"W



56°44'10"W 56°44'0"W 56°43'50"W 56°43'40"W 56°43'30"W 56°43'20"W 56°43'10"W 56°43'0"W 56°42'50"W



Mapa produzido a partir de imagens do Google Earth sistema de coordenadas GCS Sírgas 2000 Autores: M. Carvalho Machado F. Stampanoni Bassi

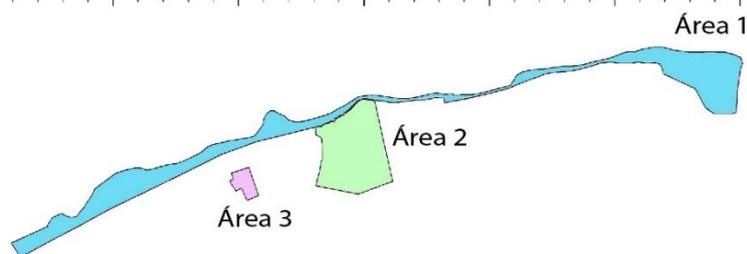


Figura 9: Áreas de investigação do Sítio Orla de Parintins

O mapa da figura 09, apresenta a localização do sítio Orla de Parintins, que se trata de uma grande extensão na frente da cidade que apresenta vestígios arqueológicos variados, o primeiro local onde os materiais foram identificados está destacado com um quadrado na cor vermelho, se trata da margem próxima ao hospital Jofre Cohen, local de maior desbarrancamento de terra e afloração de materiais. O mapa também destaca as áreas de investigação desse trabalho, que resultaram em coleções, e serão trabalhados no 4 capítulo dessa dissertação, como mostra tabela abaixo.

<b>Coleções do Sítio Orla de Parintins</b>			
Área do sítio	Nome da Coleção		Forma de coleta
<b>Área 1 e Área 2</b>	COLEÇÃO IPHAN - MUSA - ORLA DE PIN	COLEÇÃO ORLA DE PIN – COLETAS DE SUPERFÍCIE	COLETAS DE SUPERFÍCIE
<b>Área 3</b>	COLEÇÃO 1 TARCÍSIO - ORLA DE PIN	COLEÇÃO 2 TARCÍSIO - ORLA DE PIN	ACHADO FORTUITO

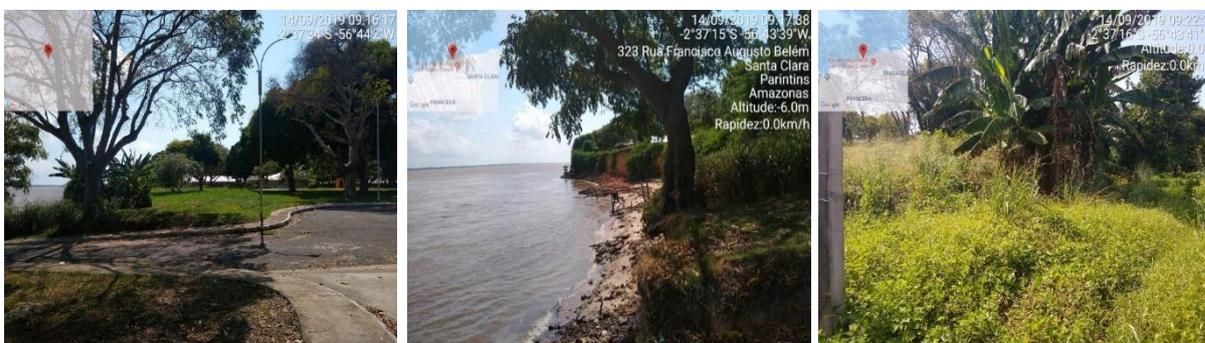
A área 2, é composta por vegetação de capim-grama, podendo presenciar algumas árvores frutíferas como: taperebá, goiaba, manga entre outras, também é possível identificar algumas palmeiras e bananeiras provenientes de possíveis descartes dessas espécies nesse espaço. Uma vez que esse local no período em que as águas baixam, torna-se o acesso para as populações da zona rural que por ali passam diariamente, tanto para vender seus produtos, fazer suas compras diárias ou para ter acesso ao atendimento médico no hospital Jofre Cohen.

A área 3 corresponde ao setor da piscina. Embora não existam informações contextuais precisas para o local, há alguns espaços no terreno dessa residência que estão no mesmo contexto em que o material foi retirado. Outra possibilidade de investigação também seria um terreno a céu aberto ao lado dessa residência, cuja escavação possibilitaria futuras pesquisas em contextos semelhantes aos dos objetos encontrados na construção da piscina.

O espaço desse achado fortuito sofreu várias perturbações devido a construções anteriores; a cobertura atual do solo é de um jardim e aterro com areia branca, com a finalidade de embelezamento do ambiente do proprietário.



Figuras 10, 11: Vista do sítio Orla – área do hospital Jofre Cohen no período de cheia do rio Amazonas – período de maior erosão dessa área.  
Foto: Clarice Bianchezzi, 2022.



Figuras 12, 13, 14: Vista do sítio Orla – área do hospital Jofre Cohen no período de vazante do rio Amazonas – período que possibilita a apreciação de materiais arqueológicos aflorados.  
Foto: Michel Machado, 2020.

As imagens acima demonstram a composição do espaço destacado anteriormente como área 2 no mapa e os materiais encontrados na área 3. Em toda área que foi sinalizada na cor verde, próximo ao barranco, pode ser notada a presença de materiais arqueológicos, como fragmentos de cerâmicas aflorados e Terra Preta de Índio, mas essa área em especial chama atenção por apresentar maior concentração de vestígios aflorados que se assemelham com as tradições Pocó-Açutuba e Konduri, como mostram as imagens abaixo.

Podemos identificar nesse sítio arqueológico as características multicomponenciais, de acordo com a grande variabilidade de materiais encontrados na margem do rio, aflorados pelos desbarrancamentos de terra que ocorrem no período em que as águas baixam, permitindo a caminhada próxima a esses barrancos.



Figuras 15, 16, 17, 18, 19: Materiais arqueológicos provenientes de afloramento do sítio Orla de Parintins  
Foto: Michel Machado, 2018.

Alguns fragmentos coletados no momento da investigação demonstraram características notáveis de materiais Konduri e Pocó, traços que permitem fazer apontamentos sobre a antiguidade dessas ocupações na Ilha de Tupinambarana. Essa coleta no momento da visita ao sítio arqueológico foi necessária devido aos períodos de enchente do rio, cobrindo a área onde esses fragmentos ficam expostos, ocasionando perda dessas informações em outros períodos.

Essa diferenciação foi percebida por arqueólogos que notaram em seus estudos a diferença entre as duas fases por meio da composição de preparo dos objetos cerâmicos, assim também como o seu design e até mesmo a sua resistência (GUAPINDAIA, 2008).

As características das cerâmicas acima citadas podem ser destacadas da seguinte forma. Elementos diagnósticos da cerâmica Konduri, são decorações que combinam incisão, ponteados, entalhes e modelagem, qualificadas como sobrecarregada, ou barroca, além do antiplástico cauixi e as formas de vasilhas com bases cônicas, tratando-se de bases trípedes (NIMUENDAJÚ, 2004; BARATA, 1950; HILBERT, 1955; PROUS, 1992; GUAPINDAIA, 2008).

Já a cerâmica Pocó foi definida a partir do uso de cauixi, caraipé e sua combinação associada a várias técnicas decorativas pictóricas, com presença de engobo vermelho, branco, amarelo, vermelho sobre branco, etc., além dos modelados e incisões que também estão presentes nesses materiais. (HILBERT; HILBERT, 1980).

E como pudemos observar nas imagens acima, há uma grande variabilidade de materiais presentes nesse espaço, demonstrando parte da diversidade arqueológica do sítio Orla de Parintins, que busco destacar e chamar atenção para futuras investigações arqueológicas.

Ressalto, finalmente, que o sítio não tinha sido cadastrado no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA) do IPHAN, mas após os primeiros trabalhos iniciais e apontamentos nesse local, foi direcionado ofício comunicando a existência dos mesmos ao IPHAN, visitas foram feitas e hoje já se tem um cadastro dessa área <sup>12</sup>, o que merece ainda mais atenção por parte das instituições que atuam em proteção do Patrimônio Histórico Cultural e que desenvolvem pesquisas nessas áreas.

### **3.1 Visitas ao sítio e coletas de superfície (A área do Hospital Jofre Cohen)**

O período da vazante das águas do rio Amazonas é o momento essencial para presenciar os fragmentos expostos as margens do rio devido os desbarrancamentos de terra. Esses materiais ficam espalhados pela praia que se forma na frente da cidade, mas uma observação que fiz desde o período da graduação (2018) é que sempre se tem novos materiais; aqueles que foram avistados bem antes da nova enchente não são mais vistos no período seguinte da seca, pois os rios acabam soterrando os mesmo com deposições de terra. Devido esses acontecimentos, alguns materiais que despertaram minha atenção acabaram se perdendo, informações essenciais para identificar a variabilidade artefactual do sítio.

Após essas observações, senti a necessidade de registrar o máximo de informações dos materiais presentes nesse espaço, sendo assim, as visitas ao sítio foram reorganizadas e se tornaram quase que frequente durante o período de julho a novembro de 2020 e início de 2021, antes da água do rio subir e cobrir novamente as margens.

Além de registrar os materiais aflorados, foram feitos também registros dos desbarrancamentos de terra da área atrás do Hospital Jofre Cohen (área de interesse por apresentar concentrações de fragmentos aflorados), para compreender e correlacionar os pontos de concentração de cerâmicas com os mesmos. Uma vez que, além da cheia do rio, as chuvas também são constantes na região, ocasionando novos afloramentos por intervenção natural.

---

<sup>12</sup> <https://sicg.iphan.gov.br/sicg/bem/visualizar/39578#&panel1-2>



Figuras 20, 21, 22 e 23: Perfis do barranco na área do Hospital Jofre Cohen.  
Foto: Michel Machado, 2021

Em meio as visitas ao sítio arqueológico, após voltar a Parintins e ter tido várias experiências proporcionadas pela instituição a qual faço parte, pude ter novos olhares para o meu local de pesquisa e me deparei com questionamentos sobre o afloramento das cerâmicas Pocó-Açutuba, ao observar o perfil do barranco. Primeiramente, é notável que o indicativo de onde as cerâmicas estariam brotando, estaria fora de contexto relacionados a essa cultura arqueológica, pois estamos falando de uma camada de TPI com a variação entre 30 centímetros a 40 centímetros de espessura. Ao observar o perfil do barranco na área do hospital onde essas cerâmicas estão sendo encontradas, o que parece não fazer sentido, pois a literatura aponta que depósitos com materiais Pocó-Açutuba são relacionados a contextos mais profundos do solo.

Após essas observações e conversas com meus orientadores, pude enxergar um ponto que até então tinha passado despercebido, a questão de perturbações ocorridas no sítio no período em que construíram o hospital Jofre Cohen e por sequência suas ampliações. Isso me fez pensar no motivo que me levou a achar os fragmentos de cerâmicas Pocó-Açutuba concentrados em algumas áreas, e em sua grande maioria muito fragmentados.

Trata-se de uma questão a ser melhor investigada, pois esses pontos de concentração dos fragmentos Pocó-Açutuba podem ser os entulhos da construção do hospital que teriam sido amontoados naquelas áreas e só agora, com essas erosões, vieram a aflorar. Busquei então olhar com mais detalhe para todos os registros feitos durante as visitas ao sítio, desde 2018 até as últimas em 2021.

Mas a preocupação com a possibilidade de analisar esses vestígios futuramente me levou a fazer coletas desses materiais aflorados no percurso da área atrás do hospital. Essa medida deu-se a partir das observações de acompanhamento desses vestígios, uma vez que os materiais presenciados no ano de 2018 que apresentavam pinturas nas cores amarelo, vermelho, marrom, semelhantes à fase Pocó, e aqueles com incisões, apêndices antropomorfos e zoomorfos, com riscos e ponteados, semelhantes a fase Konduri, não foram mais encontrados após a cheia do rio.

Fiz, então, coletas dos materiais mais diagnósticos, formando assim uma coleção com cerca de 140 fragmentos, entre cerâmicas e líticos. Entre os materiais coletados posso destacar alguns com os quais consigo fazer relações a partir de observações e leituras anteriores, tais como: apliques e fragmentos de bordas, cabeça de urubu-rei, fragmentos de prato, assador, apêndices, bases ou pés de vasos tripode, alguns apresentando engobo ou pintura branca, vermelha, laranja e marrom.



Figura 24 e 25: Coleção do sítio Orla de Parintins – resultado de coleta da superfície.

Foto: Michel Machado, 2021

Ao observar os fragmentos, percebi que alguns apresentavam coloração em sua pasta semelhante de um lado, e do outro apresentavam um padrão escuro escovado. Foi então que passei a separar as peças que apresentavam esse padrão: são aproximadamente 40 fragmentos contendo desenhos por incisão. Fiquei ainda mais surpreso quando passei a juntar esses

fragmentos seguindo o seu desenho. Algumas peças foram se juntando, dando formato a um objeto indicando um prato de formato oval, com uma pasta de cor bege claro onde se encontram os grafismos, e superfície preta na outra face, onde há incisões.

A partir desse momento passei a olhar os fragmentos dessa coleção com o máximo de cuidado possível e com isso consegui remontar vários deles.



Figura 26: Coleção do sítio orla de Parintins – primeiro contato com os fragmentos, dando formato ao objeto.

Foto: Michel Machado, 2021



Figura 27: Coleção do sítio orla de Parintins – separando os fragmentos de acordo com a sua coloração.

Foto: Michel Machado, 2021.

O olhar para os fragmentos das cerâmicas indígenas nos permite ter acesso aos sistemas tecnológicos de produção dos objetos. Lima, Barreto, Betancourt (2016), destacam que:

O design de uma peça é definido por uma complexa combinação de fatores que vão desde as qualidades da argila, as técnicas conhecidas e usadas nas etapas de fabricação dos objetos, o desempenho funcional esperado do objeto, além das escolhas estéticas individuais e coletivas. Porém, mais importante, os objetos cerâmicos, assim como outros, simbolizam escolhas culturais e são, ao mesmo tempo, produtos e vetores de relações sociais. (LIMA et. Al., 2016; p.20)

Perceber que essas populações desenvolveram técnicas para diferenciar e até mesmo deixar suas marcas nesses objetos, também nos permite obter dados e informações sobre o processo de ocupação dos sítios arqueológicos da região, com bases em critério cronológicos e estilístico presentes nesses fragmentos (LIMA et al, 2016, p.293).

Sendo assim, os fragmentos passaram a ser analisados e fotografados, com o intuito de identificar a variabilidade artefactual presente no sítio, uma vez que os mesmos são provenientes de afloramento por desbarrancamento e a sua contextualização cronológica de ocupação só será reforçada com uma intervenção arqueológica no local.

### **3.2 Um achado fortuito: Setor piscina do sítio Orla de Parintins**

No dia 04 de janeiro de 2021, fui informado pelas redes sociais sobre um achado arqueológico na residência situada na Rua Herbert de Azevedo 1196 – Centro de Parintins, cujo proprietário entrou em contato para informar que teria encontrado fragmentos de cerâmicas em sua residência quando estavam executando a obra para construção de um sumidouro.

No mesmo ano de 2018 o Sr. Tarcísio já tinha encontrado em sua residência, no processo de construção da piscina, fragmentos de cerâmicas e líticos associados a TPI. Ele guardou os materiais arqueológicos e continuou a obra, só nos informando sobre esse achado após a conclusão. Desde então, sempre que possível, conversávamos a respeito dos materiais e a pesquisa que desenvolvo nessa área, para o Sr. Tarcísio esse diálogo sempre foi possível devido o seu grande interesse pela arqueologia, devido ser formado no curso de História do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas - CESP-UEA.

Mas dessa vez, ao executar outra obra em sua residência, tendo conhecimento da importância dos vestígios arqueológicos, o proprietário pediu para a pessoa responsável pela obra avisar se encontrasse algum ‘pedaço de panela de barro’. O funcionário executou o trabalho de extração de terra e quando chegou à profundidade de aproximadamente 30 centímetros, incluindo camada de areia branca sobre a camada de TPI, começou a encontrar fragmentos de cerâmicas.

O proprietário entrou em contato para informar sobre o achado e pediu para que eu fosse até o local acompanhar o processo, uma vez que a pessoa que estava executando o trabalho de extração de terra não tinha conhecimento sobre a importância do achado e poderia destruir por completo os vestígios. Esse contato ocorreu pelo fato de ter estabelecido sempre um diálogo próximo com ele. De fato, e por ser considerado o primeiro arqueólogo do município, grande parte das pessoas que se interessam pelo assunto hoje me apontam como referência para investigar esses achados, uma vez que estamos falando de uma cidade do interior do Amazonas onde quase todas as pessoas se conhecem.

Me desloquei até o local no dia seguinte, 05 de janeiro de 2021 pela manhã. Ao chegar, a perfuração estava quase se encerrando e o funcionário responsável pela obra disse que faltava pouco para terminar, pois tinha começado no dia anterior e não era muito grande o buraco que deveria fazer. Quando perguntei dos materiais que ele teria encontrado, o mesmo tinha separado alguns fragmentos em um local próximo da perfuração, a grande maioria ele tinha lavado e colocado sobre uma mesa.



Figura 28: Materiais arqueológicos extraídos da perfuração.  
Foto. Michel Machado, 2021.



Figura 29: Materiais arqueológicos extraídos da perfuração – lavados.  
Foto: Michel Machado, 2021.

Essa pessoa utilizou pá e enxada para perfuração e extração de terra. Sendo assim, os vestígios que estavam praticamente inteiros foram quebrados, e com o impacto muitos se desfizeram. Os fragmentos vistos na foto acima foram aqueles que por muito pouco a enxada não acertou ou que, porventura, na hora de retirar a terra, a pá acabou tocando e fazendo barulho, impedindo que se quebrassem ainda mais.

A metragem da perfuração varia muito de acordo com os lados medidos, mas aproximadamente posso dizer que a superfície menor do buraco mede 100cm e a maior 180cm de comprimento e largura, já a profundidade varia entre 130cm a 140cm.

O perfil possibilita observar fragmentos de cerâmicas em suas referidas camadas, assim também como a variação da coloração do solo de TPI, com a seguinte sequência, do topo para a base: 1) aterro, 2) camada de perturbação, 3) terra preta no tom cinza bem escuro e 4) uma última camada com a mistura de terra preta com latossolo amarelo e vermelho.

Alguns testes foram feitos no local nessas camadas de solo antropogênico para obter informações e poder contextualizar esse achado com o máximo de dados possíveis, uma vez que essa investigação se deu em caráter emergencial. Foram feitas pequenas extrações de solo das três camadas de TPI que destaquei anteriormente. Ao retirar essas pequenas amostras, coloquei-as na palma da mão, as umedei e fiz pequenos roletes com as amostras para perceber até que ponto eles esticavam e não se rompiam, percebendo assim a proporção de argila e areia nas diferentes camadas. Esse procedimento foi adotado para as demais amostras.



Imagens 30, 31: Roletes-testes das camadas de TPI  
Foto: Michel Machado, 2021.

Dessa forma, cheguei à conclusão de que o solo de terra preta ali presente, seria argilo-arenoso, pois ao misturar a terra umedecida, percebi que ficaram algumas frações de grão de areia aparecendo, mas a liga proporcionada pela presença maior de argila não permitiu com que esse rolete (chamado de cobrinha, por lembrar a massa de modelar utilizada na infância) se rompesse no processo de ser esticado, atingindo medidas significativas para uma conclusão provisória das camadas de TPI, onde o material predominante seria a argila.

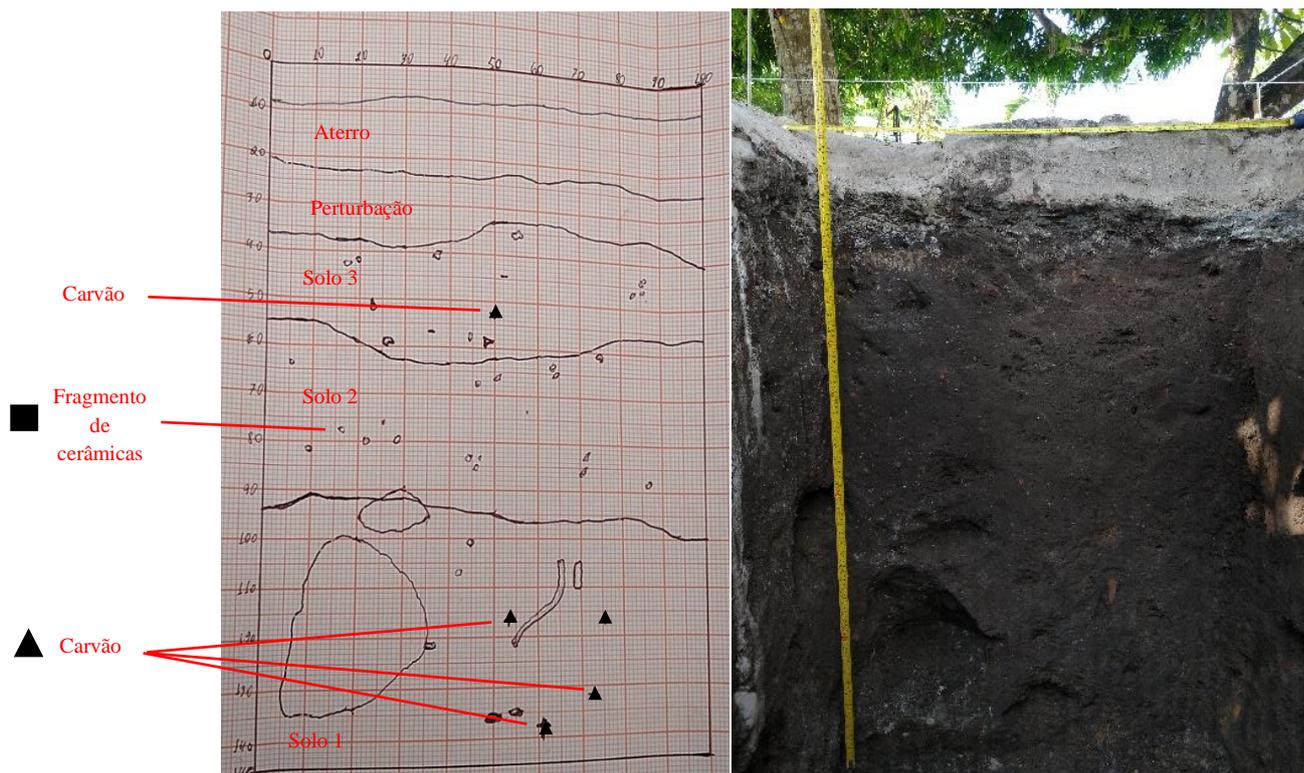
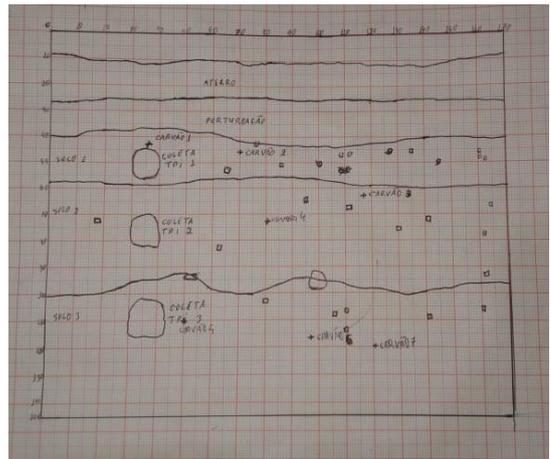


Imagem 32, 33: Desenho do Perfil, destacando aterro, perturbações, solos de TPI, fragmentos de cerâmicas e carvão e Perfil da parede norte, construção do sumidouro.  
Foto: Michel Machado, 2021.

A preocupação de fazer o máximo de registro se dá por conta da finalização da obra, pois o proprietário da residência executou a mesma com caráter de urgência. E isso despertou a preocupação de tentar conseguir o máximo de informações a respeito dessa ocorrência.

Sem o acompanhamento de um arqueólogo esse processo não seria possível, então tive que me adequar à situação, pois devido à pandemia, nem o IPHAN ou MUSA tinham profissionais disponíveis para essa investigação de imediato, até mesmo pelo risco de contaminação no deslocamento até o município.

Nesse momento utilizei os recursos tecnológicos disponíveis a meu favor. Em conjunto com minha orientadora, a arqueóloga Dra. Helena Pinto Lima, e meu coorientador, o arqueólogo Dr. Eduardo Góes Neves, que se disponibilizaram de imediato a ajudar, fizemos esse trabalho: foram horas de conversas por “videochamadas”, em alguns momentos interrompidos pela falta de conexão com a internet, mas que renderam muito nesse processo de coleta das informações.



Imagens 34, 35, 36: registro dos perfis e suas respectivas camadas de TPI.  
Foto: Michel Machado, 2021

Para essa coleta de informações dos perfis, foram selecionadas duas faces da perfuração, a primeira imagem acima que aparece junto de seu croqui, é a face norte, onde foi possível identificar maiores concentrações de fragmentos cerâmicos, mas por outro lado com poucos fragmentos de carvão. A segunda imagem acompanhada de sua representação, é referente à face leste, que apresentou poucos fragmentos de cerâmica, mas por outro lado, maior concentração de fragmentos de carvão expostos no perfil. Na face leste, é também possível se verificar melhor as camadas estratigráficas no perfil.

Dessa forma, algumas coletas foram feitas pensando em futuras análises para o local. Essa medida foi necessária pelo fato de ter sido uma obra de urgência e, devido às chuvas que

ocorrem quase que diariamente no município nesse período, a abertura não poderia passar muitos dias exposta. Pensando nesses imprevistos, foram feitas coletas de solo das três camadas de TPI e coletas de carvão, todas registradas e apontadas no croqui com suas devidas identificações.



Imagem 37: Coletas de material provenientes da parede Norte e Leste.  
Foto: Michel Machado, 2021

Foram utilizados materiais disponíveis na ocasião como, papel alumínio, sacos plásticos de 1kg, duas colheres de pedreiro (uma para coleta de solo e outra para coleta de carvão), luvas cirúrgicas e máscara para realização das coletas. As extrações de solo das camadas de TPI ocorreram na face Leste, para tal, utilizei a colher de pedreiro para fazer a retirada e assim colocar dentro dos sacos plástico, que de imediato foram fechados e reforçados com outro saco plástico.

Para as coletas dos fragmentos de carvão, foram feitos envelopes com o papel alumínio, com o objetivo de evitar contaminações, esses carvões foram retirados somente em contato com a colher de pedreiro e colocados de imediato no envelope de papel alumínio, em seguida dentro de sacos plásticos e vedados. Os materiais coletados seguem guardados dentro de uma caixa de isopor, lacrados com fita, o objetivo é analisar essas informações posteriormente em uma eventual oportunidade através de parcerias.

As observações estratigráficas do perfil estudado permitem associar as cerâmicas Pocó com a camada mais profunda de terra preta, demonstrando claro processo de modificação na paisagem pelas populações indígenas que habitaram essa região, tal como ocorre com cerâmicas Pocó em regiões próximas, como Trombetas e Nhamundá (HILBERT & HILBERT, 1980, GUAPINDAIA, 2008), permitindo uma estimativa de cronologia relativa em torno de 3 a 2 mil anos. Seguindo a estratigrafia, esses vestígios são interrompidos por um pequeno hiato, e logo em seguida podemos observar as cerâmicas Konduri emergindo nas camadas mais superficiais, o que já remete a um período pré-colonial mais tardio. Contudo, ainda é cedo para avaliar processos de continuidade ou ruptura neste sítio, apesar dessa relação ser recorrente, os contextos Pocó e Konduri ainda são um mistério para arqueologia por apresentarem ou não hiatos em seu conjunto.

O achado foi informado à Superintendência e coordenação técnica do IPHAN, que deu o aval sobre a situação e encaminhou um ofício com indicações e recomendações a respeito do achado para o proprietário da residência, destacando a importância de continuar as investigações no local e a possibilidade e compromisso de informar com antecedência futuras perturbações no sítio.

### **3.3. Sobre os materiais encontrados**

Ao chegar no local desse achado fortuito, me deparei com uma mesa debaixo de uma mangueira carregada de frutos. A grande maioria dos objetos se encontravam lavados e organizados pela pessoa que executou a perfuração e extração de terra. Fiz registros fotográficos do material e em seguida retiramos a mesa para a varanda da área de lazer da residência.

Ao observar os fragmentos que foram retirados, pude perceber a presença de pintura (engobo branco, vermelho, preto ou marrom, amarelo e laranja) visível por conta da lavagem que o funcionário tinha feito. Em alguns fragmentos essa coloração quase não era notada devido ao contato com a água e o modo como foi lavada, pois, ao perguntar como teria sido esse processo, ele disse, ‘eu coloquei de baixo da torneira e esfreguei com os dedos até sair o barro’.

Esse processo de lavagem do material logo em seguida de sua extração ocasionou danos as peças, tais como a perda da coloração presente nos fragmentos, ou a fragmentação ainda maior por estarem úmidos e em contato novamente com o ar.

Os fragmentos permaneceram em cima da mesa secando na varanda para serem guardados pelo proprietário, que já tem sob sua guarda uma coleção com fragmentos retirados no momento anterior em que construíram a piscina. Ele mencionou que pretende juntar com esses novos fragmentos.

A coleção anterior, ano de 2018, totaliza 37 fragmentos de cerâmica, 01 objeto inteiro “restaurado” pelo proprietário com gesso e 08 líticos variados entre fragmentos de machado e outros materiais não identificados. Os fragmentos se encontram guardados em sua residência dentro de uma caixa de papelão cobertos com um saco plástico, já que ele tem grande apreço pelos objetos.



Imagem 38: Coleção particular de Tarcísio Brito formada em 2018 – após a construção de uma piscina em sua residência.

Foto: Michel Machado, 2021.

Esse novo achado totaliza 104 fragmentos de cerâmica, e um pedaço de laterita que, segundo o proprietário, estava na parte de baixo de onde foram encontrados os fragmentos de cerâmica com espessura mais grossa, como se a laterita tivesse sido lapidada e posta para servir de base para a vasilha. O proprietário achou interessante e pediu para que o funcionário a coletasse. Torna-se importante destacar a relação que ele faz entre a peça de laterita e os fragmentos de cerâmica: *“acredito que essa pedra tenha servido de base para essa vasilha, será que era um sepultamento indígena? Porque é estranho ter uma pedra reta na parte de*

*baixo, e na parte de cima esses pedaços de vasilha bem grossos, se for isso, deveria ser alguém muito importante que não poderia ser enterrado sem esse material”* (Sr. Tarcísio). Essas interpretações a respeito do material se tornam importantes para perceber a relação que ele tem com os objetos, que em sua grande maioria é de respeito e apreço.



Imagens 39, 40, 41, 42: Coleção formada a partir do segundo do achado fortuito na residência do Sr. Tarcísio Brito – destacando alguns fragmentos que apresentam pinturas e incisões relacionados a tradição Pocó-Açutuba. Fotos: Michel Machado, 2021.

Os materiais encontrados nesse segundo achado vieram fortalecer a ideia sobre a presença de vestígios arqueológicos relacionados à tradição Pocó-Açutuba na região de Parintins, possibilitando novos indicadores desses vestígios para futuras pesquisas na área urbana. Importante destacar que os sítios arqueológicos, na Amazônia são:

Lugares persistentes que foram ocupados por diferentes populações ao longo do tempo, aqueles lugares tão comuns na Amazônia que os arqueólogos costumam chamar de sítios multicomponenciais, muitas vezes reocupados devido à paisagem ali construída (com elementos tais como terra preta de índio, plantas e árvores frutíferas, caminhos, aterros etc.), a cerâmica ali deixada não só integra esta paisagem produzida,

mas também pode ser categorizada por povos que venham a ocupar o lugar enquanto cerâmicas dos ancestrais, dos inimigos, de povos parentes ou simplesmente de “outras gentes”. (LIMA, BARRETO, BETANCOURT: 2016; p.21)

Essas cerâmicas que afloram por vários motivos nos revelam a história de populações que por muito tempo habitaram esses lugares que hoje nomeamos de sítio arqueológico fazendo-se presentes na vida das populações contemporâneas de diversas formas.

Como já dito, achados fortuitos são muito comuns em Parintins devido ao grande potencial arqueológico do município, fruto de longo histórico de habitação das populações indígenas na região. Esse achado fortuito em particular, acabou se tornando importante e necessário para o desenvolvimento da minha pesquisa, possibilitando a coleta de informações que até então só seriam possíveis com uma escavação arqueológica, e será a partir dessas informações do achado que pretendo aprofundar e sustentar a minha ideia sobre a antiguidade de ocupação da Ilha Tupinambarana.

Dessa forma, o achado fortuito nessa residência trouxe algumas respostas às perguntas apresentadas a respeito da área atrás do hospital, pois as cerâmicas Pocó no perfil da abertura podem ser encontradas a partir de 130 centímetros de profundidade, associados a TPI, em um processo em que há uma mistura de latossolo amarelo e vermelho. Como apresentado anteriormente, a área atrás do hospital apresentou diversas dúvidas com relação ao afloramento das cerâmicas Pocó, uma vez que não era possível identificar no perfil do barranco de onde estaria vindo esse material, mas com esse novo achado, podemos obter informações em um perfil mais controlado e coesivo com os estudos relacionados a essa tradição em outras áreas da região amazônica.

Com isso, a pesquisa concentrou-se em quatro coleções que foram analisadas: uma de achado fortuito que é dividida em dois momentos e outra de coleta da superfície, também resultantes de visitas ao sítio arqueológico por mim e pelo IPHAN. No capítulo a seguir, apresentarei as cerâmicas trabalhadas e os resultados obtidos durante esse processo de investigação.

## **CAPÍTULO 4**

### **Cultura material arqueológica e diversidade sociocultural na Ilha de Tupinambarana**

Este capítulo é a tentativa de sintetizar os dados obtidos durante a análise das coleções do sítio arqueológico Orla de Parintins, uma sob guarda provisória do morador Tarcísio Brito que se divide em dois momentos de achados fortuitos totalizando 120 objetos arqueológicos entre cerâmicas e líticos; e outras duas coleções formadas através de coletas de superfície onde uma se encontra sob minha guarda e a coleção que se encontra acondicionada no Museu da Amazônia – MUSA, resultante de visitas técnicas do IPHAN ao local. Essas duas coleções totalizam 190 objetos entre cerâmicos e líticos.

Feita a análise individual dos fragmentos por atributos (com a ficha), os dados de frequência dos atributos foram tabulados, separadamente os dois tipos de coleta: coleta de superfície e achado fortuito. Feito isso, apresentamos alguns resultados preliminares das análises de agrupamento por clusters. Em seguida, passamos a apresentar as quatro coleções de forma mais detalhada com fotografias, dentro de uma análise qualitativa dos materiais, quando foram formados conjuntos daqueles que apresentavam semelhanças, tanto por suas decorações ou cor da superfície, dando prioridade para a pasta e olhando os atributos como forma, para os agrupamentos. O agrupamento inicial de conjuntos foi através de observações da sua coloração superficial, para depois então chegar as definições e subdivisões por formas como, base, parede, apliques, alças, e as características de decoração que permitem aproximação entre os objetos.

Para as coletas de superfície, essa metodologia de agrupamento foi executada devido à falta de controle estratigráfico de onde nos materiais estariam aflorando, pois, como dito, eles resultam de desbarrancamento de terras por toda orla de Parintins. Dessa forma, o agrupamento por coloração/pasta/forma foi bastante útil para organizar e demonstrar a variabilidade dos materiais presentes nessa área. Já a coleção do Sr. Tarcísio Brito recebeu tratamento diferenciado das que foram formadas por coleta de superfície, pois esse material apresenta informações mais detalhadas do seu contexto: o achado fortuito se deu pela extração de terra para construções, demonstrando assim os materiais em suas respectivas camadas, podendo ser observados e registrados. Dessa forma, ao invés de mostrar essa coleção em conjunto, apostei em apresentar os fragmentos individualmente, pois são aqueles que a meu ver, apresentam maiores informações pelo seu contexto geral.

Através desses métodos de apresentação por conjunto ou individual, foi possível destacar a variedade de materiais presentes no sítio Orla de Parintins, assim como, aqueles que fazemos colocações e interpretações de pertencerem as fases citadas acima, Pocó e Konduri.

Ressalto que os resultados apresentados a seguir são resultados de parcerias entre diferentes instituições de ensino e pesquisa como o Museu Emílio Goeldi – MPEG que proporcionou o treinamento adequado para as análises de materiais na reserva técnica Mario Ferreira Simões, sob acompanhamento da arqueóloga Helena Pinto Lima, Museu da Amazônia – MUSA que se prontificaram a me receber nesse segundo momento de investigação dos materiais de Parintins presentes em sua reserva, onde os arqueólogos Filippo Stampanoni Bassi e Iberê Fernando Martins se disponibilizaram a ajudar nesse processo que também fez parte do treinamento para as análises dos materiais das coleções domésticas, e o Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas – CESP-UEA, com o grupo de pesquisa GEPIA, que por intermédio da Dra. Clarice Bianchezzi muitas dessas parcerias foram se estabelecendo, e também a Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG, onde o Professor Dr. Deive Ciro de Oliveira se disponibilizou a fazer a filtragem dos dados em Excel que resultaram na construção dos gráficos de frequência e agrupamentos. Essas parcerias possibilitaram o andamento da pesquisa, coletas e filtragem dos dados que serão apresentados nesse capítulo.

#### **4.1 Metodologia da análise cerâmica**

Com o intuito de caracterizar as cerâmicas do sítio arqueológico Orla de Parintins, e assim ajudar na compreensão da grande variabilidade artefactual presente nesse espaço, foi importante a familiarização com as metodologias de análise cerâmica e a elaboração de ficha com atributos que fossem aplicáveis à coleção em questão. Assim, realizei algumas análises previamente ao início do trabalho com cerâmicas da Orla de Parintins, conforme relatado a seguir:

### Análise das coleções no Museu Paraense Emilio Goeldi<sup>13</sup>

Para que essa pesquisa alcance o resultado esperado, foi preciso um treinamento para reconhecimento e análise das cerâmicas arqueológicas, a partir dos materiais que se encontram acondicionadas na reserva técnica do MPEG. O treinamento foi realizado a partir de duas coleções que se encontram acondicionadas na reserva técnica: a primeira resultante das pesquisas de Peter Hilbert e Harold Schultz, com registros de entrada no museu em 1953, oriunda da região do Lago da Valéria, zona rural do município de Parintins. Vale notar que os registros dessa coleção no MPEG, que é composta por 48 objetos entre fragmentos de cerâmicas e líticos, consta como Lago de Valência – que interpretamos ser um erro e sugerimos correção. A segunda coleção era identificada como “Oriente de Parintins” (local não referenciado). Esta, composta por 05 fragmentos de cerâmica, doadas ao museu em 2004, sem referência específica do local de origem, encontra-se identificada no banco de dados como “MD18”.

Os materiais analisados dentro da reserva técnica foram importantes para o treinamento e compreensão das características de produção das cerâmicas da região de Parintins, contribuindo assim para a construção da ficha de análise utilizada nessa pesquisa. Devo ressaltar que os resultados obtidos durante esse treinamento não serão inseridos nos capítulos a seguir, por se tratar de materiais provenientes de outros sítios, que não a Orla de Parintins.

### Curadoria e análise das cerâmicas

A terminologia utilizada para a construção das etapas de análise das cerâmicas, foram adaptadas a partir de propostas e conceitos utilizados por SHEPPARD (1956), CHYMZ (1966), RYE (1981), RICE (1987) entre outros estudiosos da tecnologia cerâmica.

A seguinte sequência foi executada: limpeza, triagem, numeração, análise, desenhos, reconstituições morfológicas<sup>14</sup>, fotografias, A observação dos atributos presentes na superfície dos fragmentos cerâmicos foi orientada por uma ficha contendo a seguinte estrutura geral de categorias: proveniência; informações métricas; atributos técnicos; morfologia, marcas de uso e estado de conservação, onde esse conjunto possibilita compreender as cadeias operatórias, de

---

<sup>13</sup> Devido à pandemia de Covid-19 e ao processo de melhoria da infraestrutura e a consequente movimentação do acervo, esta atividade só pôde ser realizada em novembro de 2021, quando o PPGDS-MPEG publicou a abertura do processo de seleção de propostas para realização de missões de estudo ou trabalho de campo, financiado pelo Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação Amazônia Legal – (PDPG-Amazônia Legal) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior – (Capes), contribuindo assim para o avanço dessa pesquisa.

<sup>14</sup> Os desenhos e reconstituição de formas dos fragmentos analisados nesse trabalho não estarão nesse trabalho, devido não ficarem prontos a tempo para apresentação, mas devem ser apresentados em futuras publicações.

saberes e fazeres, que despertam conexões e intencionalidades das populações indígenas antigas.

A ficha de análise (figuras 38, 39, 40) conta com a observação de 155 atributos individuais, divididos por categorias como: informações de proveniência, métrica, natureza da peça, antiplástico/aditivo<sup>15</sup>, técnica de manufatura, cor da superfície, queima, morfologia, forma do vaso, forma da borda, forma do lábio, acabamento/decoração do lábio, forma da base, tratamento da superfície interna, tratamento da superfície externa, cor do engobo, cor da pintura, decoração plástica, motivo da decoração, marcas de produção, marcas de uso e estado de conservação.

Todas essas informações, observadas em cada objeto ou fragmento, foram então registradas em uma ficha de análise com o sistema de presença (1) e ausência (0) numa planilha do aplicativo Microsoft Office Excel, para os posteriores tratamentos estatísticos, que levaram à formação de agrupamentos. Quando a variável não podia ser observada, foi identificado na planilha (99)., por exemplo, atributos de borda como a forma da borda, do lábio, não são aplicados às paredes e nem para as bases, nesse caso o número 99 é informado na planilha.

Esse método ajudou a identificar padrões, frequências e combinações entre atributos, ajudando nas classificações em conjuntos, que contribuíram para um reconhecimento mais apurado da variabilidade artefactual local, e suas interpretações. A seguir destaco em maior detalhe alguns dos atributos presentes na ficha.

---

<sup>15</sup> Os antiplástico, ou 'temperos', são adicionados à argila para reduzir a sua plasticidade e prevenir a quebra durante a queima. Diferentes antiplástico conferem propriedades específicas aos potes depois de prontos. Há também povos que preferem não adicionar temperos, servindo-se das características próprias de suas argilas, como os Asuriní do Xingu (SILVA, 2000).

## Ficha de Análise - Presença e Ausência

### **INFORMAÇÕES DE PROVENIÊNCIA**

1. Número da peça
2. Sítio
3. Coleção
4. Tipo
5. Camada

### **MÉTRICAS**

1. Espessura
2. Diâmetro Boca
3. Diâmetro Base

### **NATUREZA DA PEÇA**

1. Borda
2. Base
3. Parede
4. Carena
5. Alça
6. Apêndice/Aplique
7. Fuso
8. Flange Mesial
9. Flange labial
10. Vaso Inteiro
11. Gargalo
12. Trempe
13. Cachimbo

### **ANTIPLÁSTICO/ADITIVO**

1. Cauixi
2. Caraipé
3. Caco moído
4. Quartzo/Rocha triturada
5. Óxido de Ferro/Hematita
6. Argila
7. Carvão
8. Areia
9. Mica

### **TÉCNICA DE MANUFATURA**

1. Modelado
2. Moldado
3. Placas

### **COR DA SUPERFÍCIE**

1. Alaranjado
2. Branco
3. Bege
4. Marrom
5. Preto/Cinza
6. Vermelho

### **QUEIMA**

1. Oxidante
2. Oxi. Interna/reduzora externa
3. Redutora
4. Red. Interna/Oxidante externa
5. Núcleo Redutor

### **MORFOLOGIA - Contorno do Vaso**

1. Composto
2. Complexo
3. Simples

### **FORMA DO VASO**

1. Irrestrito/Aberto
2. Restritivo
3. Vertical

### **FORMA DA BORDA**

1. Direta
2. Extrovertida
3. Introvertida
4. Expandida
5. Contraída
6. Roletada interna
7. Roletada externa
8. Dobrada
9. Vazada

### **FORMA DO LÁBIO**

1. Apontado
2. Arredondado
3. Plano
4. Biselado

### **ACABAMENTO/DECORAÇÃO DO LÁBIO**

5. Acanalado
6. Cortado
7. Digitado
8. Engobo
9. Entalhado
10. Exciso
11. Inciso
12. Modelado
13. Pintado
14. Ponteadado
15. Recortado
16. Serrilhado
17. Ungulado
18. Digitangulado

### **FORMA DA BASE**

1. Plana
2. Côncava
3. Com Pedestal
4. Trípode/tetrápode
5. Convexa

### **ACABAMENTO DA SUPERFÍCIE - Tratamento da Superfície Interna e externa**

1. Alisamento
2. Enegrecimento/Brunidura
3. Resina
4. Polimento
5. Barbotina
6. Engobo
7. Pintura
8. Pintura pós-queima
9. Decoração plástica

### **COR DO ENGOBO**

1. Amarelo
2. Branco
3. Cinza
4. Preto
5. Vinho
6. Vermelho
7. Laranja

### Ficha de Análise - Presença e Ausência

**COR DA PINTURA**

1. Amarelo
2. Branco
3. Cinza
4. Preto
5. Vinho
6. Vermelho
7. Laranja

**DECORAÇÃO PLÁSTICA**

1. Acanalado
2. Aplique Modelado
3. Filete Aplicados
4. Corrugado
5. Digitado
6. Ungulado
7. Entalhado
8. Exciso
9. Escovado
10. Inciso
11. Ponteados
12. Roletes Aplicados
13. Impressão
14. Hachurado

**MOTIVO DA DECORAÇÃO**

1. Linhas finas
2. Faixas Grossas
3. Zonas
4. Paralelo
5. Geométrico
6. Gregas
7. Zig-Zag
8. Ondulado
9. Círculos concêntricos
10. Zoomorfo
11. Antropomorfo
12. Antropo-zoomorfo

**OUTRAS MARCAS - MARCAS DE PRODUÇÃO**

1. Fire Clouds
2. Entrançado
3. Folha
4. Estria de Alisamento

**MARCAS DE USO**

1. Fuligem
2. Reciclagem
3. Atrito Mecânico
4. Fermentação

**ESTADO DE CONSERVAÇÃO**

1. Erodido
2. Radículas
3. P. Engobo/Pintura
4. Superfície Craquelada
5. Superfície Friável
6. Agentes Biológicos
7. Presença de Sais
8. Pátina
9. Fuligem pós-deposição

de Transferência		Fonte						Alinhamento						Número					
B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U
Sítio	Coleção	Tipo	Camada	Esp (mm)	Diam. boca	Diam. Base	Borda	Base	Pared.	Carena	Alça	Apên./Ap. liq	Fuso	Flange Mesial	Flange labial	Vaso Inteiro	Gargalo	Trempe	Cachimbo
FORMAÇÕES DE PROVENIÊNCIA			MÉTRICAS				Natureza da peça												
Orla do Hospital	IPHAN	Coleta	99	13	25	99	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Orla do Hospital	IPHAN	Coleta	99	24	46	99	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Orla do Hospital	IPHAN	Coleta	99	13	28	99	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Orla do Hospital	IPHAN	Coleta	99	9	20	99	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Orla do Hospital	IPHAN	Coleta	99	12	99	99	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Orla do Hospital	IPHAN	Coleta	99	17	99	99	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0

Figura 43, 44, 45: Ficha utilizada durante o processo de análise dos materiais - Gabarito e planilha Excel.

### *Informações de proveniência*

As informações de proveniências são fundamentais para toda análise arqueológica, e é a partir dessas informações que teremos os dados contextuais que irão permitir a interpretação dos vestígios arqueológicos. Esse tópico é aplicado tanto às análises cerâmicas que visam o estabelecimento de tipologia, e também análises crono-espaciais e distribuições dentro de um local estudado.

Sendo assim, quando se propõe a analisar materiais arqueológicos de uma determinada tradição tecnológica, todas as informações possíveis devem ser registradas para que se tenha o máximo de controle dos artefatos, e assim poder fornecer informações que possibilitem dialogar com outras pesquisas. Nesse caso, os materiais analisados estão presentes em coleções domésticas, então foram incluídas informações a respeito do local de onde os materiais são achados (sítio), identificação da coleção ou portador dos materiais, o tipo de coleção (coleta de superfície, achado fortuito), e, somente quando possível, informações de camada dos materiais (estratigrafia).

### *Informações métricas*

Essas informações dizem respeito a todas medidas analisadas nos fragmentos, seriam aquelas que destacam o tamanho médio, mínimo e máximo dos objetos de um determinado conjunto, possibilitando fazer inferências interpretativas a respeito de possíveis funções no seu contexto. O registro em milímetro é feito sempre na parte mais espessa do fragmento, utilizando um paquímetro como ferramenta de auxílio nesse processo. O diâmetro foi registrado em centímetros (*cm*), e foi medido quando o fragmento apresenta dimensões para estimativa de curvatura do objeto, em sua grande maioria é medido a circunferência da boca ou da base da vasilha. Foi auxiliado por um medidor de diâmetro ábaco “moon-liner”, muito utilizado em ceramologia, contendo dois conjuntos de placas representando um segmento de diâmetro entre 04 e 30 centímetros, e outro entre 32 e 60 centímetros.

### *Natureza da peça (composição)*

Esses elementos são responsáveis por descrever as estruturas que compõe um vaso cerâmico, é o item que nos ajuda na filtragem dos fragmentos de acordo com a parte ou seção do vaso, quando se tratar de um objeto inteiro, essas informações se aplicarão em um só conjunto, e não individualmente como nos fragmentos. Podemos destacar a seguinte estrutura que compõe minimamente um objeto inteiro:

1 – Boca: podemos definir a abertura da vasilha, a borda e o lábio, onde suas formas podem variar entre oval, quadrada ou redonda.

2 – Bojo ou Parede: podemos definir que seria a parte de maior extensão do corpo de um objeto inteiro.

3 - Base: parte inferior de um objeto, que pode ser definida da seguinte forma – plana, côncava, com pedestal, trípole/tetrápode e convexa.

Como destacado no texto acima, os fragmentos também podem estar sendo classificados da seguinte maneira: carena, alça, apêndice/aplique, fuso, flange mesial, flange labial, gargalo, trempe e cachimbo, segue exemplo abaixo.

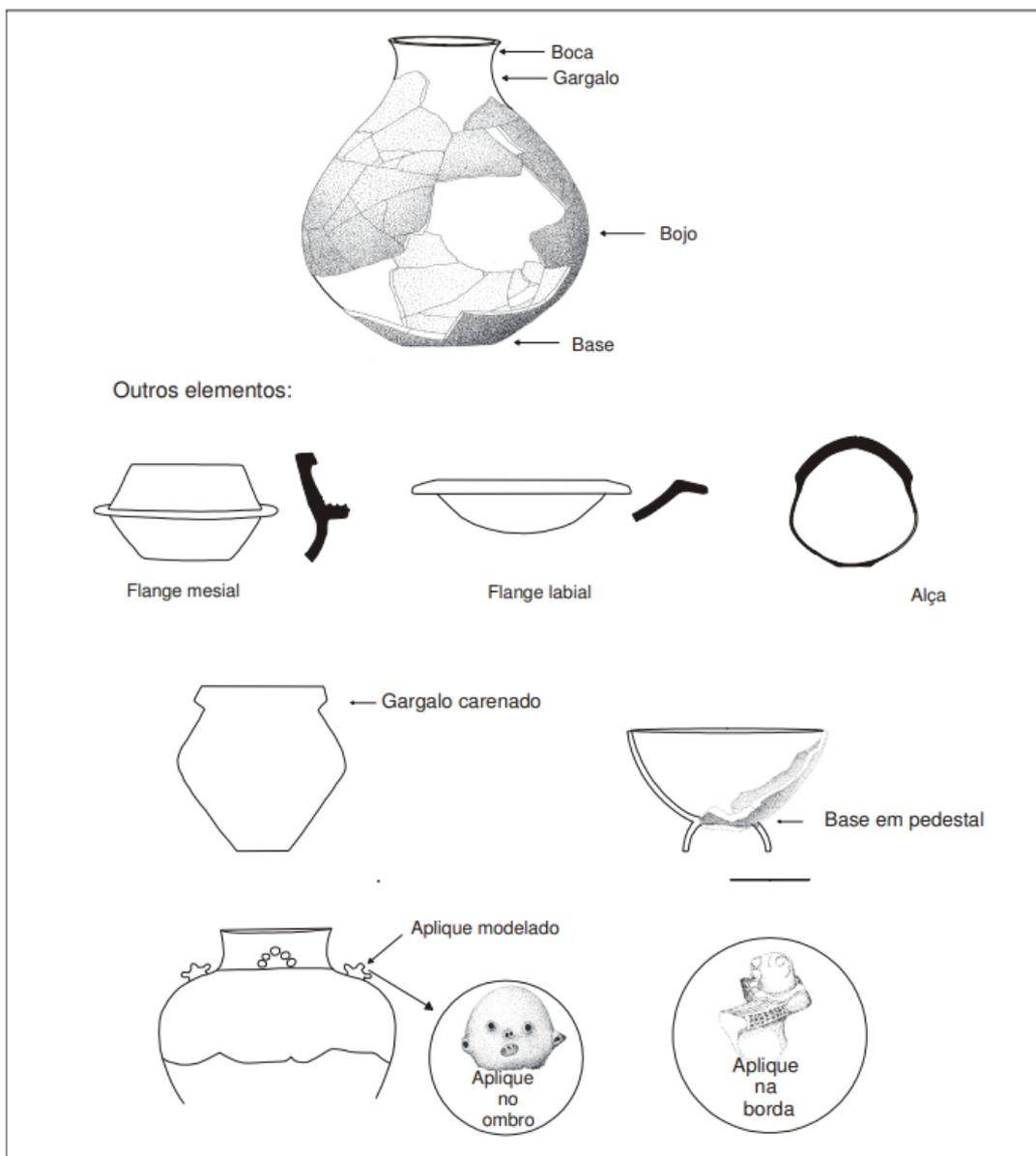


Figura 46: Natureza da peça: informações estruturais das partes constituintes do vasilhame (prancha: Helena Lima e Claide Moraes). LIMA, 2008. pp.179.

### *Pasta*

É a mistura responsável pela formação de um objeto, em outras palavras, seria a mistura da argila mais os elementos adicionados intencionalmente ou não, que ao serem modelados e expostos a altas temperaturas dão origem a cerâmica. Durante a análise dos fragmentos cerâmicos vários aspectos foram observados, como, argilas, os antiplásticos, a coloração da superfície, a queima e sua técnica de manufatura. Essas informações são importantíssimas para que possamos entender as possíveis escolhas envolvidas no processo de produção da cerâmica (BARRETO, LIMA, BETANCOURT: 2016; p.563).

### *Argila*

Essa é a principal matéria prima para a fabricação dos objetos cerâmicos, a argila pode ser encontrada próximo a rios, lagos, igarapés, muitas vezes formando barranco nas margens, é composta por partículas de sílica, alumínio, onde a sua característica física principal é a plasticidade ao ser misturada com água. As impurezas encontradas na argila normalmente são o quartzo, hematita e matéria orgânica (BARRETO, LIMA, BETANCOURT: 2016; p.554).

### *Superfície Interna/Externa*

O tratamento da superfície interna e externa é uma variável da ficha que nos auxilia a compreender aspectos visuais dos objetos como a cor da superfície, características da queima, decorações, possibilitando compreender até mesmo as escolhas sociais de um determinado grupo e utilidade de um determinado objeto.

### *Antiplásticos*

Os antiplásticos estão presentes de forma natural ou adicionados na pasta em estado plástico, são elementos minerais ou orgânicos, eles são capazes de alterar suas propriedades físicas antes da queima ou depois. Esses antiplásticos são responsáveis por impedir que a água da argila se evapore facilmente antes do processo de queima, são eles os grandes responsáveis por diminuir os riscos de rachadura durante esses processos, sua maior função também está relacionada a diminuição de plasticidade da argila facilitando seu manejo (RYE, 1981).

Os antiplásticos também alteram as características de performance do objeto após a queima, assim, os temperos orgânicos são aqueles que proporcionam maior leveza e resistência a cerâmica, enquanto os minerais aumentam a resistência em temperaturas elevadas (MACHADO, 2005; BARRETO, LIMA, BETANCOURT: 2016; p.553).

Esses aditivos são encontrados na grande maioria das cerâmicas amazônicas, e foram inseridos na ficha de análise, são: o cauixi (esponja de água doce), o caraipé (entrecasca de árvore), caco moído e minerais (principalmente quartzo e hematita), entre outros. Esses principais temperos podem ser observados durante o processo de análise com a lupa, onde aumentado até 50x, tem as seguintes características como mostra a imagem abaixo.

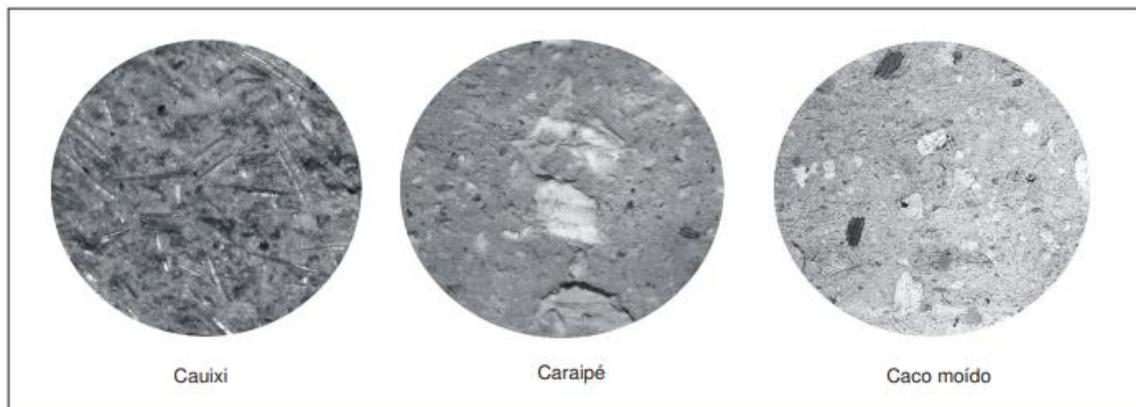


Figura 47: Aspecto dos temperos mais comumente encontrados na Amazônia, vistos através de uma lupa binocular com aumento de 50x (fotos: Claide Moraes). LIMA, 2008. pp.182.

### *Técnica de Manufatura*

São os processos responsáveis de dar forma a pasta no momento de fabricação do objeto, ou seja, a cerâmica no seu estado plástico, e podem ser destacados entre os mais comuns encontrados.

- 1- Roletagem: é o a técnica que destaca o processo de manuseio diretamente sobre a argila, que consiste na produção de roletes que são sobrepostos com a finalidade de dar forma a parede do objeto cerâmico.
- 2- Modelagem: manufatura da cerâmica à mão livre. É a técnica utilizada principalmente na confecção de apêndices que são fixados sobre as paredes e bordas das vasilhas e estatuetas.
- 3- Moldagem: consiste em prensar a argila, criando formas discoidais planas. É registrada também a presença de marcas de folha ou de esteira, que muitas vezes ficam impressas nas bases moldadas dos recipientes.
- 4- Placa: estas podem ser obtidas por pressão e alisamento de porções de argilas com rolos, placas de madeira ou com as mãos. Em algumas vasilhas a base pode ser composta por placas.

## Queima

É o procedimento onde o fogo terá ação sobre a cerâmica para a retirada da umidade e endurecê-la através da combustão e oxidação dos minerais e outros elementos contidos na pasta. Este processo consiste em três etapas: desidratação, que implica na perda de plasticidade da argila; oxidação, que é um processo químico que envolve o carbono e o ferro; e vitrificação. (Shepard, 1956, p. 75). Ao analisar os fragmentos e seu processo de queima, podemos obter variadas informações como a tipo e quantidade de combustível, duração e temperatura, explicando até mesmo os possíveis motivos de fraturas em suas paredes. Podemos destacar duas combinações de queima, a oxidante ou redutora, como podemos observados no exemplo abaixo.

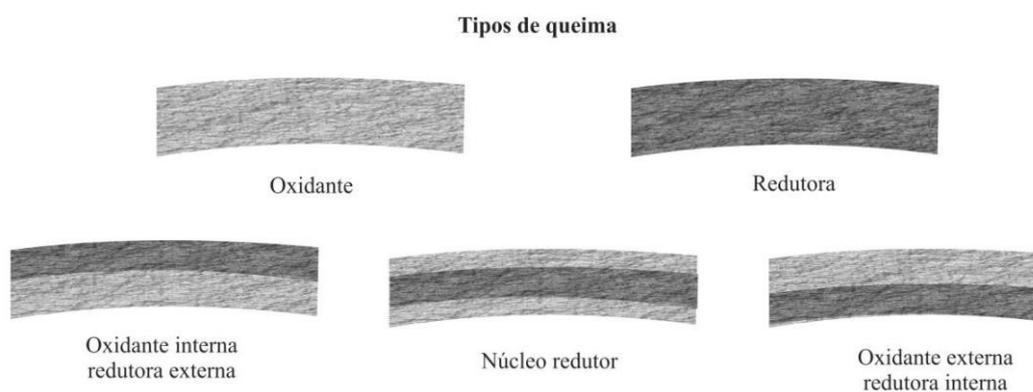


Figura 48: Tipos de queima. STAMPANONI, 2016, pp. 270.

## Tratamento da Superfície

São todas as ações cuja o objetivo é dar algum efeito a superfície da cerâmica, sendo eles funcionais ou para dar uma estética ao objeto. Esse tratamento pode ser feito com diversos instrumentos, como sementes ou coquinhos, pedaços de seixo ou fragmentos de cerâmica, com a finalidade de se chegar em aspectos desejados, para isso, podemos destacar a técnicas mais utilizadas, como:

- 1- Alisamento: procedimento que busca eliminar irregularidades da superfície da cerâmica, nivelando a superfície através dessa técnica.
- 2- Polimento: técnica auxiliar ao alisamento que busca deixar a superfície da cerâmica lustrosa, podendo deixar ou não estrias.
- 3- Resina: Substância Vegetal utilizada no acabamento de vasilhas para impermeabilizá-las, dar brilho a superfície e fixar pinturas, dando efeito envernizado.

- 4- Enegrecimento: assim como o polimento, essa técnica tem por objetivo de dar acabamento a superfície da cerâmica, com a finalidade de alterar sua aparência, deixando-a escurecida e lustrosa através da exposição de da vasilha a fumaça e da fixação de fuligem, muito utilizado pelas artesãs Tukano no Alto Rio Negro.

Também fazem parte desse sistema classificatório os tratamentos de superfície do tipo: barbotina (técnica que requer uma mistura de argila e água, facilitando assim a junção de roletes e fixação de apliques), engobo (técnica de acabamento ou decoração da superfície, que consiste na aplicação de uma fina camada de argila colorida), pintura (técnica que consiste em alterar a cor da superfície da cerâmica com pigmentos preparados a partir de elementos minerais ou vegetais) e decoração plástica (trata-se de acabamentos que permitem uma estética decorativa ou funcional a um objeto).

### *Morfologia do vasilhame*

A análise morfológica permite compreensões a respeito da classificação formal e as finalidades funcionais de um objeto, seja essa forma restritiva, irrestritiva ou vertical. Para isso, é necessário classificar os vasos de acordo com a sua estrutura (forma), que pode ser divididas entre contorno simples, composto ou complexo.

### *Forma do Vaso*

- 1- Restritiva: a forma restrita se dá a partir do diâmetro da boca que é menor ao diâmetro máximo do vaso, seja o bojo ou a base, que permite o armazenamento adequado, retendo o conteúdo.
- 2- Irrestritiva: a forma irrestritiva se dá a partir do diâmetro da boca que é igual ou maior do que o diâmetro máximo do vaso. São adequados para utilidades diárias que necessitam a utilização das mãos dentro do vaso ou para deposição e secagem do conteúdo.
- 3- Vertical: a forma vertical foi adicionada segundo observações de vasilhames que seguem o mesmo diâmetro em sua conjuntura entre boca, bojo e base, onde suas utilidades podem ser diversas no cotidiano.

### Contorno do Vaso

Assim como mencionado acima, um vaso pode ser classificado da seguinte maneira, contorno simples, composto ou complexo

- 1- Simples: não apresenta nenhum ângulo em sua silhueta.
- 2- Composto: pode ser notado seções unidas por um ângulo formando curva suave, formando um ponto projetado.
- 3- Complexo: apresentam dois ou mais ângulos em seu contorno, interligando diferentes junções do vaso.

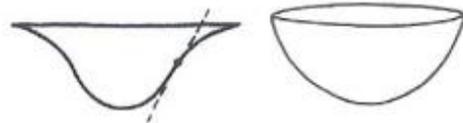
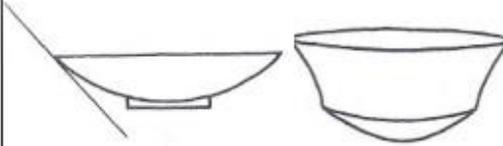
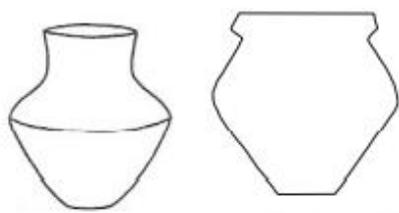
	Formas Restritivas	Formas Irestritivas
Contorno Simples		
Contorno Composto		
Contorno Complexo		

Figura 49: Análise estrutural da morfologia do vasilhame. Relação entre forma e contorno (adaptado de Shepard ,1956)  
LIMA, 2008.

### Forma da Base

A base é responsável pela sustentação da vasilha, e podem ser classificadas como: plana, convexa, côncava, com pedestal ou tripode.

### *Classificando a decoração do vasilhame*

O objetivo de classificar os fragmentos de acordo com suas características decorativas possibilita dialogar com os mais diferentes trabalhos e discussões a respeito da dispersão tecnológica de uma determinada tradição ceramista e suas possíveis interligações com outras áreas onde se encontram semelhança entre as cerâmicas analisadas. Essas técnicas decorativas podem ser classificadas como plásticas e pintadas, de tal maneira que podem ter sido feitas antes ou depois da queima (LIMA, 2008).

### *Decorações e suas características*

A análise das técnicas decorativas utilizadas e o local onde são aplicadas, podem revelar muito sobre cada objeto e sua função em meio a uma sociedade, essas escolhas estão ligadas a culturas sociais dos povos indígenas, nessa área da ficha buscamos o motivo da decoração vinculado ao local decorado, observando da seguinte maneira:

- 1- Decoração Pintada Interna
- 2- Decoração Pintada Externa
- 3- Decoração Plástica Interna
- 4- Decoração Plástica Externa
- 5- Engobo Interno
- 6- Engobo Externo

### *Cor da Pintura*

As pinturas nas cerâmicas apresentam maior variação cromática do que o engobo, sua tonalidade é obtida a partir de procedimentos semelhantes aos adotados para obtenção dos pigmentos do engobo, a diferença está na sua utilidade, que diferente do engobo, a pintura em sua grande maioria é utilizada para a formação de motivos nas cerâmicas, e são destacadas na ficha de análise as seguintes cores: amarelo, branco, cinza, preto, vinho, vermelho e laranja.

### *Tipos de Pintura*

A pintura em um objeto pode ser aplicada diretamente em seu corpo ou por cima de uma camada de engobo antes ou após a queima. A ficha de análise também contempla os motivos dessas pinturas, sejam elas: linhas finas, faixa grossa, zonas, paralelo, geométricos, gregas, zig-zag, ondulados concêntricos, zoomorfos, antropo-zoomorfo.

## *Decoração Plástica*

São levadas em consideração todas as ações que expressam um motivo decorativo intencional observado na superfície da cerâmica, assim como os motivos:

**Acanalado:** é a decoração aplicada a superfície da cerâmica, onde se retira uma faixa da superfície do vaso, formando sulcos alongados, ou canais.

**Incisão:** esse tipo de decoração consiste na retirada de sulcos por diversos instrumentos com as mais variadas formas e dimensões no momento em que a parede da cerâmica ainda está úmida ou após a queima, o resulta fica nítido entre os dois processos.

**Appliques/apêndice modelados:** elemento plástico de grande apelo estético, adicionado ao contorno da vasilha, nesta categoria todas as adições de massas de argila moldadas na superfície dos objetos foram consideradas, sendo elas ocas, vazadas ou maciças.

**Ponteados:** são feitos a partir de objetos pontiagudos, deixando marcas diversificadas na superfície da cerâmica, variando de formas e tamanhos.

**Digitado:** é a técnica que consiste em produzir marcas com as pontas dos dedos, no momento em que a argila ainda está úmida, criando padrões decorativos na cerâmica.

**Ungulado:** é o processo onde se utiliza as unhas para conseguir um padrão de decoração sobre a superfície da cerâmica ainda úmida, muito semelhante ao digitado, só que ao invés de somente a ponta dos dedos, se utiliza as unhas.

**Excisões:** decoração plástica que se utiliza a retirada da própria argila do objeto ainda úmido, com a finalidade de produzir efeitos de baixo relevo, destacando os motivos gráficos.

**Corrugado:** essa é uma técnica de acabamento onde se coloca uma força perpendicular aos roletes (geralmente com o polegar) repetindo sucessivamente até formar o efeito de ondas. Esse tratamento é utilizado na área externa dos objetos, e pode cobrir totalmente ou grande parte da superfície.

**Filete aplicado:** consiste na fixação de filetes na superfície dos objetos ainda úmidos, com a finalidade de decorações variadas.

**Entalhado:** acabamento que em sua grande maioria é aplicado no lábio de um objeto cerâmico, essa decoração é feita a partir de um instrumento que proporciona cortes paralelos enquanto a peça ainda se encontra úmida.

**Escovado:** consiste na aplicação de um instrumento de pontas variadas ou objetos que possibilitem sulcos em paralelo e com proximidade entre si, sejam eles suaves ou agudos no momento em que o objeto se encontra úmido.

**Roletes aplicados:** assim como os filetes, essa técnica consiste na adição de roletes na superfície dos objetos, servindo como acabamento decorativo ou funcional da peça, quando um objeto se fragmenta na área onde há esse aplique, é possível notar que o mesmo foi inserido posteriormente.

**Impressão:** a técnica consiste em imprimir marcas a partir de instrumentos na superfície dos fragmentos ainda úmidos, essa impressão varia de acordo com o instrumento utilizado, exemplos: cordas, carimbos e objetos moldados para essa função, entre outros.

**Hachurado:** a técnica de decoração hachurado é destacada por suas linhas em paralelo, transversais ou oblíquas, com a finalidade de preencher determinadas áreas formando assim motivos geométricos. Dependendo da combinação dessa decoração, a mesma pode ser classificada da seguinte forma: hachurado-zonado, hachurado composto, hachurado cruzado, etc.

### *Engobo*

O engobo é uma fina camada de argila aplicada quando a cerâmica ainda está úmida, como o objetivo de impermeabilizar ou decorar a superfície da cerâmica, servindo assim como base para a aplicação de pinturas ou diminuir a porosidade da parede, comparada a uma película de acabamento. Em sua grande maioria as cores que se destacam no contexto amazônico, são as cores, vermelho, laranja, vinho, preto e amarelo. Dessa forma a ficha de análise buscou atender essa diversidade de tonalidade que é o engobo (BARRETO, LIMA, BETANCOURT: 2016; p.559).

## **4.2 As Cerâmicas do Sítio Orla de Parintins**

### **4.2.1 Análise de coleções de coletas de superfície**

O processo de fazer cerâmica é composto por diferentes cadeias operatórias que permeiam discussões a respeito do conhecimento sociocultural das populações indígenas antigas. Ao selecionar e coletar as matérias primas, como argila, temperos e combustível, nos deparamos com a primeira etapa para a manufatura de vasilhas cerâmicas, tal conhecimento avançado está definitivamente escrito em meio aos aditivos que fazem parte da pasta de um objeto arqueológico.

Esses temperos presentes na pasta dos objetos arqueológicos podem ser resultado de adição ou não, pelo simples fato de que em determinados lugares, essa argila pode apresentar aditivos naturalmente. Esses materiais agem na secagem e aquecimento, diminuindo os efeitos da retração da argila e evitando rachaduras (RICE, 1987). Esses aditivos também são responsáveis pela resistência mecânica durante a utilidade desses objetos, sejam em temperaturas altas ou para conservar alimentos, influenciando no isolamento térmico, porosidade, peso, entre outras características, onde essas escolhas adicionais podem, e geralmente são consideradas durante o processo de fabricação, esse saber resulta de experimentações individuais e coletivas em relação a performance das matérias e instrumentos e sua transmissão ao longo de gerações (SCHIFFER; SKIBO, 1987, 1997)

As cerâmicas Pocó e Konduri apresentam temperos orgânicos e inorgânicos, que podem ser observados no momento da análise, podemos destacá-los da seguinte maneira, os elementos orgânicos são o cauixi (espículas silicosas de esponja), caraipé (casca de árvore silicosa carbonizada) e carvão. Já os materiais inorgânicos presentes nessas pastas são o quartzo, óxido de ferro, mica, feldspato, bolotas de argila (clay pellets) e chamote ou, caco moído, mas Guapindaia 2018 chama a atenção para a presença de um outro aditivo, além desses citados acima, destacados em suas análises, que seriam a presença de conchas trituradas e adicionadas a pasta dos objetos cerâmicos.

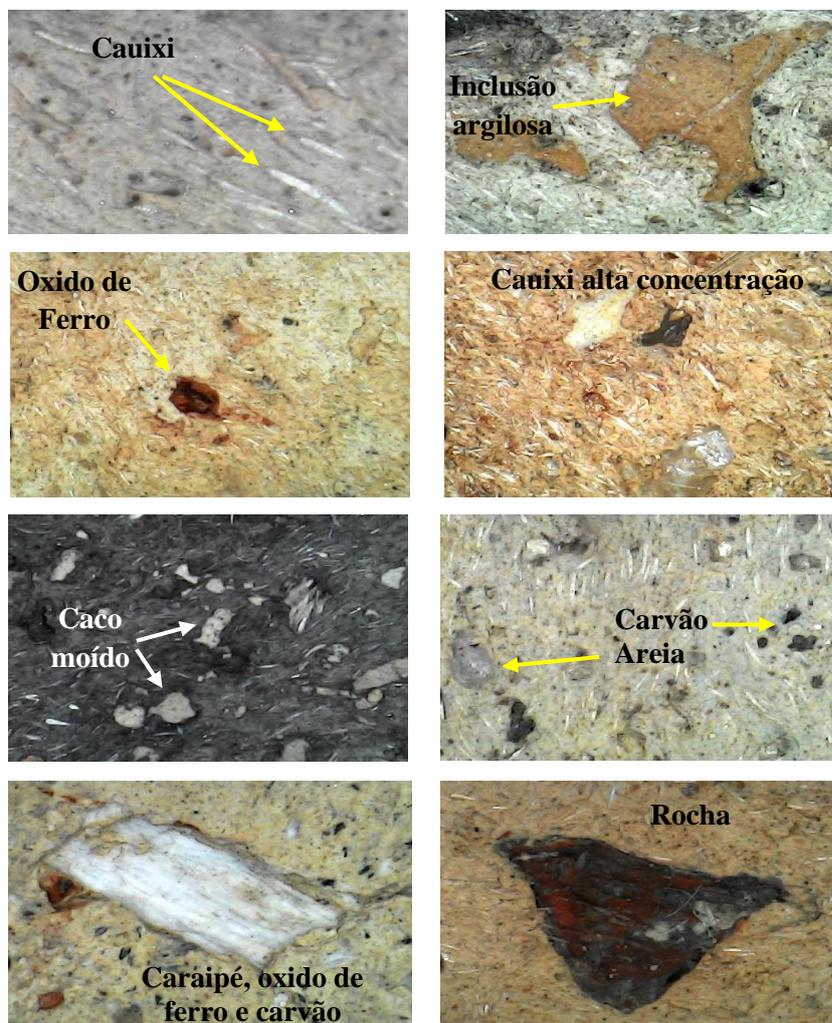
Perceber a presença desses aditivos na pasta dos objetos, nos permite fazer inferências a respeito do processo de produção, correlacionar os materiais e até mesmo classificá-los por fase. Um exemplo bem claro são os materiais Konduri que apresentam o caraipé em sua pasta, hoje sabemos que para chegar em seu estado atual, é preciso fazer a queima de casca de árvore e depois pilar para conseguir adicioná-lo a pasta, sendo assim, esse resultado está relacionado a ações humanas intencionais.

Nas amostras analisadas do sítio Orla de Parintins, provenientes de coletas de superfície, o cauixi é o antiplástico predominante, sendo identificado em 178 fragmentos, como mostra o *gráfico 01*, também é bastante presente o óxido de ferro em 169 fragmentos, seguido de 151 fragmento com caco moído, 54 com rocha triturada, 15 com areia, 13 com argila, 11 com carvão e 06 com caraipé. Muitos desses antiplásticos presentes na pasta ocorrem em combinação, um exemplo é a presença de cauixi, caco moído, óxido de ferro<sup>16</sup> em mais da metade das amostras analisadas, mostrando quase que um padrão de combinação para o modo

---

<sup>16</sup> Em meio a investigações e coletas de argila nas proximidades da orla do município e áreas adjacentes, é possível notar a presença de óxido de ferro em meio ao solo argiloso, destacando assim a presença natural desse elemento.

de produção desses objetos cerâmicos nessa localidade do sítio Orla de Parintins, ou fontes de matérias prima com as mesmas características disponíveis.



Figuras 50 a 57: Imagens de lupa dos materiais identificados em análise dos atributos.

A presença desses elementos, assim como a sua concentração e o tamanho, tem efeitos no uso e na produção, a proporção de antiplástico está relacionada a taxa de retração da argila (SHEPARD, 1956). A construção de um pote a partir de uma argila mais plástica, exige a adição maior de antiplástico para melhor desempenho e êxito na construção de um objeto. Acima, se vê alguns dos aditivos citados que foram identificados no momento das análises, demonstrando combinações entre os temperos e aqueles que apresentaram maior proporção como o cauixi, para essa análise foi utilizado um microscópio digital (HZ 1600X), que permitiu o registro dessas presenças, auxiliando também na revisão das informações.

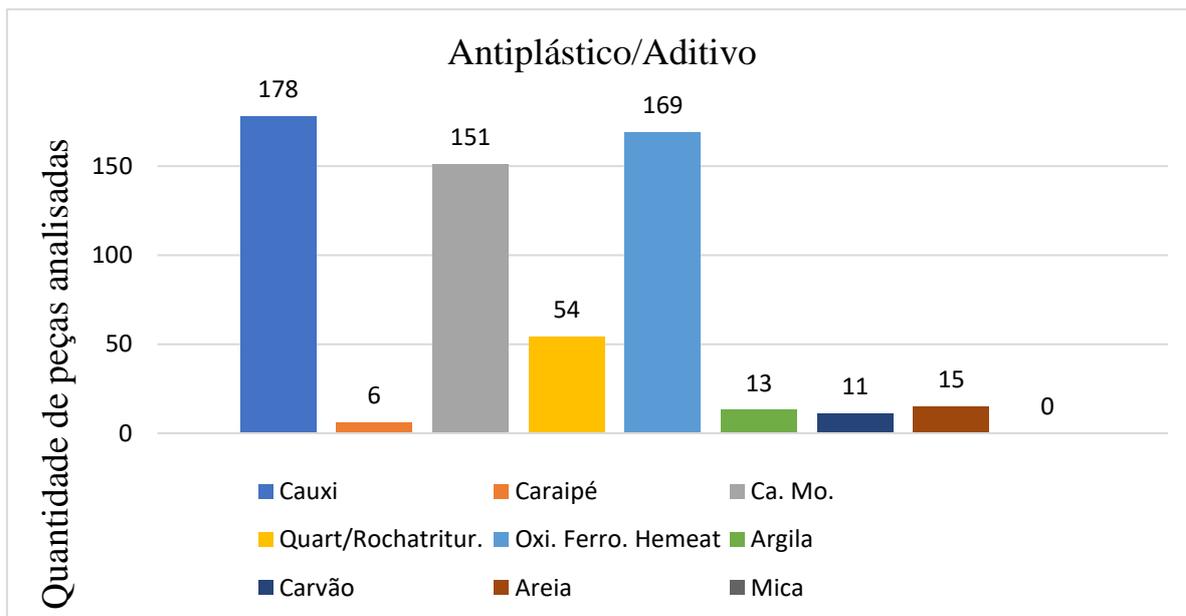


Gráfico 01 – Frequência de antiplástico dos 190 fragmentos analisadas neste estudo.

O procedimento de observação da queima desses materiais foi auxiliado por uma tabela demonstrativa das características e técnicas de queima utilizados nos objetos cerâmicos, destacando assim o perfil tecnológico presente nesse conjunto. O que pôde ser percebido com essas observações, é que há uma distribuição de estilos e técnicas de queima para os objetos cerâmicos encontrados no sítio Orla de Parintins, não foi decidido um padrão comum de queima entre as amostras, por apresentar sempre variedades entre os fragmentos analisados.

A seguir, o *gráfico 02* vem destacando a natureza da peça, com o objetivo de mostrar uma visão geral do conjunto analisado, permitindo compreensão dos objetos e suas respectivas informações a respeito de suas decorações plásticas, o conjunto é formado por um número maior de paredes, seguidos de bordas, apliques, bases, alças e flange labial, essas observações ficarão mais evidentes posteriormente na apresentação das coleções.

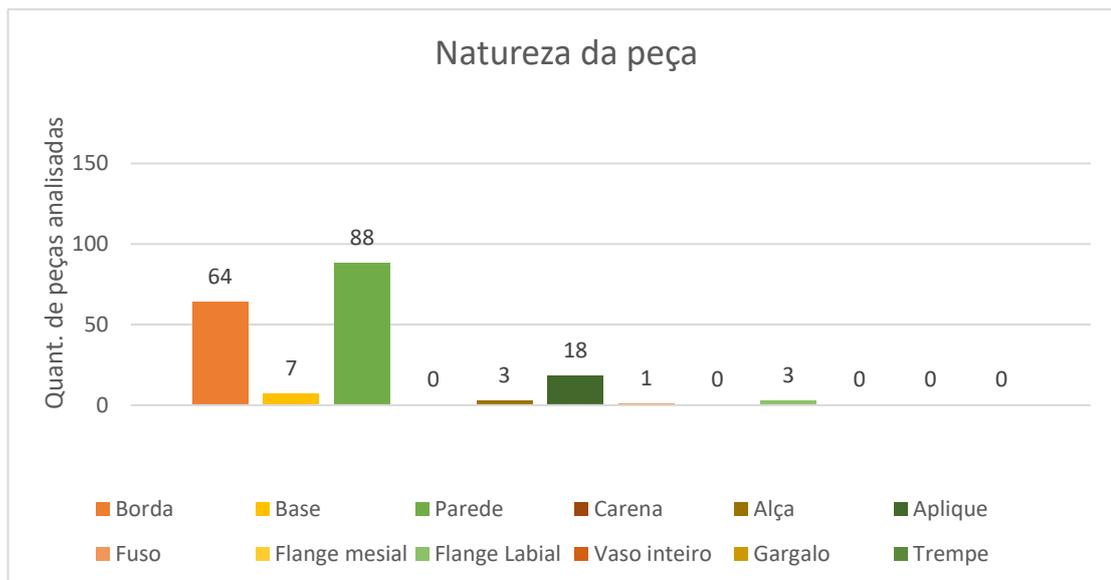


Gráfico 02 - conjunto de peças analisadas do sítio orla de Parintins – natureza da peça.

A cor da superfície de uma cerâmica pode estar ligada a diversos fatores, devido a presença de diferentes temperos em sua pasta, exemplo seria a presença de oxido de ferro e materiais orgânicos e os processos de queima desse objeto que envolve tempo, temperatura e atmosfera de queima (RICE, 1987). A cor predominante das amostras é alaranjada, como também outras com uma coloração esbranquiçada próxima ao bege, outras cores como cinza, preto, marrom e um rosa claro (identificado como cor salmão no conjunto “diversos”), aparecem em uma proporção muito baixa. A coloração alaranjada exibe uma maior variação, estando em 86 fragmentos dessa coleção, talvez, experimentos futuros com as argilas locais poderão explicar a predominância de determinadas cores destacadas no *gráfico 03*.

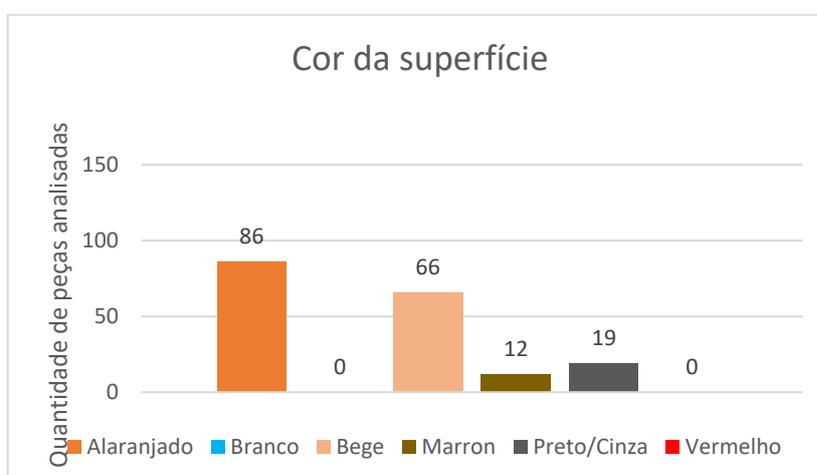


Gráfico 03 – Informações a respeito da coloração dos objetos cerâmicos

Os próximos dois *gráficos 04 e 05*, apresentam os processos de tratamento da superfície interna e externa desses materiais, em sua grande maioria, o que pode ser notado é a presença de alisamento em mais da metade dos objetos, mas é importante lembrar que muitos desses materiais são provenientes de coletas de superfície, onde sofreram ações naturais que podem ter levado a um desgaste desses objetos, dificultando a identificação de outros tratamentos. Poucos são os fragmentos que apresentam polimento, por outro lado, há um quantitativo bem expressivo de decorações plásticas e presença de engobo de acordo com a superfície analisada (externa ou interna).

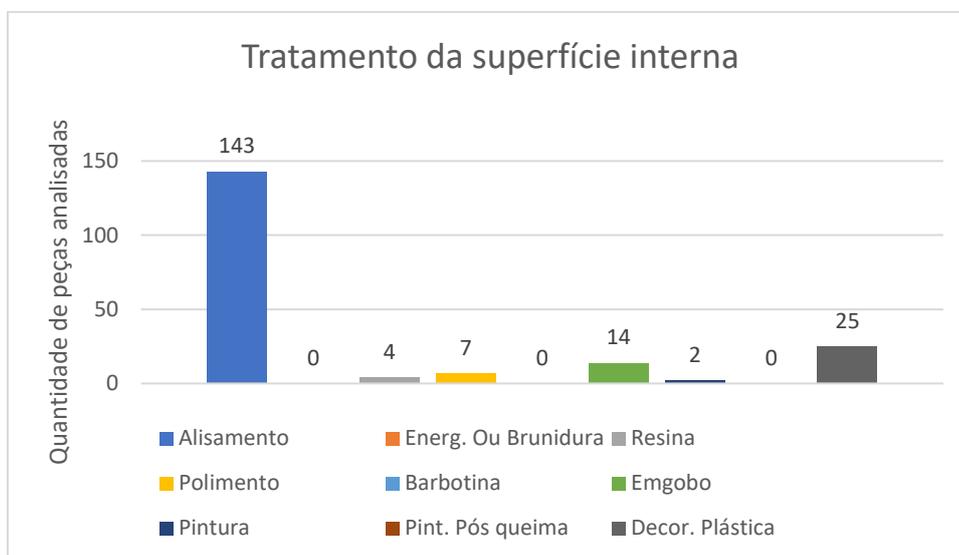


Gráfico 04 - Tratamento da superfície interna

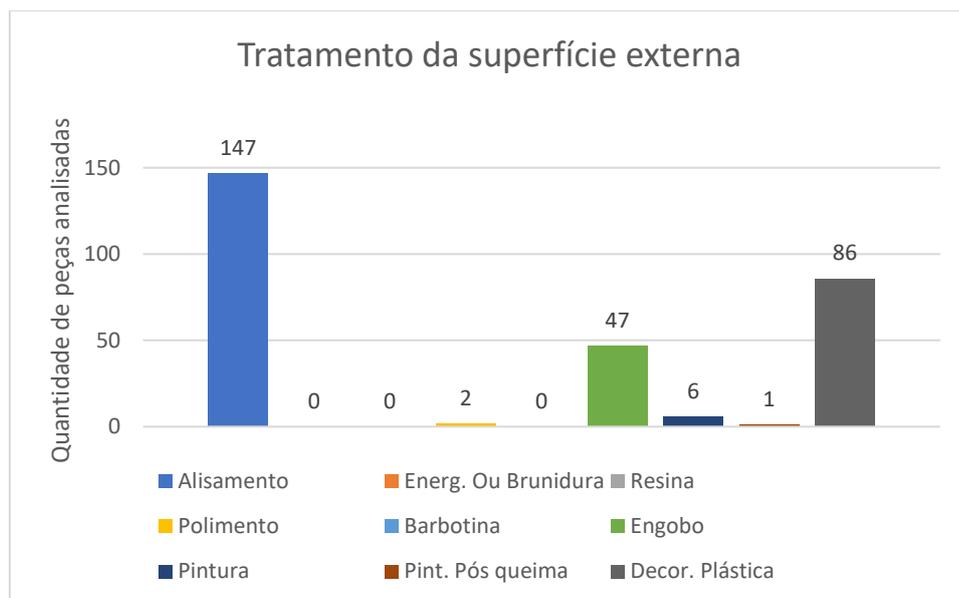


Gráfico 05 - Tratamento da superfície externa

A decoração plástica de presença considerável nas análises foi as incisões, variando entre linhas finas, faixas grossas, com formatos geométricos, círculos concêntricos ou paralelos, também foi possível identificar decorações escovadas, digitadas, unguladas, ponteados, apliques modelados, filetes aplicados e roletes aplicados. Ao observar essas decorações, pude fazer associações dos materiais já estudados, que apresentam semelhanças com as características identificadas nessa coleção, entre as fases Pocó e Konduri, e assim, formar conjuntos que se aproximassem por suas particularidades visuais.

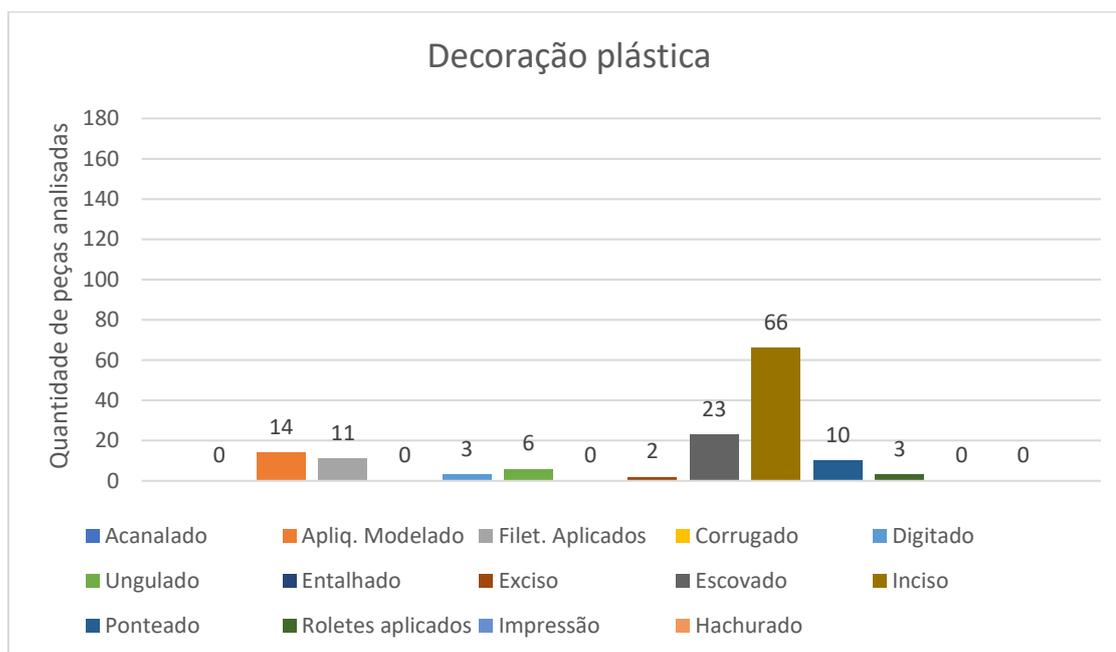


Gráfico 06 – decorações plásticas presentes nas cerâmicas analisadas do sítio Orla de Parintins, provenientes de coletas da superfície.

#### 4.2.2 Análise dos materiais provenientes de achados fortuitos

Assim como anteriormente para a coleção formada de coleta de superfície, foi realizada a construção de gráficos demonstrando a visão geral das análises realizadas para essa coleção proveniente de achados fortuitos no município de Parintins. Mas diferente da apresentação da coleção anterior, pretendo destacar individualmente cada peça analisada dessa coleção.

Os gráficos apresentados a seguir vem destacando aspectos das cerâmicas analisadas durante esse trabalho, são aqueles que nos permitem ter uma visão geral do perfil dessa coleção. Como mencionado anteriormente, foram observados 155 caracteres individuais que são divididos por categoria de análise que permitem obter informações de proveniência, métrica, natureza da peça, antiplástico/aditivo, técnica de manufatura, cor da superfície, queima, morfologia, forma do vaso, forma da borda, forma do lábio, acabamento/decoração do lábio,

forma da base, tratamento da superfície interna, tratamento da superfície externa, cor do engobo, cor da pintura, decoração plástica, motivo da decoração, marcas de produção, marcas de uso e estado de conservação.

A partir dessas observações e construção do gráfico, conseguimos trazer uma amostragem do quantitativo de peças analisadas de acordo com a sua categoria entre, bordas, base, paredes, carena e apliques. Vale ressaltar que esse gráfico apresenta o quantitativo geral de fragmentos da coleção, uma vez que há divisão em dois momentos de achados fortuitos nessa residência.

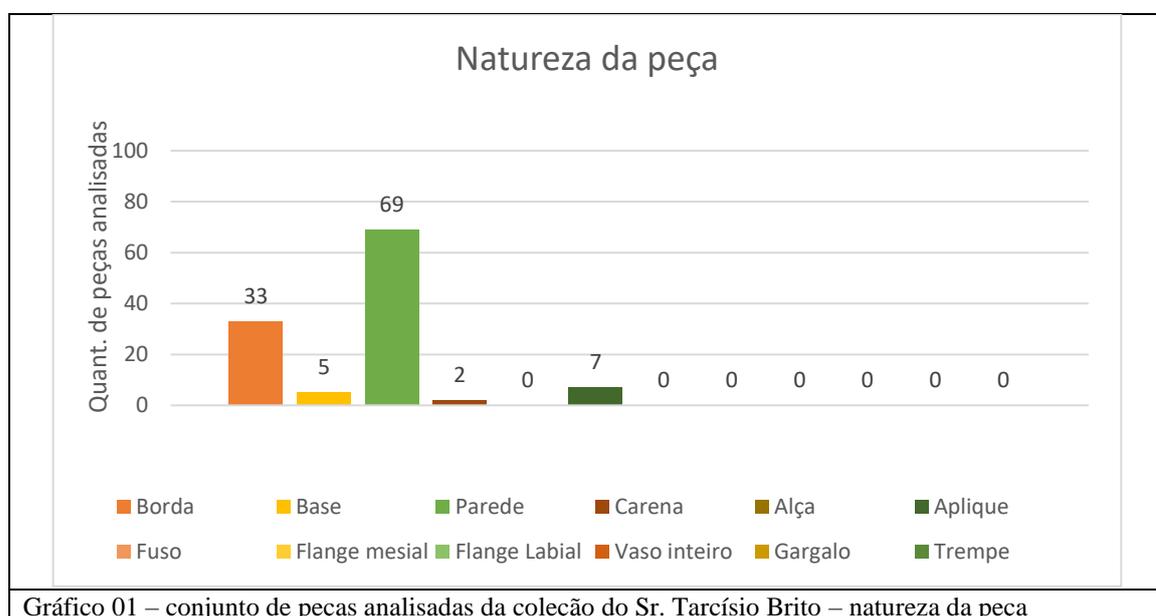


Gráfico 01 – conjunto de peças analisadas da coleção do Sr. Tarcísio Brito – natureza da peça

Esses materiais analisados, mostraram um padrão bem similar com relação a seus temperos, podendo ser destacados na seguinte sequência, o cauixi como antiplástico presente em 110 fragmentos, sendo aquele com maior proporção, também é presente o caco moído em 105 fragmentos e bem próximo também o oxido de ferro presente em 102 fragmentos, logo em seguida vem aqueles que apresentaram quartzo ou rocha triturada, areia, argila e caraipé, vale ressaltar que os cinco aditivos citados no final, são aqueles que sua presença foram mínimas, tanto na amostragem da pasta, quanto em número de peças.

O que pode ser notado também nessa análise é o padrão de temperos utilizados na fabricação desses objetos, um exemplo é a presença de cauixi, caco moído, oxido de ferro e rocha triturada em mais da metade das amostras analisadas, destacando assim, combinações de temperos para o modo de produção desses objetos cerâmicos, o gráfico 02 abaixo vem mostrando essa conjuntura destacada na escrita.

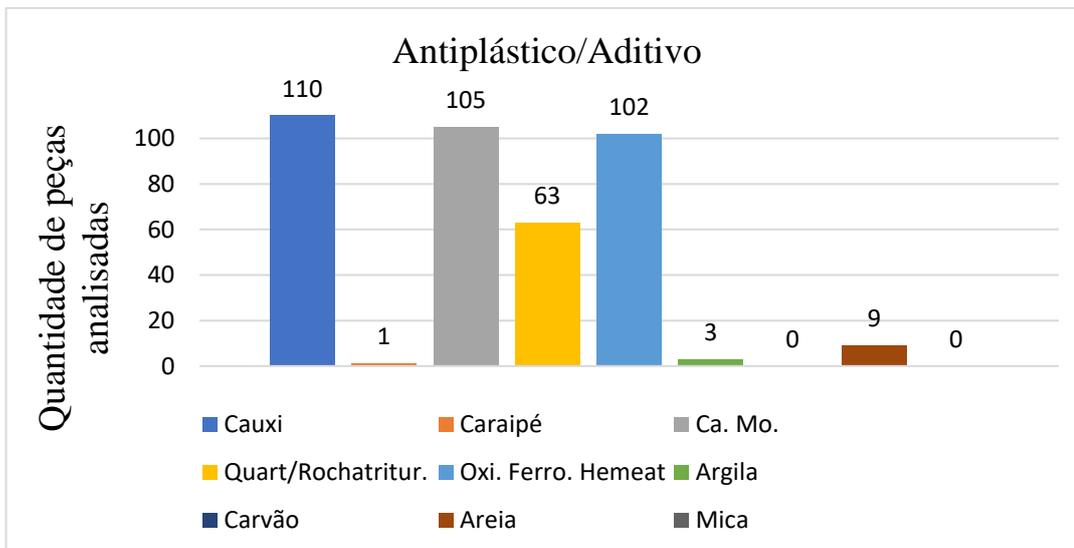


Gráfico 02 - Frequência de antiplástico nas peças analisadas neste estudo

O gráfico 03 a seguir, apresenta o padrão de queima identificado durante as análises, foram 66 fragmentos de cor laranja, 22 de cor bege, 20 de cor marrom e 03 de cor preto/cinza, demonstrando o padrão de queima utilizado no processo de fabricação desses objetos. Essa coloração pode estar ligada ao processo de queima, mas também a diferentes fatores que causam modificações nessa coloração, como as próprias inclusões de temperos ou a forte presença de oxido de ferro nesses materiais.

Interessante notar que, diferente das coletas de superfície, as coleções de achado fortuito apresentam maior colocação alaranjada em detrimento do bege, e maior frequência de caraipé.

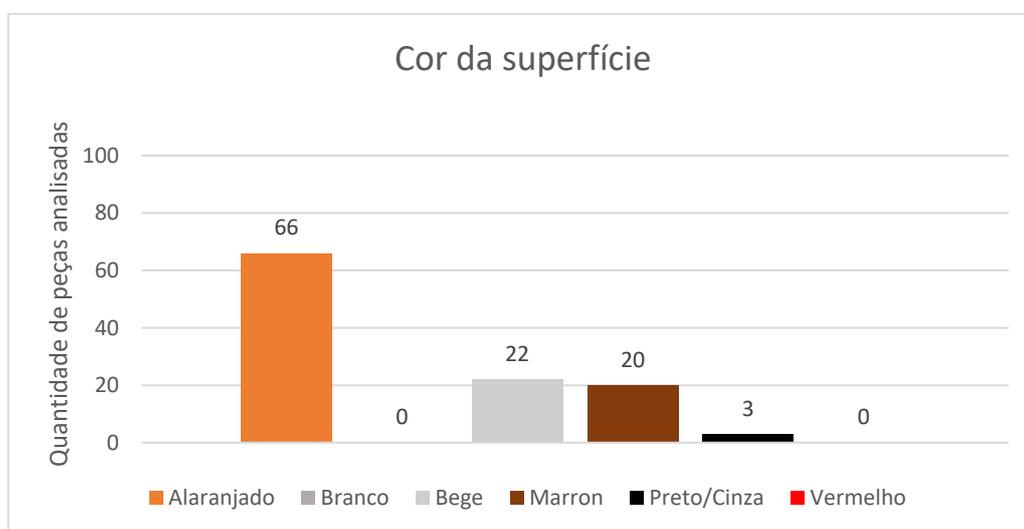


Gráfico 03 - Informações a respeito da coloração dos objetos cerâmicos

Os gráficos 04, 05, destacam os procedimentos utilizados para o tratamento da superfície interna e externa dos objetos cerâmicos, assim como nos demais, a presença de alisamento é a maior presente em quase todos os fragmentos analisados, na sua grande maioria estão combinados com a presença de engobo ou pintura, onde em muitos casos a parte externa apresenta o tratamento com alguma coloração e a parte interna apresenta alisamento, em alguns casos foram identificados claramente a presença de polimento na parte interna.

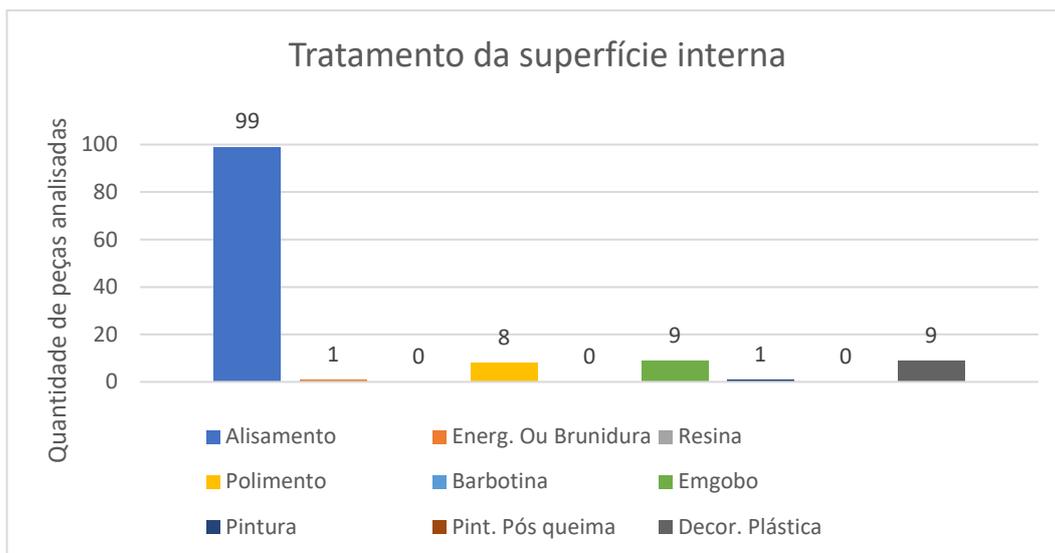


Gráfico 04 - Tratamento da superfície interna

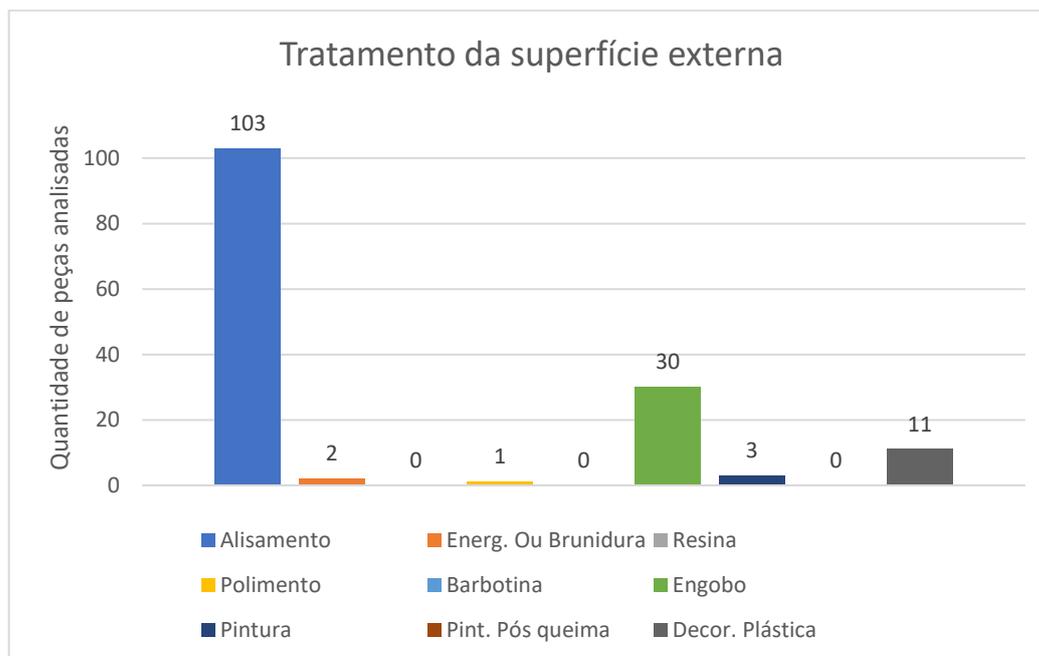


Gráfico 05 - Tratamento da superfície externa

Assim como anteriormente apresentado, a decoração plástica que se destaca nessa coleção são aquelas por incisão, variando entre linhas finas, faixas grossas, com formatos geométricos, círculos ou paralelos, também foi possível identificar decorações escovadas, digitadas, excisão e apliques modelados.

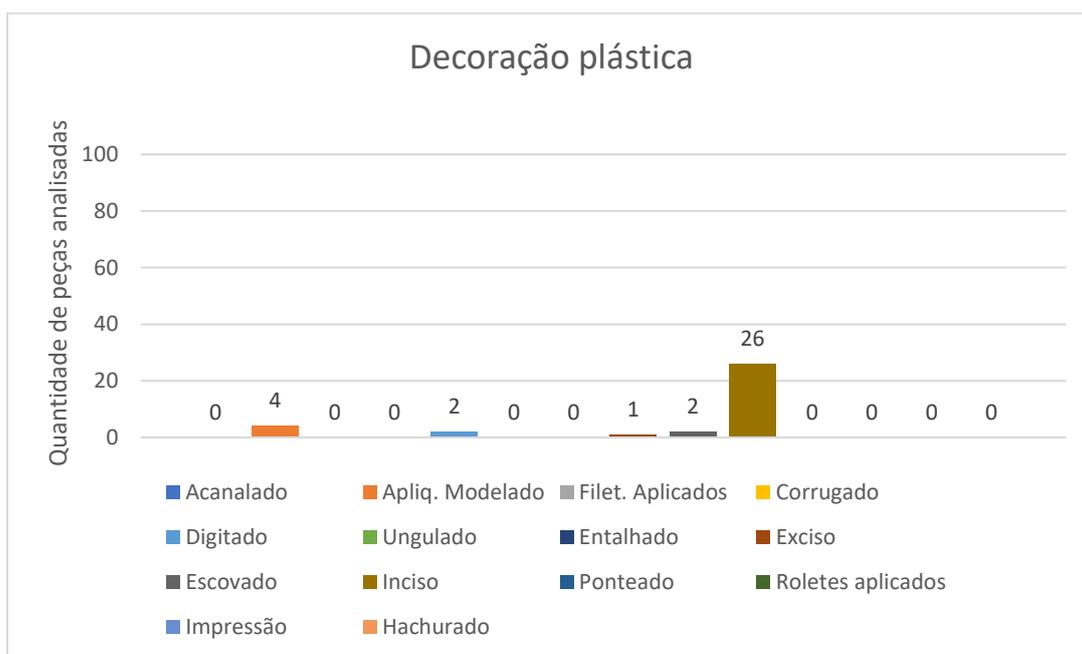


Gráfico 06 – decorações plásticas presentes nas cerâmicas analisadas da coleção Sr. Tarcísio – Orla de Parintins, provenientes de achados fortuitos.

#### 4.2.3 Semelhanças e diferenças dos objetos através da análise de clusters.

Devido à grande quantidade de fragmentos e de atributos observados em cada um, algumas variações se tornam difíceis de diferenciação, somente por observação ou comparação individual, dessa forma, a metodologia de clusters ajuda para melhor compreensão dessa variabilidade presente nos conjuntos cerâmicos estudados.

O método de análise de cluster, ou análise de agrupamento, é um procedimento estatístico multivariado que serve para identificar grupos homogêneos nos dados, permitindo assim, classificar objetos com base na observação das semelhanças e das dissemelhanças, através de informações sobre um conjunto de indivíduos e sobre as informações de variáveis utilizadas para identificar particularidades. Essa análise agrupa os indivíduos de acordo com as informações fornecidas, possibilitando que os indivíduos de um grupo sejam tão semelhantes entre eles e tão diferentes dos outros grupos restantes (PESTANA, M. H. & GAGEIRO, J. N; 2005). Dessa maneira, o método de agrupamento das variáveis pode ser hierárquico ou não

hierárquico, pois a formação de clusters com base nos métodos hierárquicos é feita com base no agrupamento nos pares de casos mais próximos de acordo com a medida de distância escolhida. O algoritmo continua passo a passo, juntando pares de casos, pares de clusters, ou um objeto com um cluster, até que todos os dados estejam num só cluster.

A formação de grupos pode ter implicações teóricas e práticas importantes, como no caso da arqueologia, pois permite compreender os materiais e suas respectivas variedades de acordo com as informações analisadas, possibilitando inferências com relação ao seu modo de produção, tratamentos e classificação de um material arqueológico. Mas, precisamos deixar bem claro que as escolhas das variáveis selecionadas darão direcionamento para uma resposta e agrupamentos, para isso devemos estar atentos a quais interrogações serão feitas ao material e quais os elementos fundamentais que trarão respostas mais significativas para o trabalho.

Para essa análise de clusters foram realizados os seguintes procedimentos que auxiliaram a filtragem dos dados para a construção do dendrograma apresentado acima e demais resultados, na seguinte ordem: 1) A seleção dos casos a serem agrupados; 2) A definição de um conjunto de variáveis a partir das quais foram obtidas as informações necessárias ao agrupamento dos casos; 3) A seleção de uma medida de semelhança ou de distância entre cada par de casos; 4) A escolha de um critério de agregação ou de um critério de desagregação dos casos; 5) A validação dos resultados encontrados (AAKER et al., 2001). Após essa filtragem dos dados, foram obtidos 255 fragmentos com 67 variáveis descritoras a serem investigadas e agrupadas de acordo com suas informações.

Seguimos a hipótese de que esses materiais não seriam homogêneos, apresentando assim variabilidade artefactual. Essa observação aparece no dendrograma, que aponta para a formação grupos e subgrupos, ou casos quase que isolados, como podemos observar na imagem abaixo. Aparentemente há uma divisão maior, inicial, que pode ser a diferenciação entre Pocó e Konduri, além de outros grupos mais isolados (Diversos). Contudo, apenas a análise estatística não permite afirmar com certeza, pois seria necessário retornar às amostras para validar os grupos formados. Esta validação não ocorreu ainda, mas nossa expectativa é que ela dialogue com os grupos formados na análise qualitativa, que apresentaremos no tópico a seguir.



### 4.3. Detalhamento das cerâmicas e criação de conjuntos qualitativos

#### 4.3.1 Coleção Orla de Parintins – coletas de superfície

Esta coleção é resultante de coletas de superfície da orla do município de Parintins, foram coletados materiais em diversos pontos da orla desde o ano de 2018 até o ano de 2020. Aqui apresento duas coleções, analisadas em conjunto.

A coleção é formada por 183 objetos. Estes fragmentos foram descritos por conjuntos, sendo tais conjuntos formados por aproximação de pasta/superfície e forma. Dessa forma, para melhor a compreensão dos conjuntos e destacar suas aproximações, foram feitas separações iniciais por coloração/pasta, formando assim três conjuntos: conjunto A – Bege; conjunto B – Laranja; conjunto C – Acinzentado; conjunto D – Marrom, e um último conjunto destacado como "diversos", que seguem abaixo, destaco que os conjuntos recebem uma numeração referente a quantidade de fragmentos que formam determinado grupo.

É importante esclarecer que alguns conjuntos são mais consistentes do que outros. Ainda, por se tratar de situações em que os materiais aflorados ficam por um longo tempo submersos, ocasionando perda de algumas características que definem a sua aproximação ou identificação. Em contrapartida, busquei fazer interpretações e assim destacar os objetos em seus respectivos conjuntos, conforme descritos abaixo.

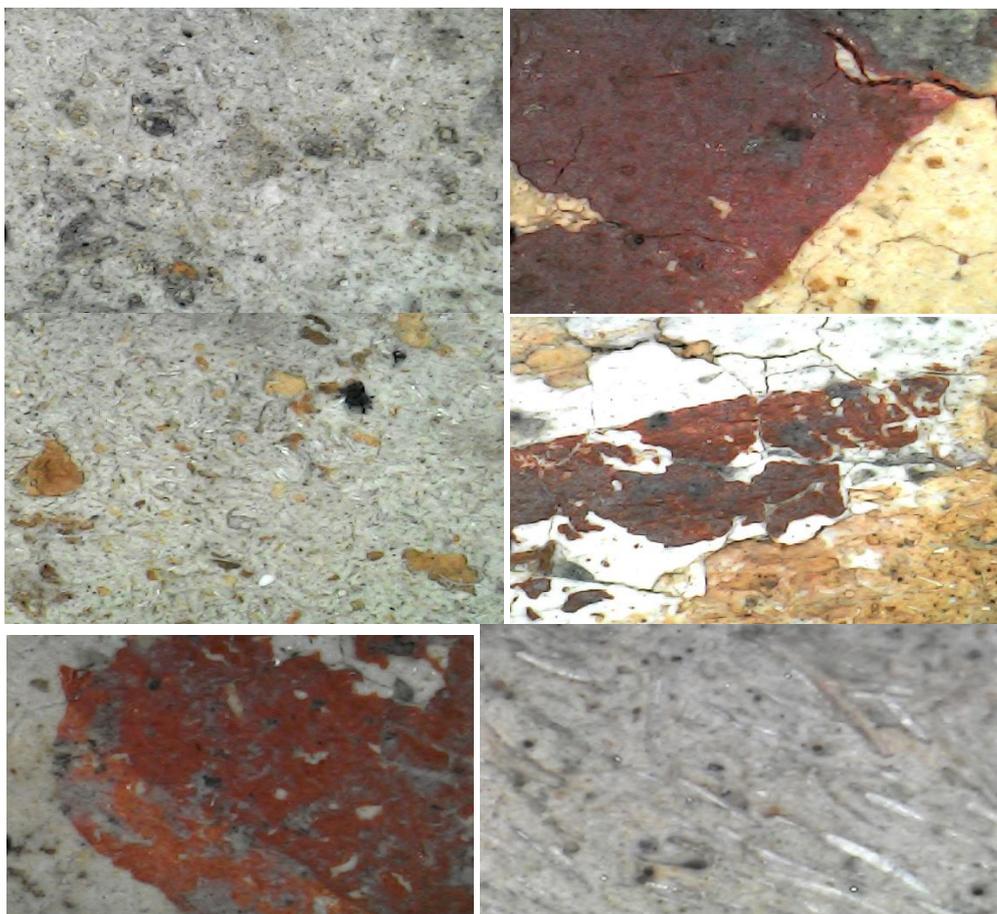


Coleção Orla de Parintins – coletas da superfície, totalidade dos fragmentos sequenciados por conjuntos. Foto: Michel Machado.

## CONJUNTO A: COLORAÇÃO BEGE

O conjunto A de coloração bege totaliza 72 fragmentos, sendo eles 16 bordas, 15 das quais são de características de bordas recortadas com flange labial, incisões e outros motivos semelhantes a cerâmica Pocó, e outra que apresenta características Konduri do tipo filete aplicado com ponteados e unglados compondo a sua decoração. Também são presentes 09 paredes decoradas com incisão em linhas finas em paralelo ou geométricos e botões de argila aplicados. Além desse material, também há 23 paredes simples, 06 apliques modelados, 14 paredes com engobo de coloração variada e 04 bases trípodas, relacionadas a fase Konduri.

Abaixo se vê algumas imagens da análise e observações que destacam os aditivos, cor da superfície e presença de engobo presenciados nos fragmentos. Essas imagens são importantes pois dessa direcionaram a formação dos conjuntos. Como se vê, o tempero majoritário é o cauxi, além da presença de minerais.



### Bordas (15)

A coleção apresenta fragmentos variados com decorações do tipo incisão. Sua grande maioria tem cauxi como aditivo de maior presença na composição da pasta dessa cerâmica, seguida de caco moído, rocha triturada, e óxido de ferro. A cor da superfície é principalmente bege, com

algumas variações sutis, devido seu possível uso ou alguma interferência natural. Entre esses fragmentos é possível notar um conjunto que apresenta a mesma coloração bege na parte interna, e o mesmo tipo de acabamento na parte externa como marca de escovação e coloração preta. Outro material que chama atenção neste conjunto é uma borda vazada, que apresenta decoração incisa na parte externa e alisamento na parte interna. Este conjunto foi associado à fase Pocó.



Bordas decoradas com incisão.

### **Borda (01)**

A borda é decorada com incisões em linhas finas paralelas. Aparece também filete aplicado, ponteados e ungulados. A pasta é temperada majoritariamente com caixi, seguido de caco moído, rocha triturada, óxido de ferro. Apresenta *fire clouds*, sendo a coloração da superfície sempre bege. Esta peça tem claras características da cerâmica Konduri.



Borda com filete aplicado, incisões, ponteados e ungulados.

### **Paredes decoradas (09)**

As paredes são decoradas com incisões em linhas finas paralelas ou em motivos geométricos. A pasta é temperada majoritariamente com cauxi, seguido de caco moído, rocha triturada, óxido de ferro. Alguns fragmentos apresentam *fire clouds*, sendo a coloração da superfície sempre bege. Algumas peças estão bastante erodidas.



Paredes decoradas com incisão, filetes aplicados, ponteados e ungulados.

### **Paredes simples (23)**

Assim como os demais fragmentos do conjunto A, as paredes simples se destacam pela sua coloração bege, sendo que a grande maioria se assemelha com as bordas apresentadas acima, pois na parte interna recebem o tratamento de alisamento e na parte externa apresenta marcas de produção do tipo escovado, mas não foi possível fazer a remontagem desses fragmentos. O padrão dos aditivos é o mesmo encontrado nas peças anteriores, grande proporção de cauxi, algumas com caco moído, rocha triturada, óxido de ferro e areia.



Paredes simples

### **Apliques (06)**

Os apliques abaixo, destacam-se pela sua coloração bege e suas decorações plásticas variadas, como, botões de argila, incisões, excisão, ponteados, digitados, engobo branco e vermelho, é notada a presença de cauxi, caco moído, rocha triturada e oxido de ferro, alguns apliques encontram-se erodidos e com a perda de engobo, muitos desses apliques são zoomorfos e antro-po-zoomorfo. Todos apontam semelhança com cerâmica Pocó.



Apliques modelados

### **Paredes com engobo (14)**

As paredes abaixo, destacam-se pela presença de engobo branco, vermelho, vinho, laranja, na parede externa (também é possível notar a presença de uma coloração amarela, mas não é possível afirmar se é o engobo amarelo ou a interferência de alguma ação natural na peça), em sua grande maioria a apresenta o cauxi como aditivo principal, com a presença de caco moído, oxido de ferro, alguns com rocha triturada e areia, o tratamento da superfície interna é

alisamento, todas apresentam a perda desse engobo. Igualmente apontam semelhança com cerâmica Pocó.



Paredes com engobo

#### **Bases Trípodes (04)**

Os conjuntos a seguir são bases trípodes, a cor da superfície é bege, apresentam decorações do tipo, ponteados ou furo e digitados, o tratamento das superfícies é alisamento, é notada a presença de cauxi, caco moído, óxido de ferro e rocha triturada, algumas apresentam erosão no seu estado de conservação. A literatura aponta essas bases como sendo Konduri.

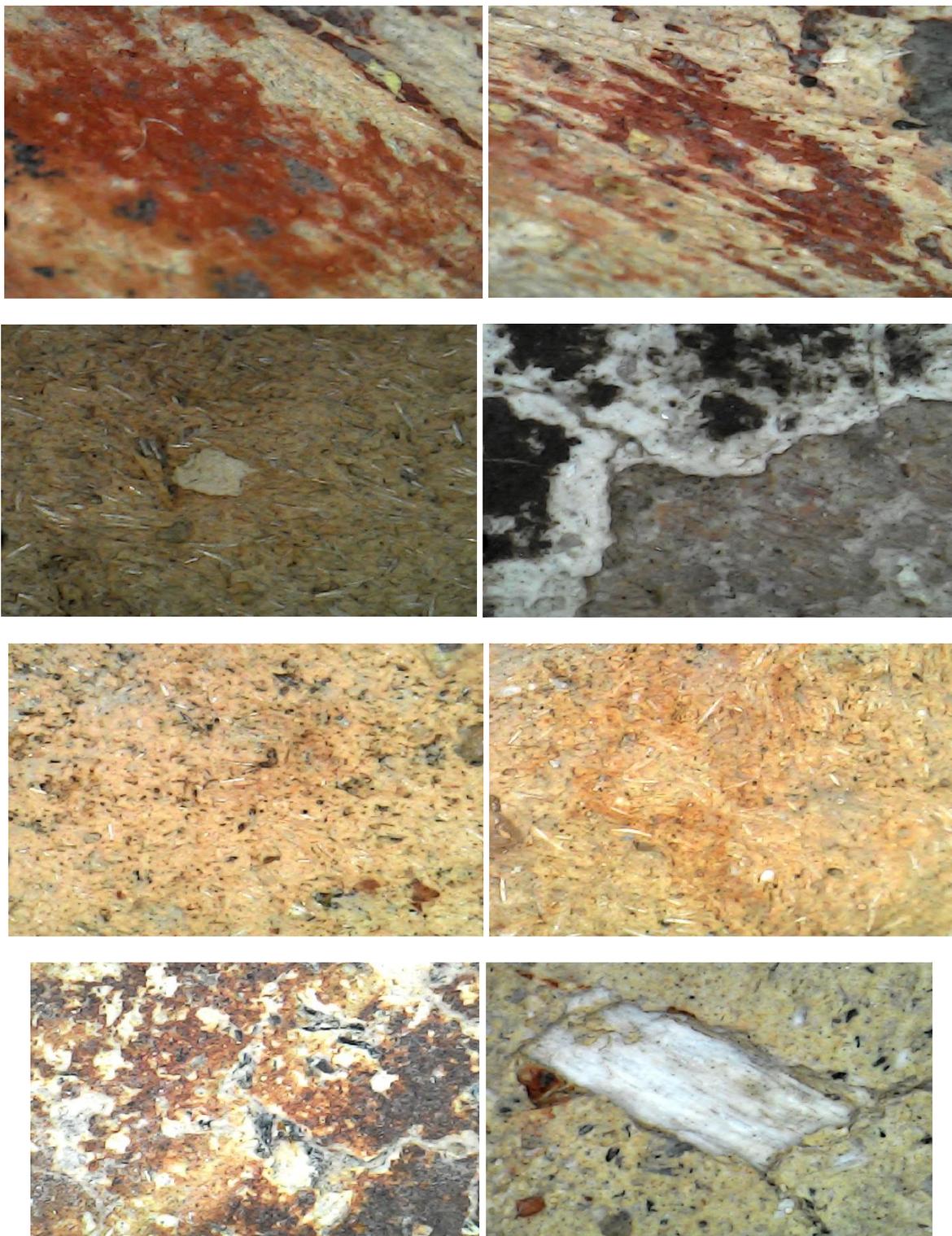


Bases trípodes

#### **CONJUNTO B: COLORAÇÃO LARANJA**

O conjunto B de coloração laranja é formado por 73 fragmentos, com a seguinte classificação e quantidades: 20 bordas decoradas, 04 bordas com engobo, 14 paredes decoradas com engobo, 12 paredes decoradas, 06 paredes simples, 05 apliques Pocó, 03 bases, 01 parede decorada Konduri, 01 parede com pintura, 04 apliques Konduri, 03 alças. Abaixo seguem

imagens feitas no momento da análise dos materiais, muitos apresentam cauxi, como aditivo principal, caco moído, óxido de ferro, rocha triturada, engobo e pinturas, assim também como aqueles que apresentaram caraipé como sendo o principal aditivo.



Imagens de lupa

### **Bordas decoradas (20)**

As bordas são decoradas com incisão do tipo linhas finas e faixas grossas em parêlo ou geométricos. São bordas extrovertidas ou diretas, pode ser notado em sua grande maioria a presença de cauxi, caco moído, rocha triturada e óxido de ferro, a coloração da superfície é alaranjada, sendo que algumas apresentam marcas de produção do tipo *fire clouds*, e marcas de uso como fuligem, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento, algumas peças apresentam a presença de fungos. Parecem se relacionar com Pocó.



Bordas decoradas com incisão.

### **Bordas com engobo (04)**

As bordas a seguir se destacam por sua decoração variada que envolve incisões de faixas grossas e linhas finas em paralelo, ponteados, a presença de engobo branco, vermelho e pintura vermelha, aplique modelado, todos compondo a parte externa dos objetos, a parte interna recebe o tratamento de alisamento e polimento, pode ser notado em alguns fragmentos o estado de conservação com a perda de engobo e pintura. O cauxi também aparece em quantidade significativa, seguido da presença de caco moído, rocha triturada e óxido de ferro, a cor da superfície é alaranjada. Igualmente, se relacionam com cerâmicas Pocó descritas em outras partes.



Bordas decoradas com incisão e engobo

### **Parede decorada com engobo (14)**

Os fragmentos a seguir são paredes decoradas com engobo nas cores vermelho, vinho, amarelo, preto, marrom, branco e laranja, típicos das cerâmicas Pocó. Os motivos são círculos concêntricos, linhas finas, faixas grossas e geométricos, todos esses concentrados na parede externa dos objetos. Apresentam cauxi em grande proporção, seguido de caco moído, oxido de ferro, rocha triturada e algumas com a presença de areia. Todas as peças apresentam a perda de engobo e algumas encontram-se erodidas.



Paredes com engobo

### **Paredes decoradas (12)**

Os fragmentos a seguir demonstram decorações variadas, são paredes que apresentam incisões de linhas finas e faixas grossas com formatos geométricos, filetes aplicados, e também apresentam engobo branco, estão presentes os seguintes aditivos, cauxi, caco moído e oxido de ferro, a cor da superfície desses objetos é alaranjada e alguns encontram-se erodidos e com a perda de engobo. Associadas com a tradição Pocó.



Paredes decoradas

### **Paredes simples (06)**

Todos são fragmentos de parede simples, e apresentam cauxi em grande proporção, seguido por caco moído, oxido de ferro e rocha triturada, são paredes de coloração alaranjada, algumas apresentam perda de superfície devido algum desgaste, as paredes recebem alisamento na parte interna e externa.



Paredes simples

### **Apliques (05)**

A seguir teremos apliques modelados zoomorfos e antropomorfos de coloração alaranjada, são decorados com incisão do tipo linhas finas e faixas grossas em paralelo, círculos, círculos-concêntricos e alguns geométricos, também é presente alguns botões de argila, e decorações do tipo digitados. Também é importante destacar a presença de engobo branco e vermelho que

algumas peças apresentam, o cauxi que se destaca por sua maior presença, seguido de caco moído e óxido de ferro, a peça apresenta perda desse engobo. Os modelados sugerem Pocó.



Apliques modelados

### **BASES (03)**

São bases planas com a cor da superfície alaranjada, apresentam decorações do tipo incisão de linhas finas, o tratamento das superfícies é alisamento, é notada a presença de cauxi, caco moído, óxido de ferro e rocha triturada, algumas apresentam erosão no seu estado de conservação.



Conjuntos de Bases

### **KONDURI**

#### **Parede decorada (01)**

O fragmento a seguir apresenta decorações de filete aplicado e unglado, a cor da superfície é alaranjada, é presente cauxi, caco moído e óxido de ferro, seu acabamento interno é alisamento

assim como da superfície externa, seu estado de conservação apresenta agentes biológicos. Associada à cerâmica Konduri.



Parede decorada Konduri

### **Parede simples com pintura (01)**

O fragmento a seguir tem características diferentes dos analisados anteriormente, o mesmo apresentou caraipé, caco moído e óxido de ferro como aditivos principais da pasta da cerâmica, a presença de caixi é mínima, relacionando a fase Konduri, mas outro fator que dá destaque é a presença de pinturas com a coloração vermelha, preta, amarela e branca nesse objeto, tanto na parede interna quanto na externa, e o seu estado de conservação é erodido.



Parede com presença de caraipé e decoração pintada

### **Apliques (04)**

Na imagem abaixo, teremos apliques modelados zoomorfos de coloração alaranjada, são decorados com incisão do tipo linhas finas em paralelo e alguns geométricos, também é presente filetes aplicados, botões de argila, decorações do tipo digitados, ungulados e ponteados.

Também é importante destacar a presença de engobo vermelho, assim como outros fragmentos analisados, o cauxi é aquele que se destaca por sua maior presença, seguido de caco moído e oxido de ferro, a peça a presenta perda desse engobo e algumas estão erodidas.



Apliques modelados Konduri

### Alças (03)

Os três fragmentos que compõem o conjunto de alças com coloração alaranjada a marrom, são decoradas com incisões do tipo linhas finas em paralelo e filete aplicado na parede externa e alisamento na parede interna, estão erodidas, o cauxi é o aditivo de maior proporção, com a presença de oxido de ferro e pouco caco moído, não foi possível identificar a presença de engo ou pintura (a peça de baixo a esquerda apresenta marca acinzentada na superfície, refere-se à perda de aplique modelado).



Fragmentos de Alça

### CONJUNTO C – ACINZENTADO

O conjunto acinzentado é formado por 12 fragmentos variados e foram agrupados de acordo com as suas formas, características e quantidade, são: 07 bordas decoradas, 02 paredes

com engobo, 05 paredes simples, 02 paredes com incisão, 01 aplique tipo alça, como mostra a tabela abaixo, foram identificados no momento da análise a presença de cauxi, caco moído, oxido de ferro, engobo, decorações de incisões e pinturas.



### **Bordas decoradas (07)**

São bordas extrovertidas, diretas e ou expandidas, com decorações variadas, do tipo incisão de linhas finas em paralelo ou geométricos, e engobo branco e amarelo (aparentemente também é presente a cor de vinho e marrom, mas por motivo de não ter ficado nítido no momento da análise, achei melhor não destacar), essas bordas também apresentam lábios variados como biselado, arredondado, fino, plano com decoração de incisão ou digitado.

Suas colorações são cinza e preto, é possível notar a presença de cauxi, caco moído, rocha triturada, oxido de ferro e areia nos fragmentos, alguns estão erodidos e apresentam a perda de engobo.



Bordas decoradas

### **Parede com engobo e pintura (02)**

As duas paredes a seguir são de coloração cinza, decoradas com engobo, pode ser visualizado nas peças as seguintes cores, branco, vinho, vermelho, laranja, o cauixi e o caco moído são os aditivos de maior presença, seguidos de rocha triturada e oxido de ferro, a sua parede interna recebeu alisamento e seu estado de conservação apresenta perda desse engobo.



Parede com engobo e pintura

### **Parede simples (05)**

A imagem a seguir apresenta cinco fragmentos de parede simples de coloração cinza, apresentam cauxi, rocha triturada, oxido de ferro, algumas estão erodidas pois sofreram alguma ação natural devido a sua exposição após o afloramento.



Parede simples

### **Parede com incisão (02)**

Os fragmentos abaixo apresentam cauxi, rocha triturada, oxido de ferro, são de coloração cinza, apresentam decoração do tipo incisão de linhas finas e faixa grossa, também é possível notar a presença de marcas de uso do tipo fuligem, as superfícies interna e externa receberam o tratamento de alisamento.



Parede com incisão

### **Aplique tipo alça (01)**

Abaixo segue a imagem de um aplique tipo alça, o mesmo tem a cor cinza e é decorada com engobo branco e marrom, apresenta cauxi, caco moído e oxido de ferro, seu estado de conservação apresenta perda de engobo.



Aplique tipo alça

### **CONJUNTO D – MARROM**

O conjunto D de cor marrom é formado por 08 paredes decoradas, e apresentam cauxi, caco moído, oxido de ferro, engobo e pinturas, como mostra as imagens a seguir.





### **Paredes decoradas (08)**

Os fragmentos a seguir apresentam decoração variada, do tipo, incisão de linhas finas em paralelo, filetes aplicados, aplique modelado, ponteados, engobo branco e pintura cor de vinho, a cor da superfície é marrom, com exceção do fragmento que apresenta ponteados a coloração se aproxima da cor salmão, apresentam caixi, caco moído, oxido de ferro, rocha triturada e areia, algumas estão erodidas e apresentam perda de engobo.

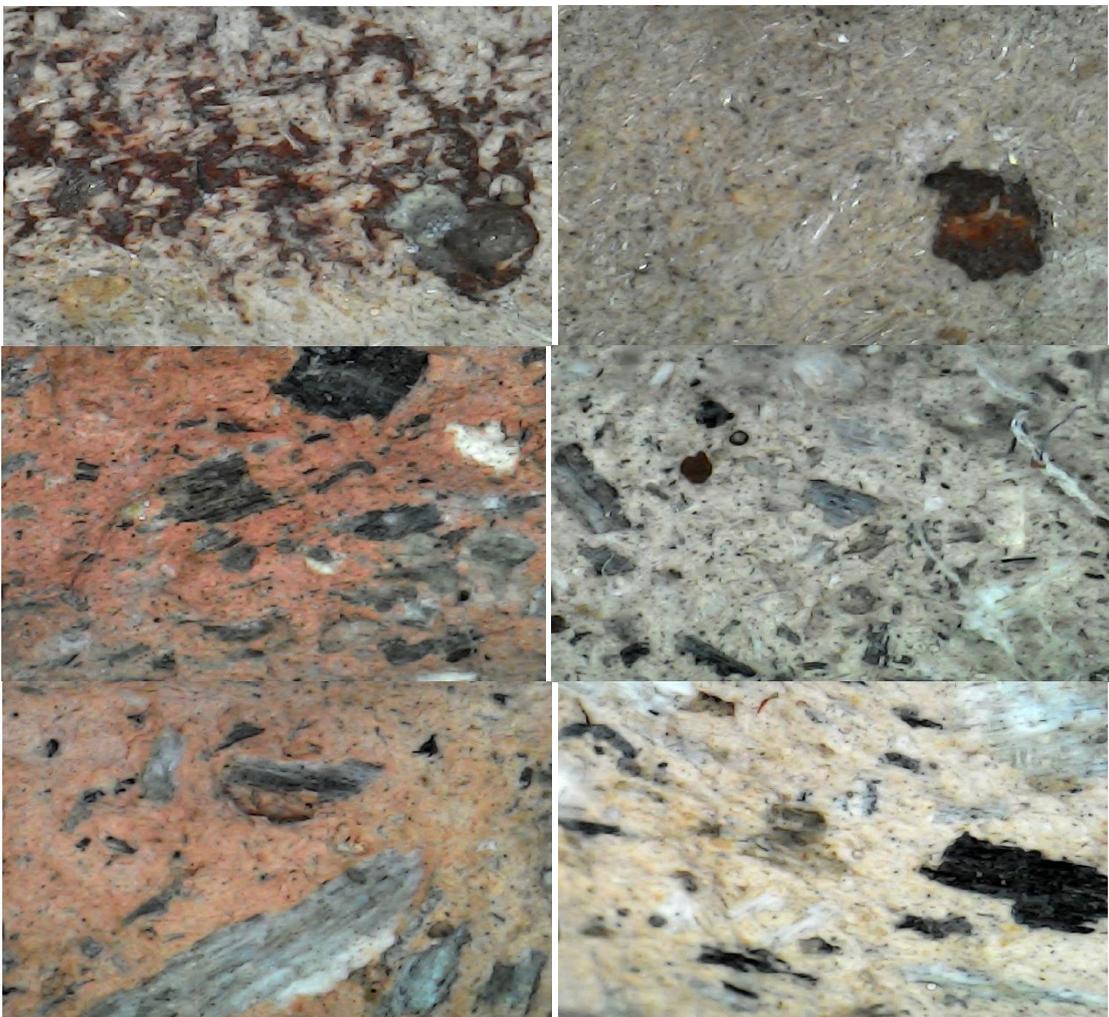


Parede decorada

## DIVERSOS

Os fragmentos de cerâmicas apresentados nas imagens abaixo se destacam por suas diferenças, tanto na coloração da peça, quanto em seus aditivos, são três fragmentos com a coloração próxima ao salmão, dessa forma não puderam ser encaixados nos grupos destacados acima.

Abaixo mostrarei algumas imagens feitas no momento da análise desses materiais, destacando a presença de seus aditivos como cauixi, caraipé, caco moído, oxido de ferro e engobo, seguindo a mesma ordem que são apresentados.



## Borda

O fragmento é uma borda levemente extrovertida com o lábio plano, também apresenta a mesma coloração da superfície alaranjada, e está decorada com faixas em vermelho, seu aditivo de maior presença é cauxi, seguido da pouca presença de caco moído e oxido de ferro, a parte interna recebeu alisamento, e a peça apresenta perda desse engobo.



Borda com engobo

## Borda/base decorada (cuscuzeiro?)

O material a seguir apresenta furos que ultrapassam a parede de um lado para o outro, sua borda é expandida e roletada externa, recebe decoração digitado, sua pasta apresenta caraipé como aditivo principal, caco moído, oxido de ferro e areia, a presença do cauxi é mínima.



Borda decorada

## Alça

Alça com a mesma coloração das anteriores, sua pasta apresenta caraipé como aditivo principal, caco moído e oxido de ferro, não foi identificado cauxi, o fragmento apresenta erosão.



Alça aplicada

## LÍTICOS

A seguir, a imagem apresenta os líticos que fazem parte desse conjunto de coletas no sítio Orla de Parintins, são materiais que no momento da investigação chamaram a atenção por apresentarem semelhanças com os materiais identificados como machados indígenas descritos em outras bibliografias, ou por apresentarem algum desgaste como se tivessem sido utilizados em algum momento, e por estarem em contexto dos afloramentos de cerâmicas arqueológicas.



Líticos

#### 4.3.2 Coleção Musa – IPHAN – Orla de Parintins

A coleção registrada pelo IPHAN e acondicionada na reserva técnica do MUSA faz parte da orla de Parintins, resultante de uma visita em 2019 ao sítio arqueológico dessa área, foram coletados 7 objetos, sendo eles 1 fragmento de lítico, 3 bordas, 1 flange labial, 1 parede e 1 fuso.

Entre esses fragmentos, podemos destacar dois conjuntos, o *conjunto A* de cor bege, e o segundo do *conjunto B* de cor laranja, ambos destacados com suas características e decorações plásticas. Diferente dos outros conjuntos, esse não apresenta imagens de lupa para demonstração de seus aditivos, pois não foi utilizado o mesmo equipamento.



Coleção acondicionada no MUSA – provenientes da coleta de superfície no período de visitas do IPHAN ao município de Parintins em 2019.

## CONJUNTO A: COLORAÇÃO BEGE



O **fragmento 02** é uma borda com 24 mm de espessura e 46 cm de diâmetro na boca, foi identificado cauxi em grande proporção e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é bege, a queima é redutora, a morfologia e contorno do vaso é simples e a forma do vaso é irrestrito aberto, a forma da borda é roletada externa, a forma do lábio é biselado, o acabamento e decoração do lábio é incisão do tipo linhas finas e ponteados, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento, apresenta marcas de produção do tipo *fire clouds*, o seu estado de conservação é erodida.



O **fragmento 04** é um flange labial com 9 mm de espessura e 20 cm de diâmetro na boca, apresenta cauxi, caco moído e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é bege, a queima é de núcleo redutor, a morfologia e contorno do vaso é composto e a forma do vaso é restritivo, a forma da borda é extrovertida com o lábio apontado, a decoração desse lábio é incisão do tipo linhas finas em paralelo, o tratamento das superfícies interna e externa é alisamento, apresenta marca de uso do tipo fuligem, e o seu estado de conservação esta erodido.



**O fragmento 05** é uma parede com 12 mm de espessura, apresenta cauxi, caco moído, rocha triturada e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado e a cor da superfície é bege, a queima é redutora interna/oxidante externa, o tratamento da superfície interna é alisamento, já a superfície externa apresenta alisamento com presença de engobo branco e vermelho, também apresenta decoração plástica do tipo filete aplicado e excisão, o estado de conservação é erodido com perda de engobo.

### CONJUNTO B: COLORAÇÃO LARANJA



**O fragmento 01** é uma borda com 13 mm de espessura e 25 cm de diâmetro na boca, apresenta em sua composição o cauxi, caco moído, rocha triturada e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado e a cor da superfície é alaranjada, a queima é de núcleo redutor, a morfologia e contorno do vaso é composta, a forma do vaso é irrestrito aberto, a forma da borda é expandida com o lábio biselado, o tratamento da superfície interna é polimento e da superfície externa podemos notar um alisamento seguido de engobo vermelho e decoração de incisões do tipo linhas finas em paralelo, apresenta marcas de uso como fermentação, e o seu estado de conservação é erodido com perda de engobo.



**O fragmento 03** é uma borda com 13 mm de espessura e 28 cm de diâmetro na boca, apresenta cauxi, caco moído e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado a cor da superfície é alaranjada, a queima é de núcleo redutor, a morfologia e contorno do vaso é simples, a forma desse vaso é irrestrito aberto, é uma borda direta com o lábio plano, esse lábio recebeu decoração plástica de incisão do tipo linhas finas, o tratamento da superfície interna é alisamento e da superfície externa é alisamento com decoração plástica do tipo aplique modelado, apresenta marca de uso como fuligem, já o estado de conservação está erodido com a presença de radículas.



**O objeto 06** é um fuso com 17 mm de espessura, apresenta cauxi, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado e a cor da superfície é alaranjada, o tratamento da superfície externa é alisamento, o seu estado de conservação é erodido.



**O lítico** está fragmentado, e com marcas de desgaste na superfície, é incerto afirmar, mas pelo que parece, se trata de um machado.

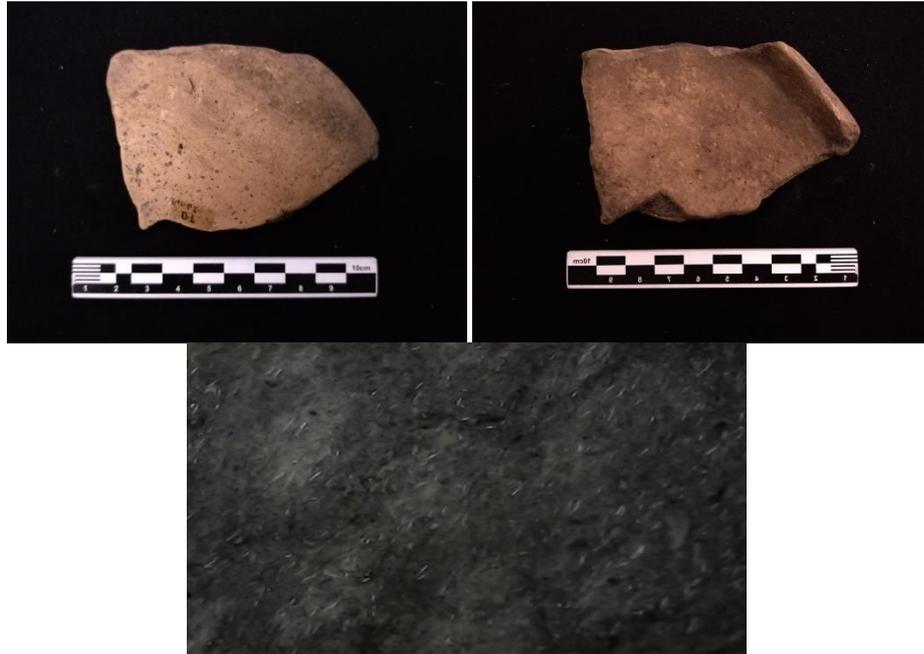
#### 4.3.3 Coleção 01 – Sr. Tarcísio Brito – achados fortuitos

A coleção que será apresentada nesse tópico, se tornou o primeiro indicador de materiais Pocó presentes no município de Parintins, provenientes de um achado fortuito na residência do Sr. Tarcísio Brito em 2018, o mesmo ao executar obras para a construção de uma piscina, se deparou com os materiais arqueológicos e os guardou. A coleção é formada por 46 objetos, entre eles 7 líticos como lâminas de machado a outros não identificados, 17 borda, 3 bases, 15 paredes e 4 apliques modelados, totalizando 39 fragmentos de cerâmica.



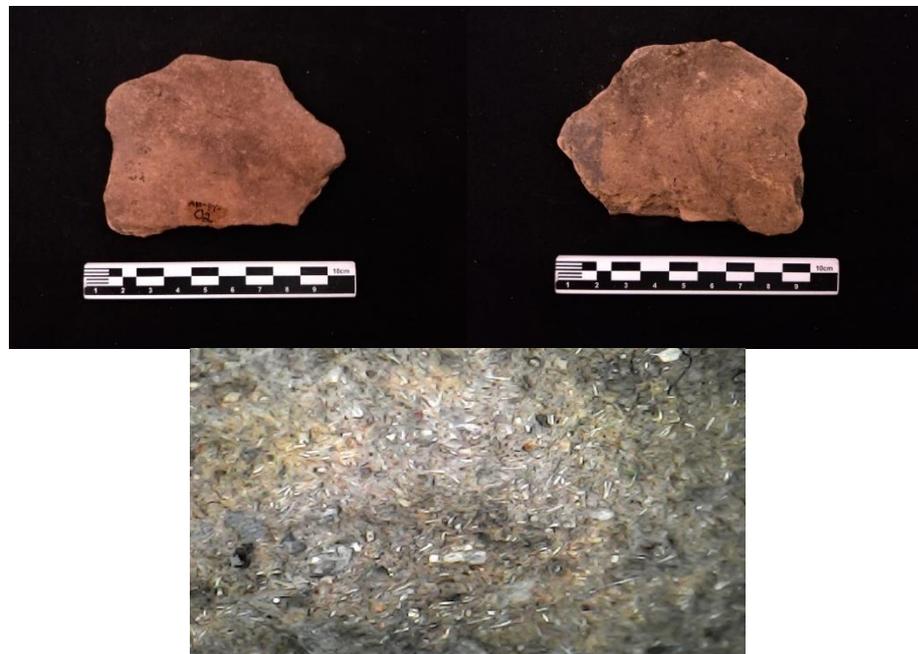
Coleção do achado fortuito na residência de um morador do sítio orla de Parintins

#### FRAGMENTO 01 – BASE



**O fragmento 01**, é uma base com a continuação de uma parede, a maior composição da pasta é o caixi, também é possível notar a presença de caco moído, quartzo/rocha triturada, óxido de ferro/hematita, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é cinza, com a queima redutora interna/oxidante externa, o contorno do vaso é complexo e a forma da base é plana, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento, o estado de conservação é erodido.

#### Fragmento 02 – PAREDE



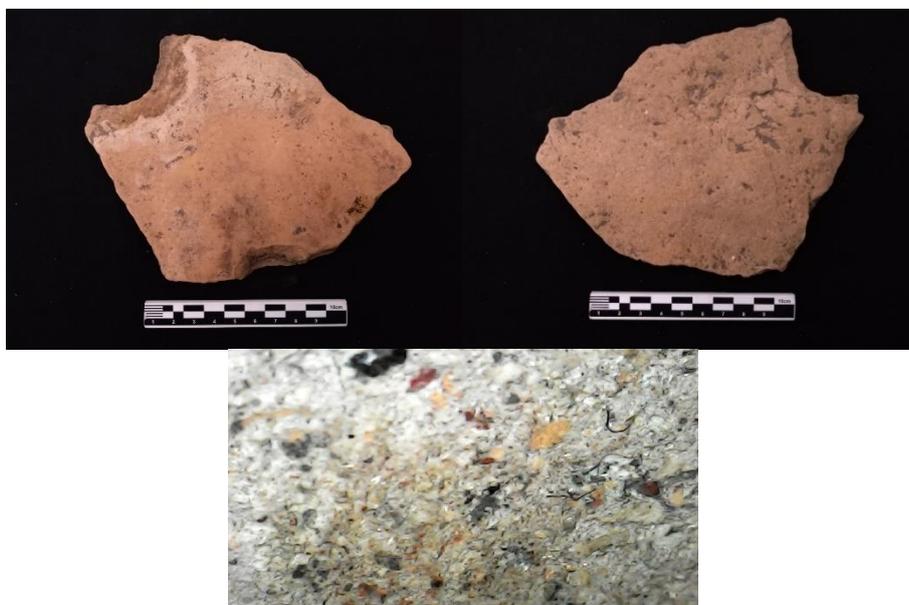
**O fragmento 02** é uma parede, a maior composição da pasta é o caixi, também é possível notar a presença de caco moído, óxido de ferro/hematita, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é marrom, a queima é núcleo redutor, o tratamento das superfícies interna e externa é alisamento, contém marca de uso como fuligem, e o estado de conservação é erodido.

#### O fragmento 03 – PAREDE



O **fragmento 03** é uma parede, a maior composição da pasta é o cauxi, também é possível notar a presença de caco moído, óxido de ferro/hematita, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é bege, a queima é oxidante, o tratamento das superfícies interna contém engobo na cor branco e a externa é alisamento, contém marca de produção *fire clouds*, e o estado de conservação é erodido com perda de engobo.

Fragmento 04 – parede



O **fragmento 04** é uma parede, a maior composição da pasta é o cauxi, também é possível notar a presença de caco moído, óxido de ferro/hematita, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é alaranjada, a queima é núcleo redutor, o tratamento das superfícies interna contém engobo branco e a externa é alisamento, contém marca de produção *fire clouds*, e o estado de conservação é erodido com perda de engobo.

Fragmento 05 – 22

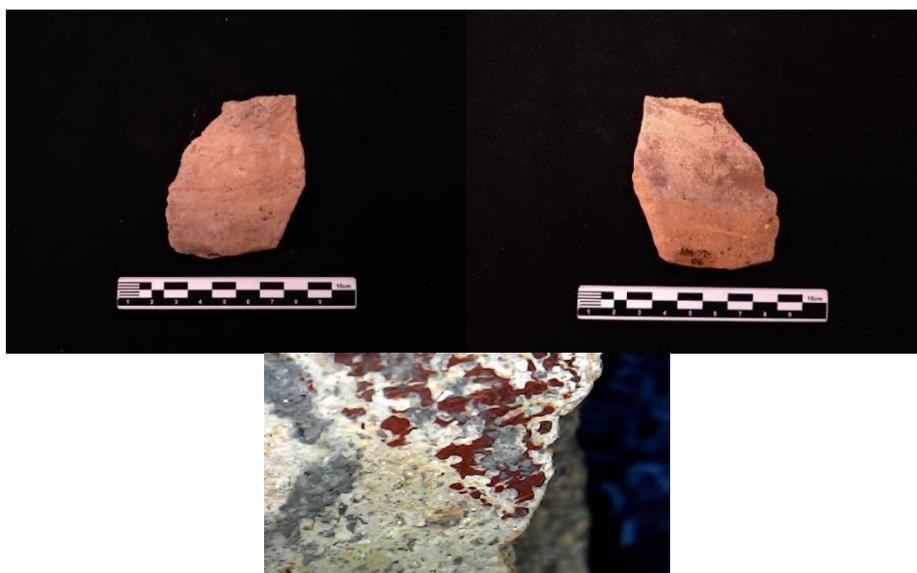




**O fragmento 05 – 22** está registrado com essas duas numerações, pois, só após uma revisão nos fragmentos percebi que se tratava do mesmo objeto, não tinha ficado nítido pelo fato do fragmento está na segunda coleção dessa pessoa, mas essa observação partiu do momento que comparei os dados de análise na planilha.

Se trata de uma borda com 60 cm de diâmetro na boca, a predominância é de cauxi em sua pasta, seguido da presença de caco moído, quartzo ou rocha triturada, oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é alaranjada, a queima é núcleo redutor, é uma borda extrovertida com o lábio apontado, com acabamento e decoração do lábio digitado e incisão, pode ser notado vestígios de polimento na superfície interna e alisamento na superfície externa, a decoração plástica notada foi digitado e incisão, o motivo dessa decoração são as linhas finas em paralelo.

### Fragmento 06



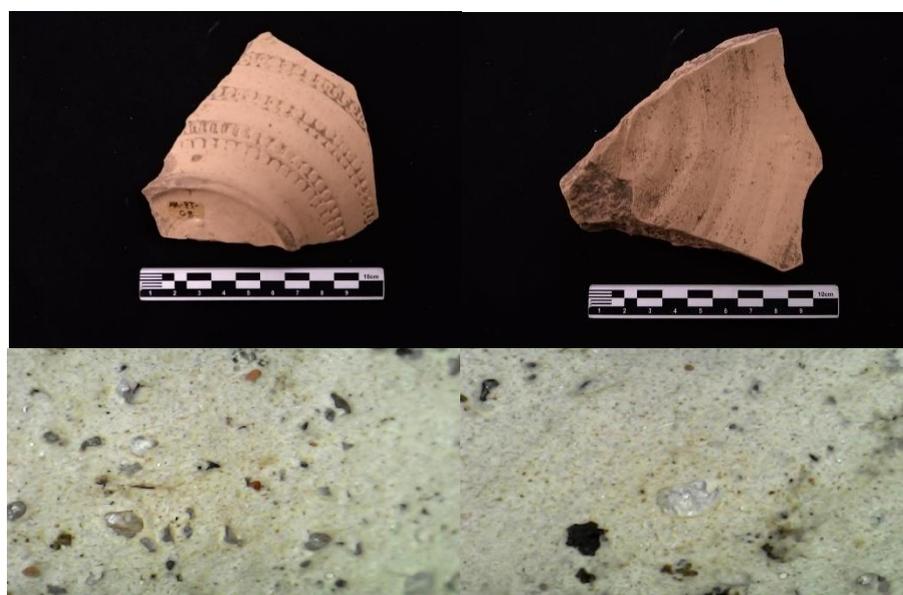
O fragmento 06 é uma parede, pode ser notado a presença de cauxi em grande quantidade, seguido da presença de cacos moídos, quartzo ou rocha triturada, oxido de ferro e argila, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é alaranjada, a queima é oxidante, a superfície interna apresenta alisamento e na externa apresenta polimento com a presença de engobo de cor branco e vermelho, o estado de conservação está erodida com perda de engobo.

### Fragmento 07



**O fragmento 07** é uma parede, sua concentração maior de antiplástico é o cauxi, seguido da presença de caco-moído e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é alaranjada e a sua queima é núcleo redutor, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento.

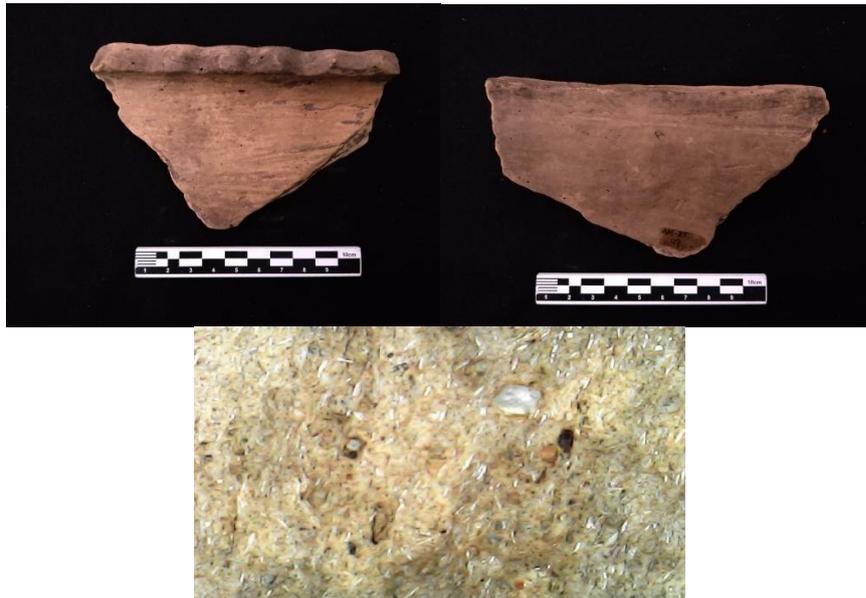
Fragmento 08 – cerâmica de torno



**O fragmento 08** é uma base com o diâmetro de 8 cm, com a presença antiplástico e aditivos como, cauxi em proporção mínima, a presença de oxido de ferro e em sua grande maioria a presença de rocha triturada ou areia, a técnica de manufatura é de torno, a cor da superfície é bege, a queima é oxidante, a morfologia e contorno do vaso é simples, a forma do vaso é irrestrito/aberto, a forma da base é com pedestal, o acabamento da superfície interna recebeu alisamento, já a superfície externa pode ser percebido o alisamento e decoração plástica com incisões em linhas finas paralelos.

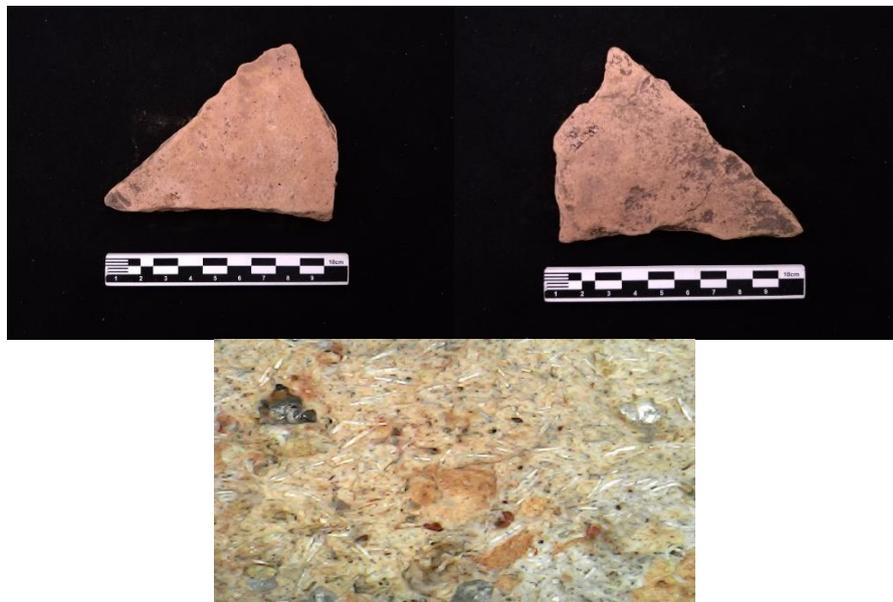
obs: o fragmento de base apresentou maior concentração de grão de rocha triturada ou areia, foram vistos alguns fios de cauxi, mas não tive certeza, uma vez que nos outros fragmentos essa presença de cauxi é gritante.

### Fragmento 09



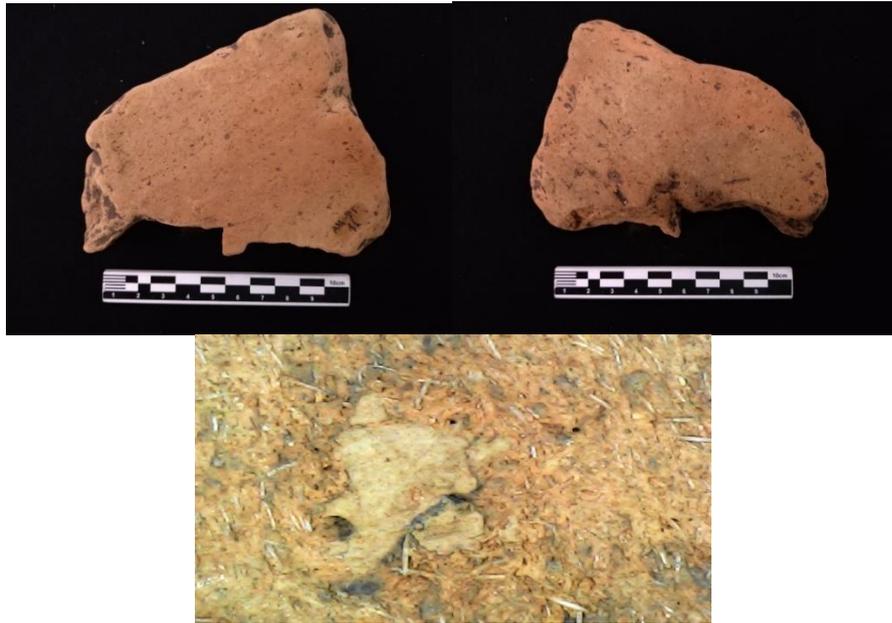
**O fragmento 09** é uma borda com o diâmetro da boca de 52 cm, com a presença de cauxi em grande quantidade por toda sua pasta, seguido da presença de rocha triturada e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é alaranjada, a queima desse objeto é núcleo redutor, a morfologia e contorno do vaso é composto, a forma do vaso é irrestrito aberto, a forma da borda é extrovertida, a forma do lábio é biselado, com acabamento e decoração do lábio digitado e incisão de linhas finas e paralelas, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento, apresenta marca de uso como fermentação.

### Fragmento 10



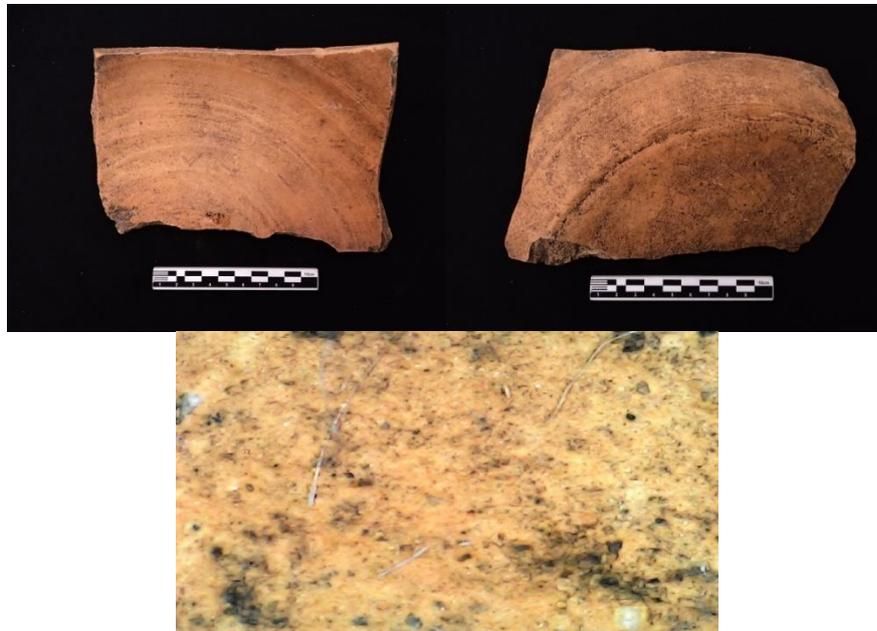
**A fragmento 10** é uma parede, com a presença de cauxi, caco moído, rocha triturada, óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é alaranjada, a queima é núcleo redutor, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento, e seu estado de conservação encontra-se erodida.

### Fragmento 11



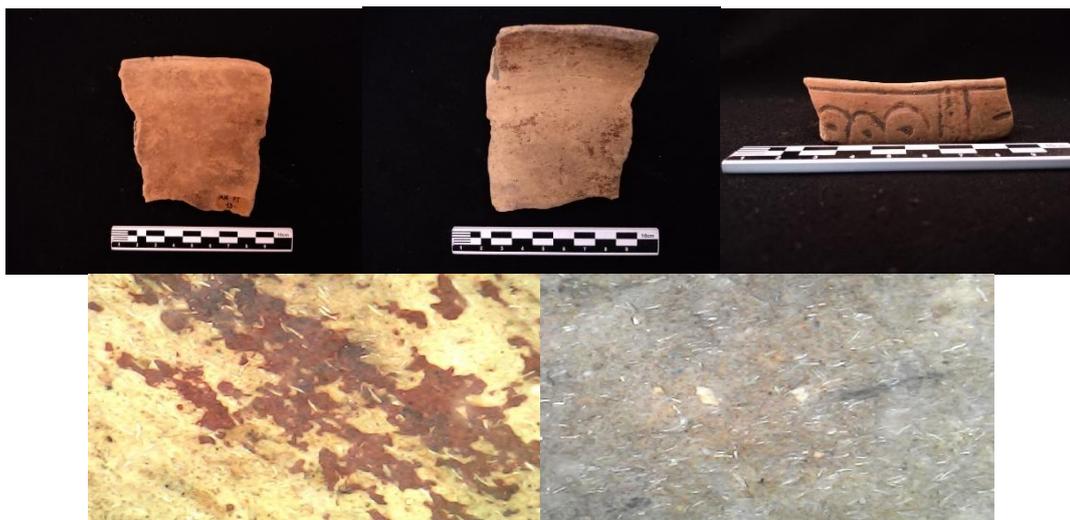
**O fragmento 11** é uma parede com a presença de cauixi, caco moído e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é alaranjada, a queima é oxidante, o acabamento e tratamento da superfície interna e externa é o alisamento.

### Fragmento 12



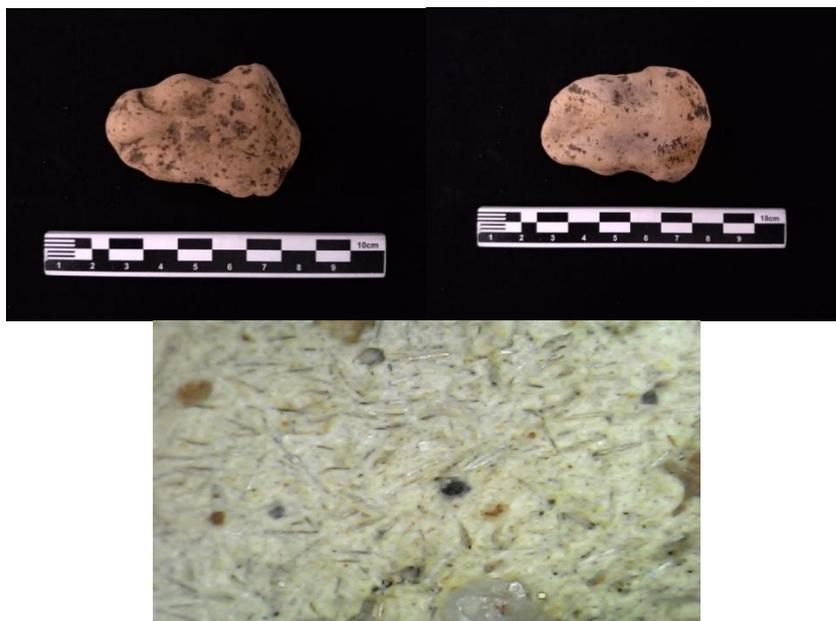
**O fragmento 12** é uma base com 20 cm de diâmetro, em sua pasta podemos notar a presença de cauixi, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é alaranjada, a queima é oxidante, a forma da base é plana, a tratamento da superfície interna e externa é alisamento, também apresenta marcas de produção como estrias de alisamento.

### Fragmento 13



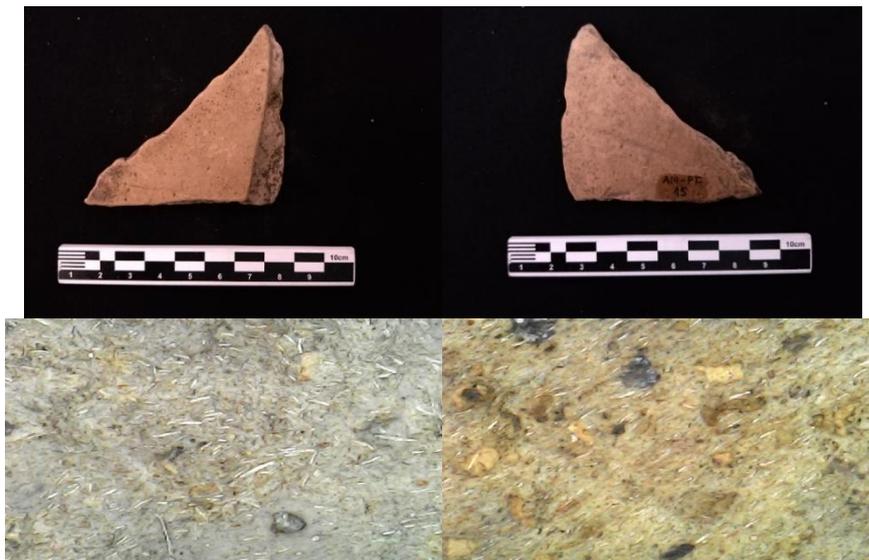
**O fragmento 13** é uma borda com 36 cm de diâmetro na boca, nesse fragmento é possível notar a presença de cauxi, caco moído e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é alaranjada, a queima é núcleo redutor, a morfologia e contorno do vaso é composto, a forma do vaso é irrestrito aberto, a forma da borda é extrovertida, a forma do lábio é biselado, apresenta acabamento e decoração no lábio como incisão em linhas finas e ponteados, o tratamento da superfície interna é polimento e da superfície externa é pintura de cor vermelha, apresenta marcas de uso do tipo fermentação.

#### Fragmento 14



**O fragmento 14** é um aplique (cabeça de cobra), e pode ser notado em sua pasta a presença de cauxi, caco moído e rocha triturada, a técnica de manufatura é modelado, a cor da superfície é bege, a queima é núcleo redutor, apresenta somente tratamento da superfície externa que é o alisamento e decoração plástica como digitado, incisão e excisão, motivo da decoração é zoomorfo, apresenta *fire clouds*, e seu estado de conservação está erodido.

## Fragmento 15



**O fragmento 15** é uma parede e apresenta cauxi, caco moído, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é alaranjada, a queima é núcleo redutor, a superfície interna e externa recebem o tratamento de alisamento.

## Fragmento 16



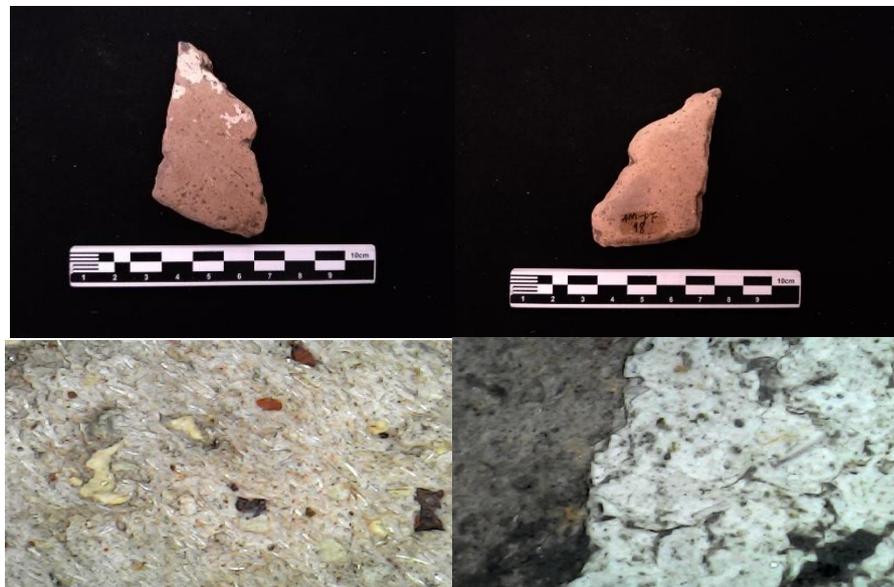
**O fragmento 16** é uma borda com 60 cm de diâmetro na boca, apresenta cauxi, caco moído, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é bege, a queima é núcleo redutor, a morfologia e contorno do vaso é composto, a forma do vaso é restritivo, a forma da borda é introvertida, a forma do lábio é apontado, o acabamento da superfície interna e externa são alisamento, apresenta *fire clouds*.

## Fragmento 17



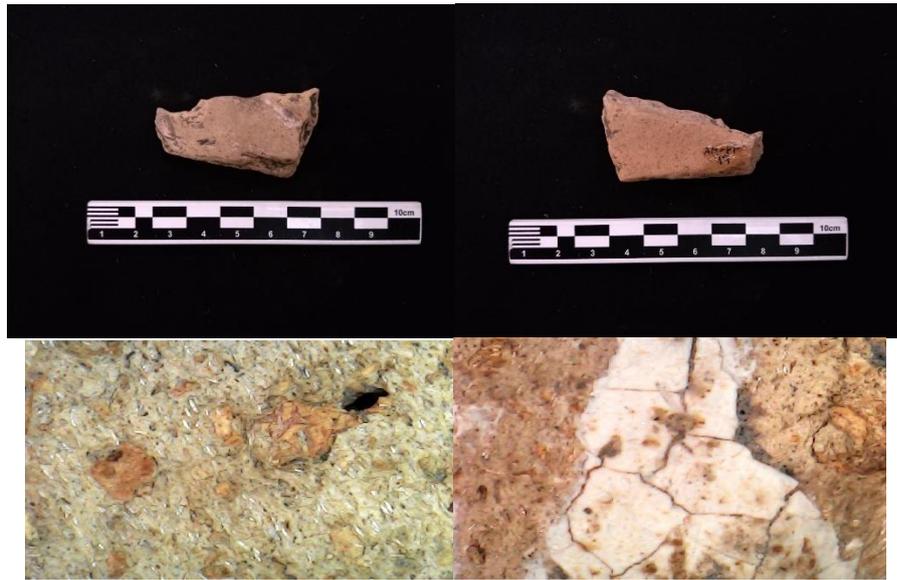
O **fragmento 17** é uma parede e apresenta os seguintes componentes, cauixi, caco moído, rocha triturada e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é bege, a queima é redutora interna oxidante externa, a tratamento das superfícies interna e externa são alisamento, o estado de conservação está erodido.

## Fragmento 18



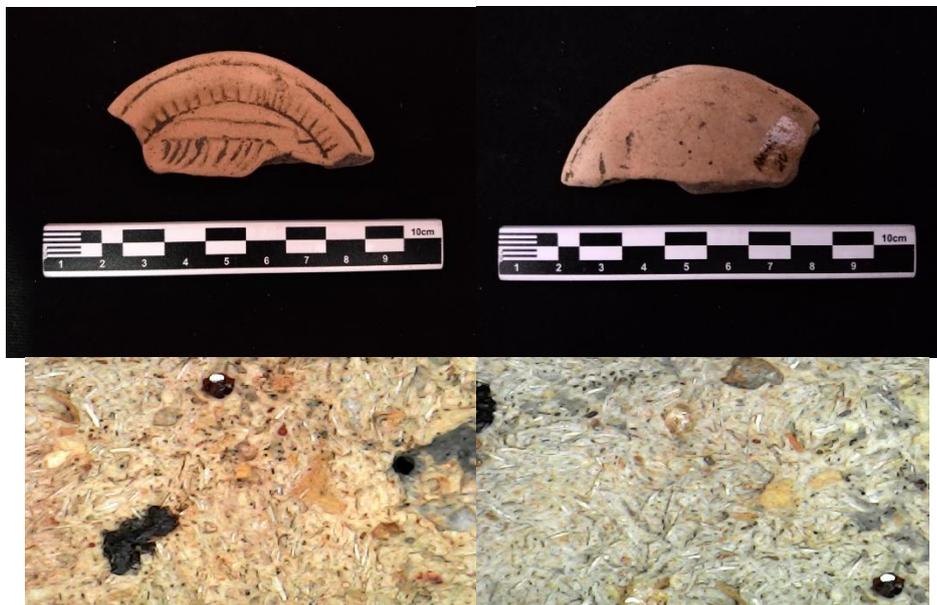
O **fragmento 18** é uma parede com a presença de cauixi, caco moído, rocha triturada e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é marrom, a queima é com o núcleo redutor, o tratamento da superfície interna é alisamento e da superfície externa pode ser notado a presença de engobo branco, o estado de conservação encontra-se erodida com perda de engobo.

### Fragmento de 19



**O fragmento de 19** é uma parede e apresenta em sua composição, cauxi, caco moído, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é alaranjada, a queima é de núcleo redutor, o tratamento da superfície interna é alisamento e da superfície externa é alisamento com a presença de engobo branco, o estado de conservação da peça é erodida com a perda de engobo.

### Fragmento 20



**O fragmento 20** é um aplique modelado com a presença de cauxi, caco moído, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é alaranjada, a queima é com núcleo redutor, o tratamento da superfície interna é alisamento com decoração plástica do tipo incisão com linhas finas e o tratamento da superfície externa é alisamento.

## Fragmento 21



**O fragmento 21** é um aplique modelado (cabeça de sapo) com a presença de cauixi, caco moído, rocha triturada, óxido de ferro e bolotas de argila, técnica de manufatura é modelado, a cor da superfície é alaranjada, a queima é oxidante, o tratamento da superfície interna é alisamento, já a superfície externa recebeu o tratamento e decoração plástica como alisamento, engobo branco e pintura na cor vermelho, também apresenta apliques modelados e incisão em linhas finas na parede externa, dando o formato ao significado da peça de zoomorfo, a peça apresenta perda de pintura e engobo.

## Fragmento 23



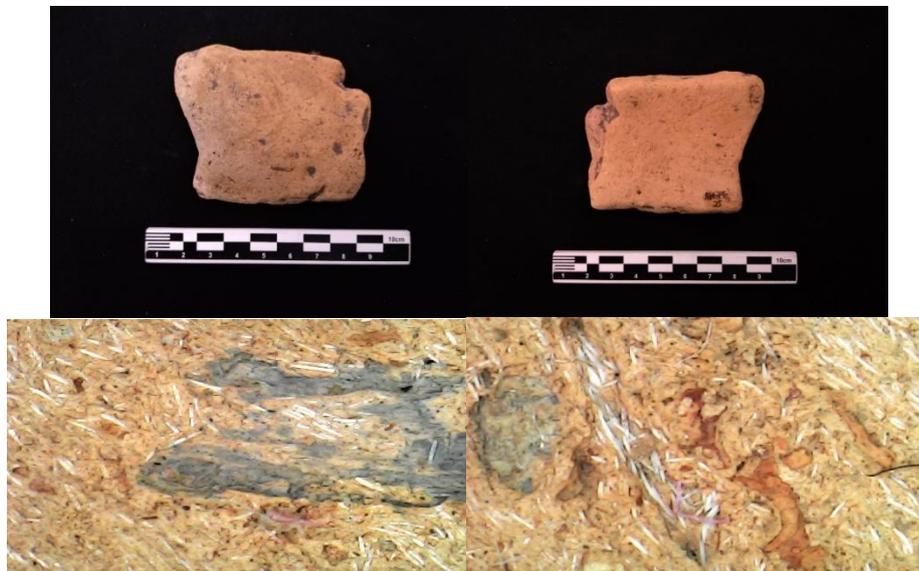
**O fragmento 23** é uma borda com 15 cm de diâmetro na boca, composto de dois apliques modelados com incisões, é notada a presença de cauixi, caco moído, rocha triturada e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor é alaranjada, e sua queima é oxidante, a morfologia ou contorno do vaso é composta pelo fato da parede do objeto fazer uma pequena curva ao sentido oposto da primeira trajetória, a forma do vaso é irrestrito aberto, é uma borda extrovertida, com o lábio apontado, e apresenta incisão nesse lábio, a superfície interna apresenta polimento e decoração plástica do tipo incisão com linhas finas em paralelo, já a superfície externa apresenta alisamento com a presença de engobo branco, o estado de conservação pode ser notado a perda de engobo.

## Fragmento 24



**O fragmento 24** é uma parede, nela podemos notar a presença de cauixi, caco moído, rocha triturada, óxido de ferro e areia, a técnica de manufatura é roletada com a cor da superfície alaranjada devido a sua queima oxidante, a superfície interna recebeu o alisamento e a externa tem alisamento com a presença de engobo branco e pintura vermelha sobre ele, o seu estado de conservação é erodido com perda de engobo.

## Fragmento 25



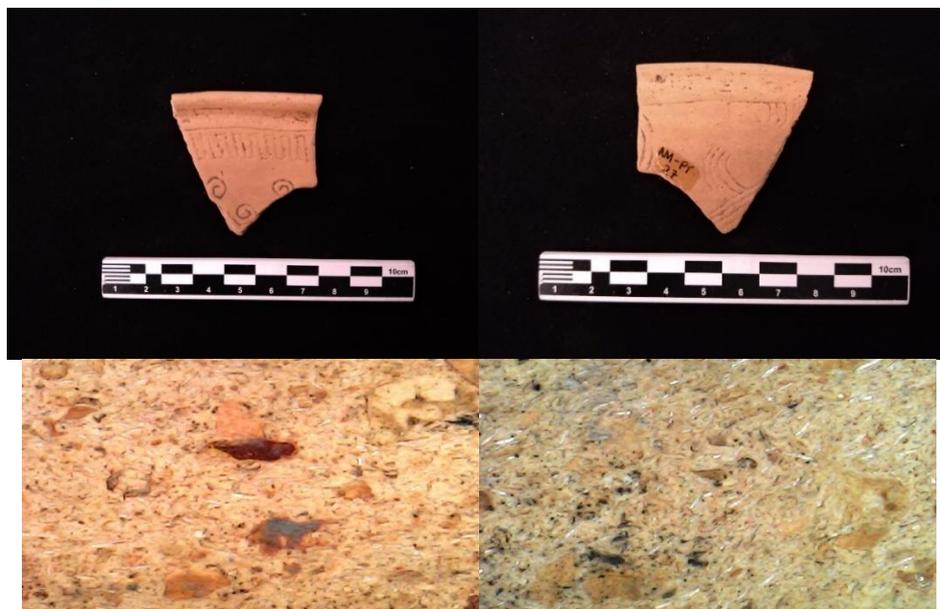
**O fragmento 25** é uma parede e apresenta em sua pasta a presença de cauixi, caco moído e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado e a cor da superfície é alaranjada, a queima é oxidante, o tratamento das duas superfícies tanto a interna quanto a externa são alisamento.

## Fragmento 26



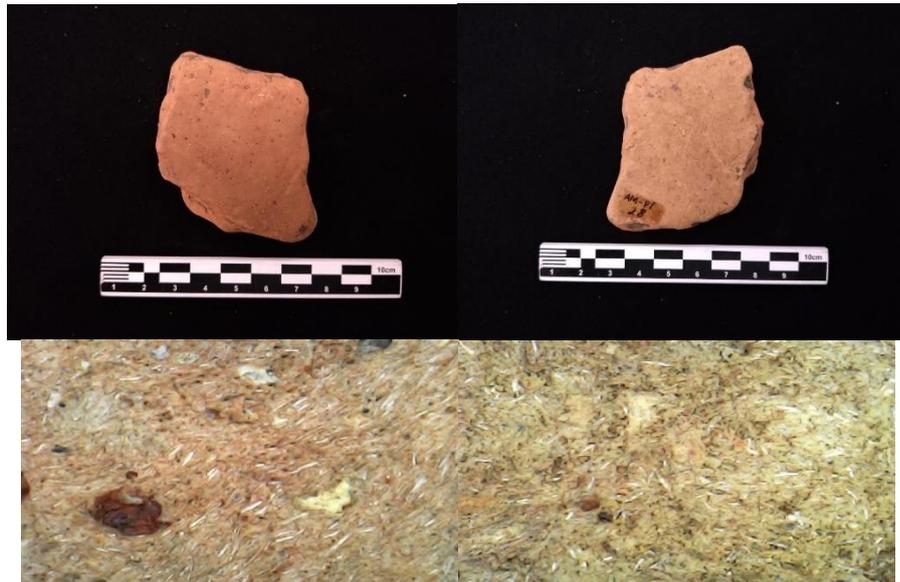
O **fragmento 26** é uma borda, apresenta cauxi, caco moído, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é marrom, a sua queima e redutora, a morfologia e contorno do vaso é simples, a forma do vaso é irrestrito aberto, a forma da borda é expandida, a superfície interna recebeu alisamento e decoração plástica do tipo incisão de linhas finas e engobo vermelho, já a superfície externa recebeu alisamento, é possível notar a presença de *fire clouds*, o estado de conservação da peça é erodido com a perda de engobo.

## Fragmento 27



O **fragmento 27** é uma borda com 29 cm de diâmetro na boca, apresenta cauxi, caco moído, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é alaranjada, a queima é de núcleo redutor, a morfologia e contorno é simples com a forma irrestrito aberto, a forma da borda é introvertida, a forma dessa lábio é apontada, a superfície interna recebeu alisamento e incisões em linhas finas do tipo geométricos e círculos concêntricos, já a superfície externa recebeu alisamento e incisão do tipo linhas finas paralelas.

## Fragmento 28



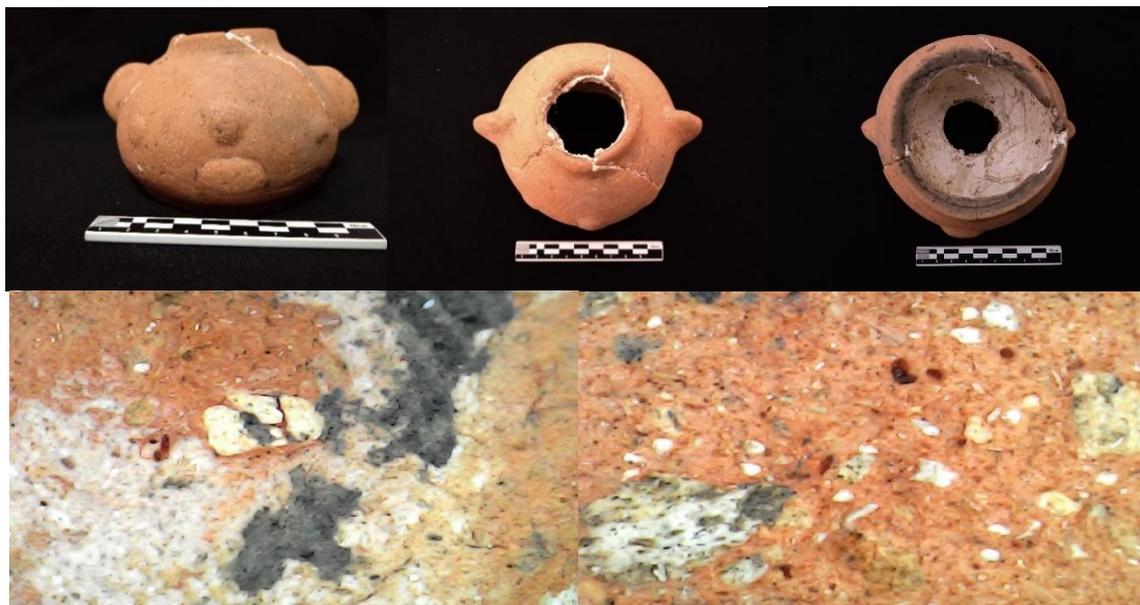
O **fragmento 28** é uma parede e apresenta cauxi, caco moído, rocha triturada e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é alaranjada devido a sua queima oxidante, as duas superfícies interna e externa receberam o mesmo tratamento de alisamento, e o seu estado de conservação é erodido.

## Fragmento 29



O **fragmento 29** é uma borda e apresenta cauxi, caco moído e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é alaranjada, a queima é núcleo redutor, a morfologia do vaso é composto, e a forma é irrestrito aberto, a forma da borda é extrovertida, o lábio apontado com decoração digitangulada, a superfície interna recebeu o tratamento de alisamento e decoração plástica de incisões do tipo linhas finas com formas geométricas, apresenta *fire clouds*.

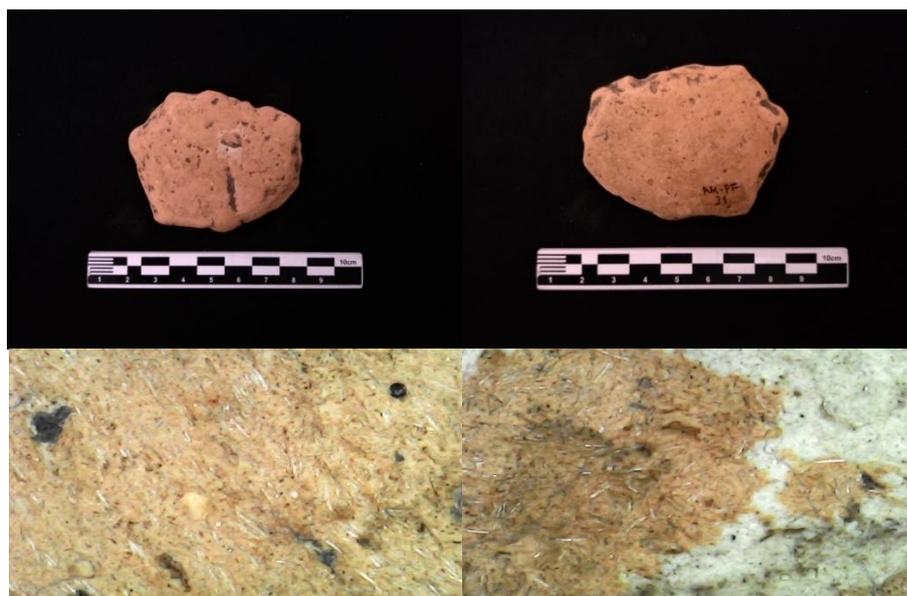
## Objeto 30



O **objeto 30** é um apêndice/aplique com o diâmetro da boca de 05 cm, o mesmo é diferente dos demais analisados até o momento, apresenta características diferentes no seu antiplástico, é visível a presença de caraipé, caco moído e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é alaranjada, a queima é núcleo redutor, a morfologia e contorno do vaso foi definida como complexa devido a dificuldade de entender a continuação desse objeto, pois aparentemente apresenta uma possível continuação, dessa forma foi decidido que a forma do vaso seria restritivo, a borda é direta com a forma do lábio apontado, a superfície interna não pode ser identificado, já a superfície externa apresentou alisamento, presença de engobo branco e preto, e decoração plástica do tipo apliques de botões de argila para compor a característica de antropomorfo da peça, e no estado de conservação é perceptível a perda de engobo.

Obs: o proprietário ao encontra a peça, tentou fazer a restauração da peça com gesso, devido está se fragmentando.

## Fragmento 31



O **fragmento 31** é uma parede, apresenta cauxi, caco moído, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é alaranjada devido a sua queima ser oxidante, a superfície interna apresenta alisamento, já a superfície externa apresenta alisamento e engobo branco com preto, no estado de conservação a mesma está erodida, apresenta radículas e perda de engobo.

### Fragmento 32



O **fragmento 32** é uma borda com 22 cm de diâmetros na boca, a mesma apresenta cauxi, caco moído e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é marrom, a queima é oxidante interna e redutora externa, a morfologia e contorno do vaso é simples e a forma é irrestrito aberto, a forma da borda é extrovertida com o lábio plano, onde esse lábio recebeu a decoração de incisão por linhas finas, as superfícies interna e externa receberam o mesmo tratamento de alisamento.

### Fragmento 33



O **fragmento 33** é uma borda com 21 cm de diâmetro na boca, apresenta cauxi, caco moído, rocha triturada e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é alaranjada, a queima é com o núcleo redutor, a morfologia e contorno do vaso é simples, a forma do vaso é irrestrito aberto, a forma da borda é extrovertida com o lábio apontado, esse lábio recebe acabamento e decoração do tipo incisão de linhas finas formando círculos concêntricos e engobo vermelho, a superfície interna recebeu alisamento e decoração plástica do tipo incisão de linhas finas com formatos geométricos com engobo vermelho, já na superfície externa somente o alisamento, o estado de conservação da peça é erodido com perda de engobo.

### Fragmento 34



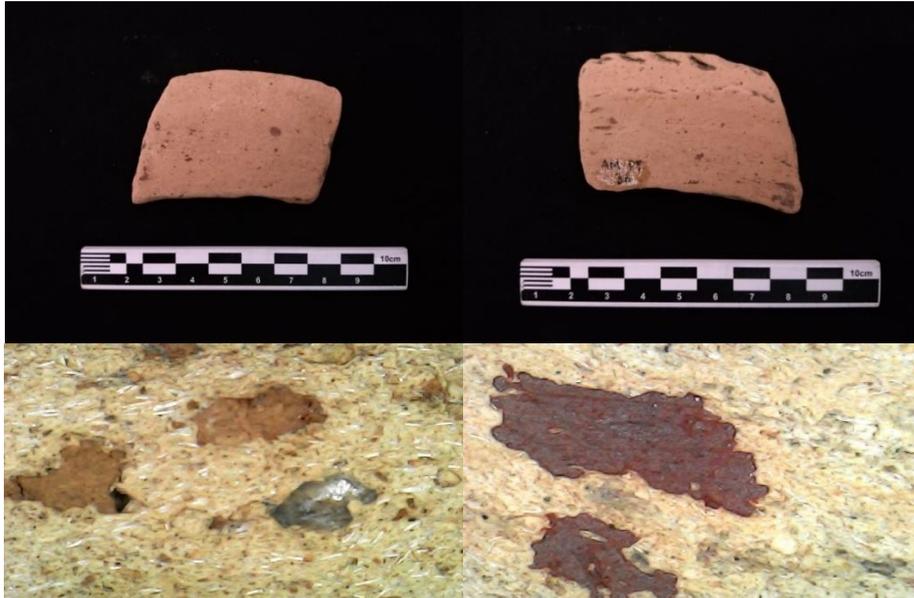
**O fragmento 34** é uma borda com 18 cm de diâmetro na boca, ela apresenta cauxi, caco moído e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, e a cor da superfície é alaranjada, a sua queima é com o núcleo redutor, a morfologia e contorno do vaso é complexo, a forma é irrestrito aberto, a forma da borda é direta, a forma do lábio é arredondado, a superfície interna recebeu alisamento, já a superfície externa recebeu alisamento com decoração plástica do tipo aplique modelado.

#### Fragmento 35



**O fragmento 35** é uma borda, apresenta cauxi, caco moído, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é alaranjada, a queima é de núcleo redutor, é uma borda direta, com o lábio biselado, com decoração nesse lábio do tipo incisão com linhas finas, a superfície interna recebeu o tratamento de alisamento, já a superfície externa recebeu o tratamento de alisamento e decoração plástica de inciso do tipo linhas finas.

## Fragmento 36



**O fragmento 36** é uma parede, apresenta cauxi, caco moído, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é alaranjada, a queima é oxidante, a forma da borda é direta, o lábio é apontado com decoração unglulado, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento com a presença de engobo vermelho, o estado de conservação apresenta perda de engobo.

## Fragmento 37



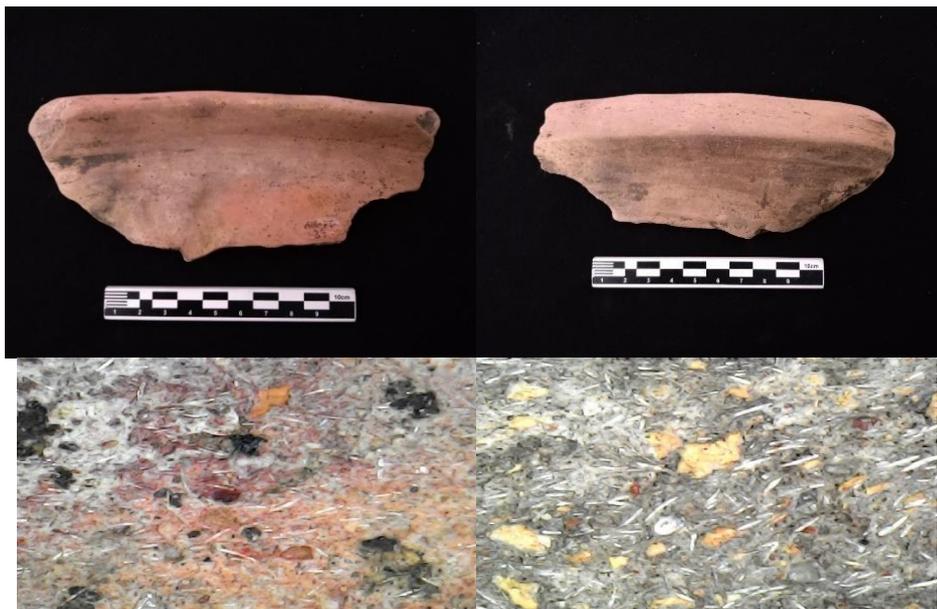
**O fragmento 37** é uma borda com 60 cm de diâmetro na boca, apresenta cauxi, caco moído, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é alaranjada, a queima é com o núcleo redutor, a forma da borda é expandida com o lábio plano, esse lábio recebeu a decoração de incisão linhas finas em paralelo, o tratamento da superfície interna e externa identificado foi o alisamento, e o estado de conservação da peça é erodido.

### Fragmento 38



**O fragmento 38** uma borda com 21 cm de diâmetro na boca, apresenta cauxi, caco moído, rocha triturada e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor é alaranjada, a queima é com núcleo redutor, morfologia e contorno do vaso é simples, a forma é irrestrito aberto, a borda é extrovertida com o lábio apontado, o lábio recebe decoração plástica de incisão do tipo linhas finas formando círculos concêntricos, e engobo na cor branco e vermelho, o tratamento da superfície interna foi alisamento com decoração plástica de incisão do tipo linhas finas com formas geométricas, engobo branco e vermelho, já a superfície externa recebeu alisamento, o estado de conservação foi identificado a perda de engobo.

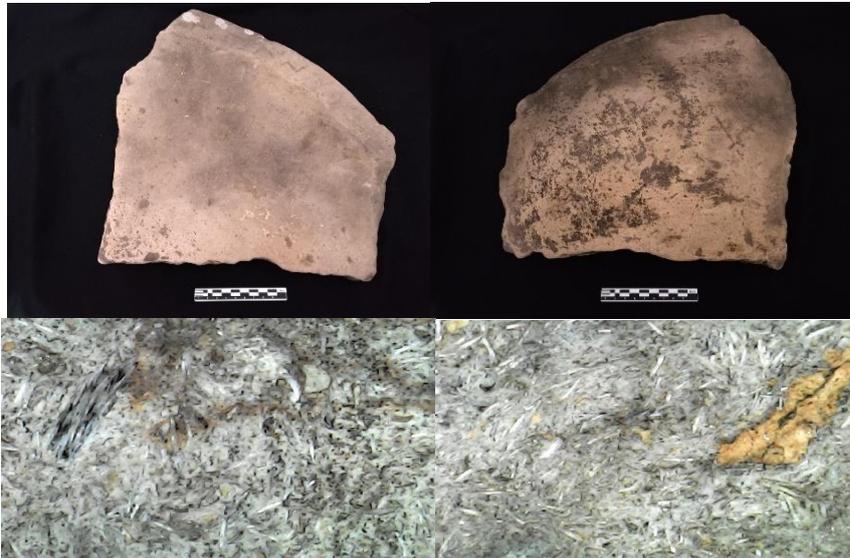
### Fragmento 39



**O fragmento 39** é uma borda com aproximadamente 62 cm de diâmetro na boca, apresenta cauxi, caco moído, rocha triturada e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é alaranjada, a queima é oxidante interna/redutora externa, a morfologia e contorno do vaso é simples, a forma é irrestrito aberto, a forma da borda é direta com o lábio arredondado, o tratamento da superfície interna é alisamento com a presença de

engobo branco e vermelho, a superfície externa recebeu alisamento, apresenta marcas de uso como fermentação, e seu estado de conservação apresenta perda de engobo.

#### Fragmento 40



**O fragmento 40** é uma borda com aproximadamente 62 cm de diâmetro na boca, é percebido a presença de caixi, caco moído e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é bege, a queima é redutora interna/oxidante externa, a morfologia e contorno do vaso é simples, a forma é irrestrito aberto, a forma da borda é extrovertida com o lábio biselado, a decoração do lábio é incisão do tipo linhas finas, a forma da base é plana, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento, apresenta marca de produção do tipo *fire clouds*, o estado de conservação é erodido. Obs: a peça apresenta gotas de tinta branca (devido alguma ação de pintura do proprietário), dificultando a identificação da possibilidade de engobo nesse fragmento.

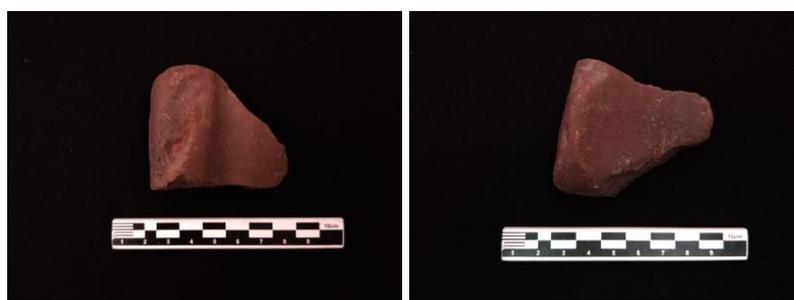
## LÍTICOS

Os líticos fazem parte do conjunto dessa coleção, foram encontrados durante a escavação para construção da piscina, entre eles temos fragmento de machado, moedor e outros não identificados.

LÍTICO 01 – O material encontra-se fragmentado, não foi identificado o tipo de rocha, mas é algum tipo de rocha de coloração avermelhada próximo da cor vinho, apresenta erosão como marcas de uso. O mesmo deveria ser usado para moer sementes e outros.



LÍTICO 02 – o fragmento lítico 02 aproxima-se de uma rocha do tipo laterita e se destaca por apresentar uma cavidade desgastada, como se tivesse sido utilizado para afiar ou alisar alguns instrumento.



LÍTICO 03 – o lítico 03 é um tipo de rocha não identificado, mas ele apresenta variáveis marcas de erosão como se fosse utilizado em atrito com outro material, a sua borda é amolada.



LÍTICO 04 – o lítico 04 tem um formato quase que arredondado e encaixa perfeitamente na palma da mão, dando a entender que era uma ferramenta utilizada para amassar ou moer algo, sendo utilizado pela mão.



LÍTICO 05 – é o fragmento de um machado, apresenta erosões, que pode ser devido ao seu uso.



LÍTICO 06 – o fragmento 06 ficou difícil de identificar devido sua pouca informação, mas é o mesmo material do fragmento de machado, mas não se juntava ao mesmo.



LÍTICO 07 – o lítico 07 faz parte do conjunto dessa coleção e, segundo o morador, estava junto dos maiores fragmentos de cerâmica (Borda de assador) encontrados durante a construção da piscina, o mesmo encaixa perfeitamente na mão.



#### 4.3.4 Coleção 02 – Sr. Tarcísio Brito – achados fortuitos

A coleção 02 – Tarcísio, é resultante de uma segunda perfuração em sua residência, onde ele buscou fazer um sumidouro, após o tratamento e análise dos materiais, temos 74 objetos entre bordas, parede e base.

Foram analisadas 17 bordas, 54 paredes e 3 bases.



Coleção formada a partir de um segundo achado fortuito na residência de um morador do sítio orla de Parintins.

## Fragmento 01



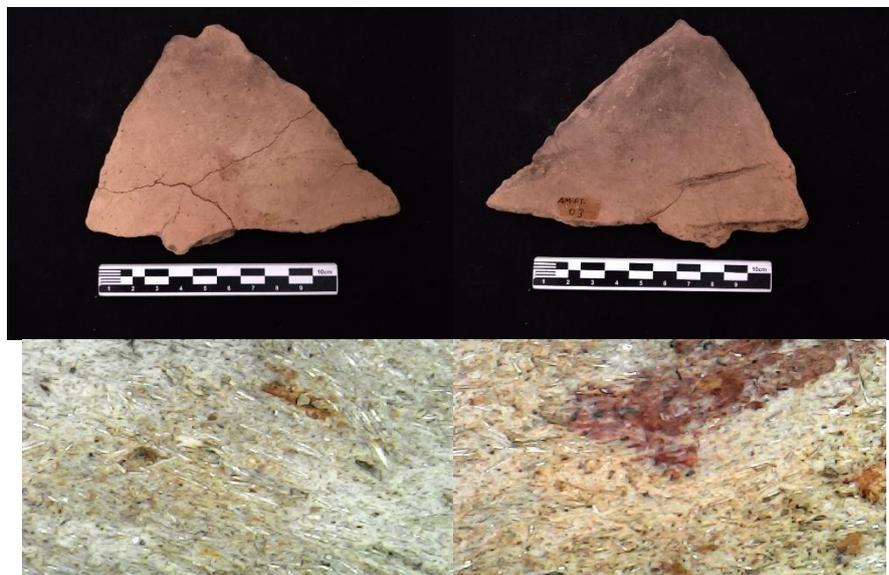
**O fragmento 01** é uma borda com 16 mm de espessura e 30 cm no diâmetro da boca, apresenta cauxi e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é bege, a queima é oxidante interna/reutora externa, a morfologia e contorno do vaso é composto, a forma é irrestrito aberto, é uma borda roletada externa com o lábio biselado, esse lábio recebe decoração de incisão do tipo linhas finas, o tratamento da superfície interna é polimento, já a superfície externa recebeu alisamento com decoração plástica de incisão do tipo faixas grossas com formato geométrico, apresenta marcas de produção do tipo *fire clouds*, e o estado de conservação está erodido.

## Fragmento 02



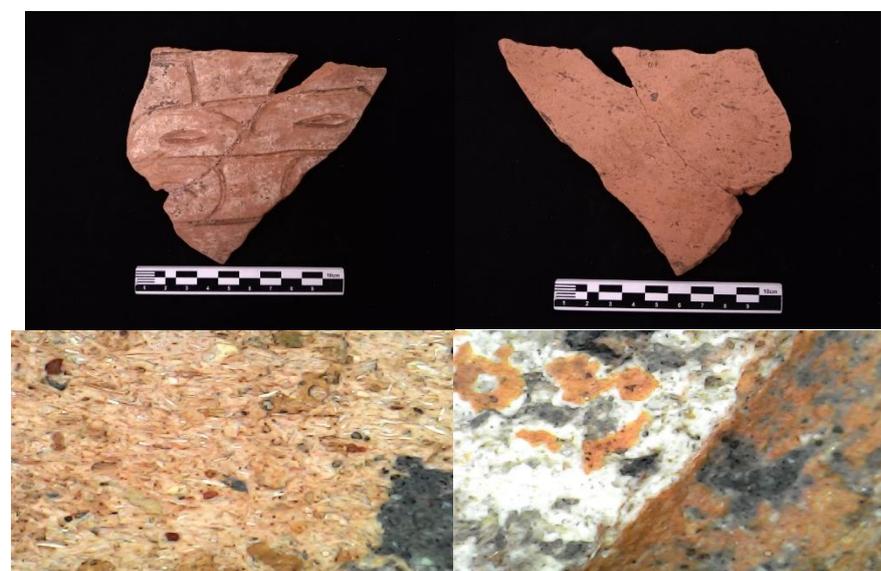
**O fragmento 02** é uma borda com 15 mm de espessura e 32 cm de diâmetro na boca, apresenta cauxi, caco moído, rocha triturada e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado e a cor da superfície é alaranjada, a queima é oxidante interna/reutora externa, a morfologia e contorno do vaso é simples, a forma é irrestrito aberto, a forma da borda é expandida com o lábio plano, esse lábio recebeu decoração de incisão do tipo linha fina, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento, apresenta marcas de uso do tipo fuligem, e o estado de conservação é erodido.

### Fragmento 03



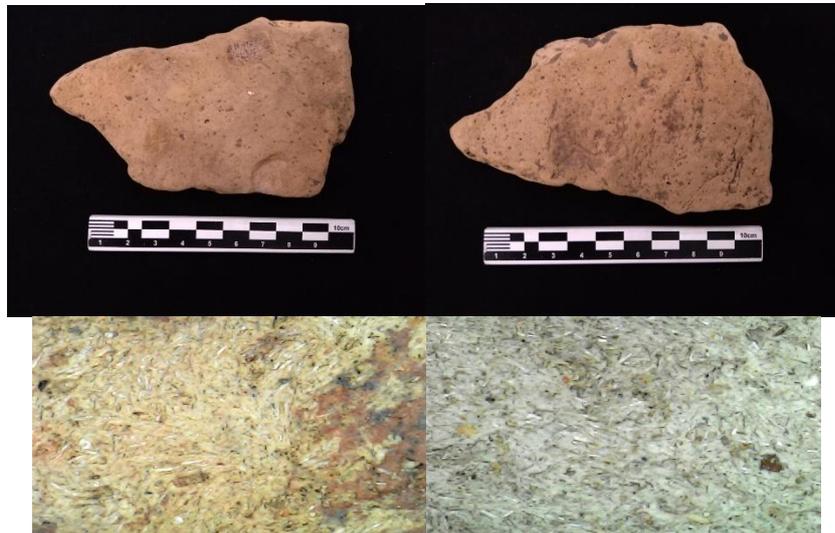
**O fragmento 03** é uma parede com 09 mm de espessura, apresenta cauixi, caco moído, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é marrom e a queima é oxidante, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento, e o estado de conservação é erodido.

### Fragmento 04



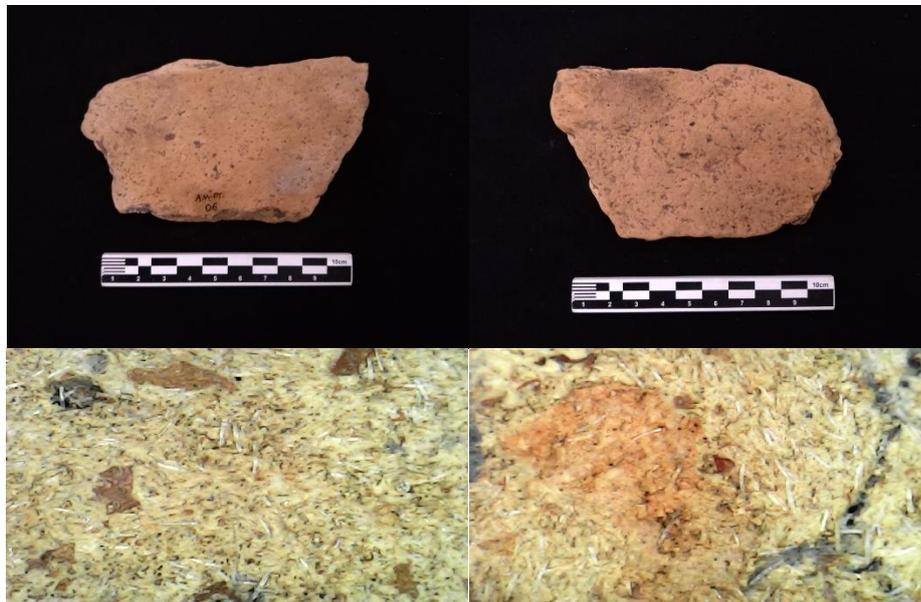
**O fragmento 04** é uma parede com 06 mm de espessura, apresenta cauixi, caco moído, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura foi roletado, a cor da superfície é alaranjado, a queima é oxidante, o tratamento da superfície interna é alisamento, e a superfície externa recebe alisamento com a presença de engobo branco e preto e decoração plástica de incisão do tipo faixas grossas, o estado de conservação é erodido com perda de engobo.

### Fragmento 05



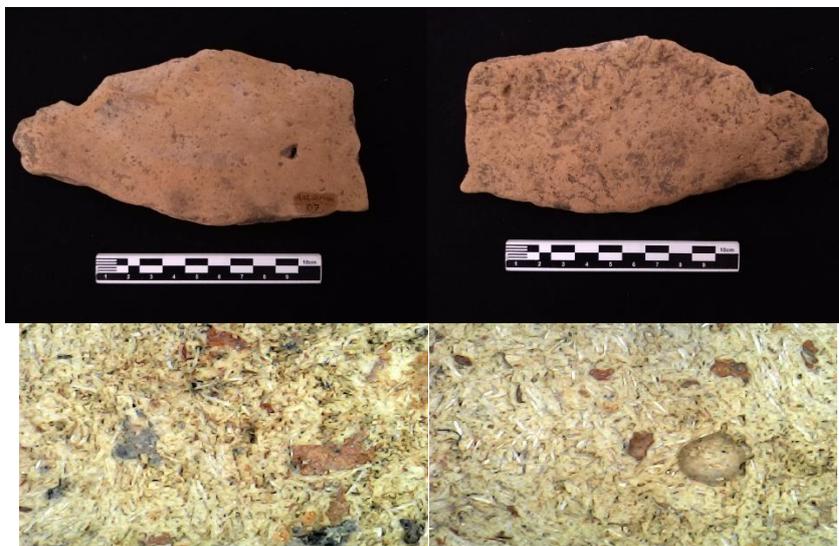
**O fragmento 05** é uma parede com 11 mm de espessura, apresenta cauxi, caco moído, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é bege, a queima é redutora, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento, o estado de conservação é erodido.

### Fragmento 06



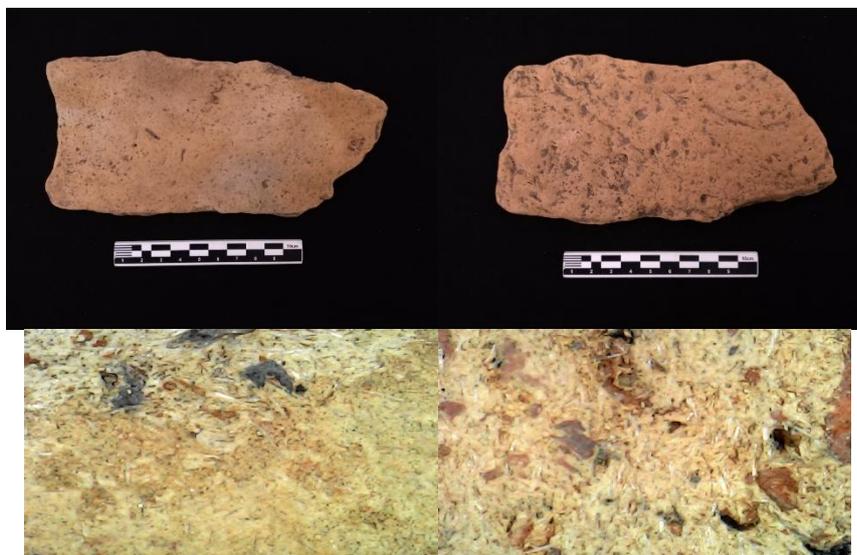
**O fragmento 06** é uma parede com 13 mm de espessura, apresenta cauxi, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura foi roletado, a cor da superfície é alaranjada, e a queima é de núcleo redutor, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento, apresenta marcas de produção do tipo *fire clouds*, o estado de conservação é erodido.

### Fragmento 07



**O fragmento 07** é uma parede com 14 mm de espessura, apresenta cauixi, caco moído, rocha triturada e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é alaranjada e a queima é com o núcleo redutor, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento, o estado de conservação é erodido

### Fragmento 08



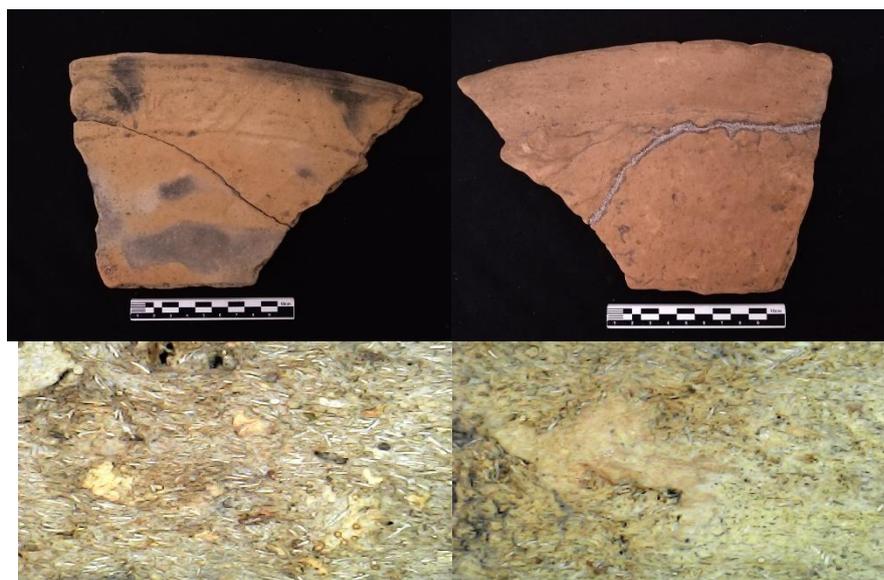
**O fragmento 08** é uma parede com 15 mm de espessura, apresenta cauixi, caco moído, rocha triturada e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é alaranjada, a queima é de núcleo redutor, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento e o estado de conservação é erodido.

## Fragmento 09



**O fragmento 09** é uma borda com 8 mm de espessura e 26 cm de diâmetro na boca, apresenta, cauxi, caco moído e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é bege, a queima é de núcleo redutor, a morfologia e contorno do vaso é simples, a forma é irrestrito aberto, é uma borda roletada interna com o lábio apontado, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento.

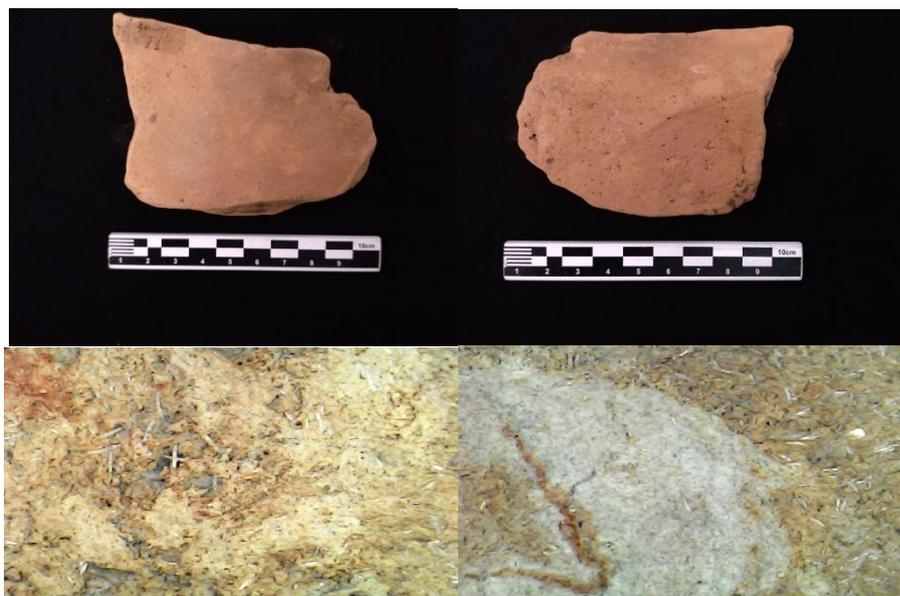
## Fragmento 10



**O fragmento 10** é uma borda com 16 mm de espessura, apresenta cauxi, coco moído e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é alaranjada e sua queima é com o núcleo redutor, a morfologia e contorno do vaso é simples, a forma é irrestrito aberto, a forma da borda é direta com o lábio plano, a forma da base é plana, o tratamento da superfície interna é alisamento com decoração plástica de incisão do tipo faixas grossas com formatos geométricos, já a superfície externa que é a parte da base, recebe somente alisamento, seu estado de conservação é erodido.

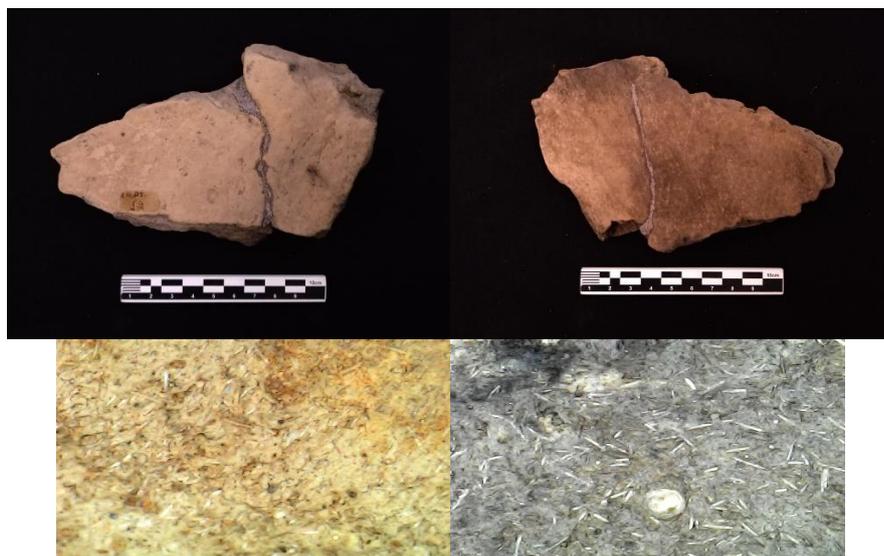
Obs: a peça apresenta algumas manchas escuras na parte de cima, talvez seja fuligem ou alguma marca de uso, mas não foi apontado na planilha, já a parte mais embaixo, como se fosse o meio da peça, apresenta outras marcas parecendo *fire clouds*, mas se trata de alguns desgaste e perda da superfície, deixando a amostra o núcleo da peça.

## Fragmento 11



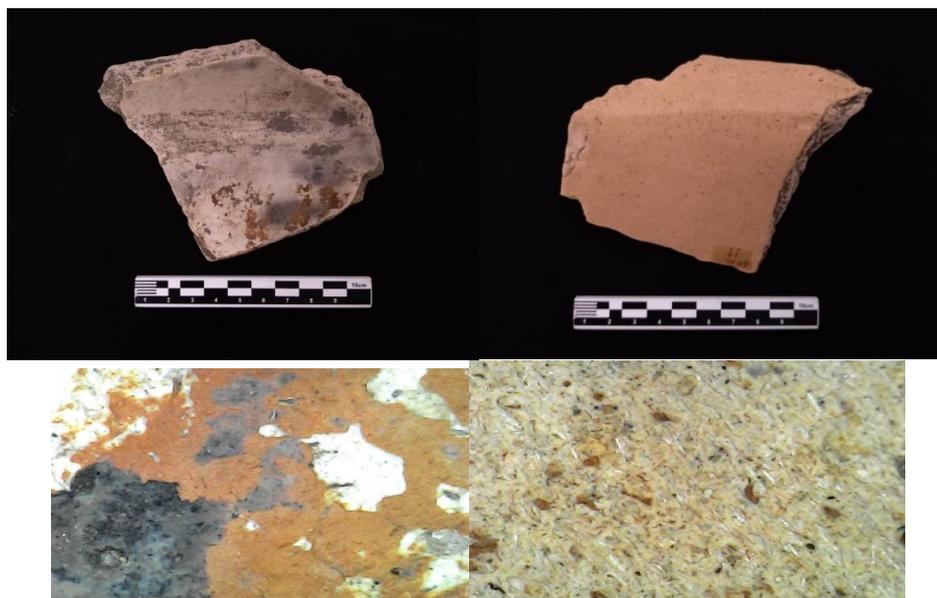
**O fragmento 11** é uma parede com 16 mm de espessura, apresenta cauxi, caco moído e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é alaranjada e a queima é oxidante, a tratamento da superfície interna é alisamento, já o tratamento da superfície externa é alisamento com a presença de engobo branco, o seu estado de conservação apresenta perda de engobo.

## Fragmento 12



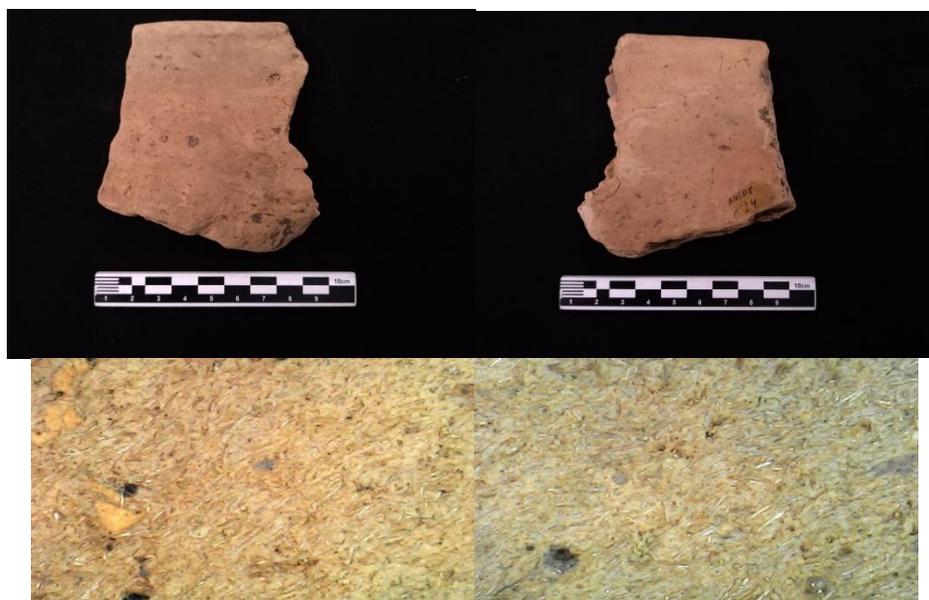
**O fragmento 12** é uma parede com 19 mm de espessura, apresenta cauxi em grande proporção e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é marrom, a queima é de núcleo redutor, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento, o seu estado de conservação é erodido.

### Fragmento 13



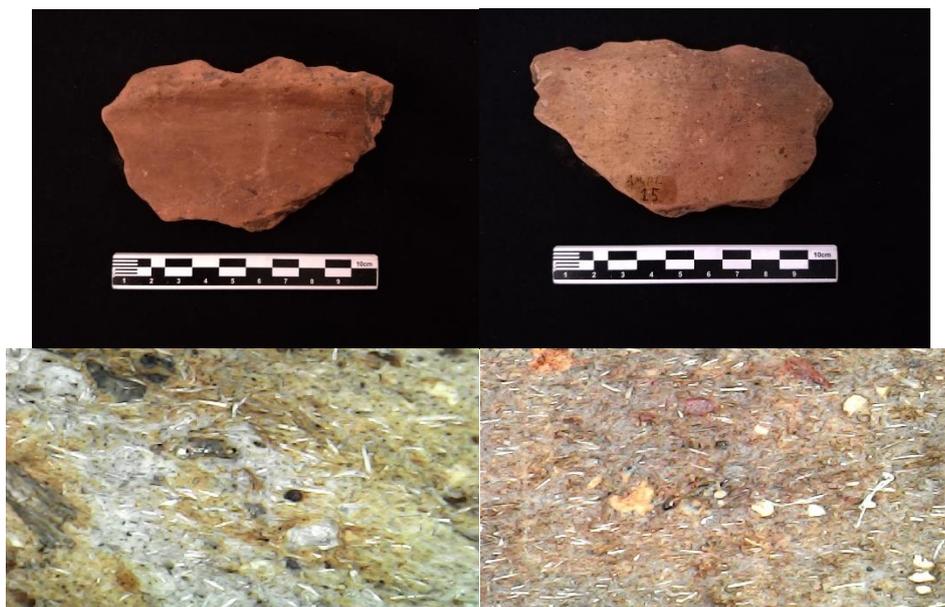
**O fragmento 13** é uma parede com 9 mm de espessura, apresenta, cauxi, caco moído e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é alaranjado, a queima é com o núcleo redutor, o tratamento da superfície interna é alisamento, já a superfície externa apresenta engobo branco, laranja e cor de vinho, por toda superfície., o seu estado de conservação apresenta a perda de engobo.

### Fragmento 14



**O fragmento 14** é uma borda com 19 mm de espessura, apresenta cauxi, caco moído e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é alaranjada, a queima é com o núcleo redutor, a morfologia e contorno do vaso é simples com a forma irrestrito aberto, a forma da borda é direta com o lábio arredondado, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento.

## Fragmento 15



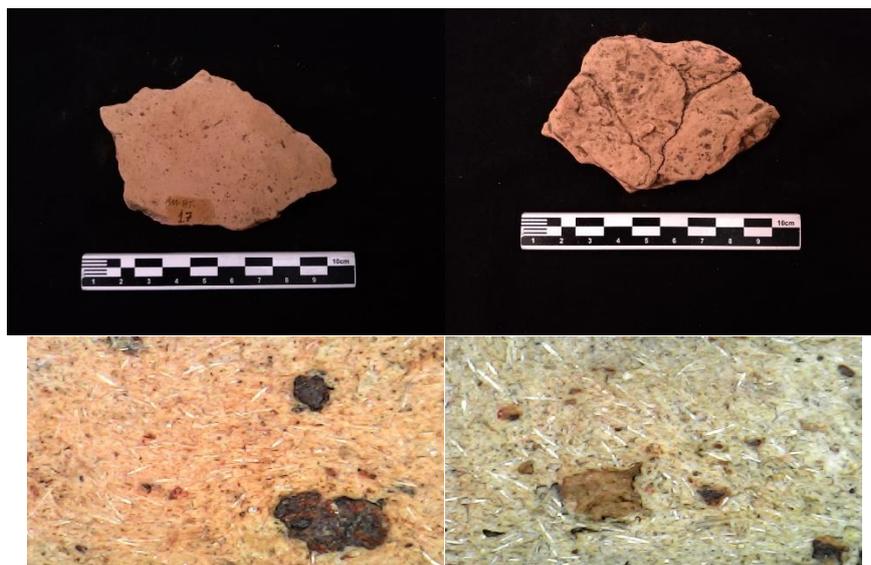
**O fragmento 15** é uma parede com 9 mm de espessura, apresenta cauixi, caco moído, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a técnica de manufatura é roletada, e a cor da superfície é alaranjada, sua queima é oxidante, o tratamento da superfície é alisamento.

## Fragmento 16



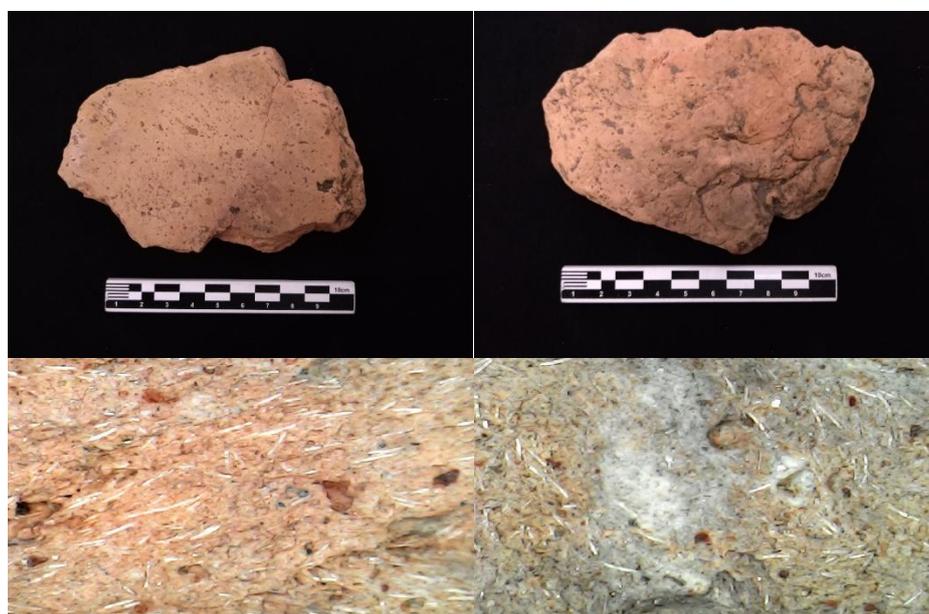
**O fragmento 16** é uma borda com applique, medindo 10 mm de espessura, já o diâmetro da boca não foi possível identificar devido à dificuldade de utilizar o instrumento de medição, apresenta cauixi, caco moído e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado e a cor da superfície é alaranjada, a queima é de núcleo redutor, a morfologia e contorno do vaso é simples e a forma é irrestrito aberto, é uma borda extrovertida com o lábio plano, esse lábio apresenta decoração plástica com engobo, o tratamento da superfície interna é alisamento com decoração plástica de incisão do tipo faixa grossa, já a superfície externa apresenta tratamento de alisamento, apresenta marcas de produção como estrias de alisamento, também é possível perceber marcas de uso do tipo fuligem, e o estado de conservação encontra-se erodido na parte interna, e perda de engobo na borda.

## Fragmento 17



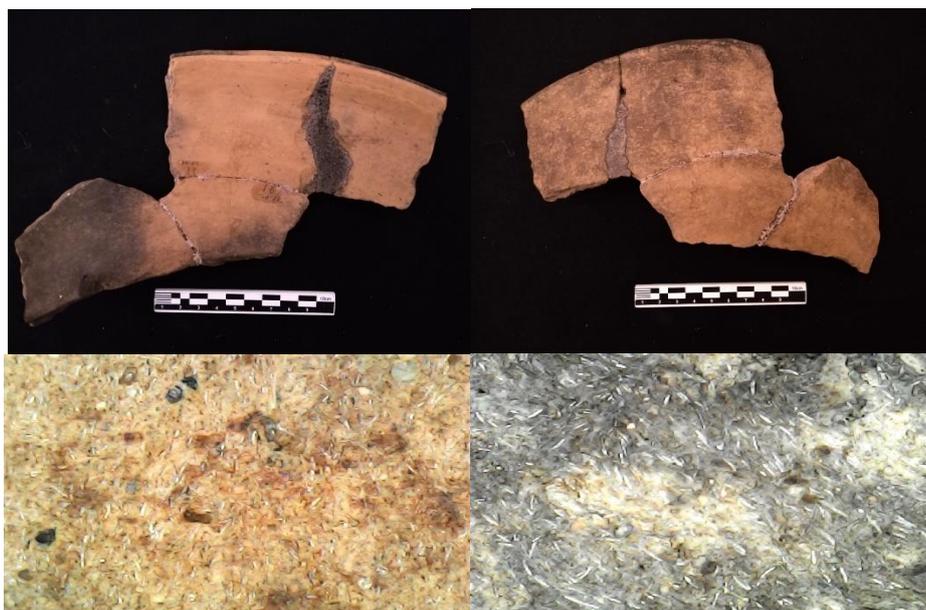
O **fragmento 17** é uma parede com 12 mm de espessura, apresenta cauixi, caco moído, rocha triturada e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é alaranjada, a queima é oxidante, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento, o estado de conservação é erodido.

## Fragmento 18



O **fragmento 18** é uma parede com 14 mm de espessura, apresenta cauixi, caco moído, rocha triturada e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é alaranjada e a queima é oxidante, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento, o estado de conservação é erodido.

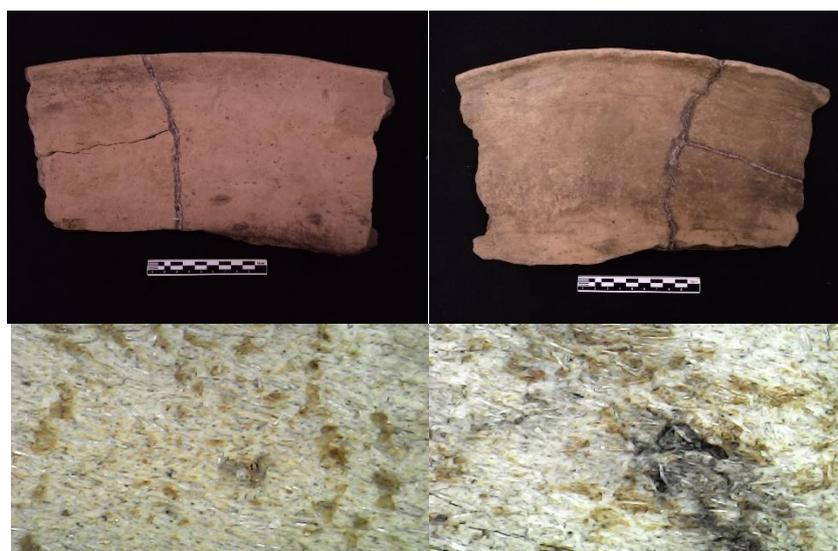
## Fragmento 19 - 21



**O fragmento 19 - 21** é uma borda com 15 mm de espessura e 32 cm de diâmetro na boca, apresenta cauxi, caco moído, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é alaranjado, a queima é oxidante interna/reutora externa, a morfologia e contorno do vaso é simples, a forma é irrestrito aberto, a forma da borda é expandida com o lábio plano, esse lábio apresenta decoração plástica do tipo incisão, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento, apresenta marca de uso como fuligem, seu estado de conservação é erodido.

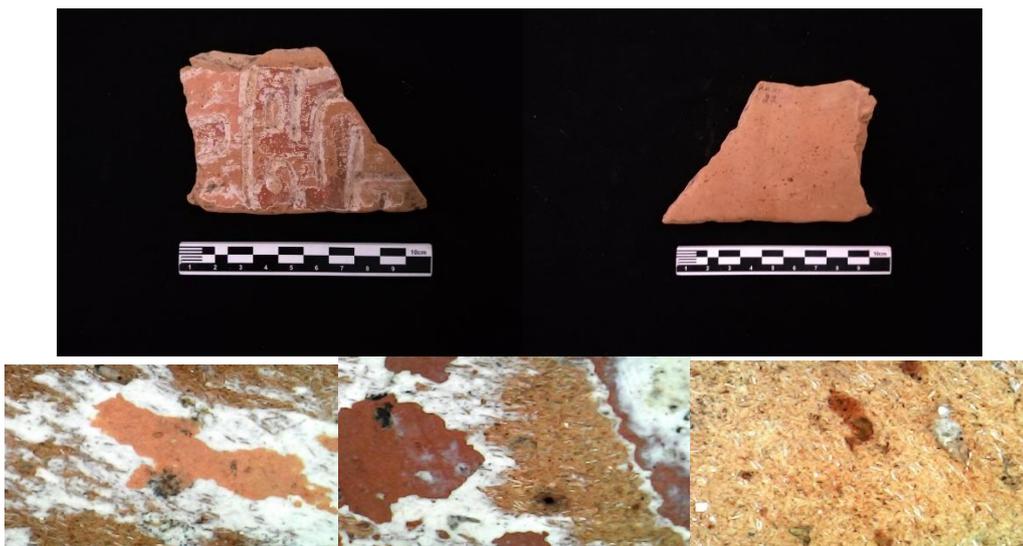
Obs: as peças 19 e 21 remontaram, dessa forma o fragmento aparece com duas numerações, outra observação é que a peça 02, faz parte do mesmo objeto, mas não se juntam devido a quebra ser de pontos diferentes.

## Fragmento 20



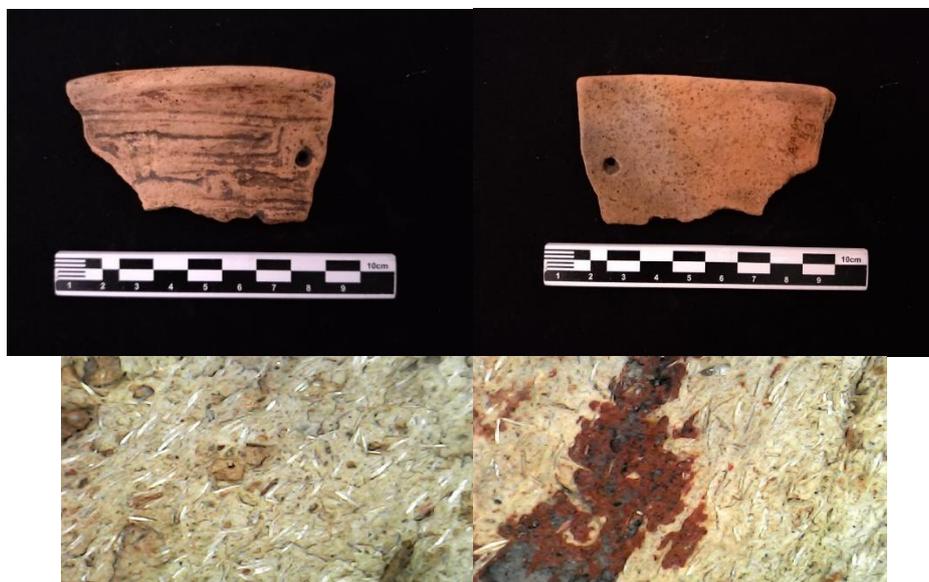
**O fragmento 20** é uma borda com 21 mm de espessura e diâmetro maior do que 60cm, apresenta cauxi e caco moído, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é bege, a queima é com o núcleo redutor, a morfologia e contorno do vaso é composto, a forma desse vaso é irrestrito aberto, é uma borda extrovertida com o lábio biselado, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento.

## Fragmento 22



**O fragmento 22** é uma parede com 10 mm de espessura, apresenta cauixi, caco moído, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é alaranjada e a sua queima é com o núcleo redutor. O tratamento da superfície interna é o alisamento, já a superfície externa apresenta alisamento, engobo branco, amarelo, vermelho e laranja, também apresenta decoração plástica de incisão do tipo faixas grossas com formatos geométricos, no seu estado de conservação apresenta perda de engobo.

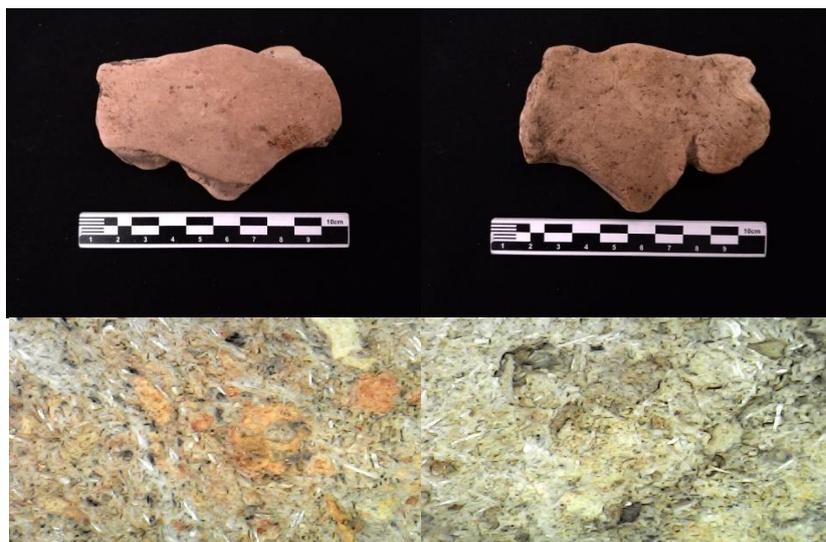
### Fragmento 23



**O fragmento 23** é uma borda com 12 mm de espessura e 20 cm de diâmetro na boca, apresenta cauixi, caco moído e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é alaranjada, sua queima é oxidante, a morfologia e contorno do vaso é composto, e a forma do vaso é irrestrito aberto, a forma da borda é dobrada, com o lábio biselado, o tratamento da superfície interna é alisamento, superfície externa é alisamento com a presença de engobo vermelho e decoração plástica de incisão do tipo linhas finas em paralelo, seu estado de conservação é erodido com a perda de engobo.

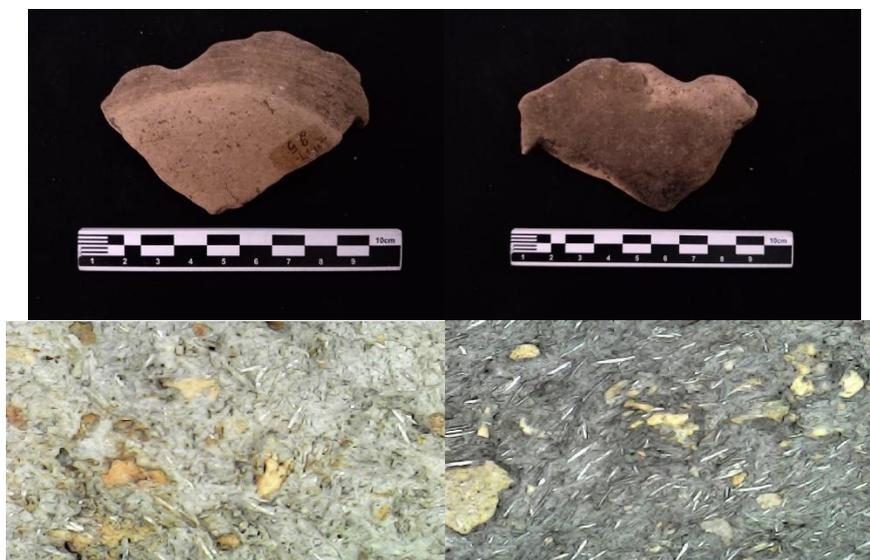
Obs: o fragmento apresenta um furo que ultrapassa a parede da parte externa para a interna.

## Fragmento 24



O **fragmento 24** é uma parede com 13 mm de espessura, apresenta cauxi, caco moído e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é marrom, e a queima é com o núcleo redutor, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento.

## Fragmento 25



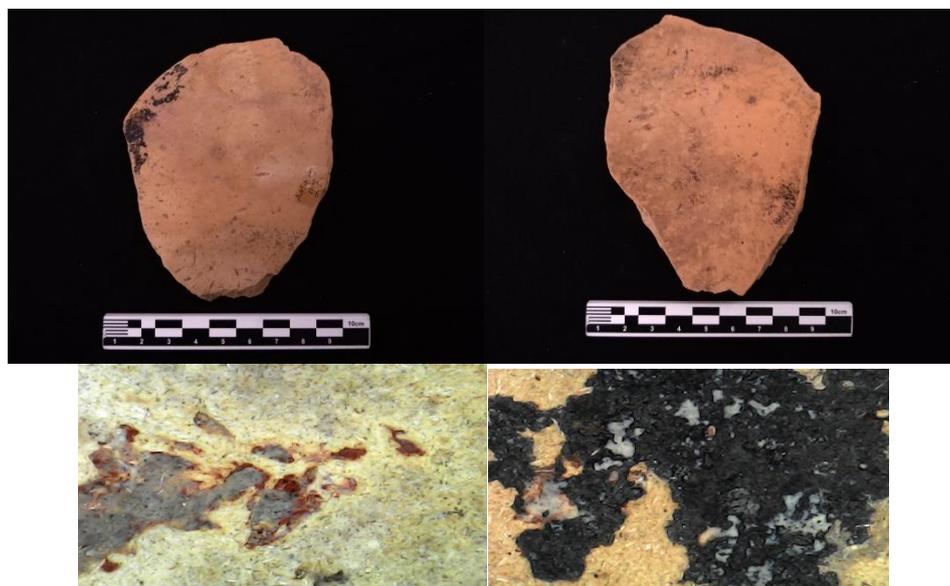
O **fragmento 25** é uma base com 11 mm de espessura e 11 cm de diâmetro na base, apresenta cauxi, caco moído e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é marrom, a queima é redutora interna/oxidante externa, a forma da base é plana, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento, o estado de conservação é erodido.

### Fragmento 26



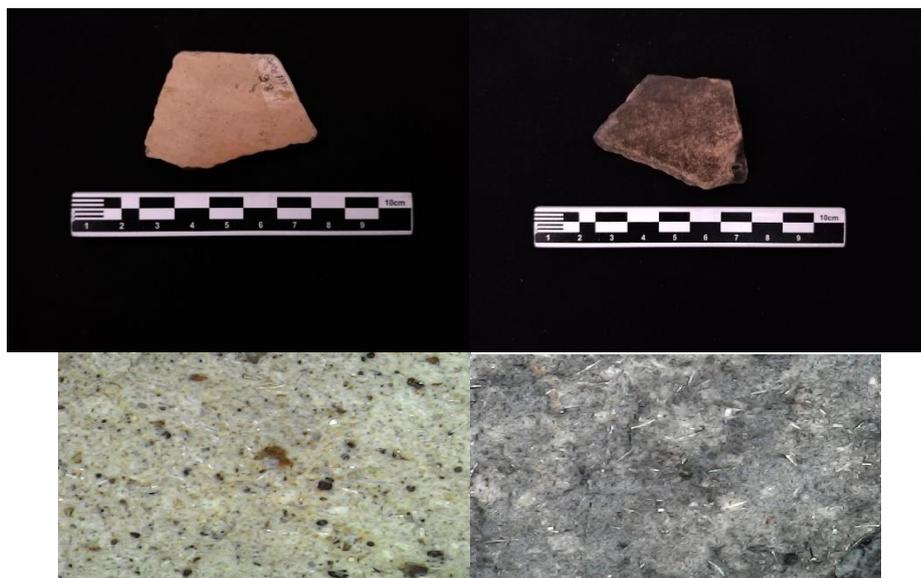
O **fragmento 26** é uma parede com 15 mm de espessura, apresenta cauxi e caco moído, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é bege, a queima é de núcleo redutor, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento.

### Fragmento 27



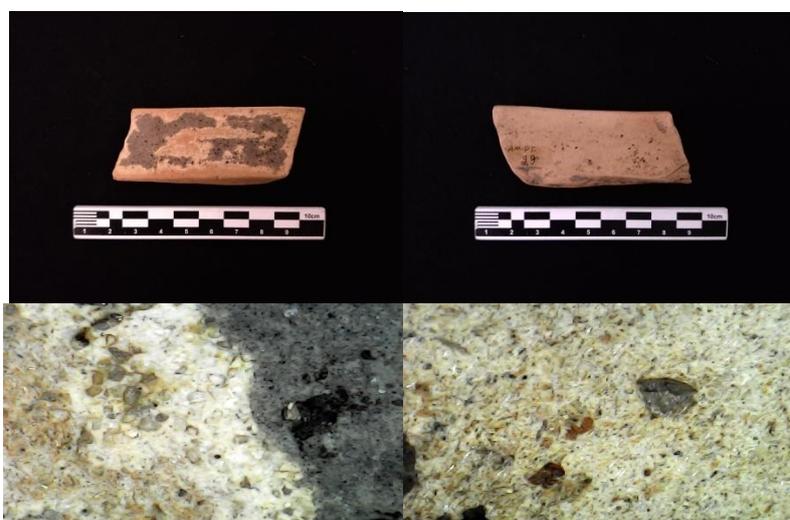
O **fragmento 27** é uma borda com 08 mm de espessura e 10 cm de diâmetro na base, apresenta cauxi, caco moído e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é alaranjado, a queima é com o núcleo redutor, a forma da base é plana, o tratamento da superfície interna é alisamento com a presença de engobo preto, já a superfície externa apresenta alisamento com a presença de engobo preto e vermelho, o estado de conservação é erodido.

## Fragmento 28



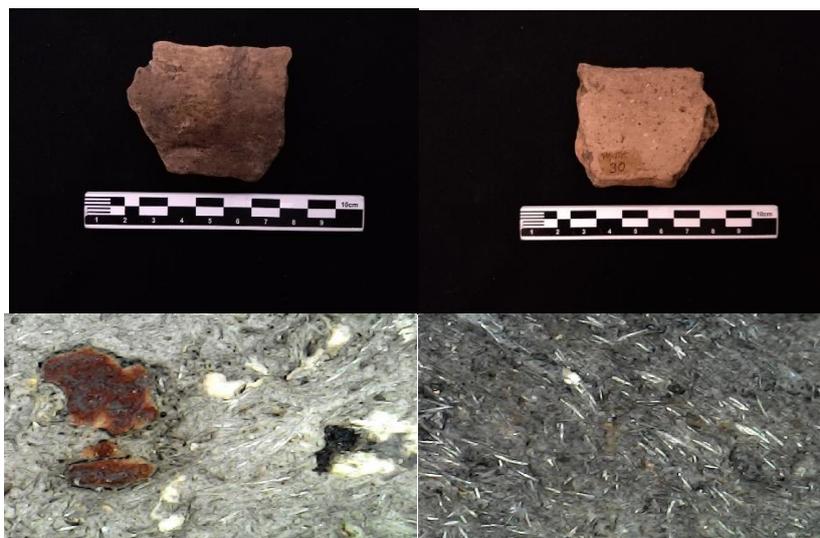
**O fragmento 28** é uma parede com 07 mm de espessura, apresenta cauxi, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é alaranjada, a queima é de núcleo redutor, o tratamento da superfície interna apresenta enegrecimento ou brunidura, e a superfície externa é alisamento.

## Fragmento 29



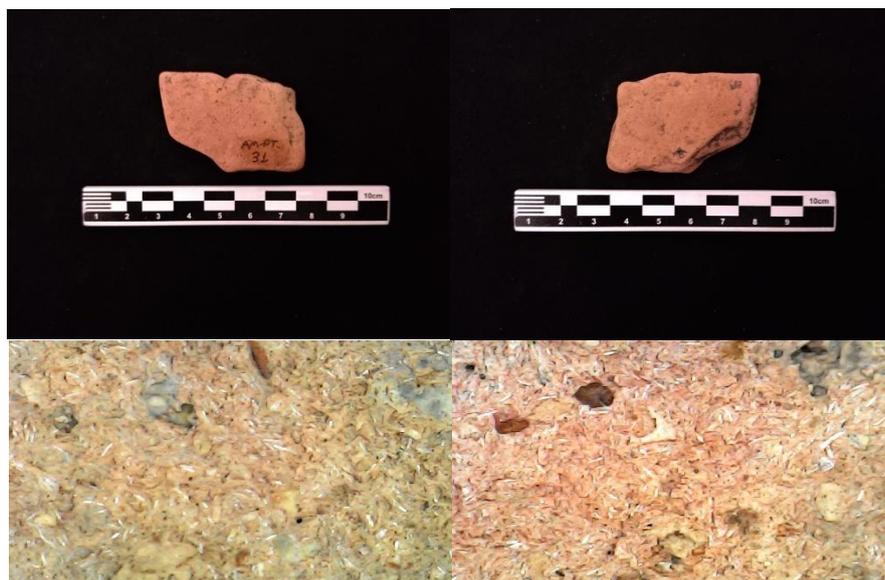
**O fragmento 29** é uma borda com 10 mm de espessura e 32 cm de diâmetro na boca, cauxi, caco moído, rocha triturada, oxido de ferro e areia, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é alaranjada, a queima é oxidante, a morfologia e contorno do vaso é composto, a forma do vaso é irrestrito aberto, é uma borda direta com o lábio plano, o tratamento da superfície interna é alisamento, já a superfície externa é alisamento com presença de engobo branco, o estado de conservação apresenta perda de engobo.

### Fragmento 30



**O fragmento 30** é uma parede com 13 mm de espessura, apresenta cauixi, caco moído, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é cinza, a queima é redutora, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento.

### Fragmento 31



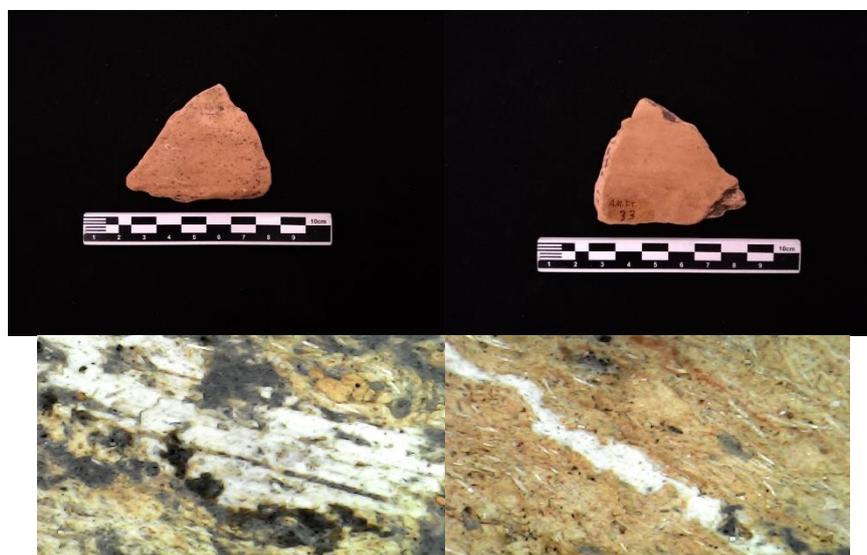
**O fragmento 31** é uma parede com 11 mm de espessura, apresenta cauixi, caco moído, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é alaranjada, a queima é oxidante, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento.

### Fragmento 32



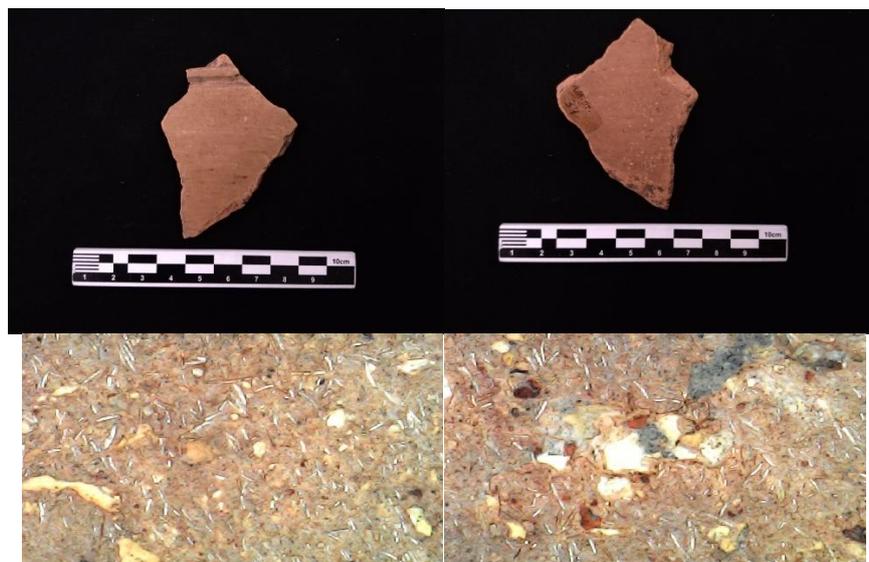
**O fragmento 32** é uma parede com carena, a sua espessura tem 13 mm, apresenta caixi, caco moído, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é alaranjada, a queima é de núcleo redutor, o tratamento da superfície interna é alisamento, da superfície externa é alisamento com presença de engobo branco, preto e laranja, seu estado de conservação apresenta perda de engobo.

### Fragmento 33



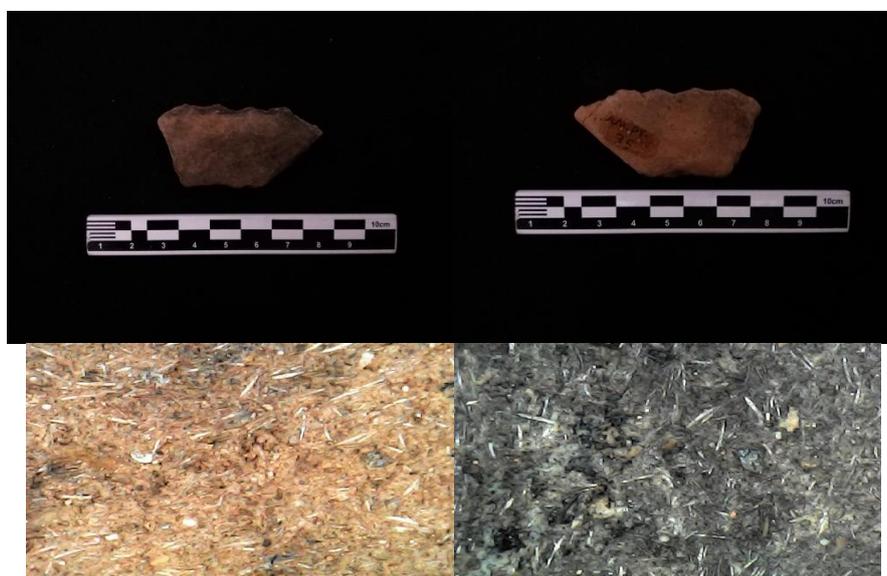
**O fragmento 33** é uma parede com 10 mm de espessura, apresenta caixi e caco moído, a técnica de manufatura é roletado com a cor da superfície alaranjada, a queima é oxidante, o tratamento a superfície interna é alisamento, já a superfície externa apresenta alisamento com a presença de engobo branco, o estado de conservação apresenta a perda de engobo.

### Fragmento 34



**O fragmento 34** é uma parede com 06 mm de espessura, apresenta cauixi, caco moído, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é alaranjada, a queima é oxidante, o tratamento da superfície interna apresenta alisamento, já a superfície externa apresenta alisamento com decoração plástica de incisão do tipo faixas grossas.

### Fragmento 35



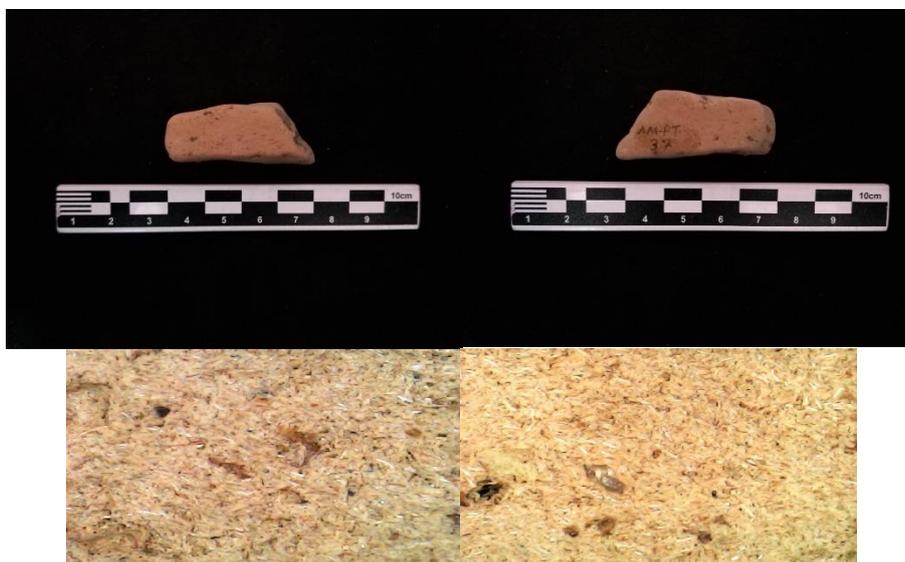
**O fragmento 35** é uma parede com 07 mm de espessura, apresenta cauixi, caco moído, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é alaranjada, a queima é oxidante interna/reutora externa, o tratamento das superfícies interna e externa é alisamento.

### Fragmento 36



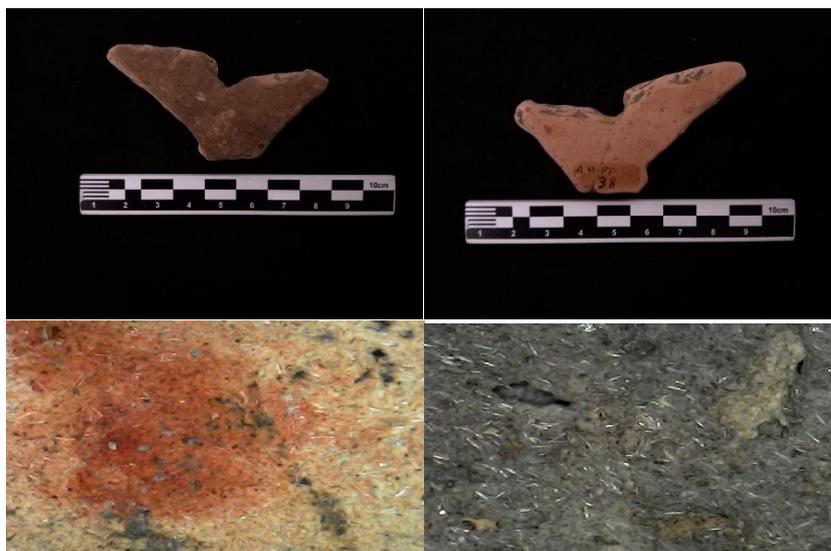
O **fragmento 36** é uma borda com 16 mm de espessura e 60 cm de diâmetro na boca, apresenta cauxi, caco moído e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é alaranjada, a queima é oxidante, a morfologia e contorno do vaso é composto, a forma é irrestrito aberto, a forma da borda é dobrada com o lábio biselado, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento, seu estado de conservação é erodido.

### Fragmento 37



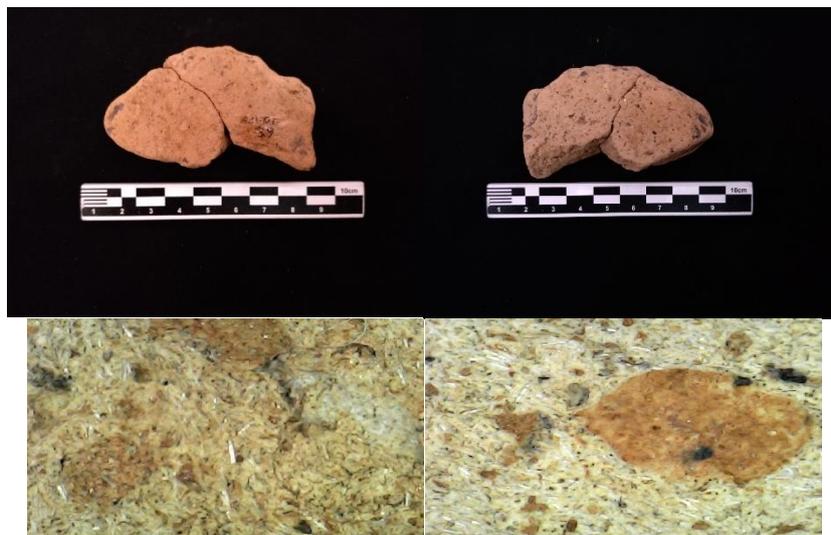
O **fragmento 37** é uma parede com 9 mm de espessura, apresenta cauxi, caco moído e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado e a cor da superfície é alaranjada, a queima com o núcleo redutor, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento.

### Fragmento 38



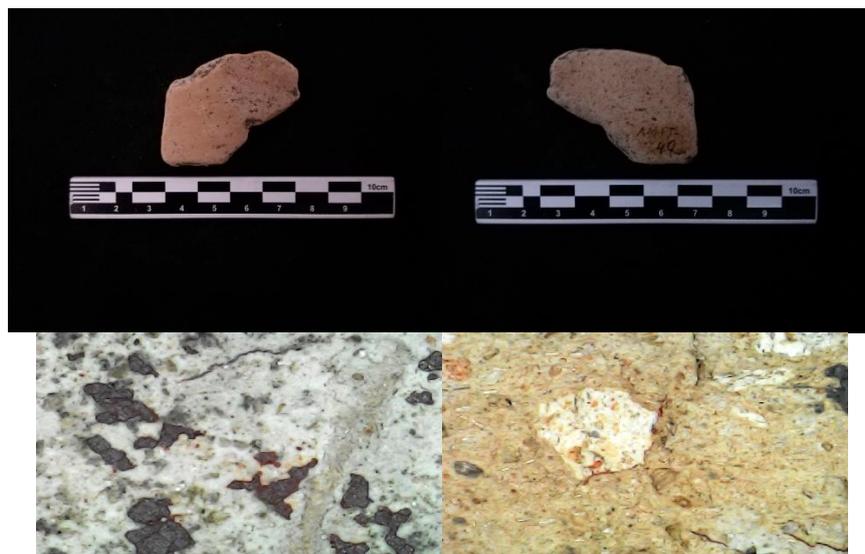
**O fragmento 38** é uma parede com 10 mm de espessura, apresenta cauxi, caco moído e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é alaranjada, a queima é oxidante interna/redutora externa, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento.

### Fragmento 39



**O fragmento 39** é uma parede com 15 mm de espessura, apresenta, cauxi, caco moído e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é bege, a queima é oxidante, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento, seu estado de conservação é erodido.

## Fragmento 40



**O fragmento 40** é uma parede com 08 mm de espessura, apresenta cauixi, caco moído, rocha triturada, óxido de ferro e areia. A técnica de manufatura é roletado e a cor da superfície é bege, a queima é com o núcleo redutor, o tratamento da superfície interna é alisamento, já a superfície externa apresenta alisamento com a presença de engobo branco e cor de vinho, o estado de conservação apresenta perda desse engobo.

## Fragmento 41



**O fragmento 41** é uma parede com 13 mm de espessura, apresenta cauixi, caco moído, rocha triturada e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é alaranjado, a queima é redutora interna/oxidante externa, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento, o estado de conservação é erodido.

## Fragmento 42



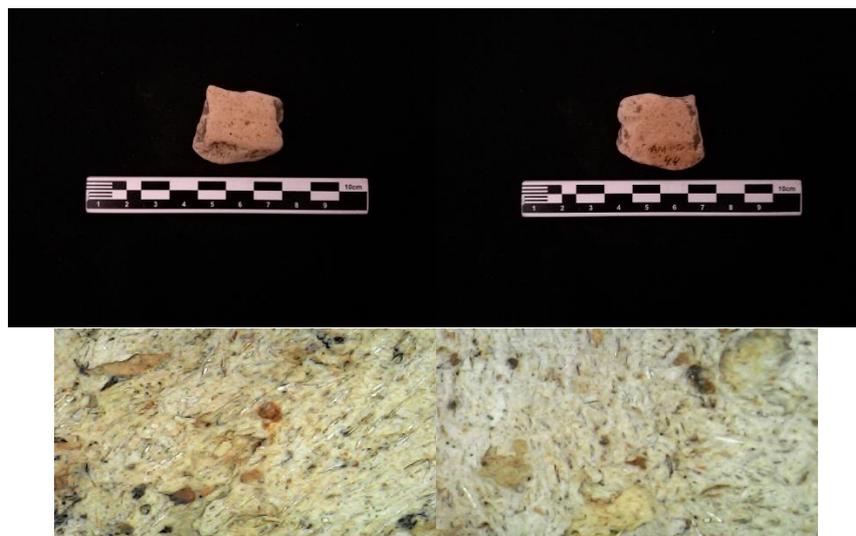
**O fragmento 42** é uma parede com 12 mm de espessura, apresenta cauixi, caco moído, rocha triturada, óxido de ferro e areia, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é marrom, sua queima é de núcleo redutor, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento.

## Fragmento 43



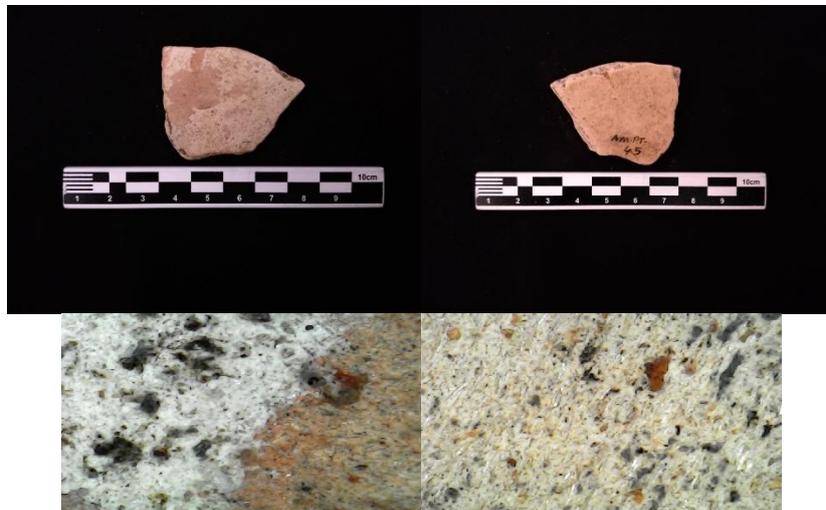
**O fragmento 43** é uma parede com 06 mm de espessura, apresenta cauixi e caco moído, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é bege, a queima é de núcleo redutor, o tratamento da superfície interna é alisamento, e da superfície externa é alisamento com decoração plástica de incisão do tipo linhas finas.

## Fragmento 44



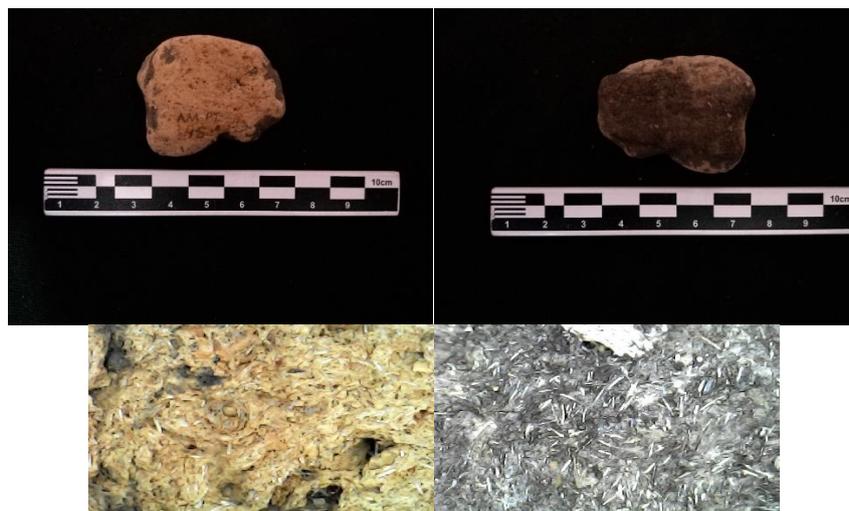
**O fragmento 44** é parede com 8 mm de espessura, apresenta cauixi, caco moído e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é bege, a queima é de núcleo redutor, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento.

## Fragmento 45



**O fragmento 45** é uma parede com 06 mm de espessura, apresenta cauixi, caco moído e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é marrom, a queima é de núcleo redutor, o tratamento da superfície interna é alisamento, já a superfície externa é alisamento com a presença de engobo branco, seu estado de conservação apresenta a perda desse engobo.

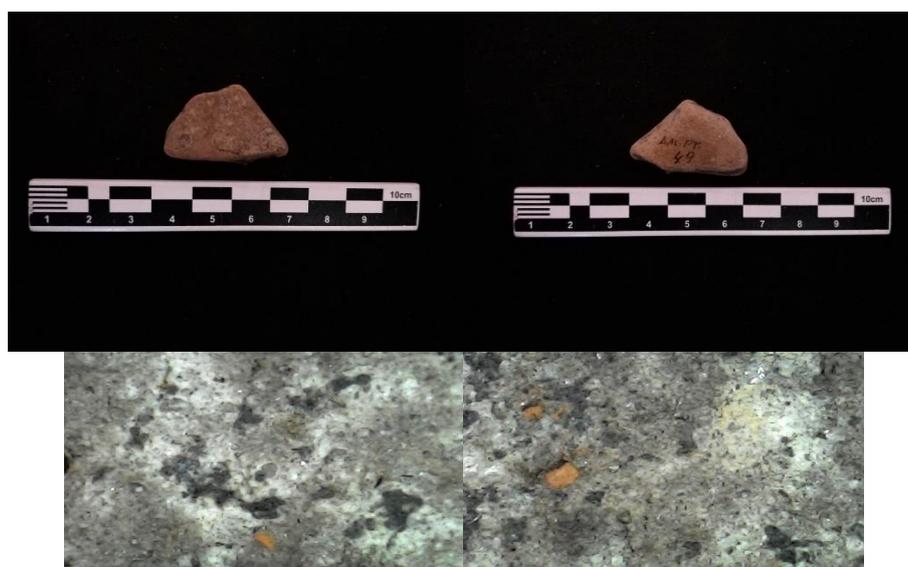
## Fragmento 46



**O fragmento 46** é uma parede com 11 mm de espessura, apresenta cauixi, caco moído, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é marrom, a queima é redutora interna/oxidante externa, o tratamento da superfície interna e externa é oxidante, o estado de conservação é erodido.

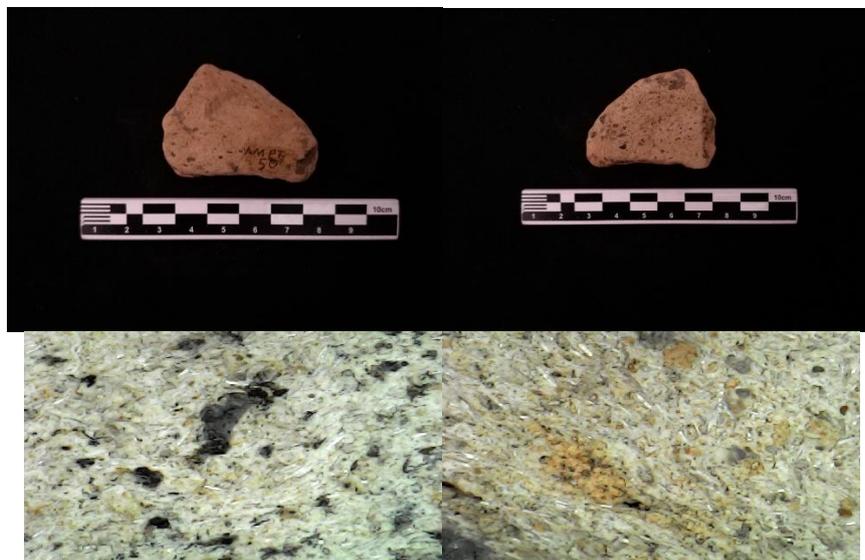
**OBS: Os fragmentos 47 e 48 fazem parte do objeto 01, descrito adiante.**

## Fragmento 49



**O fragmento 49** é uma parede com 07 mm de espessura, apresenta cauixi, caco moído e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é marrom, a queima é oxidante externa/redutora interna, o tratamento da superfície interna é alisamento, já a superfície externa apresenta alisamento com a presença de engobo branco, o estado de conservação apresenta a perda desse engobo.

## Fragmento 50



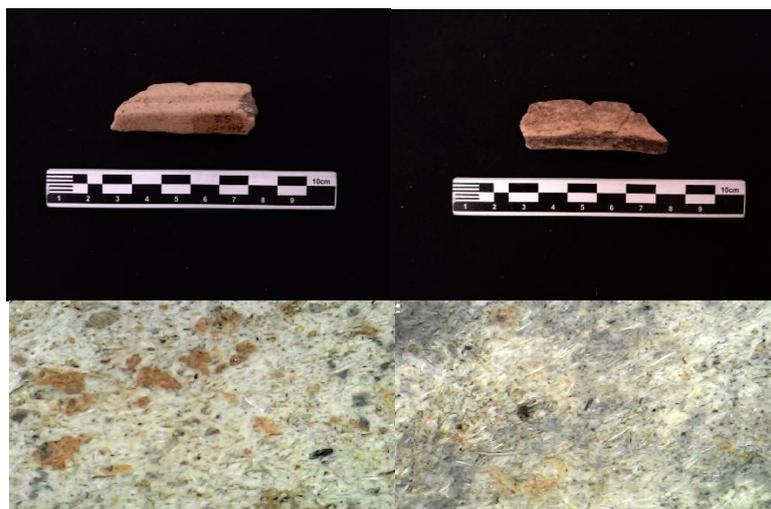
**O fragmento 50** é uma parede com 11 mm de espessura, apresenta cauxi e caco moído, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é bege, a queima é oxidante interna/reductora externa, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento, o estado de conservação é erodido.

## Fragmento 51



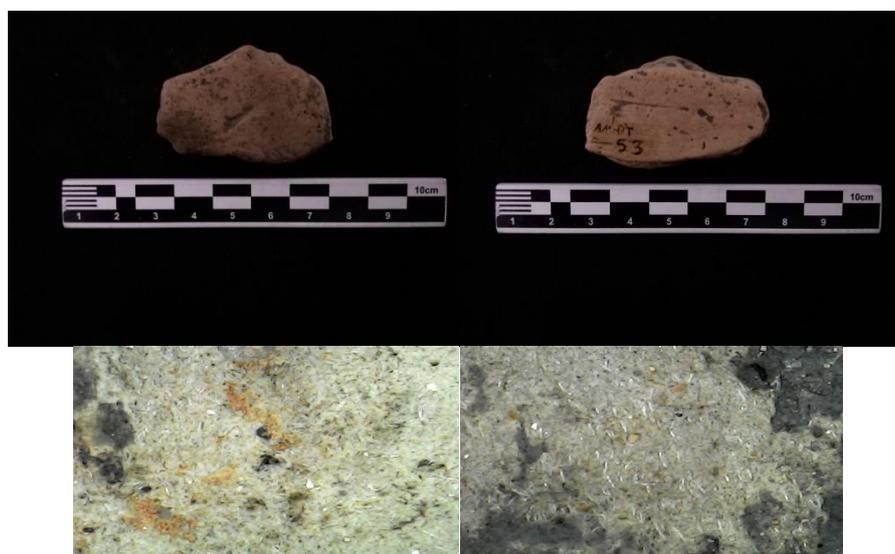
**O fragmento 51** é uma parede com 10 mm de espessura, apresenta cauxi, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é alaranjada, a queima é oxidante, o tratamento da superfície interna é alisamento, já a superfície externa apresenta alisamento com a presença de engobo branco com decoração plástica de incisão do tipo faixas grossas, o estado de conservação apresenta a perda de engobo.

### Fragmento 52



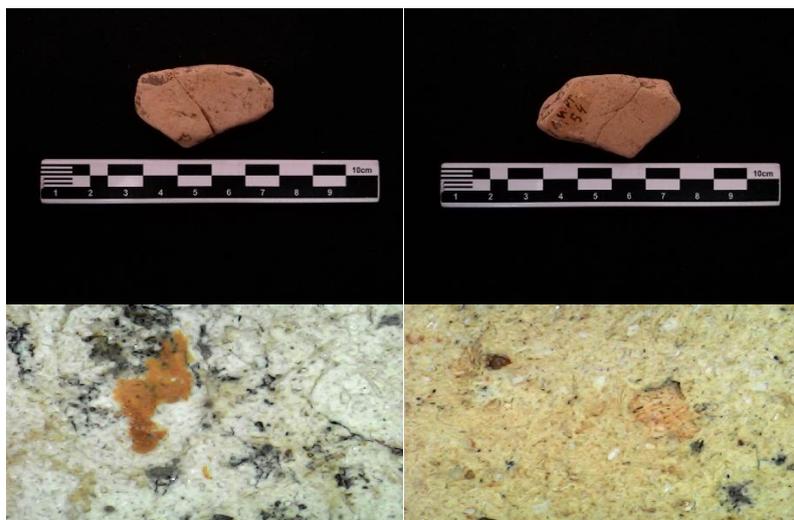
**O fragmento 52** é uma borda com 12 mm de espessura e 30 cm de diâmetro na boca, apresenta cauxi e caco moído, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é bege e sua queima é com o núcleo redutor, a morfologia do vaso é composto e sua forma é irrestrito aberto, é uma borda extrovertida com o lábio biselado, esse lábio apresenta decoração do tipo incisão, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento.

### Fragmento 53



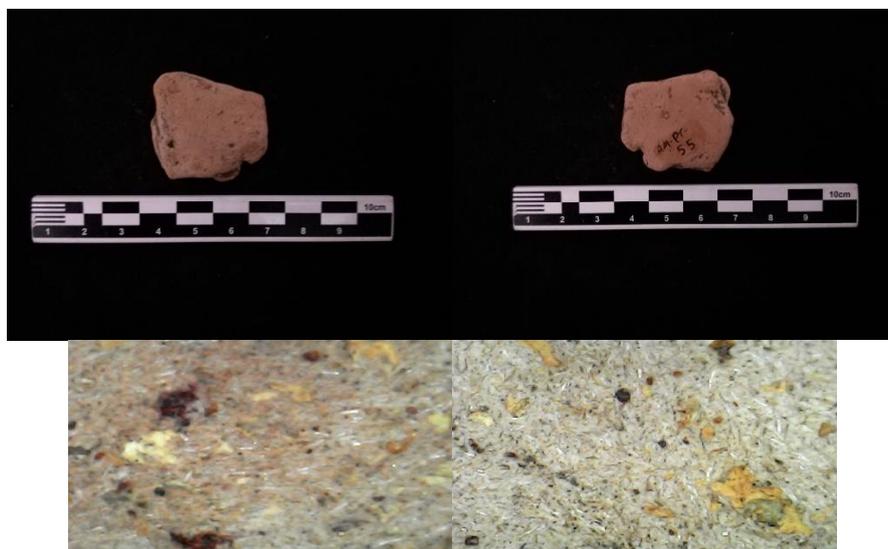
**O fragmento 53** é uma parede com 08 mm de espessura, apresenta cauxi e caco moído, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é bege, a queima é oxidante interna/redutora externa, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento.

## Fragmento 54



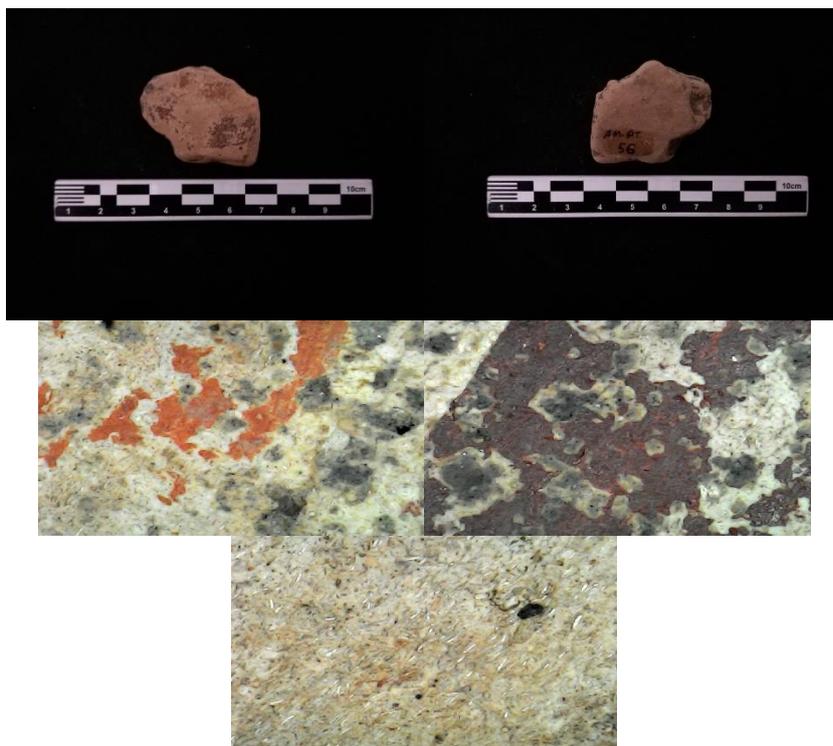
**O fragmento 54** é uma parede com 08 mm de espessura, apresenta cauxi, caco moído e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é marrom, a queima é oxidante, a superfície interna apresenta alisamento, já a superfície externa alisamento com a presença de engobo branco e laranja, o estado de conservação apresenta a perda desse engobo.

## Fragmento 55



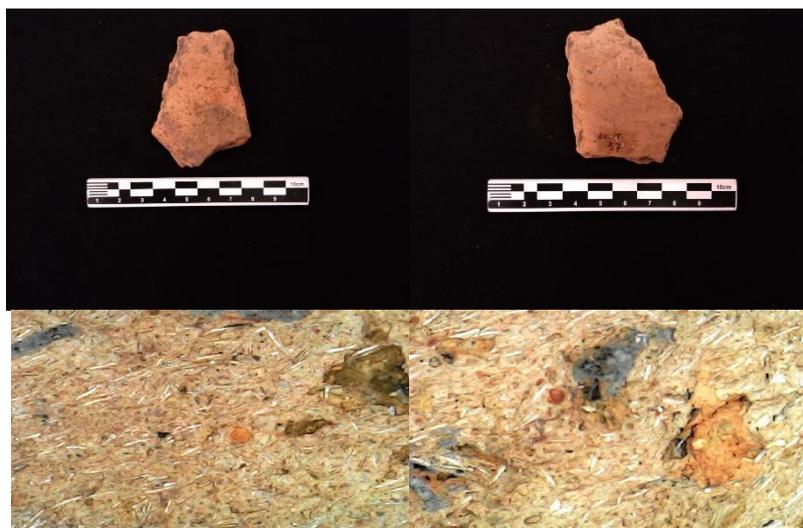
**O fragmento 55** é uma parede com 7 mm de espessura, apresenta cauxi, caco moído, rocha triturada e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é alaranjada, a queima é oxidante, o tratamento das superfícies interna e externa são alisamento.

## Fragmento 56



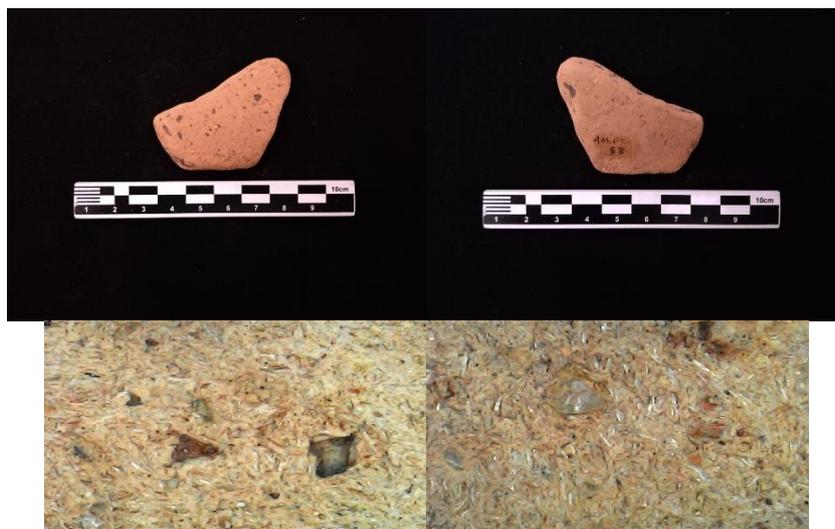
**O fragmento 56** é uma parede com 07 mm de espessura, apresenta cauxi, caco moído e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é marrom e a queima é oxidante, a superfície interna apresenta alisamento, já a superfície externa apresenta alisamento com a presença de engobo branco, vinho e laranja, o estado de conservação apresenta a perda desse engobo.

## Fragmento 57



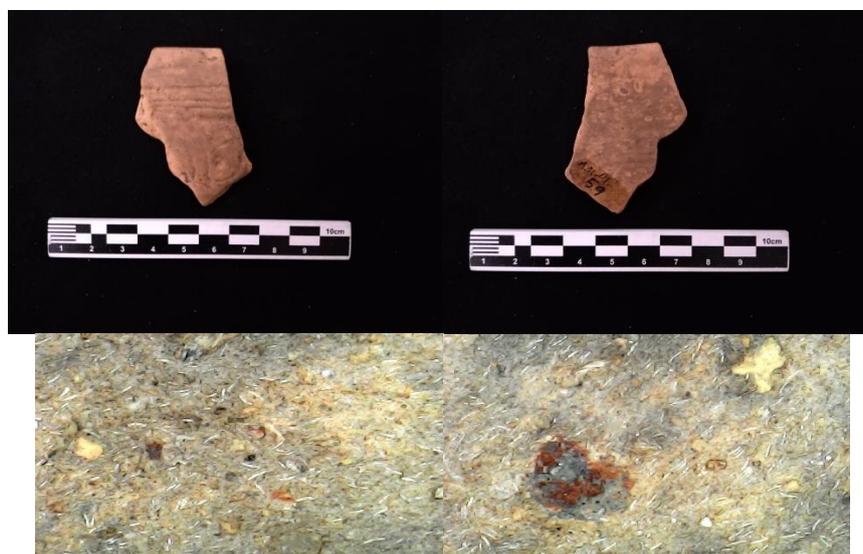
**O fragmento 57** é uma parede com 12 mm de espessura, apresenta cauxi, caco moído, rocha triturada, oxido de ferro e argila, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é alaranjada, a queima é oxidante, o tratamento das superfícies interna e externa é alisamento, o estado de conservação é erodido.

### Fragmento 58



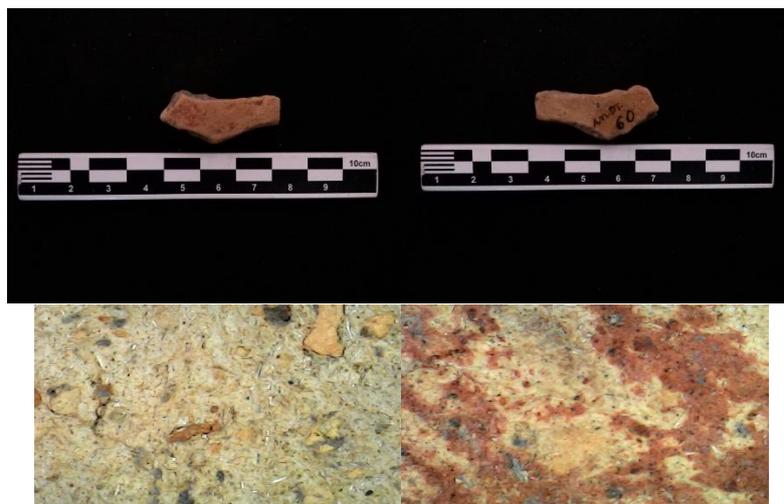
**O fragmento 58** é uma parede com 07 mm de espessura, apresenta cauxi, caco moído, rocha triturada e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é alaranjada, a queima é oxidante, o tratamento das superfícies interna e externa é alisamento.

### Fragmento 59



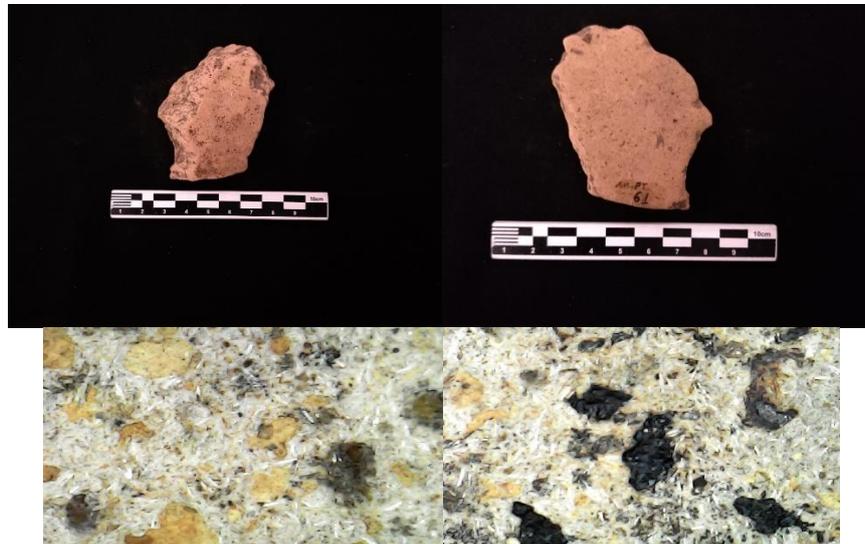
**O fragmento 59** é uma borda com 08 mm de espessura, apresenta cauxi, caco moído e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é marrom, a queima é oxidante, a morfologia e contorno do vaso é simples, a forma é irrestrito aberto, é uma borda direta com o lábio arredondado, o tratamento da superfície interna é alisamento, já a superfície externa apresenta alisamento com decoração plástica de incisão do tipo linhas finas em paralelo.

## Fragmento 60



O **fragmento 60** é uma parede com 10 mm de espessura, apresenta cauixi, caco moído, oxido de ferro e areia, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é alaranjada e a sua queima é de núcleo redutor, o tratamento da superfície interna é alisamento, já a superfície externa apresenta alisamento com a presença de pintura vermelha, o estado de conservação apresenta a perda dessa pintura.

## Fragmento 61



O **fragmento 61** é uma parede com 14 mm de espessura, apresenta cauixi, caco moído, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é bege e sua queima é oxidante, o tratamento da superfície interna e externa apresentam alisamento, também é possível notar a presença de marca de uso do tipo fuligem.

## Fragmento 62



**O fragmento 62** é uma parede com carena, a sua espessura é de 12 mm, apresenta cauixi, caco moído e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é bege, a queima é oxidante interna/redutora externa, o tratamento da superfície interna é alisamento, já a superfície externa apresenta engobo branco, vinho e laranja, o tratamento da superfície apresenta perda de engobo.

## Fragmento 63



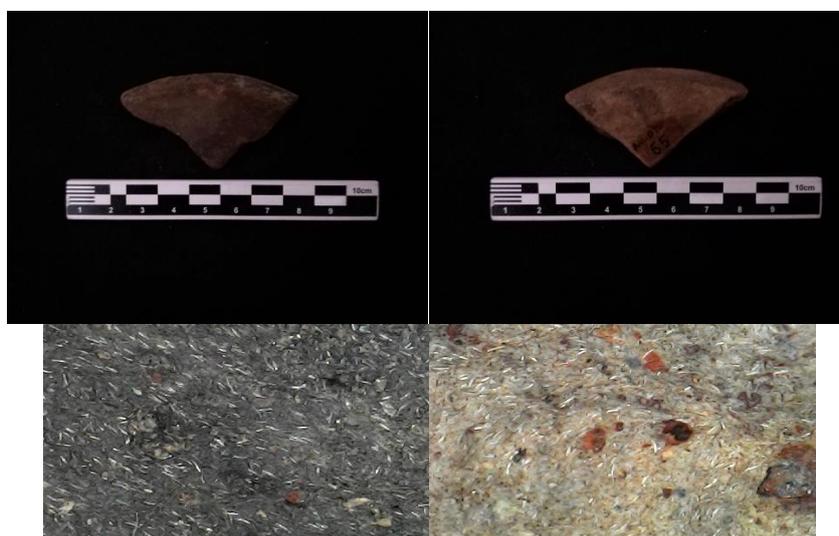
**O fragmento 63** é uma parede com 11 mm de espessura, apresenta cauixi, caco moído, rocha triturada e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é laranja, a queima é oxidante, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento.

## Fragmento 64



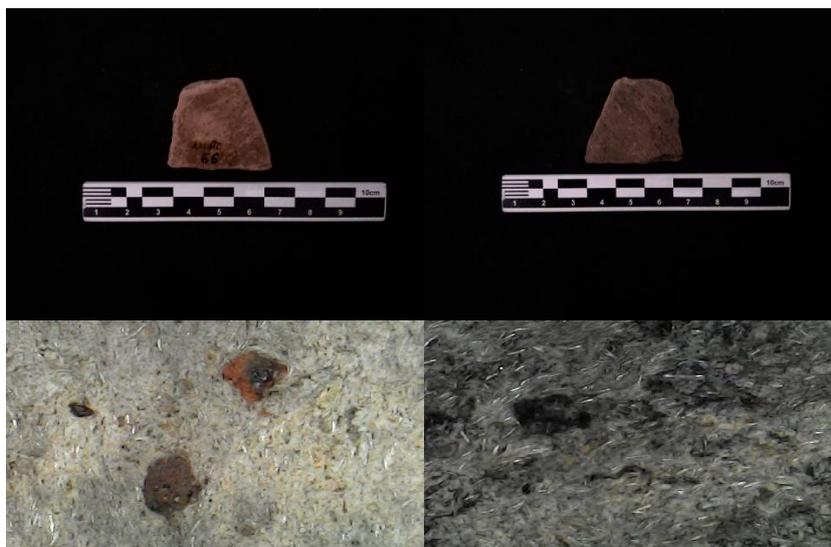
O **fragmento 64** é uma borda com 10 mm de espessura e 23 cm de diâmetro na boca, apresenta cauxi, caco moído, rocha triturada, oxido de ferro e areia, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é alaranjada, a queima é com o núcleo redutor, a morfologia e contorno do vaso é simples com a forma irrestrito aberto, a forma da borda é direta com o lábio plano, o tratamento da superfície interna é alisamento com a presença de engobo branco, já a superfície externa apresenta alisamento e decoração plástica de incisão do tipo linhas finas, o estado de conservação apresenta a perda de engobo.

## Fragmento 65



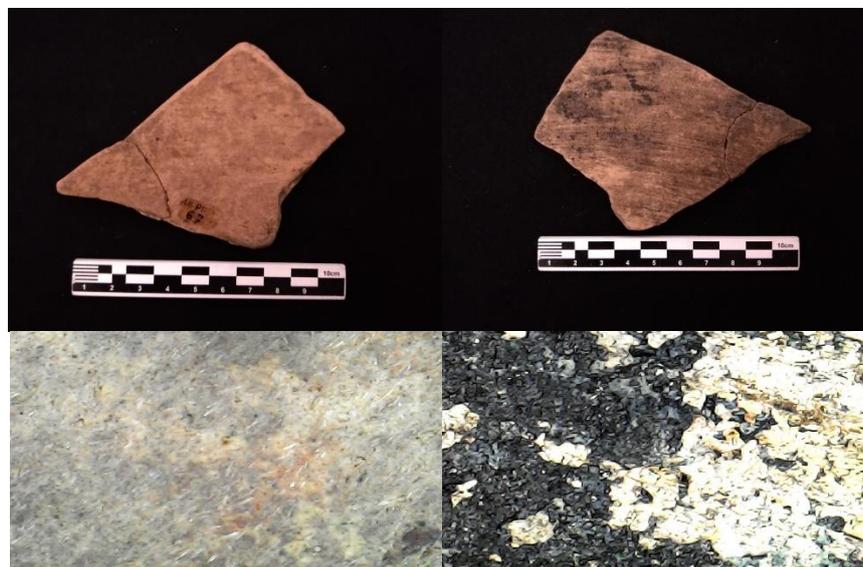
O **fragmento 65** é uma base com 8 mm de espessura e 12 cm de diâmetro na base, apresenta cauxi, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é preto, a queima é redutora, a forma da base é plana, o tratamento das superfícies interna e externa é alisamento.

### Fragmento 66



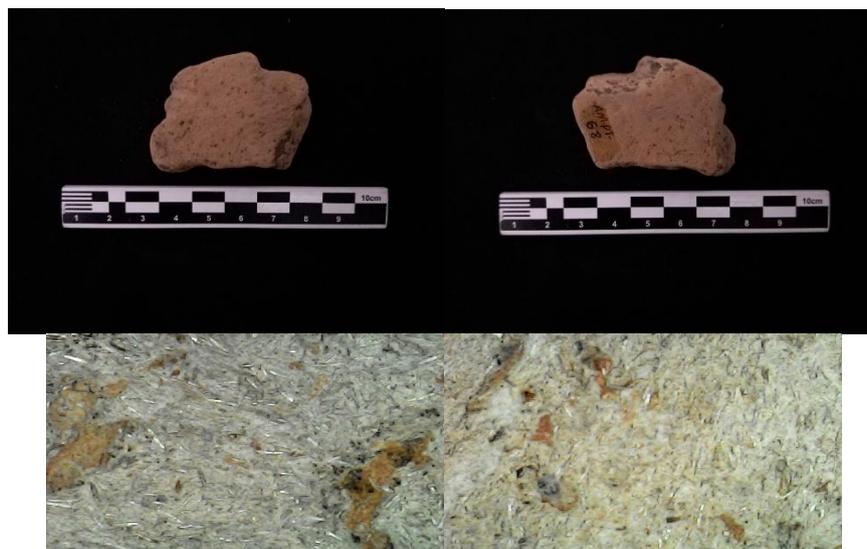
**O fragmento 66** é uma parede com 5 mm de espessura, apresenta cauxi, caco moído e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletada, a cor da superfície é marrom, a queima é redutora, a superfície interna apresenta polimento, já a superfície externa apresenta decoração plástica escovado do tipo linhas finas, apresenta marcas de uso como fuligem e fermentação.

### Fragmento 67



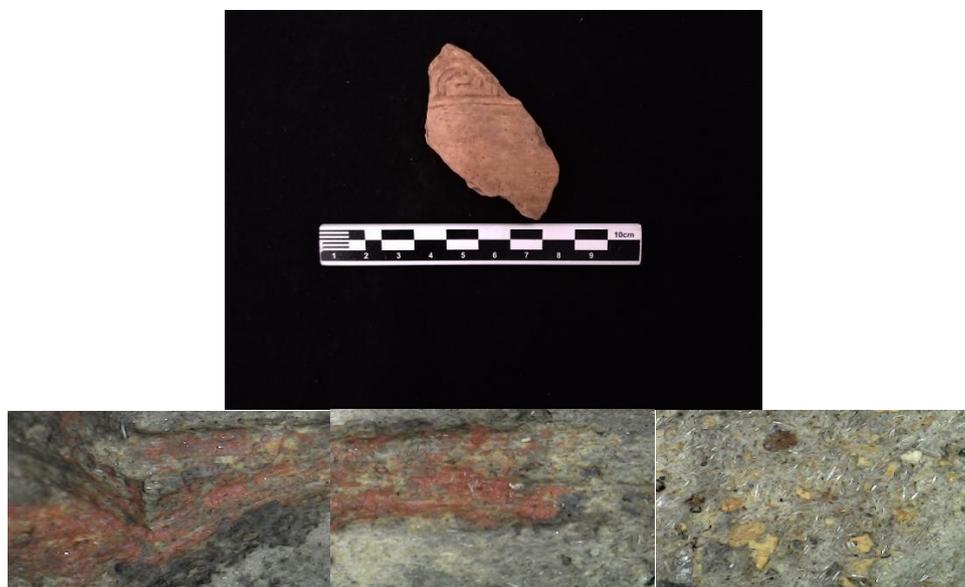
**O fragmento 67** é uma parede com 06 mm de espessura, apresenta cauxi, caco moído e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é marrom, a queima é oxidante, o tratamento da superfície interna é polimento, já a superfície externa apresenta decoração plástica escovada do tipo linhas finas, apresenta marcas de uso como fuligem e fermentação.

## Fragmento 68



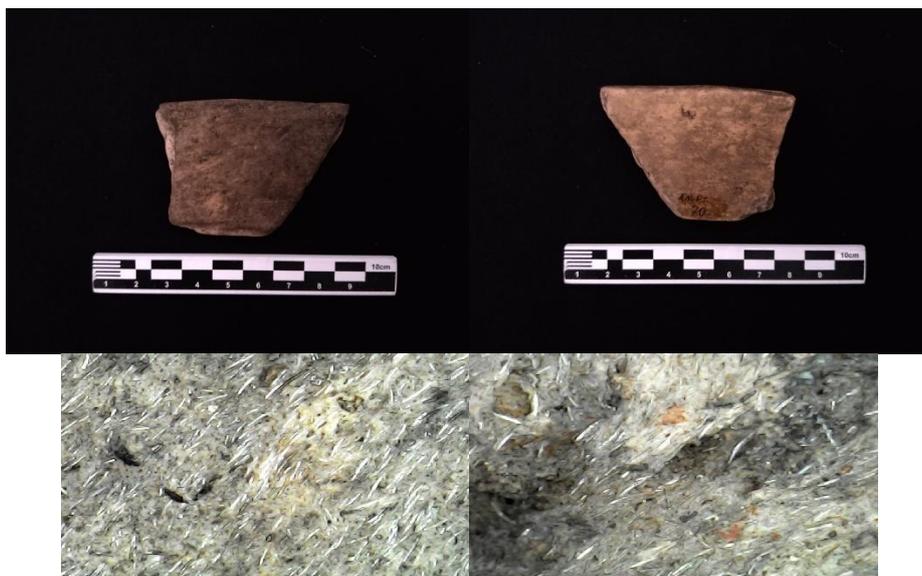
O **fragmento 68** é uma parede com 09 mm de espessura, apresenta cauixi, caco moído e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é bege, a queima é com o núcleo redutor, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento.

## Fragmento 69



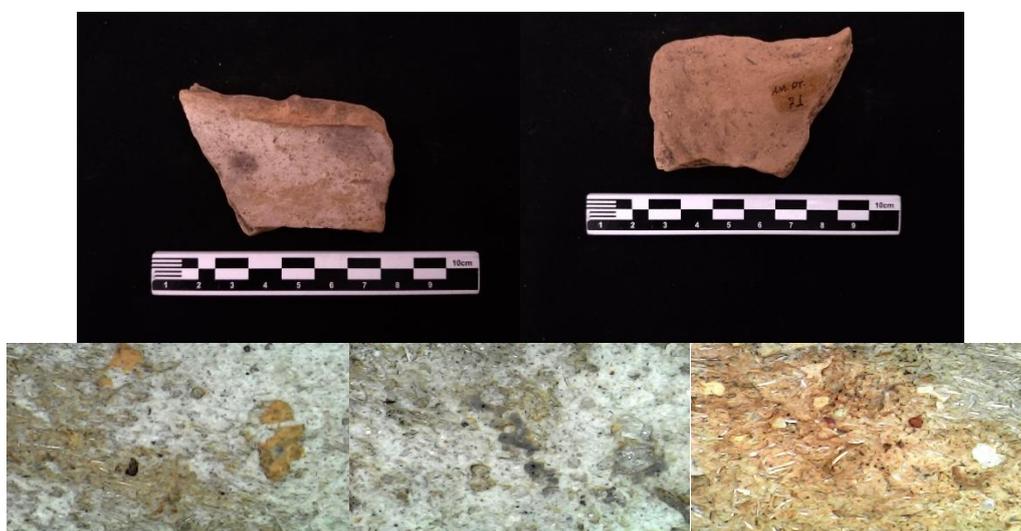
O **fragmento 69** é uma parede com 07 mm de espessura, apresenta cauixi, caco moído e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado e a cor da superfície é marrom, a queima é com o núcleo redutor, o tratamento da superfície interna é alisamento, já a superfície externa apresenta alisamento com a presença de engobo vermelho e decoração plástica de incisão do tipo incisão de linhas com formato geométrico, o estado de conservação apresenta a perda de engobo.

## Fragmento 70



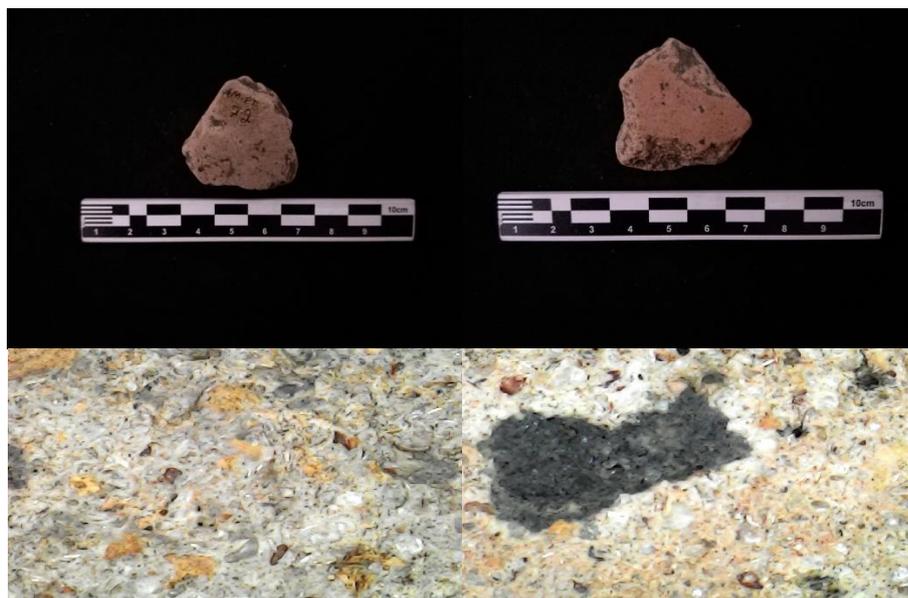
O **fragmento 70** é uma borda com 10 mm de espessura e 50 cm de diâmetro na boca, apresenta cauxi, caco moído, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é cinza, a queima é redutora, a morfologia e contorno do vaso é simples e sua forma é irrestrito aberto, a forma da borda é expandida com o lábio plano, o tratamento da superfície interna e externa é alisamento.

## Fragmento 71



O **fragmento 71** é uma parede com 11 mm de espessura, apresenta cauxi, caco moído, oxido de ferro e areia, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é alaranjada, sua queima é oxidante, o tratamento da superfície interna é alisamento, já a superfície externa apresenta alisamento com a presença de engobo branco, e seu estado de conservação é erodido com perda de engobo.

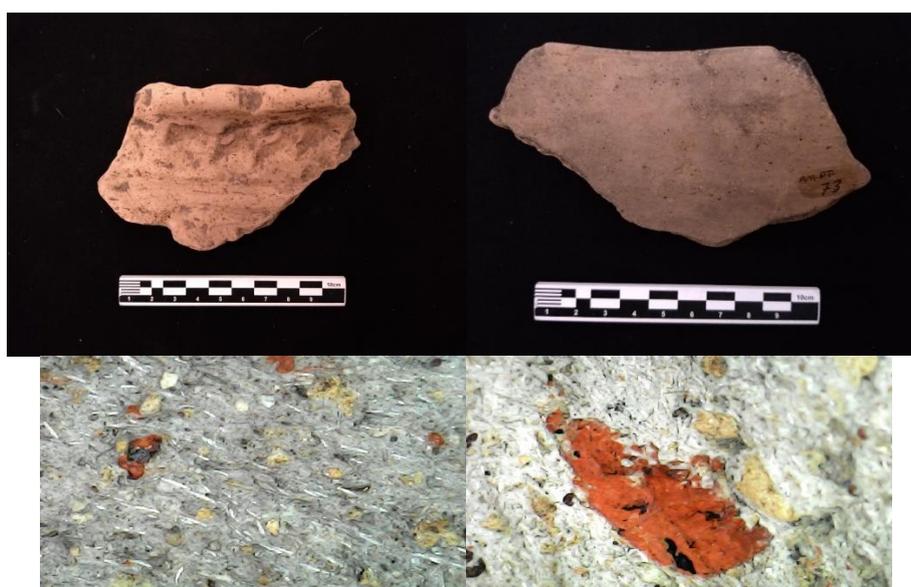
### Fragmento 72



**O fragmento 72** é uma parede com 09 mm de espessura, apresenta cauxi, caco moído, rocha triturada, oxido de ferro e areia, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é bege, a queima é oxidante interna redutora externa, o tratamento das superfícies interna e externa é alisamento.

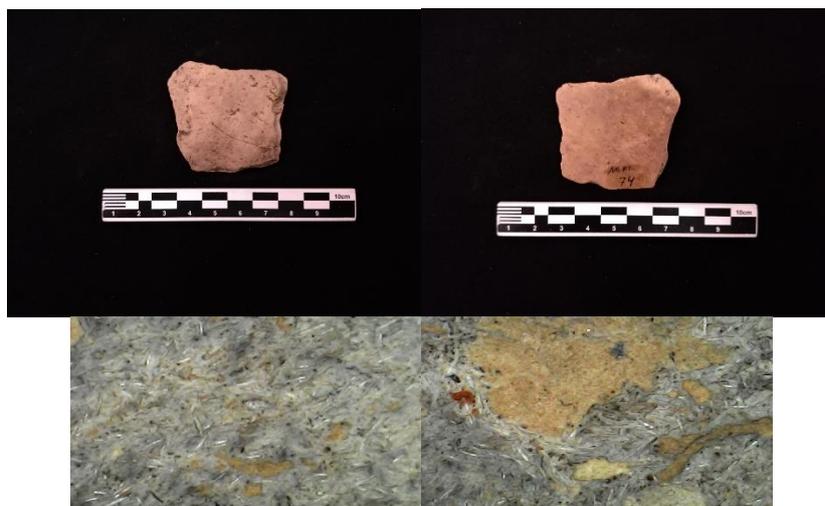
Obs: a peça aparentemente apresenta a presença de engobo, mas não ficou nítido no microscópio, dessa forma optei a não indicar na ficha de análise.

### Fragmento 73



**O fragmento 73** é uma borda com 23 mm de espessura e 44 cm de diâmetro na boca, apresenta cauxi, caco moído, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é marrom, a queima é oxidante externa/redutora interna, a morfologia e contorno do vaso é composto e sua forma é irrestrito aberto, é uma borda extrovertida com o lábio biselado, esse lábio apresenta decoração do tipo digitado, o tratamento da superfície interna é alisamento, já a superfície externa apresenta alisamento e incisão do tipo faixas grossas.

## Fragmento 74



**O fragmento 74** é uma parede com 06 mm de espessura, apresenta cauixi, caco moído e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é marrom, a queima é redutora interna/oxidante externa, o tratamento da superfície interna é polimento e da superfície externa é alisamento, apresenta marca de uso do tipo fermentação, seu estado de conservação é erodido.

## Fragmento 75



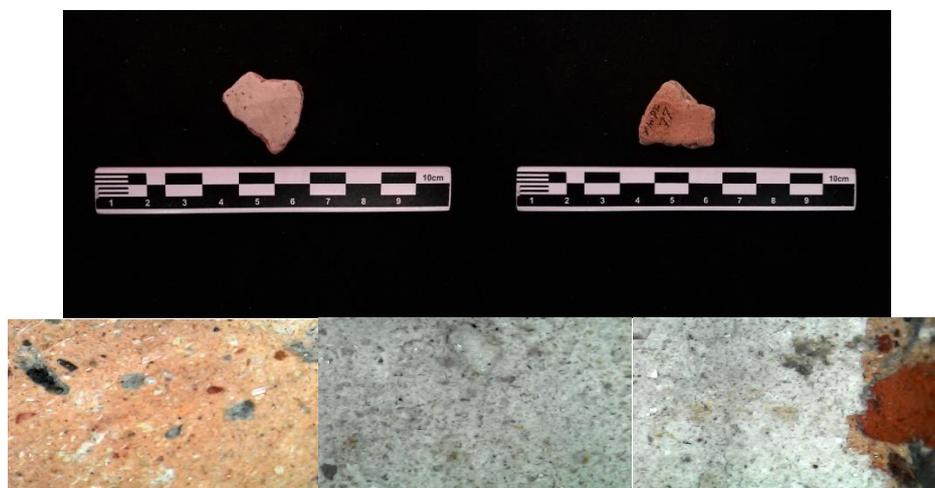
**O fragmento 75** é uma parede com 06 mm de espessura, apresenta cauixi, caco moído, rocha triturada e oxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é marrom e a queima é oxidante, o tratamento da superfície interna é polimento, já a superfície externa apresenta alisamento com a presença de engobo na cor vinho, e decoração plástica de incisão do tipo linhas finas com formato geométrico, o estado de conservação apresenta radículas e a perda de engobo.

## Fragmento 76



**O fragmento 76** é uma borda com 6 mm de espessura, apresenta cauxi, caco moído, rocha triturada e óxido de ferro, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é alaranjada, a queima é oxidante, a forma da borda é direta com o lábio apontado, o tratamento da superfície interna é polimento, já a superfície externa é alisamento com decoração plástica de incisão do tipo linhas finas.

## Fragmento 77



**O fragmento 77** é uma parede com 05 mm de espessura, apresenta cauxi, caco moído, rocha triturada, óxido de ferro e areia, a técnica de manufatura é roletado, a cor da superfície é alaranjada, a queima é com o núcleo redutor, o tratamento da superfície interna é alisamento, já a superfície externa apresenta engobo branco, seu estado de conservação apresenta a perda desse engobo.

As imagens acima apresentam somente algumas dos registros feitos no momento da análise, por motivos de tentar ocupar menos espaço durante essa apresentação, assim como foi mencionado e mostrado no gráfico, a grande maioria das peças apresenta cauxi em alta concentração, muitas vezes associados ou não ao caco moído e óxido de ferro, mas ainda ficaram algumas interrogações a respeito de algumas cerâmicas.

Após a análises qualitativas, além da clara presença de cerâmicas associadas às fases Pocó-Açutuba e Konduri, também sugerimos presença de materiais semelhantes às cerâmicas Santarém e Paredão, o que nos leva a pensar no município de Parintins como um local de muitos encontros e diversidade cultural através da variabilidade artefactual encontrada/presente nesse local.

#### **4.3 DISCUSSÃO: A Tradição Pocó-Açutuba e suas características**

Muitas das unidades arqueológicas que hoje temos conhecimentos na arqueologia amazônica foram construídas principalmente a partir de observações das técnicas e dos tipos de antiplástico presentes nas cerâmicas indígenas (MACHADO, 1991). Dessa forma, um estilo tecnológico pode ser observado como a continuidade de variações, que formam e agregam processos técnicos e históricos interligados por redes de transmissão do conhecimento, em outras palavras, o contínuo e o descontínuo são produtos das premissas e das escalas analíticas (KNAPPETT, 2011).

Os vestígios arqueológicos mais antigos e de longa duração foram produzidos na Amazônia por populações indígenas e estão distribuídos desde os atuais litorais do Pará e Suriname a áreas mais interioranas, onde podemos destacar às atuais cidades de Santarém e Monte Alegre (NEVES, 2016). Esses vestígios estão relacionados à produção antiga de cerâmicas que remonta a um período entre 6000 e 3.500 a.C., nomeadas como Taperinha e fase Mina e Alaka (SIMÕES, 1981; ROOSEVELT, 1991, 1995). Mas essas informações ainda são pouco compreendidas quando falamos de habitação na América do Sul, pois esse contexto cerâmico que abrange o arco geográficos que vai desde o litoral do Equador, a Oeste, à foz do Amazonas, em terras baixas tropicais, nos mostram uma relação de dispersão da cultura material por diversas áreas sem está diretamente ligada a um modo de vida plenamente agrícola (NEVES, 2016), essa lógica é reforçada devido que as datas estimadas para domesticação de plantas são anteriores a esse período, ocorrendo por volta de 9050 a.C (PIPERNO & PEARSALL, 1998).

É a partir dessas observações que a questão e investigação dessa pesquisa perpassam, pois estudos na Amazônia vem demonstrando que por volta de 1.000 a.C., os resultados obtidos, apontam para o estabelecimento de modos de vidas mais sedentários, onde em alguns casos esses resultados são acompanhados de evidências de ação humana após hiatos no Holoceno Médio (NEVES, 2011), esse contexto se torna interessante pois é o momento em que podemos

associar a ocupações da tradição Pocó-Açutuba aos primeiros processos de domesticação e modificações culturais na paisagem.

A primeira vez que as cerâmicas Pocó foram descritas por Petter e Klaus Hilbert, os mesmos a trataram como uma manifestação de cultura material local, sendo elas “reminiscência da Tradição Barrancóide da foz do Orinoco”. Nesse primeiro momento, por não haver nenhum paralelo conhecido dessa cultura material, consideraram uma escala temporal aproximada de um pouco antes e um pouco depois de Cristo” recusando datas no entrono de 1000 a.C. (HILBERT & HILBERT, 1980).

Essa fase apresenta ampla variação, podendo ser destacados dois principais elementos que compõe a sua identidade, como: a policromia e o uso de modelados, aspectos já apontados na década de 70 por Petter e Klaus Hilbert ao descreverem pela primeira vez a cerâmica Pocó em sítios localizados na área dos rios Nhamundá e Trombetas (HILBERT & HILBERT, 1980). Essa policromia na peça é adquirida devido ao uso diverso de combinações por cores, onde podemos destacar o preto, amarelo, laranja, vermelho e vinho, podem ser identificados em forma de engobos ou pinturas, as quais ocorrem em faixas finas e grossas sobre os engobos (HILBERT & HILBERT, 1980; GUAPINDAIA. 2008; LIMA 2008; NEVES et al., 2014).

Também os modelados aparecem com frequência nos vasos, em sua grande maioria são de formas zoomorfas, mas também é importante destacar outros tipos de decoração plásticas presenciadas, tipo, excisão, ponteados, escovados, corrugados e alguns tracejados também são comuns nesses materiais (NEVES et al., 2014). Sua pasta apresenta uso isolado ou combinado de cauixi e caraipé, essa combinação pode ser observada em áreas determinadas dos vasos (HILBERT & HILBERT, 1980; GUAPINDAIA. 2008; LIMA 2008). Sobre a morfologia, podemos destacar formas complexas e compostas, um exemplo são os vasos carenados e também aqueles com formas abertas simples, como os assadores que ocorrem frequentemente, destacando padrões dessa cultura.

Todo esse repertório de técnicas e atributos marcam a cerâmica Pocó-Açutuba e a diferenciam de outras culturas ceramistas. Claro, é importante destacar que de acordo com as localidades e onde essa tradição aparece, podem apresentar variações regionais, mas as suas características principais permanecem e são presenciadas em um largo período temporal em meio as pesquisas na Amazônia.

Algumas ocorrências dessas cerâmicas nos sítios do Alto Madeira apresentam datações entre 900 a.C e para o Baixo Amazonas de 700 d.C (ZUSE, 2014; LIMA, 2013), mesmo que se tornem comum a partir de 1000 a.C., como foi destacado mais acima, as

cerâmicas Pocó também apresentam semelhanças com aquelas identificadas no norte da América do Sul e Caribe, denominadas de cerâmicas Saladóide (GOMES, 2011; LIMA & NEVES, 2011; NEVES et al., 2014), a semelhança se dá por conta do uso de zoomorfos modelados e as formas complexas dos vasos dessa cultura ceramista, observados também nas cerâmicas Pocó.

Mas as grandes interrogações estão na compreensão de hiatos anteriores e após o estabelecimento de ocupações humanas sedentárias em diversos lugares da Amazônia relacionados a tradição Pocó-Açutuba, pois a mesma se encontra na base das estratigrafias, relacionada ou não a presença de TPI, sendo esses solos antrópicos de alta estabilidade e fertilidade, correlacionados a ocupações mais sedentárias (HECKENBERGER et al., 1999; NEVES & PETERSEN, 2006; ARROYO-KALIN, 2010). Por outro lado, novas pesquisas veem mostrando que esse padrão é questionável, pois quando analisados os dados do alto Madeira (ZUSE, 2014), os dados do , Médio rio Negro (LIMA, 2014) e também do Lago Amanã (COSTA, 2012), percebe-se que esses lugares apresentam cerâmicas distintas, e mesmo aquelas que são anteriores à ocupação Pocó-Açutuba em suas diferentes versões ou padrões regionais, nem sempre atestam vestígios de ocupações duradouras, e esse é um dos grandes questionamentos dessa tradição, dificultando assim, sua compreensão espacial.

Essas dificuldades também se dão por conta de que os vestígios da cerâmica Pocó-Açutuba ocorrem em sítios arqueológicos que apresentam longa ocupação, seja pelos produtores dessa cerâmica, como destacados no sítio arqueológico Açutuba com datações entre 290 a.C e 505 d.C, ou por grupos ceramistas diferentes desses, configurados em um contexto de sítios arqueológicos multicomponenciais (LIMA, 2008). Poucos são os contextos de sítios unicomponenciais Pocó, registrados somente na Amazônia central, no sítio Jacuruxi na região de Manacapuru, que é destacado com uma transição para o período Borda Incisa (LIMA, 2008, 2016). Devemos atentar ainda para o fato de que ocorrências Pocó (ou relacionados) em determinados sítios arqueológicos multicomponenciais, onde essas ocupações longas são formadas pelo contexto Pocó-Açutuba e estão concentradas em áreas exclusivas desses sítios, como é destacado nos sítios Veneza e Boa Vista, Alto Madeira (ZUSE, 2016).

Essas discussões enfatizam a importância para compreendermos o contexto dos materiais Pocó do sítio Orla de Parintins, pois como foi destacado nos capítulos anteriores, a área do hospital Jofre Cohen deixava uma grande interrogação a respeito do afloramento dessas cerâmicas. Como sabemos, onde ocorrem desbarrancamentos de terra, e não é possível visualizar no perfil de onde esses materiais estariam aflorando, dessa forma, os materiais

coletados nesse espaço apresentam variabilidade estratigráfica indefinida. Por outro lado, os materiais provenientes de achados fortuitos na residência do Sr. Tarcísio Brito, oferecem essas informações por camadas, possibilitando a compreensão de onde esses materiais estão presentes em meio a estratigrafia do sítio, e foi atestado, assim como nas pesquisas em outras regiões, que Pocó aparece na base de sítio de ocupação multicomponencial com, pelo menos, uma ocupação Konduri sobreposta a ela.

As análises dos materiais estudados nessa dissertação contribuem para a afirmação da amplitude da dispersão geográfica da tradição Pocó-Açutuba na Amazônia, dado que era inédito para a Parintins<sup>17</sup> – a região sempre foi reconhecida nas pesquisas arqueológicas pela presença de cerâmica Konduri. Por outro lado, a ausência de datação e a exclusividade do sítio, por conta da distância entre as informações mais próximas, colocam limites para determinadas interpretações, o que deverá ser sanado com pesquisas futuras.

---

<sup>17</sup> O relatório de Panachuck (2016) aponta o sítio Parintins 8 com ocupação Pocó, mas este sítio, encontra-se na margem esquerda do rio Amazonas, na divisa entre o município de Parintins e Nhamundá, distante da área principal do município de Parintins. Onde esses achados permitem pensar, hoje, na grande extensão desse território no passado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se trata de Amazônia e sua diversidade sociocultural, muitas são as fontes arqueológicas oferecidas para dialogar na atualidade as ações antrópicas de grupos humanos do passado que estão presentes no cotidiano das populações contemporâneas.

A maior parte dos arqueólogos que trabalham atualmente na bacia amazônica aceita a hipótese de que as populações indígenas antigas da região realizaram modificações marcantes e duradouras nas condições naturais dos biomas destas vastas áreas das terras baixas da América do Sul. A hipótese, alinha aos princípios teóricos da ecologia histórica (BALÉE, 2006), onde essas afirmações são amparadas por dados de pesquisas em diferentes áreas na Amazônia e lugares adjacentes.

Os vestígios arqueológicos são “documentos históricos”, que nos permitem pensar nessas relações de populações humanas ao longo do espaço e do tempo, permitindo fazer inferências a respeito das ações humanas no ambiente e suas respectivas modificações duradouras.

No estudo caso que esta dissertação de mestrado traz, focada no sítio arqueológico Orla de Parintins, aprendemos que ele abrange grande parte da frente da cidade atual (orla), onde os materiais – testemunhos da longa duração da história deste lugar - podem ser encontrados cotidianamente, durante períodos da vazante do rio Amazonas. A antiguidade dessa história fica atestada principalmente na área do Hospital Jofre Cohen, por apresentar cerâmicas da fase Pocó-Açutuba afloradas em grande quantidade. A grande extensão do sítio arqueológico merece tanta atenção, onde a presença desses vestígios arqueológicos cerâmicos e a Terra Preta de Índio (TPI), apontam para uma antiguidade de habitação de longa duração, possibilitando discussões a respeito da história antiga desse lugar.

O trabalho também apresenta informações a respeito da grande variabilidade estilística das cerâmicas: produção de diversidade cultural nesse local. Orla de Parintins é claramente um sítio multicomponencial, sendo essa afirmação levantada a partir dos materiais analisados, que apresentaram características semelhantes, mas também diversas, aquelas descritas por pesquisas anteriores. Dois conjuntos cerâmicos são fortemente encontrados: Pocó-Açutuba e Konduri, mas também chamou a atenção presença de materiais que aparentemente compartilham características com outras possíveis tradições de áreas adjacentes, ou do desenvolvimento de uma cultura ceramista local.

A importância de destacar as cerâmicas Pocó nessa pesquisa atestam a hipótese de antiguidade de ocupação indígena no município de Parintins, estimado por cronologia relativa entre 3 e 2 mil anos antes do presente. Salienta, ainda, que estas cerâmicas se encontram em associação estratigráfica com a Terra Preta de Índio (TPI). Com uma caracterização geral do sítio arqueológico Orla de Parintins, destaco que ele merece novas abordagens e análises, especialmente de seus padrões decorativos e morfológicos, ainda tem muito a ser feito, e novas respostas podem emergir durante novas observações e futuras pesquisas nesse local.

Cabe, ainda, a partir dessa história indígena longa e diversa, salientar o protagonismo contemporâneo indígena na região: a persistência e resiliência desses povos é destacada pela presença dos Sateré-Mawé, mostrando que as populações indígenas trazem uma história antiga de ocupação nessas áreas, continuando suas histórias no presente e projetando sua permanência para o futuro.

Esta dissertação mostra ainda a importância desses “achados fortuitos” e também das coleções domésticas feitas por “coletas de superfície” para o conhecimento arqueológico regional. Estudar essas coleções é de suma importância para termos um quadro mais abrangente da variabilidade artefactual da Amazônia antiga. Saliento, como colocado anteriormente, que estes representam desafios para a gestão do patrimônio arqueológico, uma vez que esses objetos são de total importância para a história e identidade local, trazendo discussões a respeito de pensar medidas para a permanência desses objetos em seus locais de origem, mesmo que não se tenha até o momento uma estrutura adequada para acondicioná-los no município de Parintins, onde relação de coleções domésticas vem sendo destaque nos estudos dessa região, mostrando que essa prática perpassa por gerações de famílias que mantem guardado esses vestígios em suas residências, permitindo assim, a permanência desses vestígios em seu local de origem.

Para isso, a formação de um arqueólogo filho de Parintins, possibilita pensar em futuras ações de permanência desses objetos no município, onde já se tem um projeto em andamento para a construção de um Museu, que irá possibilitar ações futuras relacionadas ao patrimônio histórico, artístico e arqueológico.

Finalmente, destaco a enorme potencialidade da arqueologia da região, e faz ainda uma revisão crítica da historiografia do município, ao enfatizar uma presença indígena antiga e diversificada, cujas marcas e vestígios são percebidos no cotidiano dos moradores. Como um filho de Parintins, é preciso ter consciência histórica da diversidade sociocultural que Parintins mantém guardada em seu solo, de forma sábia e responsável, respeitando, valorizando, promovendo e garantindo sua continuidade e existência para futuras gerações.

# **ANEXOS**



Serviço Público Federal  
Ministério do Turismo  
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional  
Superintendência do IPHAN o Amazonas  
Coordenação Técnica do IPHAN-AM

**PARECER TÉCNICO** nº 1/2021/COTEC IPHAN-AM/IPHAN-AM

**ASSUNTO:** Descoberta fortuita de material arqueológico no município de Parintins-AM.

**REFERÊNCIA:** Proc. 01490.000318/2019-05

*Manaus, 13 de janeiro de 2021.*

## **I. INTRODUÇÃO**

O presente Parecer Técnico objetiva a análise da mensagem eletrônica Doc. SEI nº (2418247) que trata da descoberta de material arqueológico na residência, situada na Avenida João Meireles, 156, Centro, Parintins/AM, do proprietário Sr. Tarcísio Brito.

Afirma-se que a motivação de apreciação pela a área técnica de arqueologia consta em mensagem eletrônica Doc. SEI nº (2418247), encaminhada pela Coordenação Técnica do IPHAN no Amazonas, em que insta a manifestar-se sobre o assunto.

A presente carta será analisada a partir dos parâmetros estabelecidos nos Artigos 215 e 216, da Constituição Federal de 1988, na Lei nº 3.924, de 26 de Julho de 1961, Portaria IPHAN nº 316 e 317 de 04 de novembro de 2019, bem como na Portaria IPHAN n.º 07/88, e Portaria IPHAN 196/2016, dentre outros.

## **II. HISTÓRICO**

Os documentos que possuem relação direta com o conteúdo deste parecer são listados a seguir:

- 11/01/2021 – (2418247), Protocolo do E-mail informando descoberta de material arqueológico na residência, situada na Avenida João Meireles, 156, Centro, Parintins/AM, e documentos em anexo (2418262).
- 11/01/2021 - (2418247) - Email encaminhando processo para Coordenação Técnica IPHAN/AM.

- 11/01/2021 - (2418247) - Email encaminhando para análise do técnico em Arqueologia IPHAN/AM.

### III. ANÁLISE

O expediente ora em análise trata-se exclusivamente da mensagem eletrônica Doc. SEI nº (2418247), informando descoberta de material arqueológico na residência, situada na Rua João Meireles, 156, Centro, CEP: 69.151-110, Parintins/AM, e documentos em anexo (2418262).

De acordo com o apresentado no documento em epígrafe o Sr. Tarcísio Brito, proprietário, foi abrir um sumidor em sua residência e no ato da escavação encontrou de forma fortuita diversos vestígios arqueológicos. Na oportunidade, com a descoberta o Sr. Tarcísio Brito entrou em contato com Sr. Michel Carvalho Machado, Historiador e pós-graduando em Diversidade Sociocultural no Museu Paraense Emílio Goeldi.

Consta no documento que esta foi a segunda vez que o proprietário encontrou material arqueológicos na sua residência, tendo sido a primeira vez em 2018, no momento em que foi construir uma piscina. De acordo com o Documento SEI nº (2418247) "*O mesmo já tinha encontrado materiais arqueológicos em sua residência anteriormente, em 2018, durante a construção de uma piscina em sua casa. Eram fragmentos de cerâmicas e líticos associados a solo antropogênico (terra preta de índio ou TPI). Na ocasião, guardou os materiais arqueológicos e continuou a obra*" (p.3).

Ao descrever as descobertas recentes o Sr. Michel Carvalho Machado, informa que as intervenções de subsuperfícies foram realizadas em uma área de aproximadamente 100 cm de largura por 180 cm comprimento, chegando a uma profundidade aproximada de 145 cm. Ao total foram coletados 104 novos fragmentos cerâmicos que, a exemplo dos 46 encontrados em 2018, no momento de construção da piscina encontram-se em posse do proprietário do imóvel o Sr. Tarcísio Brito.

No tocante a matéria jurídica que regimenta a proteção dos bens arqueológicos cumpre destacar que no Brasil, a Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 20, X, dispõe que constituem patrimônio da União "as cavidades naturais subterrâneas e os sítios arqueológicos e pré-históricos". Já no Artigo 216, V, fica expresso que, constituem patrimônio cultural brasileiro, dentre outros bens "os sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico", **incumbindo ao Poder Público, com a colaboração da comunidade, o dever de promovê-los e protegê-los.** (Grifo nosso).

De forma complementar a norma constitucional de proteção dos sítios arqueológicos ficou claramente expresso no Artigo 2º, da Lei 3.924, de 26 de julho de 1961, que consideram-se monumentos arqueológicos ou pré-históricos:

- a) as jazidas de qualquer natureza, origem ou finalidade, que representem testemunhos de cultura dos paleoameríndios do Brasil, tais como sambaquis, montes artificiais ou tesos, poços sepulcrais, jazigos, aterrados, estearias e **quaisquer outras não especificadas aqui, mas de significado idêntico a juízo da autoridade competente.**
- b) os sítios nos quais se encontram vestígios positivos de ocupação pelos paleoameríndios tais como grutas, lapas e abrigos sob rocha;
- c) os sítios identificados como cemitérios, sepulturas ou locais de pouso prolongado ou de aldeamento, "estações" e "cerâmios", nos quais se encontram vestígios humanos de interesse arqueológico ou paleoetnográfico;
- d) as inscrições rupestres ou locais como sulcos de polimentos de utensílios e outros vestígios de atividade de paleoameríndios.

Art 3º São proibidos em todo o território nacional, o aproveitamento econômico, a destruição ou mutilação, para qualquer fim, das jazidas arqueológicas ou pré-históricas conhecidas como sambaquis, casqueiros, concheiros, birbigueiras ou sernambis, e bem assim dos sítios, inscrições e objetos enumerados nas alíneas *b*, *c* e *d* do artigo anterior, antes de serem devidamente pesquisados, respeitadas as concessões anteriores e não caducas.

Observamos no caso em epígrafe que a descoberta destes vestígios arqueológicos trata-se de achados fortuitos, fato que não prevê aplicação de penalidade por destruição ou mutilação de sítios arqueológicos, assim como entendemos também que o registro e documentação dos vestígios arqueológicos realizadas pelo mestrando Sr. Michel Carvalho Machado não caracteriza-se como intervenção a sítios arqueológicos ou escavação sem autorização do órgão responsável, neste caso o IPHAN.

Entretanto, nunca é tarde lembrar que em casos como este onde tem-se descoberta de vestígios arqueológico de forma fortuita o recomendável é comunicar de imediato o órgão responsável, o IPHAN, para que o gestor público tenha ciência e possa manifestar-se sobre os procedimentos a ser adotados. Que podem ser de coleta ou preservação *in situ* dentre outras ações.

A Lei 3.924/1961, aborda as situações de descobertas fortuita aponta que:

Art 18. A descoberta fortuita de quaisquer elementos de interesse arqueológico ou pré-histórico, histórico, artístico ou numismático, deverá ser imediatamente comunicada à Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ou aos órgãos oficiais autorizados, pelo autor do achado ou pelo proprietário do local onde tiver ocorrido.

**Parágrafo único. O proprietário ou ocupante do imóvel onde se tiver verificado o achado, é responsável pela conservação provisória da coisa descoberta, até pronunciamento e deliberação da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.**

Em cumprimento a legislação vigente em virtude das recomendações da saúde pública visando conter a propagação do coronavírus (covid-19), fato que impede a vistoria e o deslocamento de um técnico deste instituto para município de Parintins-AM, solicitamos que o proprietário do imóvel mantenha a guarda e conservação de forma provisória do acervo/ vestígios arqueológicos encontrados.

Quanto ao material arqueológico coletado pelo Sr. Tarcísio Brito, que encontra-se em sua posse, com base no Artigo 17, da Lei 3.924 de 1961, importante informar que "a posse e a salvaguarda dos bens de natureza arqueológica ou pré-histórica constituem, em princípio, direito imanente ao Estado". Portanto, recomendamos quando possível a destinação para uma instituição de Guarda e Pesquisa apta exercer com a guarda.

Recomendamos O Sr. Tarcísio Brito, evitar novas intervenções de subsuperfícies, e coletas de novos vestígios arqueológicos evitando assim gera novas coleções arqueológicas descontextualizadas e perda de informações científicas a respeito da arqueologia local. Isso não significava a impossibilidade de realizar novas construções (ex. ampliação da casa com novos área edificadas), no entanto, para estas ações é necessário um trabalho de arqueologia preventiva para que possa salvar/resgatar previamente os vestígios arqueológicos que encontram-se em subsuperfícies.

Ao Sr. Michel Carvalho Machado, recomendamos anuência deste Instituto para realizar o estudo destes vestígios arqueológicos, uma vez que sua pesquisa tem impacto positivo para comunidade local gerando produção de conhecimento para arqueologia no Estado Amazonas. Entretanto, fica a cargo do mesmo realização solicitar permissão do proprietário que encontra-se com guarda provisória do acervo.

Solicitamos ao Sr. Michel Carvalho Machado, ao término da pesquisa o envio dos resultados da pesquisa, bem o inventário dos bens arqueológicos móvel de acordo com as orientações da Portaria 196/2019.

#### IV. PARECER

Cientificando os dados ora apresentados no campo **Análise** deste Parecer Técnico, considerando o disposto na Lei nº 3.924/1961, no que tange ao apresentado pela mensagem eletrônica (SEI nº 2418247), encaminhamos a seguintes recomendações:

1. Em cumprimento a legislação vigente e em virtude das recomendações da saúde pública visando conter a propagação do coronavírus (covid-19), fato que impede a vistoria e o deslocamento de um técnico deste instituto para município de Parintins-AM, solicitamos que o proprietário do imóvel mantenha a guarda e conservação de forma provisória do acervo/ vestígios arqueológicos encontrados.
2. Quanto ao material arqueológico coletado pelo Sr. Tarcísio Brito, que encontra-se em sua posse, com base no Artigo 17, da Lei 3.924 de 1961, importante informar que "*a posse e a salvaguarda dos bens de natureza arqueológica ou pré-histórica constituem, em princípio, direito imanente ao Estado*". Portanto, recomendamos quando possível a destinação para uma instituição de Guarda e Pesquisa apta exercer com a guarda.
3. Recomendamos o Sr. Tarcísio Brito, evitar novas intervenções de subsuperfícies, e coletas de novos vestígios arqueológicos evitando assim gerar novas coleções arqueológicas descontextualizadas e perda de informações científicas a respeito da arqueologia local.
4. Ao Sr. Michel Carvalho Machado, recomendamos anuência deste Instituto para realizar o estudo destes vestígios arqueológicos, uma vez que sua pesquisa tem impacto positivo para comunidade local gerando produção de conhecimento para arqueologia no Estado Amazonas. Entretanto, fica a cargo do mesmo realização solicitar permissão do proprietário que encontra-se com guarda provisória do acervo.
5. Solicitamos ao Sr. Michel Carvalho Machado, ao término da pesquisa o envio dos resultados da pesquisa, bem o inventário dos bens arqueológicos móveis de acordo com as orientações da Portaria nº 196/2019.

Assim concluído e fundamentado, submete-se o presente parecer à consideração da Sra. Ana Carla Cruz Pedrosa, Coordenadora Técnica do IPHAN no Amazonas para que haja, s.m.j, posterior notificação aos interessados.

Respeitosamente,

(Assinado Eletronicamente)

**Jaime de Santana Oliveira**

Arqueólogo - IPHAN/AM



Documento assinado eletronicamente por **Jaime de Santana Oliveira, Arqueólogo**, em 27/01/2021, às 16:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <http://sei.iphan.gov.br/autenticidade>, informando o código verificador **2422219** e o código CRC **40B3E7AC**.

Referência: Processo nº 01490.000318/2019-05

SEI nº 2422219

Parecer Técnico do IPHAN, referente ao achado fortuito da residência do Sr. Tarcísio Brito.



MINISTÉRIO DO TURISMO  
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL  
Superintendência do IPHAN no Estado do Amazonas

**Ofício Nº 104/2021/IPHAN-AM-IPHAN**

Ao Senhor

**Tarcísio Brito**

End. Rua João Meireles, 156, Centro, CEP: 69.151-110, Parintins/AM

Endereço eletrônico: [tarcisio.hist.tur@bol.com.br](mailto:tarcisio.hist.tur@bol.com.br)

Assunto: **Descoberta fortuita de material arqueológico no município de Parintins-AM.**

Referência: Caso responda este, indicar expressamente o Processo nº 01490.000318/2019-05.

Prezado Senhor,

1. Este IPHAN, autarquia federal vinculada ao Ministério do Turismo que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro em cumprimento a sua missão institucional e em face a comunicação encaminhada através de e-mail (Sei nº [2418247](#)), pelo Sr. Michel Carvalho Machado, a qual comunica achado fortuito de vestígios arqueológicos no imóvel de sua propriedade, situada na Rua João Meireles, 156, Centro, CEP: 69.151-110, Parintins/AM, vem através deste comunicar as seguintes recomendações a serem adotadas, considerando o disposto na Lei nº 3.924/1961 e demais normas vigentes:

Primeiramente, dada a situação atual de enfrentamento à pandemia do novo coronavírus no estado do Amazonas, em cumprimento à legislação vigente, e visando resguardar a saúde dos envolvidos, este IPHAN-AM solicita que mantenha, por ora, a guarda e conservação de forma provisória do acervo/vestígios arqueológicos encontrados. Ressalta-se que, com base no Artigo 17 da Lei 3.924 de 1961, "a posse e a salvaguarda dos bens de natureza arqueológica ou pré-histórica constituem, em princípio, direito imanente ao Estado", portanto, recomenda-se a destinação dos mesmos a uma instituição de Guarda e Pesquisa apta a exercer a sua guarda, quando possível. Recomenda-se ainda, evitar novas intervenções de subsuperfícies e coletas de novos vestígios arqueológicos, sem a realização de um trabalho de arqueologia preventiva, evitando assim a geração de coleções arqueológicas descontextualizadas, bem como a perda de informações científicas a respeito da arqueologia local.

2. Encaminha-se para conhecimento o Parecer Técnico nº 01/2021, que fundamentou a presente comunicação, caso necessário sua leitura na íntegra.

3. Mais informações relacionadas ao patrimônio arqueológico, podem ser consultadas através do Portal do IPHAN, pelo link: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1376/>.

Sem mais para o presente momento, ficamos à disposição para maiores esclarecimentos.

Anexo: I - Parecer Técnico nº 01/2021 - IPHAN-AM/COTEC IPHAN-AM/IPHAN (SEI N. 2422219).

Atenciosamente,

(assinado eletronicamente)

**Karla Bitar Rodrigues**

Superintendente do Iphan no Amazonas



Documento assinado eletronicamente por **Karla Bitar Rodrigues, Superintendente do IPHAN-AM**, em 02/02/2021, às 15:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <http://sei.iphan.gov.br/autenticidade>, informando o código verificador **2452784** e o código CRC **94406D3E**.

Rua Marechal Deodoro, nº 27, 8º Andar - Bairro Centro, Manaus. CEP 69.005-000  
Telefone: (92) 3234-3455/3633-1532/3633-5695 | Website: [www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br)

Ofício enviado pelo IPHAN ao Sr. Tarcísio Brito com informações a respeito das medidas a serem tomadas com relação aos vestígios arqueológicos.



MINISTÉRIO DO TURISMO  
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL  
Superintendência do IPHAN no Estado do Amazonas

**Ofício Nº 103/2021/IPHAN-AM-IPHAN**

Ao Senhor

**Michel Carvalho Machado**

Endereço eletrônico: [michel.18@outlook.com](mailto:michel.18@outlook.com)

**Assunto: Resposta ao Email - Descoberta fortuita de material arqueológico no município de Parintins-AM.**

Referência: Caso resposta este, indicar expressamente o Processo nº 01490.000318/2019-05.

Prezado Senhor,

1. Em atenção a comunicação encaminhada através de e-mail (Sei nº [2418247](#)) a este IPHAN/AM e seus anexos, a qual comunica achado fortuito de vestígios arqueológicos no município de Parintins-AM, vimos informar as recomendações a serem adotadas, considerando o disposto na Lei nº 3.924/1961 e demais normas vigentes:

Primeiramente, dada a situação atual de enfrentamento à pandemia do novo coronavírus no estado do Amazonas, em cumprimento à legislação vigente, e visando resguardar a saúde dos envolvidos, este IPHAN-AM solicitou do proprietário do imóvel, através do Ofício 104 (SEI 2452784), que mantenha a guarda e conservação de forma provisória do acervo/vestígios arqueológicos encontrados.

Quanto ao material arqueológico coletado, com base no Artigo 17 da Lei 3.924 de 1961, ressalta-se que "a posse e a salvaguarda dos bens de natureza arqueológica ou pré-histórica constituem, em princípio, direito imanente ao Estado". Portanto, recomenda-se a destinação dos mesmos a uma instituição de Guarda e Pesquisa apta a exercer a guarda, quando possível.

Recomendou-se ainda que o Sr. Tarcísio Brito evite novas intervenções de subsuperfícies e coletas de novos vestígios arqueológicos, sem a realização de um trabalho de arqueologia preventiva, evitando assim a geração de coleções arqueológicas descontextualizadas, bem como a perda de informações científicas a respeito da arqueologia local.

2. Ademais, com relação a intenção de estudo destes vestígios arqueológicos, informa-se que este IPHAN-AM nada tem a opor, uma vez que sua pesquisa terá impacto positivo para a comunidade local, gerando produção de conhecimento. Portanto, ficamos no aguardo do envio do pedido de autorização, conforme relatado. Ademais, ressalta-se que fica a cargo do mesmo solicitar permissão do proprietário do imóvel que possui a guarda provisória do acervo.

3. Solicita-se que, ao término da pesquisa, seja enviado a este IPHAN-AM os resultados da mesma, bem como o inventário dos bens arqueológicos móveis de acordo com as orientações da Portaria nº 196/2019.

4. Encaminha-se para conhecimento o Parecer Técnico nº 01/2021, que fundamentou a presente comunicação, caso necessário sua leitura na íntegra.

Sem mais para o presente momento, ficamos à disposição para maiores esclarecimentos.

Anexo: I - Parecer Técnico nº 01/2021 - IPHAN-AM/COTEC IPHAN-AM/IPHAN (SEI N. 2422219).

Atenciosamente,

(assinado eletronicamente)  
**Karla Bitar Rodrigues**  
Superintendente do Iphan no Amazonas



Documento assinado eletronicamente por **Karla Bitar Rodrigues, Superintendente do IPHAN-AM**, em 02/02/2021, às 15:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <http://sei.iphan.gov.br/autenticidade>, informando o código verificador **2452782** e o código CRC **41DA3B58**.

Rua Marechal Deodoro, nº 27, 8º Andar - Bairro Centro, Manaus. CEP 69.005-000  
Telefone: (92) 3234-3455/3633-1532/3633-5695 | Website: [www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br)

Ofício enviado ao Sr. Michel Machado pelo IPHAN, com as medidas que o mesmo deve adotar durante e ao término de sua pesquisa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AAKER, D. A.; KUMAR, V.; DAY, G. S.

2001 **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas,.745p

ACUÑA, C.

[1641] 1994 **Novo Descobrimento do Grande Rio das Amazonas** / Cristóbal de Acunã; tradução de Helena Ferreira; revisão Técnica de Moacy Werneck de Castro; revisão de José Tedun Pinto. - Rio de Janeiro: Agir.

ALVES, Marcony Lopes.

2018 **Para além de Santarém: os vasos de gargalo na bacia do rio Trombetas**. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, jan.-abr. 13(1):11-36.

AMBIENTARE. Soluções Ambientais Ltda.

2015 **Relatório de Impacto Ambiental - LT 230 kV Oriximiná - Juruti - Parintins e Subestações Associadas**. Brasília.

2020 **Relatório de Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico Relatório de Prospecção Arqueológica na área de implantação da LT 230 kV Oriximiná - Juruti - Parintins e subestações associadas**. Brasília.

2021 **Relatório Parcial III: Prospecção Complementar da Linha de Transmissão da LT 230kV Oriximiná - Parintins subestações associadas & Resgate Arqueológico do Sítio Macurany**. Brasília.

2022 **Relatório final: Análise Laboratorial e Programa Integrado de Educação Patrimonial. Programa de Resgate Arqueológico Sinalização e Educação Patrimonial da Linha de Transmissão da LT 230 kV Oriximiná - juruti - Parintins e subestações associadas**. Brasília.

ARROYO-KALIN, Manoel.

2010 **A domesticação da paisagem: os solos antropogênicos e o formativo na Amazônia**. *Arqueologia Amazônica* / Org.: PEREIRA, E.; GUAPINDAIA, V. Belém: MPEG; IPHAN; SECULT, v. 2, p. 367-396.

AZEDO, Edilena.

2017 **Sítio Macurany: apontamentos sobre uma coleção particular de fragmentos de cerâmica pré-colonial**. Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em História) - Universidade do Estado do Amazonas.

BALÉE, W.

1994. **Footprints of the Forest**. New York: Columbia University.

BALÉE, W.; ERICKSON, C.

2006. *Time and Complexity in Historical Ecology: Studies in Neotropical Lowlands*. New York: Columbia University.

- BARATA, Frederico.  
1950 **A arte oleira dos Tapajó I: considerações sobre a cerâmica e dois tipos de vasos característicos**. Publicações do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, n. 2.
- BARRETO, Cristiana  
1999-2000 **A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia do Brasil**. *Revista da USP*. São Paulo, n. 44, p.32-51, dez./fev.
- BARRETO, Cristiana; LIMA; Helena Pinto; BETANCOURT, Carla Jaimes (org).  
2016 **Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese**. Belém: IPHAN, Museu Paraense Emílio Goeldi, p.293.
- BASSI, Filippo Stampanoni.  
2016 **A maloca Saracá: uma fronteira cultural no médio Amazonas pré-colonial, vista da perspectiva de uma casa**. Tese de Doutorado, Catálogo USP. São Paulo.
- BRASIL. Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961.  
2015 **Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/L3924.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L3924.htm). Acesso em: 16 nov.
- BETTENDORFF, J. F.  
1910 [1698] **Chronica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro.
- BEZERRA, Marcia.  
2012 **Signifying heritage in Amazon: a public archaeology project at Vila de Joanes, Marajó Island, Brazil**. *Chungara*, n. 3, v. 44, p. 363-373.  
  
2017 **Teto e afeto: sobre as pessoas, as coisas e a arqueologia na Amazônia**. Belém: GK Noronha.
- BIANCHEZZI, Clarice.  
2018 **Entre cacos de cerâmica e flores: as paisagens no sítio Macurany, Amazônia**. In: Caderno 4 Campos – PPGA/UFPA [Número II | 2018 | Volume I].  
2022 **Entre cacos e flores: apropriações, usos e significados dos vestígios arqueológicos pelos moradores do sítio Macurany, Parintins, Amazonas**. Tese (Doutora em Antropologia), Universidade Federal do Pará, Pará.
- BIANCHEZZI, C.; SANTOS, Adriano Márcio dos; BASSI, Filippo Stampanoni; LIMA, Helena Pinto; MACHADO, Michel Carvalho; CRUZ, Alef Fernandes; BATISTA FILHO, Arnoud de Oliveira; PAIVA, Maurício de.  
2021 **Fragmentos: arqueologia, memórias e histórias de Parintins**. Parintins, AM: Eskenazi Gráfica.
- BITTENCOURT, Antonio Clemente R.  
2001 **Memória do município de Parintins: estudos sobre sua origem e desenvolvimento moral e material**. Manaus: Edições do Governo do Estado.
- CARVAJAL, G.

- 1942 [1542] **Relación del nuevo descubrimiento del famoso Río Grande que descubrió por muy gran ventura el Capitán Francisco de Orellana**. Transcrição de Oviedo y Medina, por Raul Reyes y Reyes. Quito: Biblioteca Amazonas, v. 1,
- CERQUA, Dom Arcângelo.  
2009 **Clarões de fé no médio Amazonas**. 2. ed. Manaus: ProGraf – Gráfica e Editora.
- CHMYZ, Igor.  
1966 **Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica**. Manuais de Arqueologia, n. 1. Curitiba: Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, Universidade Federal do Paraná.
- COSTA, B. L. S.  
2012 **Boa Esperança e Bom Jesus: o “Universo Borda Incisa” na Reserva de Desenvolvimento Sustentavel Amanã – estado do Amazonas**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012b.
- CUNHA, Manuela Carneiro da.  
2012 **Índios do Brasil: história direiros e cidadania** / Manuela Carneiro da Cunha. – 1º ed. – São Paulo : Claro Enigma.
- ELLIS, M. G.  
2019 **Anthropogenic landscapes of Amazonia: a spatial analysis of landscape modification and settlement organization at Macurany, Brazil**. Thesis (MA in Anthropology), Department of Anthropology University of Louisville, Kentucky.
- GARCIA, Lorena; COSTA, Jucilene Amorin; KERN, Dirse Clara; FRAZÃO, Francisco Juvenal Lima.  
2015 **Caracterização de solos com terra preta: estudo de caso em um sítio tupi-guarani pré-colonial da Amazônia oriental**. In: *Revista de Arqueologia* 28:52-81.
- GOMES, Denise.  
2011 **Cronologias e conexões culturais na Amazônia: as sociedades formativas na região de Santarém-PA**. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP. v. 54 N° 1. p. 269-314.
- GUAPINDAIA, V. L.  
2008 **Além da margem do rio: as ocupações Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA**. 203f. 2008. Tese (Doutorado em Arqueologia). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- HECKENBERGER, Michael J.; PETERSEN, James B.; NEVES, Eduardo G.  
1999 **Village size and permanence in Amazônia: two archaeological examples from Brazil**. *Latin American Antiquity*, v. 10, n° 4, p. 353-376.
- HERIARTE, M. de  
1884 [1662] **Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio das Amazonas, feita por maurício de Heriarte, Ouvidor Geral, Provedor-Mór e Auditor, que foi,**

pele Governador D. Pedro de Mello, no Anno de 1662. Vienna d'Austria: Imprensa do filho de Carlos Gerold.

HILBERT, Peter Paul

1955 **A cerâmica arqueológica da região de Oriximiná.** Belém: Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará. (Publicação n. 9).

Hilbert P. & Hilbert K.

1980 **Resultados Preliminares da Pesquisa Arqueológica nos Rios Ñamundá e Trombetas, Médio Amazonas.** Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série: Antropologia, Belém (75):1-11.

JÚNIOR, Cristóvão Gomes Plácido

2007 **Distribuição e Características Química da Fertilidade dos Solos do Estado do Amazonas.** Trabalho de conclusão de Curso (Mestrado em Agronomia Tropical). Faculdade de Ciências Agrárias. Universidade Federal do Amazonas. Manaus. p.45.

KÄMPF, Nestor; Kern, Dirse Clara.

2005 **O solo como registro da ocupação humana pré-histórica na Amazônia.** In: P. Torradovidal, L. R. F. Alleoni, M. Cooper & A. P. Silva (Ed.): *Tópicos em ciência do solo*: Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, Viçosa. 1(4): 277-320

KNAPPETT, C.

2011 **An Archaeology of Interaction: Network Perspectives on Material Culture and Society,** Oxford,: Oxford Univ. Press.

LEVIS, Carolina.

2008 **Domestication of Amazonian Forests.** Joint PHD thesis: Instituto de Pesquisas da Amazônia, Brazil; and Wageningen University, Wageningen, the Netherlands, 268p.

LIMA, Helena Pinto.

2008 **História das Caretas: A Tradição Borda Incisa da Amazônia Central.** São Paulo: Tese de Doutorado. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

2013 **Variabilidade arqueológica e o estudo de fronteiras culturais na região do baixo rio Urubu.** In: Lima, H. P. (Org.). *Fronteiras do passado. Aporte interdisciplinares sobre a arqueologia do baixo rio Urubu, Médio Amazonas,* Brasil. p. 03-61.

2015 **Análises cerâmicas na arqueologia amazônica: contribuições da Amazônia central a uma longa trajetória de discussões.** *Revista de Arqueologia,* v. 28, n.1.

2016 **As cerâmicas Açutuba e Manacapuru da Amazônia central.** In: BARRETO, C.; LIMA, H. P.; BATENCOURT, C. J. (Orgs.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia. Rumo a uma nova síntese.* Belém, IPHAN, Ministério da Cultura, p. 303-320.

LIMA, Márjorie do Nascimento.

2014 **O rio Unini na Arqueologia do Baixo Rio Negro, Amazonas.** Dissertação de mestrado defendida no PPCArq MAE/USP.

- LIMA, Helena P.; NEVES, Eduardo G.  
2011 **Cerâmicas da Tradição Borda Incisa/Barrancóide na Amazônia Central**. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v.21, p. 205-230.
- LIMA, H. P.; NEVES, E. G.; PETTERSEN, J. B.  
2006 **La Fase Açutuba: um novo complexo cerâmico na Amazônia Central**. World Archaeological Congress Arqueología Suramericana, v. 2, n.1, p. 26-52, janeiro.
- LIMA, Helena; SILVA, Carlos.  
2005 **Levantamento Arqueológico do Médio Amazonas**. Manaus, IPHAN 1a SR, Relatório não Publicado.
- LIMA, Tania Andrade.  
2011 **Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais**. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. Belém, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan.- abr.
- LIMA, et al.  
2008 **TRABALHOS NA VALÉRIA. “Tráfico” de Material Arqueológico, Turismo e Comunidades Ribeirinhas”: Experiências de uma Arqueologia Participativa em Parintins, Amazonas**. *Revista de Arqueologia Pública*, 8: 61-77 2013.
- MACHADO, A. L. C.  
1991 **As tradições ceramistas da bacia amazônica: uma análise crítica baseada nas evidências arqueológicas do médio rio Urubu (AM)**. 1991. 158f + Anexos. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- MACHADO, Juliana.  
2005 **A formação de montículos artificiais: um estudo de caso no sítio Hatahara, Amazonas**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- MACHADO, Michel Carvalho; BIANCHEZZI, Clarice; SOUZA, José Camilo Ramos de.  
2018 **Vestígios pré-coloniais: Mapeamento de sítios arqueológicos no município de Parintins- AM**. Relatório Final de Iniciação Científica, edição 2017/2018. Parintins.
- MACHADO, Michel. C.; BIANCHEZZI, Clarice; SOUZA, José Camilo R.  
2017 **Sítios pré-coloniais em Parintins- AM: lugares ressignificados por grupos humanos contemporâneos** In: I Simpósio de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas: patrimônio, história e cidades – I SiPICH, 2017, Manaus-AM. *Caderno de resumos expandidos do I Simpósio de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas: patrimônio, história e cidades – ISiPICH*. Manaus-AM: UEA Edições. v.unico. p.99 – 101.
- MARTINS, José Clerton de Oliveira.  
2015 **Patrimônio cultural: sujeito, memória e sentido para o lugar**. In: Pinheiro, Adson Rodrigo S. (org) *Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial*. Fortaleza: Secultfor: IPHAN.

MCEWAN, C. H.

2001 **Seats of power: axis lit and Access to Invisible Worlds**. In: MCEWAN, C.; BARRETO, C.; NEVES, E. G. (eds.). *Unknown Amazon: nature in culture in ancient Brazil*. Londres: British Museum Press. P. 176-197.

MEGGERS, B. J.; EVANS, C.

1970 Como interpretar a linguagem da cerâmica: manual para arqueólogos. Traduc~aPo de Alroino B. Eble. Desenhos humorísticos de George Robert Lewis. Woshington, D.C.: Smithsonian Institution Press.

NEVES, Eduardo. G.

1995 **Village fissioning in Amazonia: a critique of monocausal determinismo**. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnografia* 5:192-209.

2005 **O lugar dos lugares. Escala e intensidade das modificações paisagísticas na Amazônia Central pré-colonial em comparação com a Amazônia contemporânea**. In: *Ciência & Ambiente* 31: 79-91.

2006 **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

2010 **A arqueologia da Amazônia central e as classificações na Arqueologia Amazônica**. *Arqueologia amazônica*, v. 2, p. 54-72.

2011 **El nacimiento del “presente etnográfico”: La emergencia del patrón de distribución de sociedades indígenas y familias lingüísticas em las tierras bajas sudamericanas, durante el primer milênio DC**. In: CHAUMELL, J. P.; RIVERO, O. E.; CHAPARRO, M. C. (Orgs.) *Por onde hay soplo. Estudios amazônicos em los países andinos*. Actes & Mémoires, 29, p. 39-65.

2016 **Não existe neolítico ao sul do Equador: As primeiras cerâmicas Amazônicas e sua falta de relação com a agricultura**. In: BARRETO, C.; LIMA, H. P.; BETANCOURT, C. J. (Orgs.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia. Rumo a uma nova síntese*. Belém, IPHAN, Ministerio da Cultura, p. 32-39.

NEVES, Eduardo G; GUAPINDAIA, Vera L. C.; LIMA, Helena Pinto; COSTA, Bernardo L. S; GOMES, Jaqueline.

2014 **A tradição Pocó-Açutuba e os primeiros sinais visíveis de modificações de paisagens na calha do Amazonas**. In: *Memorias de las Conferencias Magistrales del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica*. Quito, p.137-158.

NEVES, Eduardo G.; PETERSEN, James.

2006 **Political economy and pré-columbian landscape transformation in Central Amazonia**. In: BALÉE, W. and ERICKSON, Clark (Eds). *Time and complexity in historical ecology*. Studies in the Neotropical lowlands, Columbian University Press. P. 279-309.

NEVES, Walter A.

1984 **O Meio Ambiente e a Definição de Padrões de Estabelecimento e Subsistência de Grupos Caçadores-Coletores: o caso da bacia de Alto Guareí**. In: *Revista de Pré História*, São Paulo, 6:175-180.

- NIMUENDAJÚ, Curt.  
2001 **Excursões pela Amazônia**. Revista de Antropologia, 2001, v. 44, n. 1. [1932].
- 2004 **In pursuit of a past Amazon: archaeological researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon region**. In: STENBORG, E.(Ed.). *Ethnological Studies*, v.45. 375.
- 1949 **Os Tapajó**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, v. 10, p. 93- 106.
- PANACHUCK, Lilian.  
2016 **Cerâmica Pocó e Konduri no Baixo Amazonas**. In: Barreto, Cristiana; Lima; Helena Pinto; Jaimes Betancourt; Carla (org). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Belém: IPHAN, Museu Paraense Emílio Goeldi.
- PEIRANO, Mariza.  
2014 **Etnografia não é método**. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, jul./dez. 20(42): 377-391.
- PEREIRA, Edithe; Guapindaia, Vera. (org).  
2010 **Arqueologia Amazônica**. Belém: MPEG; IPHAN; SECULT. il. 2:1112.
- PESTANA, M. H. & GAGEIRO, J. N.  
2005 **Análise de Dados para Ciências Sociais: A Complementaridade do SPSS**. Lisboa, Edições Sílabo.
- PIPERNO, D. R.; PEARSALL, D.  
1998 **The Origins of agriculture in the lowland neotropics**. San Diego: Academic Press.
- PORRO, A.  
1992 **História dos índios no Brasil** / organização Manuela Carneiro da Cunha. — São Paulo: Companhia das letras Secretaria Municipal de Cultura: FAPESPA.
- 1996 **O povo das águas: ensaios de etno-história amazônica**. Rio de Janeiro: Vozes.
- PORTARIA IPHAN/MIC nº 230/2002, de 17/12/2002,  
2015 **sobre os procedimentos arqueológicos necessários ao licenciamento ambiental e o escopo das pesquisas a serem realizadas durante as diferentes fases de licenciamento de obra**. Disponível em: <http://arqueologiabrasil.com.br/arqueologia/Leis.shtm>. Acesso em: 16 nov.
- PORTARIA IPHAN/MinC 07, de 01/12/1988,  
2015 **que normatiza e legaliza as ações de intervenção junto ao patrimônio arqueológico nacional**. Disponível em: <http://arqueologiabrasil.com.br/arqueologia/Leis.shtm>. Acesso em: 16 nov.
- PROUS, André.  
1992 **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Editora Unb.
- RICE, P.  
1987 **Pottery Analysis: a sourcebook**. London/Chicago: University of Chicago Press.

ROOSEVELT, A.

1991 **Moundbuilders of the Amazon: Geophysical Archaeology on Marajó Island, Brazil**. San Diego: Academic Press.

1995 **Early Pottery in the Amazon. Twenty Years of Scholarly Obscurity**. In: William K. Barnett and John Hoopes (eds.). *The Emergence of Pottery. Technology and Innovation in Ancient Societies*. Washington, Smithsonian Institution Press.

ROCHA, B. C.; BELETTI, J.; PY-DANIEL, A. R.; MORAES, C. P.; OLIVEIRA, V. H.

2014 **Na margem e à margem: arqueologia amazônica em territórios tradicionalmente ocupados**. *Amazônica – Revista de Antropologia*, n. 2, v. 6. Dossiê: Arqueólogos e comunidades locais na Amazônia, organizado por M. Bezerra e M. Cabral, p. 358-384.

RYE, Owen.

1981 **Pottery technology: principles and reconstruction**. *Manuals on archaeology*, n. 4. Washington, D.C.: Taraxacum.

SAUNIER, Tonzinho.

2003 **Parintins: Memórias dos Acontecimentos Históricos**. Manaus: Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas; 246p.

SILVA, Carlos Augusto.

2000 **As tecnologias e seus significados. Um estudo da cerâmica dos Asuriní do Xingu e da cestaria dos Kayapo-Xikrin sob uma perspectiva etnoarqueológica**. Tese (Doutorado em Ciência Social/Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

2016 **Área de interface ceramista pretérita: A coleção Arqueológica José Alberto Neves**. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas. Manaus, Amazonas.

SOUZA, Tadeu

2003 **Missão Vila Nova – Parintins (dos Jesuítas aos missionários do Pime)**, Gráfica João XXIII. 264 páginas. Edição comemorativa aos 35 anos da Rádio Alvorada AM, primeira emissora de rádio de Parintins. Parintins, Amazonas.

SCHAAN, Denise P.

2007 **Uma janela para a história pré-colonial da Amazônia: olhando além - e apesar - das fases e tradições**. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum.* vol.2 no.1 Belém Jan./Apr.

SCHEEL-YBERT, R.; Caromano C. F.; Cascon, L. M.; Bianchini, G. F.; Beauclair, M.

2010 **Estudos de arqueobotânica, Paleoambiente e Paisagem na Amazônia Central e o exemplo do Sudeste-Sul do Brasil**. Em: Pereira, E.; Guapindaia, V. (Org.). *Arqueologia Amazônica*. Belém: MPEG, v. 2.

SCHIFFER, M. B.; SKIBO, J.

1987 **Theory and experiment in the study of technological change**. *Current Anthropology*, v. 28, p. 595–622.

1997 **The Explanation of Artifact Variability**. *American Antiquity*, v.62, n.1, p.27-50.

SHEPARD, Anna.

1956 **Ceramics for the Archaeologist**. Washington, D.C.: Carnegie Institution of Washington (Publication n. 609).

SILVA, Carlos Augusto da.

2016 **Área de Interface ceramista Pretérita: a Coleção Arqueológica José Alberto Neves**. Tese (para a obtenção do título de DOUTOR em Sociedade e Cultura na Amazônia). Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia. Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Amazonas. Manaus. p.210.

SILVA, Karliney Souza da.

2016 **Sítio arqueológico do Macurany: da "invisibilidade" à espaço de ações educativas**. Trabalho de Conclusão de Curso (História). Universidade do Estado do Amazonas. p.21.

SIMÕES, Mário.

1981 **Coletores-pescadores ceramistas do litoral do Salgado (Pará)**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série, n.78, p. 1-31.

SIMÕES, Mário Ferreira; ARAÚJO-COSTA, Fernanda de.

1978 **Áreas da Amazônia Legal Brasileira para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos**. Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém 30:1-160.

TRIGGER, Bruce.

2004 **História do Pensamento Arqueológico**. Odysseus.

ZUSE, Silvana.

2014 **Variabilidade cerâmica e diversidade cultural no Alto rio Madeira, Rondônia**. Tese de Doutorado. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

2016 **Variabilidade cerâmica e diversidade cultural no alto rio Madeira**. In: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena; BANTECOURT, Carla Jaime (Orgs.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Belém: IPHAN/Ministério da Cultura, p. 385-401.